Os Pilares de Tubalcaim

A Tradição Luciferiana

Michael Howard
Nigel Jackson



MADRAS

Ocultismo/Magia

Os Pilares de Tubalcaim

A Tradição Luciferiana

A sabedoria angelical constitui os ensinamentos da verdadeira magia. Neste livro, será apresentada uma nova e única visão da magia ocidental, a qual se originou e permanece no Cristianismo Esotérico, no Gnosticismo, no Hermeticismo, na Alquimia, na Magia Medieval, na Cabala, no Tarô, nos mitos do Graal, nas Lendas Arthurianas, na Maçonaria, no Rosacrucianismo e na Bruxaria Tradicional.

Por meio de uma ampla variedade de fontes, os autores fazem um panorama exclusivo da magia e do ocultismo ocidentais. Esta obra reúne também uma coleção de fatos e tradições enigmáticas que esclarecem sobre várias personalidades da Bíblia judaico-cristã, cujas significâncias e identidades reais nos têm sido escondidas por séculos.

Este livro mostra que a civilização moderna não é produto de um fenômeno cultural aleatório, pois seu desenvolvimento vem sendo guiado e influenciado pelas inteligências celestiais que primeiro fizeram contato com os humanos na Pré-História.

Esta é uma obra pioneira que trata exclusivamente da gnose luciferiana e da magia angelical que mostra os "segredos" reais dentro da tradição da magia ocidental, fornecendo uma base importante e indispensável para o leitor aprofundar-se no reino divino dos anjos.



MADRAS®



ISBN 978-85-370-0329-9

9 788537 003299

Nigel Jackson é um artista, escritor e praticante de Nigromancia Hermética Medieval. Sendo o maior expoente da iconologia talismânica, contribuiu para cursos ministrados na *web* sobre Astrologia Renascentista, ensinada pelo renomado astrólogo Christopher Warnock. Colaborou nos livros de Michael Howard e Nigel Pennick. As publicações de Nigel Jackson incluem sua exploração do mito medieval das bruxas: *Call of the Horned Piper* (Capall Bann, 1994); *Celestial Magic* (Capall Bann, 2003); *Medieval Enchantment: The Nigel Jackson Tarot* (Llewellyn, 2004) e o futuro livro *Fortuna's Wheel: The Mysteries of Medieval Tarot.*

Michael Howard é autor dos livros *Angels and Goddesses, Mysteries of the Runes, Way of the Magus, The Sacred Earth, The Book of Fallen Angels,* entre outros.

Em *Os Pilares de Tubalcaim*, uma das abordagens mais polêmicas



MADRAS

dos autores revela o simbolismo em volta do "Príncipe das Trevas", que na realidade é o Senhor da Luz.

"No Cristianismo esotérico (ou seja, na forma verdadeira da crença cristã que a Igreja tem tentado reprimir, censurar e perseguir no decorrer dos séculos de sangue), Lúcifer representa um papel interessante e único como uma suposta figura satânica do mal. (...) A tradição esotérica ensina-nos que, até encontrarmos o Graal, e é preciso deixar bem entendido que não se trata de um objeto físico nesse *continuum* de tempo-espaço, Lúcifer deve representar o seu papel de rei sacrificatório. Esse é o sacrifício supremo por ter sido o portador da luz que trouxe do Céu a iluminação da sabedoria gnóstica e o fogo original da critatividade. (...) Conforme a raça humana progride espiritualmente, ele pode lentamente subir a Escada de Luzes de volta ao reino dos Deuses além da Estrela Polar."



MADRAS®

Nigel Jackson & Michael Howard



Tradução:
Alexandre Trigo



Publicado originalmente em inglês sob o título *The Pillars of Tubal-Cain*, por Capall Bann Publishing, Milverton, Inglaterra.

Editor:
Wagner Veneziani Costa

Produção e Capa:
Equipe Técnica Madras

Tradução:
Alexandre Trigo

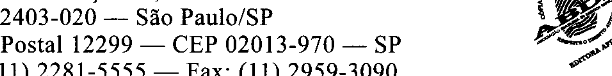
Revisão:
Denise R. Camargo
Silvia Massimini Felix

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jackson, Nigel
Os Pilares de Tubalcaim: a traição luceferiana/Nigel Jackson & Michael Howard ; tradução Alexandre Trigo. — São Paulo : Madras, 2008.
Título original: The pillars of Tubal-Cain, por
copall bann
ISBN 978-85-370-0329-9
1. Anjos 2. Gnose 3. Lúcifer 4. Magia -
História 5. Ocultismo - História I. Howard,
Michael. II. Título.
08-02421 CDD-133
Índices para catálogo sistemático:
1. Gnose luciferiana : Ocultismo 133
2. Magia angelical : Ocultismo 133



MADRAS EDITORA LTDA.
Rua Paulo Gonçalves, 88 — Santana
CEP 02403-020 — São Paulo/SP
Caixa Postal 12299 — CEP 02013-970 — SP
Tel.: (11) 2281-5555 — Fax: (11) 2959-3090
www.madras.com.br





Índice





Introdução



No centro místico da tradição esotérica ocidental, encontra-se a sabedoria angelical que forma os ensinamentos da verdadeira magia. Este livro é uma compilação de ensaios entrelaçados escritos por dois ocultistas praticantes com muitos anos de experiência no Caminho. A obra investiga como essa tradição secreta na magia ocidental foi herdada de fontes persas, caldéias, canaanitas, egípcias, árabes, hebraicas e greco-romanas. E, ainda, como essa tradição foi reprimida e perseguida pela Igreja ao longo dos séculos. Apesar dessa perseguição, ela foi preservada nos símbolos e crenças do Cristianismo Esotérico, Gnosticismo, Hermetismo, Alquimia, Magia Medieval, Cabala, Tarô, mitos do Graal, lendas Arthurianas, Maçonaria, Rosacrucianismo e algumas formas de bruxaria tradicional.

Buscando uma ampla variedade de fontes, o livro apresenta um panorama novo e exclusivo da magia e do ocultismo ocidental a partir de uma perspectiva polêmica. Muitas áreas fascinantes da crença e prática da magia, até agora omitidas ou desprezadas pelos ocultistas das correntes predominantes, são redescobertas. A obra revela o simbolismo e o significado da antes proibida tradição oculta luciferiana a respeito dos Vigias, os anjos caídos, e do chamado "Príncipe das Trevas", que é mostrado como sendo na realidade o Senhor da Luz. Trata-se também de uma coleção de fatos e tradições enigmáticas que esclarecem sobre várias personalidades na Bíblia judaico-cristã, cujas significâncias e identidades reais nos têm sido escondidas por séculos.

Entre os tópicos tratados, encontram-se as origens da Angelologia, o culto aos Yazatas praticado pelos magos persas, o mito gnóstico dos Grigori ou anjos caídos e as civilizações esquecidas das raças de gigantes em eras antediluvianas. Também são investigados os símbolos esotéricos no Hermetismo e na Maçonaria, que revelam a chave para a compreensão do fabuloso tema da gnose Luciferiana. Outros capítulos se encarregam dos mistérios secretos do Graal, do Templo do Rei Salomão como santuário de uma Deusa, da identidade real da Rainha de Sabá, do rei-sacerdote Melquisedeque, da verdade por trás do mito do Jardim do Éden e da Queda, do lugar da deusa Lilith da Lua negra na tradição Luciferiana, dos reais segredos ocultos da linhagem sagrada de Jesus e Maria Madalena e da realidade espiritual por trás da adoração do deus-bode Baphomet pelos heréticos Cavaleiros Templários.

Este é um trabalho extremamente importante sobre um tema pouco conhecido ou tratado fora dos grupos fechados de sociedades secretas, ordens ocultas e covens tradicionais de magia. Ele trata de assuntos polêmicos, que são normalmente classificados como proibidos por muitos ocultistas tradicionais e seguidores do movimento da Nova Era. Mesmo assim, ao passo que entramos no século XXI e nos preparamos para saudar o nascimento da Era de Aquário, as informações neste livro tornam-se essenciais para o entendimento do que está acontecendo hoje no mundo e qual é o destino da raça humana. Mostra que nossa civilização moderna não é um produto de um fenômeno cultural aleatório, pois seu desenvolvimento vem sendo guiado e influenciado pelas inteligências celestiais que primeiro fizeram contato com os humanos na pré-história. Esses "anjos educadores", como são chamados, ainda estão dispostos a ensinar e a guiar aqueles que percebem sua presença. Este livro possui alguns apêndices que oferecem práticas ritualísticas para aqueles interessados em estabelecer comunicação com as forças angelicais.

Esta é uma obra pioneira que trata exclusivamente da gnose Luciferiana e da magia angelical, que mostra os "segredos" reais dentro da tradição da magia ocidental. Fornece uma base importante e indispensável para o leitor aprofundar-se no reino divino dos anjos.

Os autores gostariam de agradecer a Andrew Chumbley, por sua contribuição ao Capítulo Um sobre os Yazidis, à artista canadense oculta

e pagã JET, por sua ilustração "Baphomet", a H.C. Oliver, por sua ilustração da "Nossa Dama da Rosa", e ao Frade Ashtan, pela permissão de incluir o material de sua série de artigos publicados na revista *The Cauldron* neste livro.

Nigel Aldcroft Jackson

Michael Howard



O Mago


IAΩ
ΖωΗ
Capítulo
I





As Origens da Magia Angelical



"Vocês deverão criar Éons, Mundos e Céus, a fim de que os Espíritos das Esferas Intelectuais possam vir e morar com vocês; vocês deverão se tornar Deuses e deverão ver Deus dentro de vocês: Ele habitará em seu Éon".

do Papiro de James Bruce

As origens da Angelologia hebraica e dos cultos mágicos de adoração aos anjos no Oriente Médio revelam uma formação complexa de influências culturais persa-iranianas, egípcias, canaanitas e greco-romanas. Elas influenciaram o mundo religioso semita por canais históricos específicos. Na atual teologia Cristã, o papel das hierarquias angelicais é praticamente esquecido. Apesar de sua presença constante por toda a arte ocidental e iconografia religiosa, elas não são mais consideradas de grande importância teológica. No movimento moderno da Nova Era, a existência de forças angelicais é admitida, mas apenas como figuras puras que pouco retratam o poder e a importância real dos anjos. É chegado o momento de reexaminar e restabelecer os antigos ensinamentos a respeito dessas sublimes entidades espirituais dentro do contexto da tradição oculta ocidental. Para que a real importância delas na prática da Alta Magia – a "arte divina" do mago – possa novamente ser evocada tanto experimentalmente quanto teoricamente.

A Alta Magia dos anjos sintetiza um acervo considerável de conhecimento esotérico, ou gnose, que esclarece tanto sobre o passado misterioso da raça humana quanto sobre os potenciais místicos do nosso futuro, propagando indícios das potencialidades miraculosas que são manifestados nos mais altos níveis da consciência espiritual. As potências angelicais são as emanações mais antigas da Mente Divina, literalmente mensageiros da vontade celestial e encarnações divinas de sabedoria transcendental. Por esse motivo, a invocação dos anjos da luz pertence adequadamente ao mais alto nível de prática mágica, que é o campo da teurgia ("Obra de Deus") ou magia supercelestial. Antes de tentar interagir com as potências angelicais, seria desejável primeiro ter um panorama claro da origem histórica dessa tradição e as diferentes correntes das crenças tradicionais da sabedoria antiga que a alimentaram no passar dos milênios. Dessa maneira, um domínio sólido dos conceitos fundamentais da Angelologia esotérica poderá ser alcançado.

No Egito dos Faraós, nós encontramos referência à classe de emissários divinos chamados de Urshu, ou "Vigias", um termo que, como veremos, é de grande significância, e à raça pré-dinástica de semideuses chamados de os Seguidores de Hórus. Eles supostamente reinaram por milhares de anos antes do primeiro rei mortal. Lewis Spence, em seu livro *Myths and Legends of Egypt*[1] (1915), coloca-os junto dos Ashemu, dos Henmemet, dos Utennu e dos Afa como "seres que poderiam ser adequadamente descritos como angelicais". Os Shemsu-Heru[2] eram imaginados como criadores da comitiva celestial do deus Hórus na chamada Primeira Era antes do início da História. Os Akhu, ou "Os Exaltados", que habitam de forma oculta as "estrelas incessantes" do Pólo, estão estreitamente ligados à ordem mística dos Shemsu-Heru. Suas doutrinas de mistérios ancestrais provavelmente formam as bases dos níveis mais profundos da Angelologia aramaica.

Na mitologia do Egito Antigo, a Primeira Era, ou "Era dos Deuses", ocorreu quando a civilização foi estabelecida pela primeira vez no delta do Nilo. Textos escritos em hieróglifos nas paredes do templo de Edfu, entre Luxor e Assuã, referem-se à Primeira Era e aos Deuses Antigos,

1. N. T.: Mitos e Lendas do Egito (Sem Título Original em Português).
2. N. T.: Seguidores de Hórus.

que foram os civilizadores e serviram como modelos culturais para os primeiros humanos primitivos neste planeta. Os textos mencionam explicitamente os Sete Sábios ou sete deuses (os sete arcanjos?) que foram responsáveis por erguer os primeiros templos e, particularmente, o templo principal conhecido como a "Casa de Deus". Conta-se que originalmente os sete Deuses Antigos vieram de uma ilha conhecida apenas como "a terra natal dos Antigos", que havia sido destruída em uma enchente. Esses seres eram conhecidos por diversos nomes, como os "deuses construtores", "os Seniores ou Antigos" e os "Senhores da Luz". A função primordial deles parece ter sido a de guardiões do conhecimento antigo do passado distante e sua transmissão para as gerações do presente e do futuro. (Bauval e Hancock, 1996:198-202)

Algumas tradições ocultas também alegam que as primeiras deusas e deuses do Egito dinástico eram visitantes de uma ilha destruída por um cataclisma. Muitos ocultistas consideram que essa ilha seja a mesma que o lendário continente perdido da Atlântida, cuja existência ainda é intensamente debatida. Dizem que as primeiras divindades, Osíris e Ísis, governaram o Egito antigo em forma humana e trouxeram com eles os elementos da civilização, inclusive a agricultura. De acordo com os registros de Hermes Trismegisto, datados entre os séculos I a III, o casal divino "*trouxe a divina religião à humanidade e parou com a selvageria da matança mútua. Eles estabeleceram ritos de adoração em concordância com os poderes sagrados do céu e tornaram-se legisladores da humanidade.*" (Freke e Gandy, 1997:88). Dizem que o mago e escriba da corte deles, Thoth,[3] o deus da sabedoria, com cabeça de íbis, introduziu a Escrita, a Matemática, o Registro do Tempo e a Astronomia aos Egípcios.

Essa tradição foi ensinada dentro do grupo conhecido como a Ordem da Estrela da Manhã,[4] fundada pela falecida astróloga, taróloga e maga Madeline Montalban nos anos de 1950. Esse grupo era baseado em uma mistura de mito egípcio, magia angelical medieval e filosofia Luciferiana.*

3. N. T.: Também conhecido como Tehuti, Toth, Tôt ou Thoth.
4. N. T.: Order of the Morning Star.
*N.E: Sugerimos a leitura de *A Revolução Luciferiana*, de Adriano Camargo Monteiro, Madras Editora.

Montalban ensinava aos seus alunos que os deuses egípcios eram formas adotadas pelos anjos educadores ou regentes planetários que ocasionalmente se materializavam na Terra para ajudar a evolução física e espiritual da raça humana. Longe de ser uma forma primitiva e atávica de adoração, a representação das divindades egípcias com cabeças de animais era uma ferramenta de ensino usada pelos sacerdotes do templo para explicar as características e atributos de cada um dos deuses. Por exemplo, o íbis passa sua vida nos banhados do rio procurando comida com seu longo bico. Isso simbolizava o ato de coletar e organizar os fragmentos de sabedoria e conhecimento por Thoth. Da mesma forma, o chacal vagava por entre as tumbas na busca de comida, e Anúbis, com máscara de chacal, era o deus que guiava os mortos para o mundo subterrâneo.

Em Abidos, o deus Osíris era venerado como o líder dos Sete Sábios ou Sete Construtores. Cada um deles ostentava em suas coroas o símbolo de uraeus ou cobra egípcia pronta para dar o bote. Isso representava o fogo cósmico trazido dos céus para a terra pelos Deuses Antigos. Osíris é associado tanto com o arcanjo solar Miguel quanto com o deus persa do fogo e da luz Ormuzd. Na tradição Luciferiana, no entanto, Osíris é um dos avatares do arcanjo conhecido como o Portador da Luz, que, como Azazel, liderou a rebelião dos anjos caídos ou Vigias durante a guerra no Céu.

Apesar de nossas tradições de magia sobre seres angelicais terem suas origens principalmente nas Escrituras hebraicas, como nós veremos freqüentemente em referências neste livro, tem sido amplamente admitido o fato de que a tradição judaica em relação a essas entidades foi muito expandida e enriquecida durante e após o período de cativeiro na Babilônia. Isso ocorreu quando eles foram apresentados às complexas magias astrológicas e estrelares da antiga Mesopotâmia. Quando Ciro, o Aquemênida, o xá da Pérsia, acabou com o exílio dos judeus na Babilônia, a religião hebraica começou a assimilar muitas características da espiritualidade dos Magos do Irã. O conhecimento da maioria das pessoas sobre os magos provém de breves referências no Novo Testamento aos três homens sábios ou astrólogos que visitaram e prestaram homenagens ao menino Jesus. Eles são às vezes descritos como os Três Magos e dizem que eles seguiram "a estrela no oriente" a partir da Pérsia (atualmente Irã).

No Primeiro Evangelho apócrifo sobre a infância de Jesus Cristo, um dos muitos textos excluídos da Bíblia, é dito que os três homens sábios vieram a Jerusalém à procura de Jesus por causa da profecia dita pelo adorador do fogo Zoroastro sobre o nascimento de um novo messias. O Evangelho também menciona que, após terem feito suas ofertas ao menino, os magos, de acordo com o costume no país deles, fizeram um fogo e o adoraram. Eles então fizeram uma oferta sacrificatória das faixas que envolviam o menino ao fogo que eles criaram (3:6-7). Essas ofertas provam que os três homens sábios eram magos ou seguidores do Zoroastrismo, ou até uma forma mais antiga de adoração do fogo persa. Outra tradição alega que eles eram Cainitas, ou "povo do fogo" descendente de Caim do Velho Testamento.

O conceito judaico de arcanjos, em particular, passou por um florescimento radical durante os anos pós-exílio, ao passo que os sábios hebreus absorviam as antigas idéias Mazdeístas dos magos. Essas idéias diziam respeito aos seres divinos conhecidos como Amesha-Spenta, os "Imortais Beneficentes" e os emissários celestiais chamados de Yazatas nas tradições persas, parecidos com os Yajata da Índia. Nos Amesha-Spenta, podemos compreender as divindades antigas do panteão indo-iraniano, os símbolos divinos que exerceram uma influência profunda sobre o desenvolvimento da Angelologia Judaica. Até mesmo os nomes hebraicos dos arcanjos, como Gabriel ("Poder de Deus") e Rafael ("Cura de Deus"), são originados dos padrões formalistas iranianos que descrevem as diversas emanações da Divindade Suprema. Eles mostram grandes afinidades com os "Imortais Beneficentes", cujo culto predominou em todo o Império Persa aproximadamente mil anos antes da era comum.

Reformas Zoroastristas reinterpretaram os deuses e as deusas da Pérsia por meio de linhas místico-filosóficas, dando origem à visão dos Amesha-Spenta, os arcanjos da religião Mazdeísta. O anjo hebraico reuniu a crença persa dos "Imortais Beneficentes" com as divindades planetárias e astrológicas que eles encontraram nas culturas assírias e babilônicas, uma fusão que deu origem à única Angelologia judaica, com seus aspectos simbólicos complexos e suas classificações cosmológicas.

A seqüência canônica dos Amesha-Spenta dada na literatura Zoroastrista claramente provém do antigo panteão mago. Em sua ordem correta, eles estão listados como: 1) Vohu Manah – "Boa mente",

também chamado de Bahman, que imperava sobre o gado e os animais domésticos, um ser com ressonâncias mitraístas. 2) Asha-Vasishta – "Verdade Suprema ", ou Arbidihast, a personificação do fogo, e Rta, a ordem cósmica ou a divina "disposição do Universo". Também ligada à figura indiana de Vasoshtha, um dos Sete Rishis (grandes espíritos) da constelação Ursa Maior. 3) Xsathra Vairya – "Primoroso Domínio", ou Shariver, o senhor dos metais e da casta de guerreiros. 4) Spenta-Armaiti – "Pensamento Benigno", ou Sipendarmith, o anjo feminino da Terra, a quem o escritor clássico Plutarco identificou como Sophia ou "sabedoria". 5) Haurvatat – "Perfeição, Thothalidade", ou Khordadh, a personificação das águas salutares ligada às divindades aquáticas femininas dos indo-iranianos. 6) Amirita – "Imortalidade", ou Mourdad, que tem domínio sobre as plantas, especialmente a ambrósia, e imortalidade obtida do fermento da planta mística haoma, a também conhecida "erva branca do paraíso". Esses "Imortais Beneficentes" representam as emanações hipostáticas da divindade suprema Ahura-Mazda sobre os diversos níveis da realidade cósmica, do reino empíreo do fogo cósmico até os elementos da terra, água e vegetação. Eles são os emissários elevados e onipotentes da Mente e da Vontade Divina.

Associados a esses seres, e os próximos em precedência a eles na hierarquia espiritual, estavam os Yazatas, que eram o alvo das oferendas ritualísticas no período mais remoto das culturas persa-iranianas. Eles eram anjos cuja presença permeou toda a criação, sendo agradados com oferendas de fogo sacrificatório por toda a Pérsia. O principal deles era Ahura-Mazda, o primeiro Yazata Celestial. A Yazata da Terra é Zamyat, comparável com a deusa russo-eslava Mati Syra Zemlja, ou "Mãe Terra Úmida". Na Terra, o mago iniciado era respeitado como um Yazata Terrestre, e o mais notável entre estes era o próprio Zoroastro. O Yazata Mercurial, chamado de Tir, tornou-se mais tarde o anjo hebraico Tiriel na Angelologia de Israel.

A influência dos magos sobre as culturas do Oriente Médio e suas Angelologias foi difundida muito além do que apenas aos hebreus. Os adoradores de anjos sabeus (do egípcio "S'ba", que significa "deus estrelar" ou "professor estrelar") e os Yazidis também ficaram profundamente gratos às filosofias místicas da Pérsia. Yazidi, nome comum do povo tribal indígena no Curdistão (norte do Iraque), na Síria e no sul da Rússia, deri-

va da palavra *Yazd,* ou "anjo", derivada da palavra persa Yazata. Yazidi significa literalmente "o Povo do Anjo", especificamente Melek El Kout, "O Grande Anjo". O mito deles de fundação tribal descreve uma genealogia que se origina nos anjos caídos que se casaram com o gênero humano, e a religião deles é quase que totalmente dedicada à veneração desses seres espirituais celestiais.

Yazid é o nome do primeiro da linhagem deles, o lendário fundador da religião Yazidi, e é associado com o próprio Poder Divino. Um significado alternativo de Yazid é Azed, ou Deus, enquanto Yazed equivale ao Diabo. (Chumbley, 1995:76). De acordo com a escritura Yazídica, chamada de *O Livro Negro*, os setes xeques da religião deles eram encarnações dos arcanjos criados e enviados ao Universo por Deus. Sabeu parece ter sido um termo geral usado pelo Islã para descrever Hermetistas árabes não-muçulmanos e adoradores de anjos da antiga cidade de Harã na Mesopotâmia, as civilizações pagãs de Sabá, a terra bíblica de Sabá, na parte sul da Arábia, e os centros antigos e cheios de templos das grandes religiões estelares na Ásia, cujas chamas sagradas estiveram a serviço dos sacerdotes-magos do reino por várias eras.

Os Yazidis têm um histórico longo de perseguição por Muçulmanos ortodoxos, que dizem que eles são heréticos e adoradores do Diabo. Eles afirmam que o fundador da tribo foi Yezid ou Yazid ben Muquiya, um homem santo que se recusou a aceitar os ensinamentos de Maomé e se afastou para fundar sua própria seita islâmica herética. Outra teoria declara que os Yazidis são uma ramificação da herética seita Cristã conhecida como os Nestorianos, que se desprenderam da Igreja Católica Romana em seus primórdios. No Nestorianismo, existiam dois Cristos: "um humano e um divino", e, por causa desse doutrinamento blasfemo, eles foram expulsos de Bizâncio (Istambul) no século V d.C. Missionários Nestorianos viajaram para o Oriente e, por volta do século VII, eles haviam chegado à Índia e à China, onde fixaram comunidades religiosas.

A tradição Cristã Nestoriana herética incorporou o uso da doutrina mágica, que supostamente foi dada a Adão pelos anjos e transmitida ao Rei Salomão. Acredita-se que hoje existam por volta de 10 mil Cristãos Nestorianos vivendo em campos de refugiados sírios perto da fronteira com o Iraque. Seus vizinhos próximos são os 2 mil Yazidis que fugiram da perseguição dos iraquianos no Curdistão após a Guerra do Golfo. Dizem

que os sacerdotes Nestorianos e Yazidis compartilham os dias de festividades entre si. (Dalrymple, 1997:140)

Especialistas ocidentais em religiões do Oriente Médio acreditam que a Pérsia antiga foi a origem das crenças dos Yazidis, porque as práticas e doutrinas da seita possuem elementos do Zoroastrismo. Eles também conservaram, ou adotaram, práticas que antecedem ao Islamismo, como a adoração do Sol e da Lua, a reverência de poços sagrados e a santidade de pedras e árvores. Eles acreditam que a água de um poço sagrado tem poderes mágicos de cura e purificação. Árvores e pedras também eram consultadas como oráculos, pois eles acreditavam que espíritos habitavam nelas.

Como vimos, conexões foram estabelecidas entre os antigos adoradores de estrelas sabeus, que dizem ter suas origens em Noé e Abraão de Ur, e os Yazidis. Os sabeus eram profundamente envolvidos com a crença estrelar e veneravam os anjos que governavam os sete planetas clássicos. Uma crença em especial dos sabeus pode ter influenciado tanto a Angelologia dos Yazidis quanto a dos hebreus; eles acreditavam que o Criador era um em essência, mas que se manifestava em várias formas. Ele habitava em cada um dos sete planetas e era representado por um arcanjo. Pelo fato de o corpo humano, em seu estado de perfeição, ser considerado um templo para o espírito, eles acreditavam que a força divina poderia ser encontrada nos corações dos bons. Eles também acreditavam que o Deus do Universo, o Ser Supremo, era inteiramente bom. O Mal para eles foi um acidente cósmico que corrompeu a humanidade. Diferentemente de esquemas dualistas de fé e crenças que surgiram depois, eles não acreditavam que o mal era um princípio distinto, separado do Ente Supremo, agindo constantemente em oposição a ele.

Escrevendo sobre as crenças dos Yazidis na atualidade, o escritor viajante William Dalrymple as descreveu como: "*Uma religião rara e esotérica, provavelmente uma ramificação de alguma seita herética Cristã Gnóstica ou Muçulmana. Os Yazidis acreditam que Lúcifer [sic], tendo apagado as chamas do Inferno com as lágrimas de sua penitência, foi perdoado por Deus e empossado novamente como Anjo Comandante. Agora conhecido com Melek Taus, o anjo-pavão, supervisiona a rotação diária do mundo*" (1997: 463). Isya Joseph, escrevendo aproximadamente 80 anos antes, disse: "*A religião atual dos*



Yazidis é um sincretismo que as religiões Muçulmanas, Cristãs (mais heréticas do que ortodoxas), pagãs e quem sabe até as persas ajudaram a construir." (1919:21)

Os Yazidis ganharam consistência social e religiosa como um grupo organizado e estruturado apenas no século XII, sob a direção e o controle do xeque Adi ben Musafir, um famoso mestre Sufi. Eles então se tornaram "o povo do Livro" porque, à parte de aceitar uma estrutura islâmica, o Xeque alegou que havia recebido o texto de um livro sagrado chamado de *Kilab al Giwah* diretamente do próprio anjo-pavão. No entanto, os Yazidis sempre conseguiram sobreviver apesar da perseguição religiosa porque sempre aceitaram a conversão para as crenças ortodoxas dos países em que viveram. Apesar dessa aparente obediência ao Cristianismo e ao Islamismo, "*a essência da fé deles é secreta e, quando livre dessas aparências que escondem essa essência, ela compartilha da gnose transmitida por uma fonte anterior ao ponto de vista histórico*". (Chumbley, 1995:76)

Os Yazidis acreditam que o Ser Supremo, o Criador Cósmico ou Deus do Universo, passou o trabalho de criar a vida na Terra aos sete deuses menores ou anjos. De acordo com a crença deles, Deus pode ter se eximido da tarefa de criação ou ido embora para criar novos universos. Deus, para eles, é um ser transcendental que tem pouco ou nada a ver com a humanidade. De acordo com eles, aquele que governa a nossa parte do Universo é Melek Taus ou Azazel, o Anjo-Pavão, que é o Senhor do Mundo. Ele é a fonte da revelação divina, o controlador da vida e da morte e o líder dos outros anjos que controlam os sete planetas. Embora o principal objeto de adoração deles seja Melek Taus e as sete potências angelicais, eles também veneram seu lendário fundador Yazid, xeque Adi e diversos santos Sufis. Entre os últimos, podemos encontrar o mártir Sufi Al Hallaj, do século XII, que foi crucificado por heresia. Al Hallaj disse que seguia uma doutrina esotérica que poderia ser ligada diretamente ao deus grego Hermes, a Pitágoras e aos magos Zoroastristas.

Os Yazidis também têm uma lenda acerca do Dilúvio, como descrito no Velho Testamento. Na verdade, eles reivindicam descendência de Noé e, portanto, da linhagem de Caim, que se origina nos anjos caídos. Melek Taus é descrito na mitologia Yazidi como aquele que desobedeceu a Deus por se recusar a adorar Adão. Na versão Cristã desse mito em particular,

Lúcifer é aquele que se recusa a curvar-se perante a criação de Deus. Ele questiona a Deus: "*Por que você me força? Eu não vou adorar alguém que é mais novo do que eu. Eu sou mais velho que ele. Ele é que deve me adorar!*". (Pagels, 1995:49) No entanto, Miguel curva-se perante a criação de Deus, e Lúcifer é expulso do Céu pelo seu ato de rebeldia. Na versão Yazidi, o Anjo-Pavão diz que adorará a Deus, mas não à sua criação.

Os Yazidis também possuem uma história diferente de Adão e Eva. Na versão deles, o Arcanjo Gabriel criou Eva a partir da omoplata de Adão, ou de sua axila. No início, tudo estava bem, mas o primeiro homem e a primeira mulher começaram a discutir sobre quem seria o progenitor da raça humana. Adão depositou seu sêmen em um vaso de cerâmica e Eva colocou parte de sua menstruação em outro. Eles fecharam os vasos e esperaram por nove meses. Quando eles abriram os vasos, aquele que pertencia a Eva tinha apenas pó e vermes em putrefação. No entanto, o vaso de Adão tinha bebês gêmeos, homem e mulher, que foram os ancestrais dos Yazidis.

Após essa experimentação em nascimento de proveta, Adão e Eva tiveram uma relação sexual e mais dois bebês, homem e mulher, que foram os primeiros ancestrais dos cristãos e dos judeus. Melek Taus então desceu à Terra e, enquanto a raça humana crescia em número, ele nomeou seus próprios reis ungidos para governar os Yazidis. Esses reis foram os detentores antigos do trono e da coroa do pavão. A última pessoa a ser coroada no trono do pavão foi o xá da Pérsia, antes de ele ser destronado em um golpe islâmico na década de 1980.

A tradição Sufi tem um mito que diz que, quando a Luz foi criada e contemplada pela primeira vez, tinha forma de um pavão. O pássaro é, portanto, um símbolo da "Beleza da Majestade Divina". É "um símbolo dos processos alquímicos de transmutação e os estágios de desenvolvimento na consciência daquele que procura. As "cores do arco-íris em cada pena simbolizam as kalas ou cores dos raios da corrente mágica". (Chumbley, 1995:72-73)

Nos rituais dos Yazidis, o Melek Taus é representado pela imagem de um pavão. Ela é afixada no topo de um castiçal com sete braços chamado de sanjak. Ele pode ser facilmente desmontado quando não

está sendo usado e colocado em uma bolsa para transporte. Quando montado para uso ritual, vários jarros de água são colocados perto dele. A água nos jarros supostamente irá ficar "energizada" por esse contato próximo com a imagem do Anjo-Pavão. Durante as cerimônias, essa água é tomada pelos doentes e idosos, pois eles acreditam que ela tem poderes curativos.

Outra prática ritual importante para os Yazidis é adorar o Sol nascente a cada manhã e orar para a Estrela Polar. Em seu romance *A Sacerdotisa do Mar*, a ocultista Dion Fortune descreve o ritual mágico do Fogo de Azrael. Ele envolve a queima de galhos de cedro, sândalo e junípero. Azrael é então invocado como o Anjo das Portas para permitir o acesso a visões de vidas passadas ou ver além no passado. No romance, o personagem Wilfred tem uma visão do Oriente Médio antigo e diz: "*Eu cheguei a uma terra onde as pessoas veneram as estrelas; para elas, a Estrela Polar é sagrada como o centro do céu. O deus deles é o Senhor Deste Mundo, o Anjo-Pavão*". (Fortune, 1957:145)

Outro ritual importante dos Yazidis consiste em realizar voltas reversas ou em sentido anti-horário em torno de uma pedra especial. Esse ritual pode ser relacionado com a reverência mostrada pelos muçulmanos para com a Pedra Negra em Meca, começado pelo Xeque Al Hallaj, ou pode ser o reconhecimento do *axis mundi* ou pilar do mundo ligado à Estrela Polar e encontrado em culturas pagãs no mundo inteiro. Como vimos anteriormente, pedras comuns também eram usadas pelos Yazidis como "pedras de oráculo", com base em uma crença animista em espíritos da natureza.

Os Yazidis eram predominantemente vegetarianos e pacifistas que acreditavam em reencarnação. Se uma pessoa for julgada após a morte pelos anjos como alguém que foi bom durante sua vida, renascerá como um ser humano. Se ela for julgada como alguém que foi perverso durante a vida, poderá ser punida e renascerá em forma animal. Em tais casos, a pessoa poderá passar por diversas vidas como um animal antes de poder reencarnar como um humano.

Por conta de suas origens misteriosas, de suas crenças incomuns e da idéia difundida de que eles eram adoradores do Diabo, os Yazidis têm sido o assunto de vários relatos de viajantes. Na década de 1920,

o escritor americano, aventureiro e ocultista W.B. Seabrook foi informado por um ex-oficial do exército de que os Yazidis haviam construído uma cadeia de sete torres "se alongando pela Ásia da Manchúria até o Tibete, a oeste pela Pérsia e terminando no Curdistão". Supostamente, cada uma dessas torres (moldadas de acordo com a Torre de Babel na Bíblia) era ocupada por um "sacerdote Satânico" que, "transmitindo vibrações ocultas, controlava os destinos do mundo para o mal" (1928:266). Meritoriamente, Seabrook rejeitou essa história fantástica como "absurda" e descartou a lenda das sete torres Satânicas como um mito.

Na verdade, Seabrook conheceu o emir Said Berg, o emir Yazidi de Mosul, que ele descreveu com sensacionalismo como o "Papa Negro" dos Yazidis. Seabrook continua dizendo que Berg é "o governador supremo dos adoradores do Diabo de toda a Ásia". Ele o descreveu "com barbas pretas em um turbante escarlate, vestindo uma grande capa preta". O Emir levou Seabrook a um templo Yazidi construído ao lado de uma montanha. Perto da porta do templo, esculpido em alto relevo na parede, estava a imagem de uma serpente negra em pé sobre sua calda. Quando Seabrook perguntou sobre o significado daquela imagem, foi informado de que era "um símbolo de sabedoria".

Dentro do templo havia um santuário e o túmulo de um santo Sufi que dizem ter sido um dos avatares humanos do Anjo-Pavão. O refúgio sagrado do templo consistia de uma caverna com nascentes naturais que alimentavam os lagos no pátio externo do edifício. Perto do templo havia uma torre branca, e Seabrook foi informado de que ali era aonde os sacerdotes Yazidis nos graus de faquir iam para realizar magia. Era essa a verdade por trás da lenda das sete torres Satânicas? Seabrook certamente parecia acreditar que sim, mas infelizmente ele continua a se referir aos Yazidis como "sacerdotes de Satanás" e adoradores do Diabo. (1928: 287-292)

Voltando à Angelologia dos hebreus, o mais importante de todos os anjos na tradição do Zohar era Raziel, "o Anjo Sagrado responsável pelos mistérios sobrenaturais", e foi ele quem transmitiu a sabedoria sagrada da magia para Adão no Paraíso. "*Razim*" em hebraico significa "segredos" ou "mistérios". Os místicos hebreus medievais ensinavam que o próprio Deus passou os mistérios da Cabala para uma companhia selecionada de anjos, que tinham a sua própria escola no Éden. Infelizmente, quando os

anjos caídos tomaram esposas humanas para si, eles passaram os segredos da Cabala para "os filhos da Terra". Raziel trouxe do Céu para a Terra o *Livro da Gênesis do Homem,* e suas folhas estavam repletas de "inscrições sobrenaturais e sabedoria sagrada". De acordo com a doutrina iniciática, esse livro continha o mistério do Nome Divino, que foi passado por Adão ao seu terceiro filho, Seth. Ele foi herdado por Enoch, o filho de Caim, que tem um papel importante e significativo na preservação da gnose angelical dentro da tradição Hermética e dos mitos da Maçonaria antiga, como será mais tarde mostrado neste livro. Eventualmente, e talvez como fosse esperado, o Livro terminou em posse do hábil mago Rei Salomão.

A palavra "anjo" deriva da palavra grega *angelos*, ou um mensageiro, e do termo parecido *angaros*, que supostamente veio da antiga língua persa, significando um emissário a cavalo. O termo *angelo*, que significa os mensageiros e potências celestiais da Mente Divina, aparece na literatura Hermética da cidade egípcia de Alexandria. O texto *Kore Kosmu* associa os anjos com o demônio sagrado dos ensinamentos platônicos que conduz a alma do reino imortal para a encarnação terrena. O Demônio age como o anjo defensor, inspirador e protetor da alma humana em sua existência mortal em um corpo físico.

O modo de pensar neo-platônico moldou a Angelologia Cristã recente de forma considerável, especialmente no livro apócrifo atribuído a São Dioniso Aeropagita. Na obra *Da Hierarquia Celeste*, uma classificação em nove partes das ordens ou coros angelicais é detalhada. Serafins, Querubins, Tronos, Dominações, Virtudes, Potências, Principados, Arcanjos e Anjos que são alinhados na nona esfera fora do reino das estrelas fixas. Marsilio de Ficino, estudioso e mago renascentista, descreve os papéis dessas ordens angelicais da seguinte forma: os Serafins investigam "a ordem e providência de Deus"; Querubins observam "a essência e forma de Deus"; Tronos contemplam a Presença Divina, "apesar de alguns descerem para trabalhos"; Dominações "planejam o que os outros executam" como "arquitetos celestiais"; Virtudes "movem os céus" e "contribuem para fazer milagres"; Potências são vigias alertas (sic) da ordem mundial, de onde "alguns deles descem para as questões humanas"; Principados são guardiões das egrégoras das "causas públicas, nações, príncipes e magistrados"; Arcanjos são os supervisores espirituais do "culto divino e protegem as coisas sagradas"; e Anjos representam um papel

mais pessoal, pois "tomam conta de indivíduos como anjos de guarda" (os demônios da tradição grega).

Na tradição oculta ocidental e em sua teologia esotérica, os anjos são imaginados como seres serenos e de sabedoria elevada, entidades extraordinárias cuja natureza é de pura luz e de consciência gloriosa. Como seres compostos de energia pura e luz, eles são conhecidos como Senhores da Chama. Eles são formas de revelação da Mente Divina (Inteligência), bem como mensageiros do Altíssimo. Quando estão nessa função, eles são emissários cósmicos presentes na criação e na evolução do Universo e de seus habitantes. No contexto da magia aplicada, eles fornecem as chaves para as transformações impressionantes do micro e do macrocosmo, de acordo com a vontade esclarecida de um verdadeiro mago. Em planos mais profundos, as potências angelicais servem como mediatrizes da inefável espiritualidade do Supremo, existente totalmente fora de toda experiência limitada e concepção humana.

Os arcanjos e os anjos permanecem entre o mundo divino e o natural como portadores da influência supraceleste do Além. Eles são igualados, dentro dos complexos psíquicos, às mais altas ordens que se estendem, do natural ao divino, às faculdades sobre-humanas da Ratio ou Razão Divina relacionadas com os três coros de Anjos, Arcanjos e Virtudes. Intellectus ou Inteligência Ativa é associada aos coros intermediários de Potências, Principados e Dominações. Finalmente, a mais sublime faculdade, Mente ou Mente Perfeita, é típica dos mais altos coros de Tronos, Querubins e Serafins. É o estado no qual há uma identificação total com o Divino. No esoterismo ocidental, é dessa forma que as potências angelicais se correlacionam com os mais elevados meios de consciência. Por essa razão, eles são considerados como supervisores da evolução espiritual dos seres humanos. Como "anjos educadores", eles incorporam os miraculosamente poderosos potenciais iniciáticos ocultos dentro da psique, instruindo-nos, inspirando e transformando todo o nosso ser de acordo com a Vontade Superior.

É como o grande mago renascentista Pico della Mirandola disse em sua visão magnífica do mago completo. Segundo ele, foram colocados potenciais mágicos em todos os humanos no momento em que foram criados, permitindo que eles se tornem o que quiserem. Mirandola disse: "*Quaisquer sementes que cada homem cultivar amadurecerá, e ele*

carregará seus próprios frutos. Se elas forem vegetativas, ele será como uma planta. Se sensíveis, ele se tornará embrutecido. Se racionais, ele se tornará um ser divino. Se intelectuais, ele será um anjo e o filho de Deus. E se feliz na sorte de nada ser criado, ao se recolher no centro de sua própria unidade [a Mente], seu espírito, feito em unidade com Deus, na escuridão solitária de Deus, que é posto sobre todas as outras coisas, deverá superar a todos" (Oração da Dignidade do Homem). As hierarquias angelicais dionisíacas eram freqüentemente identificadas com o esquema de dez partes dos caldeus relacionando as potências supracelestes no "mundo intelectual" como governantes das esferas planetárias. Esse era um modelo derivado do antigo Mercavah, ou Livro do Carro, no qual o iniciado passava através dos "céus" planetários em direção ao *unio mystica* ou união mística (com Deus).

O grande ápice da transformação angelical na tradição oculta ocidental e o objetivo da magia consiste na elevação da psique à sua natureza angelical primordial, na revelação do anjo oculto dentro do ser humano de matéria, na compreensão daquela natureza, que envolve a transformação em um ser deificado ou "aperfeiçoado" e a transformação do ambiente de alguém em um mundo paradisíaco ou divino. No culto angelical dos Yazidis, esse mistério está resumido na imagem do Anjo-Pavão, Melek Taus. Esse termo foi habilmente interpretado pelo mestre Sufi, já falecido, Idries Sayed Shah, como uma receita esotérica descrevendo a renovação espiritual do iniciado. Pela técnica árabe do abjad, a palavra MaLaK, "anjo rei", representa a poderosa faculdade angelical de consciência espiritual dentro do gênero humano. O homófono "Tauus" significa "terra verdejante". Conseqüentemente, isso envolve a expansão paradisíaca do campo psíquico sob a governança do anjo interior ou a expansão da mente (a terra verde) por meio da faculdade maior (anjo).

Esse processo iniciático talvez possa ser compreendido por meio da classificação gnóstica valentiniana dos temperamentos espirituais humanos, uma tipologia tripla que define o estado interior do desenvolvimento das entidades humanas neste mundo como explicado a seguir.

O Hylkos, ou Humano Hílico-Material, é caracterizado por estar preso ao estado terreno e limitado a um nível material de percepção/concepção. Eles são atados pelo condicionamento instintivo animal. Tais

pessoas pertencem à "massa popular" da humanidade e são algemadas pelos seus padrões dualistas e ilusórios definidos pela massa e para ela por meio da engenharia sociopolítica, da mídia, da publicidade, etc. Esse é um estado em que a pessoa se encontra cega ou adormecida e no qual a mente humana está iludida e desorientada pelos fantasmas da ignorância material. É, portanto, o estado mais baixo e mais comum da evolução humana neste planeta na atualidade e é representado pelo elemento alquímico Sal. Muitas das técnicas de magia e exercícios espirituais do ocultismo prático têm como propósito despertar a humanidade do "sono do materialismo". Uma vez acordadas, essas pessoas podem perceber, entender e apreciar a realidade da vida em todos os níveis e aprender a se desenvolverem espiritualmente.

O Psykhikos, ou Humano Psíquico, é o gênero que, até certo grau, desenvolveu as faculdades ocultas da psique. Eles estão se empenhando para a compreensão tanto da verdade interior quanto da exterior. Esse é um estado caracterizado pela força ativa, propósito espiritual e despertar para a natureza verdadeira do eu, na qual há momentos de percepção (synesis) que permitem que o iniciado obtenha relances da gnose ou autoconhecimento. É a fase na qual o iniciado começa a emergir no estado de despertar e torna-se diferente das multidões adormecidas do mundo profano. Conforme o início da Era de Aquário se aproxima, cada vez mais seres humanos buscarão se libertar das algemas do materialismo a fim de atingir esse estágio de desenvolvimento espiritual. A natureza dinâmica desse estágio é representada pelo elemento alquímico Enxofre.

O Pneumatikos, ou Humano Divino, é o mais alto estágio de perfeição, no qual a compreensão da gnose se torna um fluxo incessante fundamental de bem-aventurança. Tendo superado as algemas ilusórias do estado material, o Pneumatikos pertence inteiramente ao mundo divino da Mente Pura e existe fora de todos os padrões terrenos de bom e mal como um "liberto", "perfeito" (Cathari) ou "purificado" (Katharos). Imortal, onisciente e possuidor de poderes milagrosos. Esse é o estado de "exaltação" divina buscada pelo mago, a Apolytrosis (liberação ou redenção) inicial dos ensinamentos do místico gnóstico Valentino. Ele é caracterizado pelo estado angelical em sua prístina e imaculada pureza. Tendo se elevado além das esferas do mundo natural e celestial, o Pneumatikos está livre do domínio do Destino e do tempo causal, escapando do Círculo da Necessidade e da influência condicionante das es-

trelas. Eles se tornam completamente livres e fora do domínio do tempo e da morte. Esse estado transcendental corresponde ao elemento alquímico Mercúrio, o Mercúrio dos Sábios.

Os três Humanos Arquétipos da antropologia Gnóstica se ligam aos três mundos e às 22 esferas concêntricas da cosmologia Ptolemaica. Este não é um esquema científico inicial do sistema solar, e sim um mapa secreto cósmico psíquico revelando os estágios iniciais de ascensão e a interligada "cadeia dourada" do Ser que transpõe o mundo espiritual, estrelar e material como segue.

O Mundo Natural é o reino geocêntrico da substância física densa ou matéria e domínio terrestre do Hylkoi. Ele parte da Terra, a esfera elemental da terra ao centro, até as esferas elementais gradualmente purificadas de Aqua (água), Aer (ar ou atmosfera) e Ignis (fogo), que é a esfera das chamas celestes. Esse mundo está totalmente sob as influências causais do Tempo e sob o domínio dos planetas e estrelas do zodíaco. É caracterizado por um "tornar-se" e um fluxo incessante, em vez de um "ser" ontológico fixo no sentido platônico. É, portanto, a limitação finita do Absoluto, uma miragem ou teatro de sombras distante das "Idéias" ou "Arquétipos" dentro da realidade pura do Espírito ou Mente Divina.

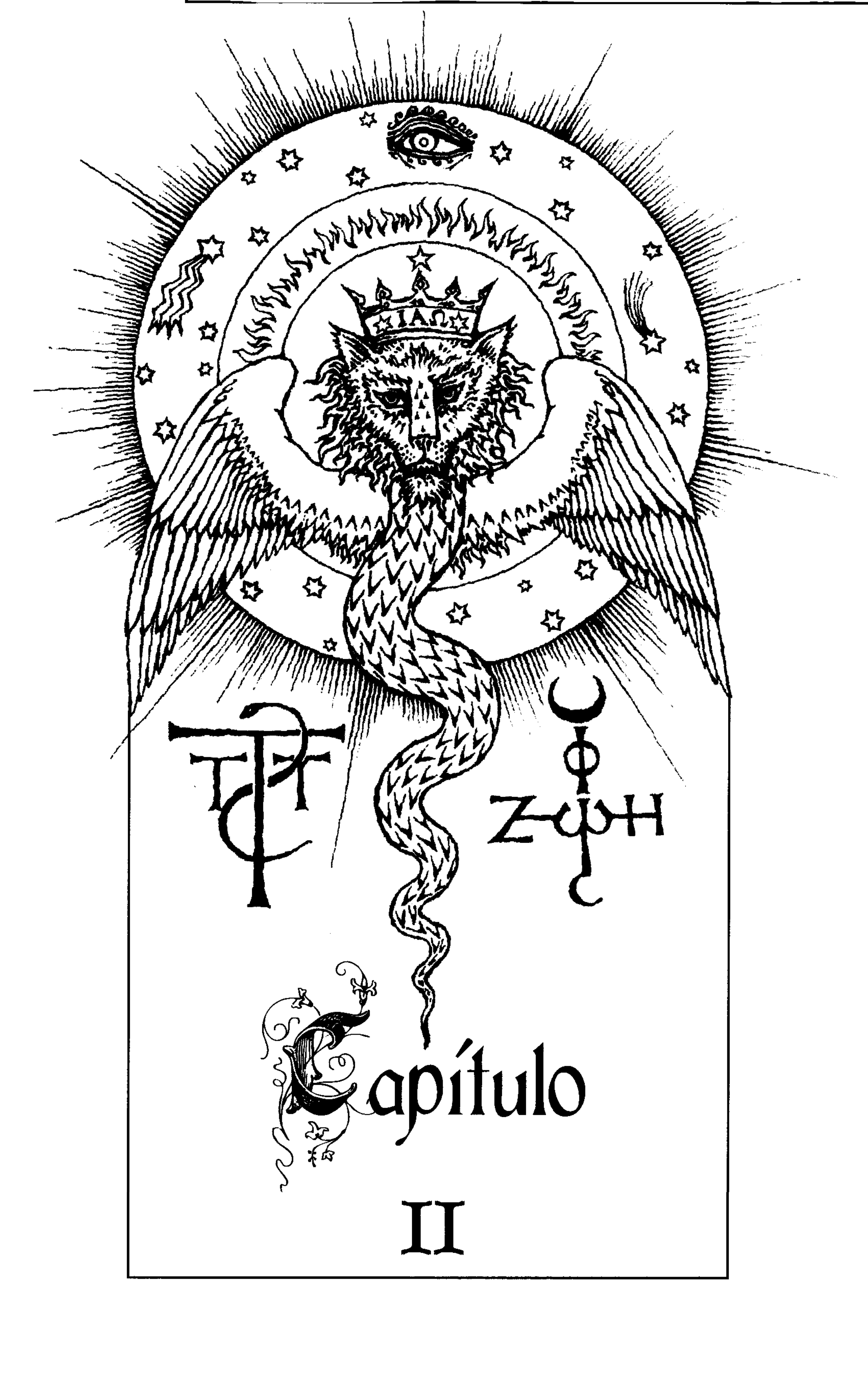
O Mundo Celeste engloba as esferas planetárias e astroestrelares propriamente ditas, ou seja, os circuitos do Sol, Luna (Lua), Mercurius (Mercúrio), Vênus, Marte, Júpiter e Saturnus (Saturno), além da esfera ogdoádica do Caelum Stellatum ou Céus Estrelados (Mazloth – os Céus Estrelados da tradição oculta Caldeu-Judaica) –, abrangendo as estrelas fixas do cinto zodiacal. Elas são consideradas como as condutoras das inteligências viventes, ou almas, em vez de corpos físicos e princípios microcósmicos que agem como agentes e canais para a Luz Divina. Elas estão constantemente despejando as influências divinas em manifestação material e condicionando a realidade do espaço-tempo abaixo dela. Essa é a doutrina oculta por trás da astrologia esotérica como ferramenta mágica nas mãos do mago. Esse é o domínio dos Psykhikoi ou a esfera dos princípios psíquicos viventes ligando-se às Idéias Divinas que se gravam na substância maleável da matéria (hylé).

O Mundo Divino ou Supraceleste é o reino do Primeiro Existente. Ele simboliza o estado divino dos Pneumatikoi ou Libertos. É a plemora imutável da existência imortal, a preexistência ou estado "antes da luz"

de Plotino, a perfeição vindoura do Supremo, que é a verdadeira "Era Dourada" mítica ou terra paradisíaca. Ele tem luz própria, além dos limites do Tempo e da mudança, e é totalmente beatífico – a vastidão infinita do conhecimento e felicidade pura, que é a verdadeira essência divina do legítimo eu. Ele progride para fora através das nove esferas das hierarquias angelicais de Dioniso: Anjos, Arcanjos, Virtudes, Principados, Potências, Tronos, Dominações, Querubins e Serafins na esfera da Mente ou Mente Perfeita. Ele alcança, portanto, o infinito misterioso do Ente Supremo Oculto, o Absoluto além de todo pensamento ou concepção condicional.

As esferas e os círculos dessa cosmologia tripla representam a cartografia gnóstica da consciência, revelando os "éons", pilones e pórticos de energia que o mago deve passar no caminho para a Grande Compreensão, que é a Apoteose suprema. Dessa forma, ela fornece tanto o autêntico padrão holístico universal micro-macrocósmico quanto o Caminho Real da ascensão iniciática na Alta Magia Angelical. Ela revela a estrutura entrelaçada dos "mundos" noumenal e fenomenal e, conseqüentemente, fornece a compreensão dos meios dos processos mágicos de acordo com o axioma de Hermes: "Assim como é em cima, é embaixo".

No *Tratado das Enéadas,* do século IV, Plotino menciona essa *catena aureae* ou "corrente de ouro" ligando os níveis mais altos e mais baixos da realidade. Na Arte da Magia, tudo gira em torno dessa corrente: a Prece e sua resposta e a Magia e seu sucesso dependem da harmonia das forças ligadas entre si. Do mundo sublime das inteligências angelicais à rústica dimensão dos elementos, tudo é um conjunto sagrado contínuo cheio de ligações harmônicas e ressonâncias vibratórias que alinham os princípios mais altos e os mais baixos. É o conhecimento aplicado desse padrão, essa *Harmonia Mundi* ou Mundo Harmonioso invisível, que torna a magia tão possível quanto eficaz. Isso se encontra com a mesma intensidade tanto no mais humilde dos encantos para se conseguir um desejo quanto nos mistérios angelicais mais elevados da Luz.


ΙΑΩ
ΖΩΗ
Capítulo
II





Os Filhos do Céu

"Existe um Mistério insondável na narrativa sobre Azazel"
(Moses Maimonides, por volta de 1190)

Como devemos interpretar corretamente e, com isso, compreender inteiramente o significado daquelas lendas antigas e enigmáticas relacionadas com a Queda dos anjos relatada no Velho Testamento da Bíblia judaico-cristã e nas Escrituras apócrifas? De que maneira essas referências e mitos enigmáticos e misteriosos possuem a Alta Magia Angelical do Oriente, e quais verdades elas possuem para transmitir àquele que busca a magia nos dias de hoje? As respostas que essas perguntas fornecem são singularmente esclarecedoras e permitem que tenhamos relances extraordinários da história secreta do desenvolvimento evolucionário inicial da humanidade e do desprendimento do estado instintivo animal na pré-história.

O relato bíblico da descida dos anjos é limitado a alguns versículos crípticos no Gênesis: "Como foram se multiplicando os homens na terra, e lhes nasceram filhas, vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhe agradaram." (6:1-2)[5]

As conseqüências notáveis desse relacionamento incomum entre anjos e a humanidade são relatadas adiante no nascimento da raça gigante antediluviana chamada de Nephilim. "*Ora, naquele tempo havia gigantes*

5. N. T.: No texto original, o autor se refere ao trecho como sendo os versículos de 1 a 3. Diferente de todas as Bíblias pesquisadas no idioma original e em português.

na terra; e também depois, quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos; estes foram valentes, varões de renome, na antiguidade." (6:4).

Nas Escrituras canônicas ortodoxas, esse é o único fragmento que sobreviveu, e suas implicações místicas até agora têm sido deliberadamente evitadas por especialistas bíblicos, teólogos e membros do clero. Um relato mais completo do acontecimento estava no então perdido etiópico *Livro de Enoch*,[6] que foi preservado no enclave da Igreja Abissínia. Acredita-se que o explorador escocês James Bruce trouxe pela primeira vez uma tradução para a Europa no fim do século XVIII. No entanto, uma cópia de um volume chamado o *Livro de Enoch* é catalogada como um dos livros do acervo da famosa biblioteca ocultista de Abbot Trithemus, de Würzburg, no século XV. Outros volumes interessantes na biblioteca incluíam o *Livro de Raziel*, o *Livro de Hermes* e vários grimórios mágicos atribuídos ao Rei Salomão. (Couliano, 1987:167)

Na edição de outubro de 1999 do *Jerusalem Report*, foi publicado um relato sobre a descoberta do supostamente chamado *Pergaminho do Anjo*,[7] que parece estar ligado ao *Livro de Enoch*. Escrito em uma mistura de hebraico, aramaico e grego, esse documento foi achado na Jordânia, sudeste do Mar Morto, escondido dentro de um jarro em uma caverna. Diz-se que ele foi secretamente comprado na década de 1970 por um grupo de monges beneditinos, que levaram o pergaminho clandestinamente para um mosteiro na fronteira entre a Áustria e Alemanha. Lá ele permaneceu por mais de uma década enquanto era traduzido. Conforme se alega, o texto, similarmente ao *Livro de Enoch*, descreve uma excursão ao Céu conduzida por um anjo Vigia. Todos "os segredos do Céu" são mostrados ao autor do *Pergaminho do Anjo* e também lhe é ensinado como ver sinais no Sol, na Lua e nas estrelas para prever o futuro (Astrologia). Além disso, ele aprende a doutrina do estado atmosférico, escrita, o uso de plantas e pedras (cristais?) para curar doenças e prever eventos futuros e o método de viajar no tempo. O *Pergaminho do Anjo* refere-se a Deus pelo nome canaanita de El e a Satanás pelo nome de Beliel, literalmente "fogo ou luz de Deus". O pergaminho é dedicado a

---

6. N. T.: Sugerimos a leitura de *O Livro de Enoch – O Profeta*, Madras Editora.
7. N. T.: Angel Scroll.

Yeshua (a forma hebraica de Jesus!), que é descrito como "o Sagrado" e como o filho de um sacerdote. Foi recentemente sugerido que José, o pai de Jesus, pode ter sido na verdade um sacerdote no templo de Jerusalém (reportagem do *site* na internet de Andrew Collins 24/01/00).

James Bruce não hesitou em descrever o *Livro de Enoch* como uma "escritura gnóstica", e acredita-se que ele data entre os anos 165 a.C. e 100 d.C. Essa foi uma percepção mais apurada que aquela da maioria dos analistas clericais, que persistem em conclusões vagas e moralistas sobre o documento. A tradução do texto por Bruce forneceu apenas a confirmação literária da corrente altamente sigilosa e misteriosa dos mistérios angelicais transmitidos ao longo dos séculos em alguns cultos e círculos esotéricos na Europa. Bruce era uma pessoa interessante, que não era quem parecia ser superficialmente. Era um aristocrata escocês de sangue real que dizia descender de Robert the Bruce. Era um estudioso clássico e bíblico e um maçom importante. Como um maçom escocês, foi alegado que ele teve algum contato com os cavaleiros templários maçônicos. (Collins, 1996:12) Em sua função de explorador, Bruce partiu em 1768 para tentar descobrir a nascente do Nilo. Foi sugerido que essa era apenas uma mentira para esconder sua verdadeira missão, que era encontrar documentos antigos e tesouros escondidos ligados aos chamados Judeus Negros da Etiópia.

No *Livro de Enoch,* o profeta do Velho Testamento tem uma visão do Céu e, em desacordo com o *Pergaminho do Anjo*, é levado a uma visita guiada ao Céu pelo Arcanjo Rafael, que, como nos é dito, é um dos mocinhos que não se rebelaram contra Deus. No entanto, Enoch encontra os Grigori, que são descritos como gigantes guerreiros de forma humana e "guardiões do mundo". *Grigori* significa "vigias" e se refere à função deles em zelar pelo mundo. Quando o curioso Enoch pergunta sobre a natureza dos Grigori, lhe contam que eles e o príncipe deles Satanael viajaram para a Terra e chegaram ao Monte Ermon ou Hermon. Diz-se que eles viram as "filhas dos homens" e as tomaram como suas esposas, como é descrito no relato do *Gênesis*. Em tempos romanos, o Monte Hermon era o local de um santuário ao deus com pernas de bode Pan. Ele foi construído em volta de uma caverna e uma fonte natural, que era a nascente do Rio Jordão.

No centro das lendas da Guerra no Céu, quando Lúcifer se rebelou contra Deus, foi derrotado pelo Arcanjo Miguel e expulso do Céu, e também na descida dos anjos caídos encontram-se uma diamonosofia gnóstica e uma antropogênese misteriosa. O Grande Anjo da Luz e sua corte eleita desceram e se sacrificaram ao tornarem-se matéria para ajudar a evolução psíquica e espiritual da humanidade primitiva. Os humanos primitivos estavam mergulhados profundamente na matéria. A consciência deles era ainda mais turva que a de hoje e limitada ao nível automático e instintivo da vida animal. A tarefa dos anjos caídos era a de literalmente redimir e libertar os humanos de sua prisão material. Ensinamentos esotéricos descrevem que, quando o organismo humano eventualmente transpôs e se diferenciou de milhões de predecessores nos gêneros vegetal, réptil e mamífero, ele ainda era desprovido da luz verdadeira da consciência autocompreendida. Ele ainda estava preso ao "sono" dentro das trevas do Universo material.

A revolta angelical foi um sacrifício de proporções prometéicas, no qual os anjos se encarnaram dentro da dimensão material de tempo e espaço no intuito de conduzir a semente luminosa da gnose para dentro dos seres humanos. Eles se dotaram da sua capacidade inata de realizar a divindade para conseguir a liberdade dos limites da existência material. Os anjos caídos, de acordo com a doutrina oculta, não eram malignos ou "pecaminosos". Pelo contrário, eles eram avatares transcendentais da salvação espiritual e eventual redenção da humanidade por meio da gnose. Eles "revelaram os segredos eternos que estavam no Céu, segredos que os homens estavam se empenhando para aprender". Os Ben Elohim, ou Filhos de Deus, eram então os portadores da iluminação divina para o dormente "Adão do Barro Vermelho", o humano mergulhado na matéria. Eles permitiram que ele acordasse para o conhecimento de seu destino e seus poderes verdadeiros como um ser espiritual não por acidente, revelando o "Adão de Diamante" mencionado dos textos gnósticos cópticos; a essência imortal de nossa verdadeira existência, além de todos os mundos condicionais. A redenção da matéria negra (hylé) pela transmissão da *Lux Angelicae* ou Luz Angelical era o objetivo dos Vigias ao descer no plano terreno. A missão deles foi planejada para levar a liberação eventual de todas as entidades e, no final, a elevação de todo o mundo para seu estado paradisíaco original.

E.W. Liddell (1994) escreveu sobre a interpretação desse mito pela quase maçônica organização Compagnons Du Tour ou os Companheiros da Torre (de Babel) na França medieval, que eram responsáveis por ajudar na construção das grandes catedrais góticas. Ele observa que eles acreditavam que "Lúcifer era considerado como o espírito que mora dentro do mecanismo humano. A Queda dos anjos foi corretamente compreendida para representar a encarnação da Divindade na carne mundana". Explicando sobre o mito bíblico dos filhos de Deus e "as filhas dos homens", ele diz que o mito compõe "... *ainda outra tentativa de explicar o mistério por meio do qual a Divindade se tornou ligada a morte.*" Como veremos mais adiante neste livro, o que foi mencionado tem uma influência em outro "filho de Deus" que encarnou na carne mundana.

É óbvio para todos, menos para aquele com baixíssima capacidade de percepção, que aqui o Grande Anjo Lúcifer, o Portador da Luz, representa uma figura típica de origem anterior ao Cristianismo, ou não-Cristã, totalmente desassociada com a personificação dualista de "mal" moral chamada de Satã pela Igreja. Até mesmo nas peças místicas medievais, nós encontramos a memória do prestígio exaltado do anjo rebelde.

Por exemplo, no círculo Chester de peças místicas, Lúcifer (sic) diz: "*Nove ordens foram habilmente criadas, tu fizestes aqui de todo direito / Em tua glória o ser brilha / e eu o principal!, senhor, aqui em tua visão*". Isso se refere à supremacia dele diante das hierarquias dionisíacas em beleza, luz e conhecimento.

Para obter uma visão mais completa da intervenção angelical na evolução das espécies humanas, devemos nos dirigir para o texto original no mito enochiano em Charles (1912). Essa é a história da descida do Portador da Luz e da entrada dos anjos na matéria contada como um conto gnóstico da queda da alma na encarnação física, do cativeiro do espírito, no esquecimento da consciência profana, a transmissão do fogo de vivificação dos anjos na Terra Vermelha da Imortalidade e as origens supracelestes da civilização humana neste planeta: "*E aconteceu que, quando os filhos dos homens se multiplicaram, naquele tempo nasceram entre eles belas e graciosas filhas. E os anjos, os filhos do Céu, viram-nas e cobiçaram-nas, dizendo uns aos outros: 'Venham, vamos escolher esposas entre as filhas dos homens e gerar filhos para*

nós'. E esses eram os nomes de seus líderes: Semiazaz [Semyasa ou Azazel], *o líder deles, Arakiba, Rameel, Kokabiel, Tamil, Ramiel, Danel, Ezeqeel, Baraqijal, Asael, Armaros, Batarel, Ananel, Zaqiel, Samsapeel, Satarel, Turel, Jomjael, Sarel.*"

Novamente, as conseqüências dessa miscigenação divina entre as esferas dos anjos e dos mortais levaram ao nascimento dos Nephilim, os gigantes da Terra antiga, pois as "filhas dos homens" "*ficaram grávidas e deram à luz gigantes enormes, cuja altura era de 3 mil varas*". Após isso, os anjos então introduziram gradualmente uma variedade de conhecimentos mágicos em seus filhos e esposas, supondo que a prática de poderes mágicos é uma herança própria do reino angelical, um legado dos "eternos segredos que estavam no Céu".

Citando mais uma vez do *Livro de Enoch*: "*E Azazel ensinou os homens a fazer espadas e facas, escudos e peitorais, e introduziu a eles os metais [da terra] e a arte de trabalhá-los, braceletes e ornamentos, o uso de antimônio* [um elemento metálico delicado de cor branca prateada usado para fazer ligas], *a ornamentação das pálpebras* [com cosméticos], *e todos os gostos de pedras preciosas, e todas as tinturas colorantes – Semjaza ensinou feitiços e mudas de raiz; Armaros, a resolução de feitiços* [contra-magia]; *Baraqijal, Astrologia; Kokabiel, as constelações; Ezeqeel, o conhecimento das nuvens* [doutrina do clima]; *Araqiel, os sinais da terra* [geomancia]; *Shamsiel, os sinais do Sol; e Sariel, o curso da Lua.*"

Há uma estrutura planetária claramente evidente nessa descrição dos anjos educadores. Azazel, o primeiro artesão de metais (cuja aparência mais recente é Tubalcaim, o primeiro ferreiro na Bíblia) e feiticeiro, que trabalhava com fogo, era associado com Marte (Madim) na tradição rabínica. Ele era o deus babilônico do fogo infernal e o Sol do mundo subterrâneo, Nergal. Juntamente com seus seguidores de Seirim satíricos, ou "Peludos" na demonologia judaica, ele também representa uma forma de Uz, divindade acadiana com chifres de bode. Semjaza, um nome alternativo para Azazel, mas tratado pelo *Livro de Enoch* como um anjo distinto, é o Senhor Luciferiano dos Feitiços. Ele se correlaciona com Vênus (Nogah) como a Estrela da Manhã, que era conhecida como Helel ben Shanar pelos os hebreus e se relaciona com a "Rainha dos Céus", Ishtar. Baraqijal, aquele que ensina Astrologia, conecta-se com a esfera de

Mazloth dos Caelum Stellatum e Kokabiel, que ensina a sabedoria das constelações, evidentemente vem do termo Kokab ou "luz estrelar". Isso se refere em hebraico ao planeta Mercúrio, que por sua vez se compara ao escriba divino Nebo ou Nebu, "orador", que escreveu os sinais dos céus no *Shitir Shame* ou *Livro dos Deuses*.

Araqiel, o instrutor em "os sinais da terra", provavelmente corresponde a Shabbathai ou Saturno, de *Sator,* que significa "semear", como o principal deus da Agricultura, Horticultura e Pecuária. O profeta Amós do Velho Testamento chama-o de "a estrela do deus Renfã", referindo-se a Renfã, o termo egípcio para Saturno. Ezeqeel, que revela "o conhecimento das nuvens", corresponde ao Rei dos Céus, Júpiter (Tzedek) ou o assírio Marduk. Shamsiel, cujo ramo de conhecimento é os mistérios solares, obviamente corresponde à esfera do Sol (Shemesh) e talvez seja derivado do grande Deus Sol dos babilônios, Shamash. Sariel, que instrui os humanos nos mistérios lunares, é o soberano da esfera lunar (Levenah) e pode ser uma forma do deus mesopotâmico Zin ou Sin.

Mais tarde, na tradição mágica medieval e cabalística, os anjos planetários foram chamados de Miguel (Sol), Gabriel (Lua), Rafael (Mercúrio), Samael (Marte), Sachiel (Júpiter) e Cassiel (Saturno). Na magia mais contemporânea, como novos planetas foram descobertos, outros anjos foram adicionados à lista. Esses são Uriel (Urano), Asariel (Netuno) e Azrael (Plutão).

No mito angelical dos Yazidis, que nós examinamos no Capítulo I, o Grande Anjo Melek Taus (o Rei Pavão) é relacionado com Azazel ou Azazil. Ele é descrito como uma Serpente Negra, a serpente primeira da sabedoria no Jardim do Éden. Seu outro epíteto divino é Lasifarus, a forma curda do Portador da Luz. Suas ligações com Marte são resumidas em seu pseudônimo hebraico, como anjo de Marte Zamael ou Samael, que também é identificado com a serpente edênica. Isso pode derivar do conceito egípcio do planeta Marte, como Rá Horakhty ou "Hórus Vermelho", e se liga aos mistérios antediluvianos dos Servos ou Seguidores de Hórus. Eles eram a linhagem divina dos Shesu-Hor,[8] que governaram o Egito pré-dinástico antes dos soberanos mortais.

8. N. T.: Discípulos de Hórus.

Um importante ponto de comparação na compreensão do significado essencialmente gnóstico do mito enochiano do Vigia como a descida da alma para a matéria é oferecido pela antropogenia mística do tratado alexandrino do século I d.C. intitulado *Poimandres*, que é o *Libellus I* da coletânea hermética completa de textos místicos. Ele tem uma visão surpreendentemente vibrante da descida do Homem Divino para o reino de natureza material e fornece muitos pontos profundos de coerência, como uma chave para o mistério dos Vigias. O primeiro homem (Anthropos), sendo da espécie do Espírito ou Mente Divina, foi um ser imortal de vida (Zoe) e luz (Phos), o Humano de Essência Eterna. No relato hermético, estimulado pelo impulso criativo, o Anthropos divino descendia da mais alta esfera de Espírito/Mente. Ele irrompeu o circuito estelar e o planetário e, ao observar o domínio terrestre da matéria (Hylé), foi seduzido pela beleza meditativa da natureza (Physis). "Amor Insaciável" atraiu o Humano Divino para a Mulher Escura da natureza que, "*quando apanhou aquele por quem ela era apaixonada, o envolveu em seu abraço e eles se tornaram um; pois estavam apaixonados*".

Desde então, diz o texto hermético, do Anthropos: "*Ele é imortal e tem todas as coisas em seu poder; mesmo assim ele sofre a sina de um mortal, ao estar sujeito ao destino.*" Nesse sentido, como entendido pelos filósofos do mundo clássico, destino ou Parcas eram as deusas supremas que controlavam os assuntos humanos. Na "descida para a matéria", o Anthropos entrou no domínio condicional de criação e dissolução da causalidade, o reino inexorável do Tempo sobre as coisas mortais, como representado pelo domínio inevitável dos corpos luminosos zodiacais e planetários, os "Sete Administradores", adotando dimensão material como moradia.

Dessa união do espírito com a matéria, os "sete humanos", correspondendo aos governantes planetários, se originaram. Então a vida (Zoe) do Humano Divino tornou-se a psique, a luz (Phos) tornou-se evidente na Mente (Espírito) de humanos encarnados. O estudioso renascentista dr. Frances A. Yates comentou com grande discernimento sobre a descida: "*A queda do homem hermético é mais parecida com a queda de Lúcifer que com a queda de Adão*" (1969:27). Na descrição de Trismegisto sobre a queda da luz divina (Phos) para a matéria, talvez seja útil lembrar que o termo grego Phosporos é equivalente ao termo latino "Lucifer" e,

como um epíteto da Estrela da Manhã, significa o "portador da luz". O ocultista e membro da Ordem Hermética da Aurora Dourada,[9] do século XIX, Arthur Edward Waite, ao se referir aos entalhes no Arco de Constantino, comenta sobre a representação jovial de "*um Anjo, segurando uma tocha e supostamente representando a Estrela da Manhã ou Lúcifer, emergindo das nuvens – representadas por um véu em volta dele (...) De um ponto de vista maçônico, o símbolo em seu significado perfeito é o surgimento da luz vitoriosa.*"

O caminho para a iniciação suprema nos Mistérios Herméticos é a ascensão gnóstica do iniciado liberto por meio das esferas, livrando-se das influências impuras do domínio material no retorno ao estado primário de autoluminosidade do Ser Divino: "*Se, então, sendo feito de Vida e Luz, você aprender que é feito delas, você voltará para a Vida e Luz*". O problema existencial da humanidade "caída" é definido nos termos da ignorância da nossa verdade, da natureza que não tem início e é imortal, da identificação errada e confusa com o mundo provisório de aparências materiais, da conseqüente limitação, amnésia e sofrimento sentido nele. A chave para a libertação e "regeneração" mística encontra-se interiormente, por meio da compreensão de nossa essência pura, no domínio da gnose ou conhecimento transcendental.

Com isso, existe uma antiga e difundida ligação entre luminosidade e a semente humana na tradição esotérica ocidental, a descida da "semente luminosa do Céu" pode marcar a transmissão do espírito nas trevas fenomenais da natureza material. No entanto, a tradição esotérica ensina-nos que, mesmo no nosso estado de "caídos", a humanidade não está sozinha. Pois Adão é "*admitido na sociedade dos Sete Governadores* [regentes angelicais planetários] *que o amam e transmitem a ele seus poderes.*" Na verdade, Adão é "*mais que humano; ele é divino e integrante da raça dos demônios estrelas, os divinamente criados governantes do reino dos mortos. Dizem até que ele é 'irmão' do criativo Criador do Mundo – 'Filho de Deus', o 'segundo deus' que move as estrelas.*" (Yates, 1969:27)

9. N. T.: Sugerimos a leitura de *The Golden Dawn*, de Israel Regardie, Editora Madras.

Se levarmos em conta as raízes indo-iranianas da Angelologia no culto dos Yazatas e no conceito de Xvarenah, o nimbo iluminado de soberania mágica divinamente lançada, alguns aspectos da doutrina mágica a respeito da redenção do "Homem da Luz" poderão ajudar nossa compreensão da Hermética Luciferiana embutida na gnose dos anjos caídos. Na Pérsia antiga, aquele que se iniciava na magia se esforçava para atingir o estado de "purificação luminosa" ou "separação" (apecakih) da Essência Iluminada de Xvarenah, o Farr I Yazdan, do estado de consciência do corpo profano.

Quando está em transfiguração suprema, a "Grande Luz surge como se estivesse saindo do corpo, e brilhará continuamente sobre a Terra". Isso foi resumido pelo estado mental espiritual chamado de *maga* na língua dos medos. Essa é a raiz da palavra grega *magos* e da latina *magus*, que significam mágico. Nesse estado mental, a essência espiritual (*menok*) separa-se do corpo físico e assume a natureza dos Amesha-Spenta, os arcangélicos "Imortais Bondosos". Na gnose elevada, chamada de maga, o mago vive e trabalha no nível arcangélico. Ele ou ela literalmente torna-se um arcanjo e tem como característica um poder mágico milagroso (*xshathra*), uma visão-consciência onisciente (*cisti*, o cognato da palavra sânscrita *Cit* ou "pura consciência") e a compreensão da liberdade soberana e incondicional da "vontade pura" (*axvapecak*), tendo conseguido a transfiguração mística (*frashkart*) para o "'Corpo Perfeito de Luz".

É com interesse histórico que notamos a difusão dos ensinamentos mágicos relativos à Xvarenah, aos Amesha-Spentas e ao Homem da Luz em direção ao Ocidente para formar o núcleo central da Angelologia hermética, a magia divina do Ocidente. Eles também se espalharam simultaneamente do Oriente, do antigo Império Persa, até as regiões além do Himalaia. Ali eles permearam os cultos Xamânicos lamaicos pré-budistas no Tibete, Butão e Nepal, chamados de Bon, com a adoração deles por gShen-lha-od-dkar (o Deus Shen da Luz Branca) e a veneração das Divindades Iluminadas (Lha). Eles também formaram alguns conceitos centrais em relação à Bodhicitta nas ações mágicas do "Veículo do Raio" ou o tantra budista de Vajrayana. Traços de influência de Yazatas nas regiões do Himalaia são identificados pelo fato de alguns textos do culto Bon parecerem na verdade ser traduções de originais persas.

Para voltar ao mito gnóstico hermético da "queda" da semente luminosa Luciferiana da sabedoria perfeita ou Luz Angelical (Lux Angelicae) nas condições encarnadas de existência material e de sua liberação final, veremos que existem certas correntes do esoterismo dos Yazidis, indo-iranianos e greco-romanos que tratam desse enigma.

O primeiro versículo do *Livro Negro* dos Yazidis descreve como, na criação, "...Deus criou a Pérola Branca de Sua mais preciosa essência, e criou um pássaro chamado de Anphar. Ele colocou a Pérola nas costas dele e ali ela ficou por quarenta mil anos." (Furlani, 1975:9) Da mesma forma, o "fogo divino" seminal do misticismo iraniano, a Xvarenah, foi transportado ao xá terrestre, quando ele foi investido no trono do pavão pelo Varaghna, uma variante do milagroso pássaro chamado saena ou simurgh. É importante notar que, nas tradições Sufistas indo-persas, o simurgh se tornou símbolo do "mais alto elemento divinamente espiritual no homem" e foi importante nas formas artísticas indianas durante o século XVII. Também relacionado com esse conjunto mágico, está o Falcão Branco dos círculos místicos dos Yaresan, que traz a semente luminosa real para a Terra no intuito de inseminar a virgem mortal Dayerak e o pássaro sagrado Anqa da Arábia, cuja moradia é na montanha coroada de esmeralda, o Pico de Kaf.

Todos esses pássaros sagrados, portadores celestiais da semente cósmica do Senhor da Luz, são espécies da fênix original ou pássaro Bennu dos mistérios antigos egípcios. O *Papiro de Nebseni* fala a respeito dele: "*Eu apareço como o pássaro Bennu, a Estrela da Manhã de Rá* (o deus sol)". Esse pássaro lendário ou era uma garça ou um grou e pode ser comparado ao lendário pássaro gigante árabe chamado de a Roca, que foi mencionada em *As mil e uma noites* e *Sindba, O Marujo*. Nos hieróglifos egípcios, a Fênix poderia representar o Akh, como um sinal de transformação mágica, os Akhu sendo os Iluminados ou Imortais que vivem além das estrelas circumpolares dos céus do norte. A Fênix-Akh simboliza um conceito ligado aos Fravashi persas, a "superalma" ou natureza angelical e espiritual dos seres humanos. No ensinamento egípcio hermético, a Fênix voou na aurora do Tempo de uma Ilha do Fogo além dos céus trazendo para baixo o nume mágico (Hike) nos círculos de tempo-espaço terrestres. O historiador, viajante e também escritor grego Heródoto registrou que a fênix supostamente apareceria em Heliópolis a

cada quinhentos anos e veio da Arábia. Mitologicamente, ela veio "*do lugar da luz eterna além dos limites do mundo, onde os Deuses nasceram ou despertaram-se e de onde eles foram lançados para o mundo*". Ela representava Osíris e o Logos, ou Palavra de Deus, que servia como mediadora entre a Mente Divina e a criação. (Buaval e Gilbert, 1994: 197-200)

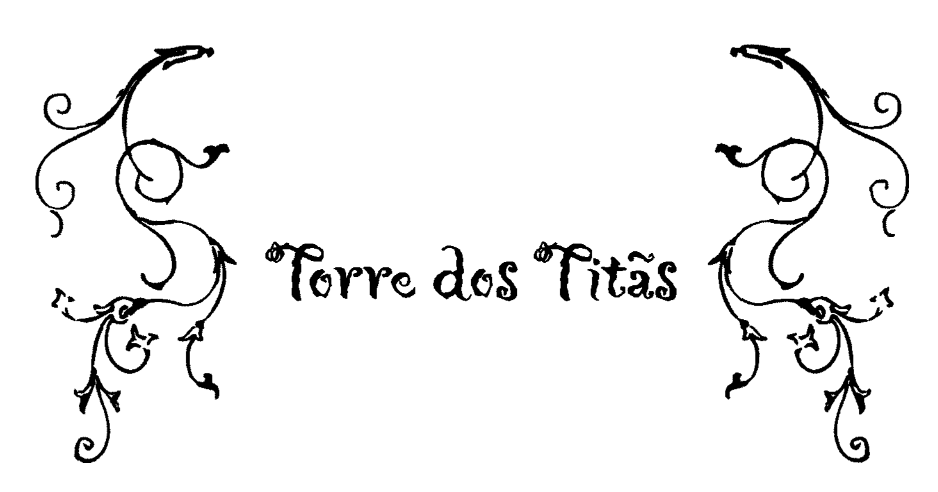
Essa é a semente divina de Luz identificada com a meteórica Ben-Ben, a pedra piramidal dourada preservada no complexo de templos de Heliópolis na Mansão da Fênix que dizem ter caído do céu, em uma época remota. Na verdade, ela era chamada de "a pedra que caiu do sol". Tais pedras meteóricas eram consideradas presentes dos deuses das estrelas em tempos antigos. Benu ou Bennu veio do radical egípcio "ben" e era associada à relação sexual, fertilização e semeadura. Por isso, a palavra egípcia Bn significa "semear, inseminar", a palavra Weben, "brilhar", e a palavra hebraica lingüisticamente relacionada Ben, "progênie, semente, filho", uma nuance sutil que está provavelmente presente no nome oficial dos anjos caídos. Eles são chamados de Bene-ha-Elohim ou Filhos de Deus, a adamantina "semente dos Deuses", como Elohim em hebraico é pluralista. A descida daquela essência divina é a história esquecida da encarnação da alma na matéria.




IAΩ
Capítulo
III

LIVE THOV IN LOVE THY ROYAL SELF~LAW
QAYIN
Red is the Blood of Wisdom
Ruddy is the Tree of Cunning
Thou art the Dragon of Light
Thou art the Flame of Genius
Thou art the Divine Imagination
Thou art the Daimonic Fire
AVTOTELĒS
AVTONOMIA
O Seven Tongued Flame;
Forth-springing Numina of WAHM
Come! Let us steal the Secret Fire from the Eternal World of the WAHM whereof the things of Uth are Shadows: this Bone-Fire of the Gods shall verily consume all to ashes.

Tubalcaim



Torre dos Titãs

"... Torres caídas, a obra dos Gigantes, os construtores esvaídos. Geada caia sobre os portões das torres, geada sobre a argamassa."

A Ruína (verso elegíaco, em inglês antigo)

A semente dos anjos unida com a substância mortal da primeira humanidade animal produziu, de acordo com a Bíblia e o *Livro de Enoch*, "*valentes, varões de renome, na Antiguidade*". Eles foram descritos pelos antigos como gigantes. Se eles eram verdadeiramente gigantes no aspecto físico é difícil de saber. Restos mortais de humanos pré-históricos de grande dimensão já foram desenterrados em várias partes do mundo. No entanto, comparativamente falando, para alguém que é baixo em estatura, uma pessoa acima de 1,80 metro de altura parecerá um "gigante" nos olhos dele. Porém, é possível que os termos "valentes", "varões de renome" e "gigantes" possam ter sido usados para descrever e identificar uma raça híbrida meio angelical com poderes mágicos e psíquicos sobre-humanos. Para os antigos celtas, "gigantes" não eram necessariamente criaturas sobrenaturais, mas o nome dado a qualquer ser que fosse maior ou mais alto que o humano comum e tivesse poderes incomuns que o fazia ser superior. Tradicionalmente, tais gigantes não poderiam ser subjugados meramente pelo uso da força física, mas também pelo uso inteligente de artifícios e magia.

Fragmentos, ruínas e relíquias de civilizações arcaicas estão cheios de insinuações silenciosas de uma era incrivelmente remota, quando raças gigantescas de grande beleza e sabedoria profunda dominavam a Terra antediluviana no meio de cidades titânicas e torres ciclópicas. Tradições

difundidas e consistentes localizam os centros dessas culturas pré-históricas nas regiões da Atlântida, Hiperbórea e de Shambhala, que se encontrariam no Oceano Atlântico, na Europa Setentrional e no deserto Gobi na Ásia, respectivamente. Os vestígios desgastados das civilizações perdidas estão supostamente ocultos nas profundezas oceânicas, embaixo das areias cambiantes do deserto ou sepultados sob milhares de camadas de gelo polar. Com o aquecimento global, quem sabe o que a vastidão glacial das calotas polares irá revelar no futuro.

Platão descreveu os atlantes em seu famoso relato sobre a ilha perdida determinada por sacerdotes egípcios como "*... um poder grande e maravilhoso dos reis, governando sobre a própria ilha, muitas outras ilhas e partes do continente (...) até o Egito, a Europa e as fronteiras com a Etruria*". Apesar de algumas pessoas considerarem a Atlântida de Platão como um conto utópico e ficcional, outras vêem os reis atlantes de um ponto de vista mais real. Na tradição esotérica ocidental, eles são considerados como transmissores da Tradição Secreta para a humanidade atual. Os gigantes e soberanos colossais conhecidos como Nephilim ou Awwim (serpentes) eram descritos nas Escrituras proféticas de Amós como sendo altos como cedros e vigorosos como carvalhos. Eles foram os criadores das construções ciclópicas, muitas fortalezas de templos e governantes do período antediluviano, dos quais descendiam figuras heróicas e lendárias como Ninrode ou Nimbroth, o "valente caçador" e inspetor da Torre de Babel.

Tradições antigas estão repletas de descrições de raças primitivas, desde os Titãs, da Teogonia de Hesíodo, e os Cabari, da Samotrácia, até os Jotuns, do mito Hiperbóreo, e os Daityas, do Oriente. Tal gigantismo e estrutura alta também é característica dos Seguidores de Hórus, a dinastia semidivina que descende dos Deuses (Neteru) do antigo Egito. Existem ainda espíritos khu que colhem o cereal do céu, "*... cada espírito com 9 côvados [por volta de 4 metros] de altura que o colhem na presença de Rá Horakhty*". Isso está compatível com a estatura conferida ao rei Ogue, de Basã, um descendente dos Nephilim: "*Porque só Ogue, rei de Basã, restou dos despojos dos gigantes; eis que o seu leito, leito de ferro (...) Nove côvados o seu comprimento...*" (Deuteronômio 3:11). O autor árabe Tabari nos fala de uma ponte na cidade de Bagdá (Iraque) construída dos ossos da costela do rei gigante Og-ibn-Unk, ou "Ogue do Pescoço Longo".

A capital dos Amoritas, uma cidade que supostamente havia sido originalmente habitada por antepassados gigantes, era a cidade real de Basã, chamada de Astarote Carnaim. Esse nome indicava sua condição como um centro de culto da "Astarote Cornífera" e a cidade templo da Rainha do Céu Astarte. Crônicas hebraicas preservam as memórias de outras tribos de titãs descendentes dos Nephilim, incluindo os amalequitas e os filhos de Anaque ("de pescoço longo"), que habitavam na antiga terra de Canaã.

Em uma anotação sobre os lendários governantes gigantes da Síria, o explorador e aventureiro vitoriano *sir* Richard Burton teceu comentários sobre a raça gigante dos Jababirah. Esse nome deriva de Giabber, ou "imenso, gigante". Ele se relaciona à palavra hebraica Ghibbor/Ghibborim e à persa Divan. Burton diz: "... desses eram Ad e Shaddad, Reis da Síria; os Falastan (Filisteus), Auj, Amalik e Banu Shayth, ou descendentes de Seth, os filhos de Deus (Benu Elohim) (...) que habitaram no Monte Hermon e viveram em pureza e castidade."

Nas tradições arábicas, os amalequitas eram os habitantes originais da cidade sagrada de Meca, e os Adites eram uma raça de gigantes que morava em Al-Ahkaf, situada entre Hadramaut e Omã, no sul da Arábia. Eles eram descendentes de Cão, filho de Nuh ou Noé, e quem os uniu como um povo foi o rei gigante Ad. O filho de Ad, rei Shaddad, construiu uma cidade imponente em um local próximo a Omã, na Arábia Rochosa, chamada de Ubar dos Muitos Pilares. Sua grande quantidade de elevadas torres, abóbadas e colunas repletas de metais preciosos e adornadas com jóias, banhada por correntes de água melodiosas debaixo de jardins com arcos de árvores e flores era a própria maravilha do mundo antigo e um paraíso terrestre.

A tradição diz que, no final, o excesso de confiança do rei Shaddad se mostrou impotente, quando Ubar foi engolida pelas areias do deserto e afundou para debaixo da terra para ser avistada apenas por dervixes perdidos nas ruínas. Um viajante solitário supostamente passou pelas altivas ruínas de Ubar enquanto viajava pelo deserto no século VII. Ele levou jóias de lá para o palácio do primeiro Califa Omíada Mu'Awiyah, em Damasco, a fim de provar a sua narrativa. Mitos árabes falam de várias dessas raças perdidas, incluindo as nações de Jadis, Tasm, Thamud e Ad. Foram construtores Adites, ou djins sob controle de um mago Adite, que

construíram o dique de pedra enorme em Ma'arib, na capital iemenita Sana, lar dos adoradores de estrelas sabeus. Analisando seus antepassados tão incomuns, podemos supor que eles herdaram o culto transestrelar dos arcanjos.

De acordo com a doutrina esotérica, sangue dos Nephilim corria nas veias de Ninrode: "*Cuxe gerou a Ninrode, o qual começou a ser poderoso na terra. Foi valente caçador diante do Senhor (...) O princípio do seu reino foi Babel.*" O Manuscrito Maçônico de Cooke, datado do ano de 1430 d.C., concede a Ninrode a posição de primeiro Grão-Mestre dos maçons. Ele supostamente entregou as instruções e constituições originais aos irmãos da Maçonaria que supervisionou durante a construção da Torre de Babel no centro simbólico do Universo. Babilônia é Bab-Illani ou Portão dos Deuses (Ilu = Elohim), o portal entre as dimensões terrestres e celestiais. As pesquisas de Clemente Stratton confirmaram que, no primeiro grau da Maçonaria Operativa medieval, o juramento feito pelo candidato era chamado de Juramento de Ninrode. A Torre de Babel foi iniciada por Ninrode, a quem o escritor em bruxaria e demonologia Montague Summers chama de "*um bruxo gigante de grande poder*".

É relatado no *Gênesis*: "*Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus*" (11:4). Do topo desse zigurato colossal, de acordo com lendas árabes, Ninrode tentou voar ao Céu em uma carruagem áurea puxada por quatro pássaros – demônios. Isso tem sido observado como uma alegoria gnóstica representando a alma caída, aspirando irromper as esferas e recuperar o estado divino. Como um símbolo da aspiração Luciferiana em direção ao Absoluto e da nostalgia mística pelo infinito, ela permanece influente como um emblema da busca gnóstica na tradição oculta ocidental. Ela aparece no Tarô como o arcano maior A Torre Atingida por Raios, que mostra figuras humanas caindo dela enquanto buscam, e falham em conseguir, recuperar a posição espiritual perdida delas.

Na tradição babilônica, o protótipo zigurato ou torre sagrada é chamado de Dur-an-ki ou "ligação do Céu com a Terra". Philo Judaeus fornece um relato de sete imagens áureas de demônios ancestrais adorados pela raça de gigantes Amoritas. Eles incluem Nembroth ou Ninrode como o gênio fundador da Babilônia e Canaã ou Caim como o pai da Fenícia, o que

confirma as ligações de Ninrode com os Nephilim. A estrutura planetária da Torre de Babel ou Babilônia é espelhada em outros edifícios parecidos, como o zigurato Sabeu "das sete esferas", descoberto por escavações na cidade de Harã (*A Ur bíblica dos caldeus*) por Rawlinson em 1854.

Harã, como veremos mais tarde neste livro, foi um centro antigo e renomado de adoração estrelar e hermética até o século XII d.C. Seus terraços eram embelezados com as cores simbólicas dos planetas na ordem sabéia, ou seja, preto como carvão para Saturno, marrom-dourado para Júpiter, vermelho-alaranjado para Marte, vermelho-escarlate para o Sol, amarelo para Vênus, azul lustroso e dourado para Mercúrio e prata para a Lua. Escrevendo sobre as imagens do pico cósmico, o antropologista dr. Mircea Elíade notou que o zigurato era uma representação simbólica do Monte Cósmico e do Cosmos. Os sete andares simbolizavam os sete céus planetários contendo as cores do mundo (1964: 134,264). A Torre de Bab-Illanu também se estendeu para baixo em imagem invertida dentro dos domínios ctônicos como a Bab-Apsu ou a "Passagem do Abismo". Dessa forma, a Torre colocava juntos os três mundos Xamânicos do Céu, Terra e Mundo Subterrâneo.

Dentro do contexto do sistema de mundo ptolemaico, a construção por Ninrode da Torre de Babel representa a jornada ascendente da alma dos mundos elementais por meio dos sucessivos circuitos astroplanetários para os Mundos Divinos ou Noosfera Divina das Mentes Puras. O mistério da Torre de Babel encapsula a elevação do iniciado dentro da gnose. Ela se eleva no ônfalo ou "centro do mundo", um *axis mundi* ou pilar do mundo ciclópico no meio da cidade templo, e é o ponto de ruptura entre o fenômeno e o nômeno.

As lendárias cidades ciclópicas, os edifícios sagrados buscando alcançar os céus e os impérios poderosos dos reis gigantes e seus povos foram varridos da face da Terra e submersos nas águas de uma poderosa enchente. No *Livro de Enoch,* o anjo Uriel avisa o profeta da "*... consumação que está prestes a acontecer; pois toda a terra perecerá; as águas do dilúvio virão sobre toda a terra, e todos os que estão nela serão destruídos*". Memórias greco-egípcias da lendária ilha continente de Atlântida e sua destruição são totalmente pertinentes a essa descrição. Vários outros mitos, incluindo a tentativa de destronar Zeus pelos Titãs e as terras perdidas de Lyonesse e Ys, descrevem como praticantes iníquos

de magia negra ou usurpadores da ordem cósmica são destruídos por Deus ou Deuses.

A lenda de uma Enchente ou Dilúvio mundial pode ser encontrada nos mitos de criação de todas as culturas. Em setembro de 2000, um grupo de cientistas alegou ter achado os resquícios de uma aldeia neolítica a aproximadamente 90 metros sob o Mar Negro. Essa descoberta supostamente prova que os primeiros humanos viveram às margens de um lago de água doce no local 7500 anos antes de eles serem levados para longe do lago por uma enchente cataclísmica. Isso foi causado pela elevação do nível dos mares depois do derretimento da extensa calota polar no fim da Era Glacial. Memórias desse desastre ecológico foram registradas na mitologia suméria e no relato de Noé e a Arca na Bíblia.

A tradição esotérica postula várias ondas de migração da Atlântica, que transmitiu a sabedoria angelical preservada das raças Azelaicas, para enclaves nos mais altos locais da Terra para propagação no mundo pós-diluviano. Se isso realmente aconteceu ou se é um evento imaginário, é difícil saber. Discutiremos o simbolismo Luciferiano da Maçonaria mais tarde neste livro, mas é importante registrar que essa transmissão pós-diluviana da magia arcana se encontra no centro da chamada tradição Noachita da Maçonaria. Isso é particularmente verdade no simbolismo do grau de Nauta da Arca Real e em suas cores do arco-íris correspondentes. Simbolicamente, em muitas culturas antigas, o arco-íris tem sido visto como uma ponte entre o Céu, ou reino dos Deuses, e a Terra. A tradição Noachita foi fundada para celebrar a destruição da Torre de Babel. As reuniões da Loja devem acontecer uma vez por mês durante a Lua cheia em uma sala em que haja uma grande janela ou clarabóia para que a luz da lua possa iluminar os trabalhos. De acordo com a história maçônica, os ritos da Antiga Ordem dos Noachitas foram traduzidos do alemão para o francês pela primeira vez em 1757, e a ordem foi chamada ocasionalmente de Cavaleiros Prussianos. Os preceitos Noachitas eram basicamente relacionados com a justiça e, curiosamente, eles tinham uma proibição de comer carne animal contendo sangue. (Macoy, 1989:268 e Mackenzie, 1877:508-509)

Na tradição, a Arca é misticamente parecida com a Loja perfeita, presidida pelo Comandante e os Vigilantes, que assumem os papéis de Noé e seus filhos Jafé e Sem. O fechamento da Loja é interpretado como

sendo parecido com a ancoragem da Arca no Monte Ararat. No século XVIII, o Conselho Maçônico Francês de Imperadores do Ocidente e Oriente operou, no seu 25° grau do Rito, o grau de Patriarca Noachita. Isso resumia as simbologias do Dilúvio, a Torre de Babel e a suposta descoberta, na Alemanha, do túmulo de Pelegue, o arquiteto da Torre de Babel. O grau detalha a preservação da arte dos construtores após o Dilúvio. Em seguida, essa revelação é dada ao iniciado, e ele é saudado como um "maçom Noachita" nos Mistérios. O túmulo de Pelegue foi supostamente encontrado em uma mina de sal alemã, juntamente com uma coluna de mármore branco. Nele estava escrito em hebraico a história dos Noachitas. Estava supostamente gravado no túmulo: "*Aqui jazem as cinzas de Pelegue, um Grande Arquiteto da Torre de Babel. O Todo-Poderoso teve compaixão dele porque ele se tornou humilde.*" Essa inscrição sugere que ele escapou do destino dos outros habitantes da Babilônia, quando Javé lançou sua fúria sobre eles pela arrogância de construir uma torre para alcançar o céu.

Na mitologia grega, a raça de gigantes era chamada de Titãs, e eles possuíam poderes mágicos que usavam as forças elementais: ar, terra, fogo e água. Os gregos acreditavam que os Titãs se originaram no Oriente distante. Tanto Atlas, que deu o nome para a Atlântida e o Oceano Atlântico, e Albion, que deu seu nome à antiga Grã-Bretanha, supostamente eram de origem Titânica. Dizem que depois do Dilúvio o gigante Albion conduziu a raça dele, descendente do filho de Noé Cam, para a Grã-Bretanha. O ocultista Lewis Spence disse que é aceitável considerar que Atlas foi a divindade tutelar de uma terra no ocidente no oceano, cujo mito é lembrado com seu nome. A questão de se a Atlântida realmente existiu ou foi um paraíso imaginário da era lendária, chamada de "Idade de Ouro", ainda é objeto de um intenso debate. Outro Titã famoso foi Prometeu que, em um grande gesto Luciferiano de rebeldia aos Deuses, trouxe o fogo do Céu para a Terra a fim de beneficiar a humanidade e foi punido. Se esse era na verdade o "fogo criador divino", então a analogia Luciferiana é até mais sugestiva.

Em termos míticos, os Titãs eram "os Deuses antes dos Deuses" ou os Deuses Antigos que supostamente governaram a Terra antes da criação da raça humana. Os gregos certamente consideram o período dos Titãs como uma idade de ouro, quando a Terra era um paraíso. De acor-

do com os seus mitos, os Titãs e os Ciclopes eram a descendência do deus Urano com sua companheira Gaia, a deusa da terra. Infelizmente Urano e suas crianças gigantes não se davam bem e, como em uma situação doméstica, ele as expulsou do Céu e as exilou na Terra. Um dos Titãs, Cronos (Saturno), conspirou com sua mãe para matar o pai. No entanto, ele apenas conseguiu castrá-lo com uma foice. Em nível simbólico, isso privou o deus de seus poderes criadores e masculinos, que foram transferidos para seu filho rebelde. Cronos foi então reconhecido pelos outros Titãs como seu senhor e mestre. Uma versão alternativa e posterior desse mito mostra os Titãs se rebelando contra o deus pai olímpico Zeus, ou Júpiter. Os Titãs também foram responsáveis pelo assassinato de Dioniso, a "criança divina" cornífera. Eles o enganaram com seu próprio reflexo em um espelho e, então, o dilaceraram em pedaços antes de comê-lo. Quando Zeus abateu os rebeldes com seus raios, a lenda diz que a humanidade surgiu de suas cinzas. Porque os Titãs haviam incorporado parte do jovem deus, a humanidade herdou uma centelha divina de Dioniso, que era um dos avatares de Lúcifer. Nos mistérios órficos, a morte de Dioniso representa a "queda" na encarnação material e a perda da unidade primitiva – a Grande Separação da crença xamânica.

Embora os Ciclopes fossem apenas uma nota de rodapé na mitologia grega, por razões que se tornarão evidentes mais tarde neste livro, eles tiveram um papel importante na cultura Titânica. Na realidade, eles, apesar da reputação injustificada de serem criaturas estúpidas, foram descritos como parte de uma "elite científica" entre seus colegas gigantes. (Roberts, 1978: 151) Alega-se que eles tinham oficinas subterrâneas em que faziam instrumentos de pedra e metal em fornos enormes. Expressivamente, dizem que eles inventaram a forja e os raios usados por Zeus como armas. Acredita-se que os primeiros humanos provavelmente descobriram o uso do fogo observando raios acertarem árvores e ao baterem pedras com pedras.

A mitologia escandinava também tem suas próprias referências aos seres titânicos, que são chamados de a geada ou gigantes de gelo. Assim como os Titãs, eles foram os "primeiros a ser criados" e eram os controladores das forças elementais, incluindo trovões e tempestades de granizo. Também existe uma referência a uma lenda de dilúvio. No mito, há uma luta entre os filhos de Bor (Odin, Vili e Ve) e o deus criador gigante Ymir. O gigante é atingido por um golpe na cabeça, cai e o sangue

do ferimento inunda o mundo. Todos os gigantes de gelo morrem afogados, com exceção de um chamado Bergelmir. Ele consegue refúgio em um moinho, de onde a família dele dá uma nova origem à raça de gigantes.

Esse dilúvio de sangue é citado no poema épico anglo-saxão *Beowulf*, que faz referência a "*uma luta na Antiguidade / quando um forte dilúvio / um mar estrondoso / destruiu a raça de gigantes / eles viviam em vaidade / aquele povo afastado do Deus eterno / que deu a eles como recompensa este castigo final, um dilúvio arrebatador.*" Outra referência no poema descreve: "*Os gigantes que por muito tempo lutaram contra Deus*". Os traços Luciferianos nessa descrição são absolutamente surpreendentes.

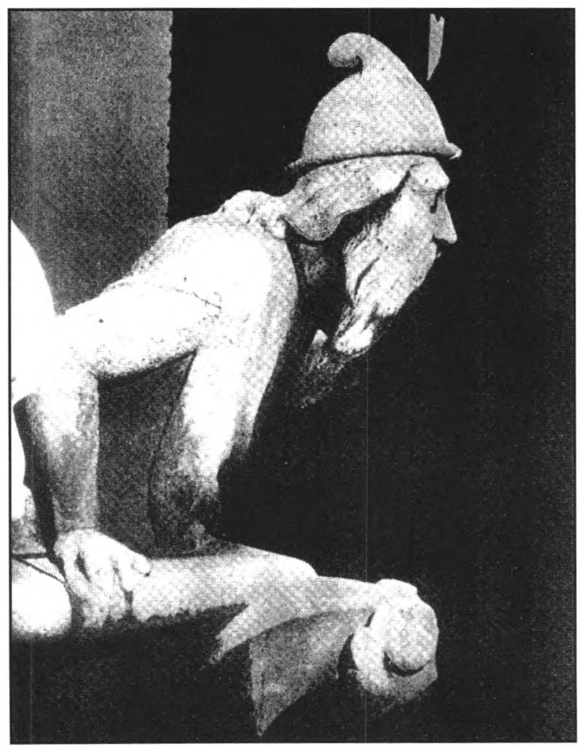
O mais famoso da raça de gigantes era Loki, conhecido como o "criador de trapaça" e o Senhor da Desordem. Ele era o deus do fogo metamórfico e andrógino, considerado pelos cristãos como um protótipo de Satã ou Satanael. Isso porque ele era considerado o culpado pela chamada "guerra no Céu" entre os Deuses e a raça dos gigantes de gelo. De acordo com a ocultista russa e fundadora da Sociedade Teosófica Madame Helena Blavatsky, o nome Loki vem de uma antiga palavra "Liuhan", que significa "iluminar". Ela alega que, como um deus do fogo e luz, ele é idêntico a Lúcifer, o portador da luz. (1893: Volume II: 296)

Loki é o pai do lobo cósmico Fenris, a serpente de Midgard que circula a Terra (também conhecida como a Serpente do Mundo), a deusa do mundo subterrâneo Hel e a mãe do cavalo sobrenatural com oito patas de Odin, Sleipnir, que pode viajar entre a Terra e o mundo subterrâneo. Dizem que pelo menos uma tradição da magia tradicional hoje venera a Serpente do Mundo como uma de suas divindades. Veja *Water Witches,*[10] de Tony Steele. (Capall Bann, 1999) Na mitologia nórdica, Loki freqüentemente causa problemas para os Deuses, mas seu papel principal é na morte do deus da luz Baldur. Isso ocasiona o Ragnarök ou Crepúsculo dos Deuses, mas o mito diz que alguns Deuses renascerão após esse cataclisma cósmico, e uma nova Terra será criada e repovoada por humanos.

10. N. T.: Rabdomantes.

Na guerra no Céu entre os Aesir e os Vanir, a deusa Freya foi raptada de Asgard, lar dos Aesir, no qual ela permanecia com os gigantes de gelo. Como resultado, a natureza foi virada de ponta-cabeça, as estações foram invertidas e as plantações apodreceram nos campos. Mesmo o Sol e a Lua se recusaram a brilhar no céu. Os Vanir eram os deuses da fertilidade da família e da terra, e foi sugerido, assim como nos outros mitos similares em outras culturas, que essa é parte do processo em que os Deuses Antigos se tornam os demônios da nova religião, que substitui a adoração deles. Tanto os gigantes de gelo quanto os Titãs foram transformados em demônios, ao passo que novas entidades eram apresentadas para substituir os Deuses Antigos dos tempos remotos. A mesma coisa aconteceu quando o Cristianismo tomou o lugar das religiões pagãs.

Blavatsky referiu-se especificamente aos Titãs como os anjos caídos. Ela os descreveu como os criadores ou arquitetos dos mundos e os



O Alquimista na Catedral de Notre Dame, Paris

progenitores da raça humana. Como anjos caídos, ela os descreve como "espelhos legítimos da Sabedoria Eterna" (1893 Volume II: 543). No entanto, rejeita completamente as alegações feitas pelos teólogos cristãos de sua época de que os Titãs são demoníacos ou associados a Satã. Aliás, ela descreve tais alegações como "uma conspiração de difamação" (Volume II: 369). Blavatsky vai além e afirma que Lúcifer era "*a mais alta sabedoria oculta, espiritual e divina da Terra – que é naturalmente contrária a toda ilusão evanescente, terrena, dogmática ou até mesmo a uma religião eclesiástica*" (Volume II: 394).

O que foi citado anteriormente deve ser entendido à luz da interpretação secreta dos mitos antigos do Dilúvio, ou Grande Enchente, que é um mito universal encontrado em culturas por todo o mundo. Sólon, o Grego, aprendeu com a classe sacerdotal egípcia em Sais, a cidade no delta do Nilo da deusa Neith, que: "Aconteceram muitas destruições da humanidade, e muitas outras acontecerão. As maiores são pelo fogo e pela água, mas além dessas existem outras menos destruidoras". O Universo de espaço, tempo e matéria passa por reabsorções cíclicas e periódicas nas águas disformes do não revelado. Isso está de acordo com os "Solstícios dos Deuses" no "Grande Ano" da precessão ou platônico de 25.950 anos solares.

O sábio caldeu Beroso descreveu em detalhes a doutrina da dissolução cíclica no século III a.C. Em seu trabalho *Babyloniaca,* ele afirma que, quando todos os sete planetas estão em conjunção no signo do Caranguejo (Câncer), as águas consomem o mundo. Quando os corpos celestiais estão alinhados da mesma forma no signo do Bode (Capricórnio), o Cosmos inteiro é devorado pelo fogo. De acordo com essa visão, existiram incontáveis raças humanas antes da espécie atual. Muitas outras virão depois da nossa espécie, quando o mundo é absorvido e ressurgido, de acordo com as evoluções rítmicas e inexoráveis do Círculo da Necessidade astral. Essa é uma dança de roda interminável de dissolução e criação se intercalando infinitamente.

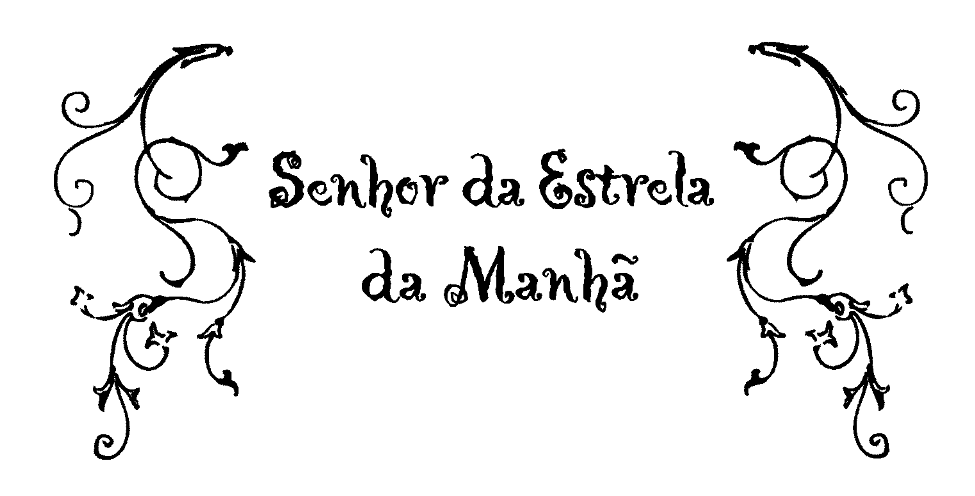
As chaves emblemáticas sobre a escatologia mística do Dilúvio consistem na compreensão de que, para os antigos, as águas que antecedem a criação do não revelado – o Tehom hebraico, o Nun egípcio e o Abzu babilônio-acadiano – são a matriz nula do espaço puro. A partir dessa matriz, a ordem mundial cósmica emerge periodicamente. É, portanto, o

fundamento supremo, insondável, vazio, inconcebível, mas, não obstante, é também o terreno imprevisível do Ser, a fonte incognoscível. Esse é o significado do símbolo egípcio Mau, que quer dizer "águas, ou mar". Como o hieróglifo místico do Dilúvio, ele consiste de três hieróglifos Nun, simbolizando a nulidade do Céu (Pet), Terra (Ta) e o Mundo Subterrâneo (Duat), e a base essencialmente nula do Universo triplo. O mesmo significado é expresso pelo símbolo primordial canaanita Mayyuma e a letra hebraica Mem. Eles são símbolos tipológicos da nulidade plena do oceano das águas abissais de espaço vazio; o firmamento do grande mistério; a "Grande Noite dos Deuses", a renovação e preservação perpétua da Revelação Divina dentro do Mar da Nulidade.

A transmissão do Grande Segredo inextingüível através de cataclisma e destruição sem-fim, a teofania eterna da Sabedoria que não pode morrer, é simbolizada pela letra hebraica Nun. Ela é interpretada como o símbolo do Peixe, o emblema da redescoberta e da renovação pós-diluviana dos Mistérios Divinos, e foi empregada nesse contexto esotérico pelas seitas gnósticas por volta do século I d.C. e até antes. O símbolo Ictus dos primeiros cristãos representava essa regeneração da gnose pura, e Eliade pertinentemente comentou sobre a valência mítica do "peixe" e do "pescador" e que esses símbolos possuem uma "... relação com a 'revelação', ou a passagem de uma doutrina do estado de esquecimento ou 'eclipse' para o estado de manifestação total." Essa revelação é a visão irradiada da Xvarenah do Humano de Luz transcendente, a revelação da nossa divindade inata e autoluminosa do esplendor imutável da Mente Divina.


IAΩ
Capítulo
IV





Senhor da Estrela da Manhã

"A unidade de Deus é tanto Luz quanto Vida."
Hermes

Na Bíblia, existe apenas uma referência explícita ao arcanjo e ser celestial conhecido popularmente como Lúcifer. Em Isaías 14:12, o profeta diz: "*Como caíste do céu, ó Lúcifer, filho da manhã*". Essa frase tem sido vista por alguns estudiosos bíblicos como uma referência a um rei da Babilônia e sua queda do poder. Hoje o nome Lúcifer se tornou intercambiável com o demônio cristão Satã, mas uma análise cuidadosa desse ser divino sugere que ele tem pouco ou nada a ver com esse conceito dualístico de mal cósmico. Como Aleister Crowley disse: "*Essa serpente, Satã, não é o inimigo do Homem, mas Ele que fez Deuses de nossa raça, conhecendo o Bem e o Mal; Ele ordenou 'Conhece a Ti Mesmo!' e ensinou a Iniciação*" (*Magick in Theory and Practice*).[11]

Uma visão alternativa de Lúcifer também pode ser encontrada em *Aradia: o Evangelho das Bruxas,* compilado pelo folclorista americano na década de 1890. Uma bruxa toscana chamada Maddalena supostamente forneceu o material desse livro para Leland e alegou seguir tradição familiar hereditária no norte da Itália. Essa tradição de magia parece ter sido uma combinação rica do paganismo etrusco e romano ainda existente e de magia popular revestida com um toque de Cristianismo e elementos gnósticos. Essa tradição é única se a compararmos com a Wicca moderna em seu

11. N. T.: Magia na Teoria e na Prática.

ponto de vista anticristão, com Cristo e a Virgem Maria sendo rejeitados como "falsos deuses". No *Evangelho,* a bruxa é enaltecida a dizer aos membros do clero que "*Seu Deus, o Pai e Maria são três demônios (...) porque o verdadeiro Deus, o Pai, não é o seu*".

No primeiro capítulo do livro, é contada a história de como a deusa clássica romana da Lua e da caça Diana engravidou e deu à luz uma filha chamada de Aradia ou Herodias. É assim contado: "*Diana amava muito o seu irmão Lúcifer, o deus do Sol e da Lua, o deus da luz* (esplendor), *que era vaidoso por sua beleza, e que pela sua vaidade foi expulso do Paraíso. Diana teve com seu irmão uma filha, a quem eles deram o nome de Aradia* (ou também Herodias)". A missão de Aradia era encarnar na terra e ensinar aos camponeses oprimidos pelo sistema feudal as artes mágicas, para que eles pudessem combater os nobres corruptos e os padres maldosos. Nas palavras de Diana para sua filha: "*É verdade que você é sem dúvida um espírito, mas você nasceu para se tornar uma mortal novamente. Você deve ir à Terra abaixo e ser uma professora para mulheres e homens que têm anseio de estudar bruxaria em sua escola.*"

Diana diz a Aradia que ela nunca será como a "filha de Caim" ou os Judeus e ciganos que vagam pela Terra. Curiosamente, o *Evangelho* também possui uma conjuração de Caim, que dizem estar preso na Lua. Na tradição esotérica, a Lua é observada às vezes como o lugar aonde os espíritos dos mortos vão, como uma escala para o mundo espiritual. Caim é descendente de Vigias e aqui ele é intimamente associado tanto a Lúcifer quanto a uma deusa da Lua pagã em um mito que é uma variação da história dos anjos caídos.

O *Evangelho* também inclui um mito de criação, envolvendo Diana e Lúcifer, que possui alguns aspectos gnósticos impressionantes e elementos sobre Vigias. Ele afirma que Diana foi criada antes de toda a criação e "nela estavam todas as coisas". A partir dela mesmo, as trevas iniciais, ela se dividiu em luz e trevas.

Lúcifer, descrito como seu irmão, filho e outro eu, era a luz. Quando Diana viu a luz, esta era tão bonita que Diana imediatamente se apaixonou por ela. A deusa queria receber a luz de volta dentro dela e tremulava de desejo. Esse desejo foi a aurora. Infelizmente, Lúcifer, como um rato diante de um gato, fugiu dela.

De acordo com o *Evangelho*, Diana foi consultar "os pais e as mães do Começo". Eles são descritos como "os espíritos que existiam antes do primeiro espírito", soando como versões dos Deuses Antigos. Eles disseram a ela que, para conquistar o coração de Lúcifer, ela deveria descer à Terra e se tornar uma mulher mortal. O *Evangelho* prossegue dizendo que, depois que a Terra foi criada e Lúcifer caiu do Céu, Diana encarnou em forma humana. Ela ensinou magia e feitiçaria "às crianças da Terra". Dos ensinamentos dela, surgiram todas as bruxas e também as fadas e os duendes.

Naquela época, Lúcifer tinha um gato de estimação que ele amava sobre todas as outras criaturas e dormia com ele em sua cama todas as noites. Diana mudou sua forma para a forma do gato e engatinhou para a cama de Lúcifer. Uma vez na cama, ela voltou para forma humana e fez amor com ele. Quando Lúcifer acordou de manhã, ele percebeu o que tinha acontecido e que a luz tinha sido conquistada pelas trevas. Ele ficou muito bravo, mas a deusa o acalmou com um feitiço poderoso chamado *Canção da Noite*. Ela cantarolou a canção com os lábios fechados, parecendo um zunido de abelhas, um peão ou uma roda de fiar. E Diana esticou todas as vidas dos homens em sua roda de fiar (A Roda da Fortuna no Tarô), e era o encantado e fascinado Lúcifer que rodava a alça.

Uma versão levemente diferente da descrita é dada pelo mago hermético do século XVI Giordano Bruno, que foi martirizado pelas suas crenças pagãs pela Inquisição em 1600. Ele disse: "*Não é possível ver o Sol, o universal Apollo, luz pura, em sua melhor e mais alta forma. É possível, no entanto, ver a sombra dele, a Diana dele, o mundo, o Universo, a natureza, que está dentro das coisas* [o anima mundi ou 'espírito do mundo'], *que é a luz dentro das trevas da matéria, brilhando nas trevas.*" (citado em Couliano, 1987:75-76)

Poucos Wiccanos modernos que leram o livro de Leland indagaram sobre por que as bruxas italianas do século XIX deviam aceitar Lúcifer – identificado como o Satã na demonologia Cristã – como o companheiro da deusa bruxa Diana e o pai de Aradia. Na verdade, Aradia foi um dos nomes da deusa usado originalmente na Wicca Gardneriana. Uma resposta possível é que neo-pagãos e Wiccanos modernos são extremamente paranóicos sobre qualquer coisa que possa arruinar a imagem pública

de "luz branca" deles, por associar suas tradições com algo popularmente percebido como "Satânico" ou de "adoração demoníaca". Ainda, em alguns círculos tradicionais de magia, Lúcifer é venerado com o salvador e redentor da raça humana.

A tradição Luciferiana tem pouco em comum com a heresia cristã do Satanismo, especialmente em suas manifestações juvenis, em nossa sociedade moderna. Na mitologia hebraica, um satã era um anjo tentador menor enviado por Javé para testar a fé das "pessoas escolhidas". No *Livro de Jó,* Satã é descrito como um dos "filhos de Deus" (anjos), e ele aparece diante do trono de Deus com todos os outros. Javé envia Satã para a Terra para testar Jó e ver se ele iria amaldiçoar seu Deus (2:3-6). No *Novo Testamento,* Satã aparece para tentar e testar Jesus durante sua provação iniciática no deserto. Considerando a verdadeira identidade do Cristo, Satã e Lúcifer são necessariamente duas entidades diferentes.

Foi somente com o estabelecimento político da Igreja em seus primórdios e sua demonização dos antigos deuses pagãos que Satã é confundido com o mito do anjo caído. Esse mito tomou como bases as idéias dualísticas do Zoroastrismo e a heresia Maniqueísta sobre a luta entre as forças da luz e os poderes das trevas. Ele criou uma personificação satânica de mal cósmico que, às vezes, na Idade Média parecia mais poderosa que o próprio Deus. Lúcifer não é uma figura satânica que conduz a humanidade para a tentação e o mal. Ele é o "guardião do Tempo e da Eternidade" e "*o anjo de Deus* (que) *se rebelou contra a ordem cósmica estática e estabelecida e colocou em movimento as forças da mudança e evolução que também implicam morte e destruição.*" (Flowers, 1990: 43-44) Madame Blavatsky o descreveu como "*a entidade angelical regendo sobre a luz da Verdade como se fosse sobre o dia de luz*". Ela ainda diz: "*Lúcifer, ou Portador da Luz, está em nós; é a nossa mente, nosso tentador e redentor, nossa inteligência e salvador do animalismo puro*" (1893, Volume II: 539-540). Ele é o primogênito da criação, o Logos Solar, a energia fálica do Sol que vitaliza e sustenta a Terra.

É possível que Lúcifer possa ter surgido em Canaã como Shahar, o deus da Estrela da Manhã. Ele tinha um gêmeo chamado Shalim, que também era Vênus, mas como a Estrela Vespertina. Esses gêmeos divinos

representavam a luz solar na aurora e no crepúsculo e seu ciclo de (aparente) morte e renascimento a cada dia. Eles eram os filhos da Grande Deusa Mãe, Asherah, e há evidência arqueológica de que sua adoração foi adotada pelos hebreus. O Velho Testamento tem diversas referências à adoração da deusa como a Rainha do Céu em santuários construídos em colinas e em bosques sagrados. Sugeriu-se que ela foi por um período considerável a consorte de Javé, embora a ortodoxia se esforce em dizer que, após Moisés e o incidente com o Bezerro de Ouro, os Israelitas tornaram-se monoteístas fervorosos.

No mito canaanita, Shahar, o Senhor da Estrela da Manhã, foi lançado do Céu na forma de um raio, que fertilizou a Mãe Terra. Ele foi associado ao deus da tempestade assírio-babilônico Zu, que foi punido por ter roubado as Tábuas do Destino. Estas foram dadas pela Grande Deusa Mãe Tiamat para seu primogênito, o pai dos Deuses. Zu planejava usar os oráculos divinos para dominar os espíritos ou deuses do Céu. A própria Tiamat era conhecida como a "rainha dragão". Ela foi gerada nas profundidades do oceano e deu origem a uma raça de homens-serpentes. Serpentes sempre foram associadas a Lúcifer e aos anjos caídos.

Como o arauto do amanhecer, Lúcifer pode ter sido o filho/amante da deusa do amanhecer Aurora, que era conhecida por muitos nomes nas culturas indo-européias. Ela foi a filha do acasalamento de um Titã e a Mãe Terra. Os gregos representavam o arauto do amanhecer como um jovem radiante cruzando o céu da manhã em um cavalo branco. Seu gêmeo das trevas, Vênus como a Estrela Vespertina, anunciava a "morte" do sol no crepúsculo. Entre eles, existe o mistério eterno do balanço cósmico entre luz e escuridão que se encontra no centro da criação.

O mito do Velho Testamento do Jardim do Éden e de como a primeira mulher e mãe da humanidade foi supostamente seduzida pela serpente perversa foi também usado pelos padres da Igreja em seus primórdios para desonrar Lúcifer e taxá-lo como Satã. Durante a caça às bruxas na Europa, teólogos tentaram dar explicações sobre o número de mulheres acusadas dizendo que, "*como o Diabo, já que ele primeiro tentou Eva, era propenso a oferecer seus Engodos a tais paladares, pois elas são mais desejosas em experimentar Frutos proibidos; e mais negligentes em Questionar a Natureza daquilo que elas Engolem*"

(Richard Bovet 1684). A doutrina Católica medieval também acusava as mulheres, especialmente aquelas que eram acusadas de bruxaria, de terem relações com íncubos ou demônios masculinos. Isso novamente se associa à lenda dos Vigias e sobrevive hoje no folclore como os "casamentos de fadas" entre humanos de ambos os sexos e o Povo Bom.

Embora a serpente no mito edênico geralmente fosse identificada com Satã e lembrada como uma criatura maligna, em muitas sociedades não-cristãs, ou que existiram antes do Cristianismo, a serpente não era vista sob esse ponto de vista. Como veremos mais tarde neste livro, quando examinarmos o mito do Jardim do Éden mais detalhadamente, os gnósticos consideravam a serpente como a encarnação do conhecimento, da sabedoria e do esclarecimento. Ao contrário de ser uma criatura maligna, ela era vista como uma libertadora que "abriu os olhos" de Adão e Eva para a realidade do Universo e de suas maravilhas.

A serpente é um símbolo antigo para o poder fálico solar, que é associado a Lúcifer. Quando Adão e Eva perceberam que estavam nus e correram para cobrir seus genitais, eles se tornaram conscientes do "poder da serpente", que pode ser criado pela relação sexual e outros atos sexuais não reprodutivos. Se for controlada por um mago experiente, a serpente ou a força sexual pode ser usada para fins mágicos e como um auxílio para alcançar a gnose ou o autoconhecimento. Esse foi também o começo do ciclo de nascimento, vida, morte e renascimento, pois "*com a procriação a morte veio, mas claro que sem morte não há mudanças nem evolução. Então a abertura do portão da morte, o ato de 'afundar na matéria', era um passo necessário para ligar o homem ao fluxo por meio do qual o Paraíso pode ser recuperado. Mas dessa vez a humanidade vai fazer isso de forma consciente e de própria vontade, ganhando então vida e sabedoria eternas. Dessa forma, o homem, verdadeiramente, tornar-se-á seu próprio deus*". (Flowers, 1990:56)

O mito do Éden, Eva e a serpente é também o mito da Queda humana, que é o fim da "Era de Ouro" inicial de harmonia cósmica e a inocência original que pode ou não ter existido. É a destruição simbólica de um paraíso terreno ou de outro mundo no qual animais e humanos viviam juntos, em paz e contentamento, falando uma língua universal. Em termos

Xamânicos, isso é chamado de a Grande Separação, quando os humanos não sabiam ou não entendiam mais como falar a língua dos animais. Ele intimamente se iguala e está conectado com a Queda de Lúcifer do Céu para se tornar o Senhor Deste Mundo. Foi a intervenção deliberada dele na evolução humana em desafio à ordem cósmica, e não por qualquer pecado de vaidade ou tentativa de usurpar a autoridade divina, que o fez cair em desgraça. O único crime de Lúcifer e seus anjos caídos foi querer ajudar a humanidade a progredir tanto espiritualmente quanto materialmente.

O líder dos Vigias ou anjos caídos era Semyasa ou Azazel – "separado de Deus". O nome dele aparece no Velho Testamento e está associado ao bode expiatório sacrificado como uma "oferta pelo pecado" por Arão e lançado ao deserto para morrer. Por esse sacrifício, o bode era oferecido a Azazel e levava os pecados da tribo.

O sacrifício é descrito com certo detalhe. Dois bodes eram escolhidos, e era tirada a sorte para escolher um para Javé e um para Azazel. O animal escolhido para Javé era morto, mas o bode de Azazel, o bode expiatório, era solto no deserto onde supostamente o anjo caído residia com seus demônios em forma de bode, os Seirim. Antes de ser mandado para o deserto, Arão, como sumo sacerdote, colocava suas mãos sobre a cabeça do bode e confessava todos os pecados dos israelitas. No *Livro de Enoch*, Semyaza-Azazel foi acusado por Javé de revelar para a humanidade "todas as coisas secretas que estão no Céu". Por causa desse crime, Azazel foi expulso do Céu e deixado para vagar pelo mundo.

Azazel foi uma forma inicial do rei de sacrifício ou divino que tinha de morrer para que a terra pudesse ser tratada e fertilizada. O simbolismo do rei sagrado é muito antigo e poderoso. Originalmente, o detentor do cargo morreria ao fim do seu reinado predeterminado. Ele simbolicamente se acasalava com Soberania, ou a deusa da terra, no "casamento sagrado" antes de ser ritualisticamente morto, e seu sangue era usado para fertilizar as plantações. Um exemplo famoso do rei sagrado foi o guardião do bosque sagrado de Diana na Itália clássica. Conhecido como Rex Nemorensis, ou "Rei da Floresta", ele tinha de lutar com um desafiante ao seu cargo a cada sete anos para ter a posse do célebre "ramo de ouro" de uma árvore de carvalho no bosque.

Nas demonologias hebraica e árabe, Azazel era conhecido como o pai dos djinns ou jinns (espíritos), que geralmente se acreditava que moraram nas regiões áridas e desertas. Como vimos, ele também era o líder dos Seirim. Estes eram demônios na forma de sátiro ou meio humano e meio bode. Não é coincidência que uma das formas tomadas pelo Deus Cornífero no sabá das bruxas era a de um bode preto. É também uma das diversas formas tomadas pelo Baphomet, o deus supostamente adorado pelos heréticos Cavaleiros Templários que, de acordo com o que se acredita, obtiveram informações secretas do antigo "conhecimento proibido" dos hebreus e árabes no Oriente Médio.

No que diz respeito ao Igrejismo, um dos maiores crimes de Azazel-Lúcifer e dos anjos caídos foi ensinar para as mulheres as artes mágicas. Os Vigias escolhiam fêmeas humanas como suas alunas na Arte porque Lúcifer sempre preferiu ensinar mulheres. Paul Huson disse: "*São os Vigias, os Poderosos dos Locais Celestiais, os pais dos gigantes e dos humanos também, como vistos em forma simbólica e arquetípica como os pais da humanidade, seja como mestres de sabedoria e amor ou simplesmente como poderes benevolentes de fertilidade e caça, que formam as entidades verdadeiras da bruxa*". Explicitamente, Huson afirma: "*Azael ou Azrael é um dos deuses modernos da bruxa*" (1970: 10-12).

O britânico Huson escreveu três livros muito bons sobre bruxaria, herbalismo e Tarô na década de 1970. Enquanto viveu nos Estados Unidos, ele se tornou um roteirista em Hollywood e, supostamente, fundou vários covens, que permaneceram secretos. Ele foi, conforme o que algumas pessoas alegam, um iniciado de uma tradição inglesa de magia que tinha uma linhagem do século XVI. Parecida com grupos existentes, conhecidos pelos autores, ela combinava magia tradicional com magia cerimonial e uma filosofia gnóstica Luciferiana. O fato de Huson, em seu livro sobre a Arte, recomendar aos aspirantes a Magos que recitassem o Pai-Nosso ao contrário como parte da iniciação solitária deles causou alguma controvérsia. Isso e o conteúdo mágico do livro levaram alguns Wiccanos ignorantes e intransigentes a condenar a publicação como "Satânica". Na verdade, tudo o que Huson estava fazendo era desprogramar culturalmente o pretenso iniciado e quebrar os grilhões que o prendiam ao condicionamento cristão de sua infância. Isso é relativamente uma técnica gnóstica



Roda da Fortuna

legítima. Com toda essa confusão, os comentários perceptivos de Huson sobre os Vigias e o importante papel deles na bruxaria tradicional foram amplamente negligenciados.

Huson mencionou a tradição Cabalística em que Naamá, a irmã de Tubalcaim, seduziu Azazel. Naamá era associada à filha ou à forma mais jovem da deusa sumério-hebraica da Lua negra Lilith. Ela também era associada a outras deusas médio-orientais, incluindo Ishtar da Babilônia, Innana da Suméria e Astarte da Fenícia. Seu irmão Tubalcaim é descrito como "*um artífice de cobre e ferro*" (Gênesis 4:22). Em termos lendários, ele é um dos avatares de Azazel-Lúcifer e um dois reis sacerdotes da linhagem de seu ancestral Caim (Fesold 1990:69). Huson identifica Tubalcaim e Azazel com o deus sol babilônico Shamash em sua aparência do mundo subterrâneo como o Senhor das Riquezas e o Artífice de Metais.

Na magia angelical moderna, Azazel ou Azrael é o regente do recém-descoberto (1930) planeta Plutão, o deus romano do tesouro escondido e do mundo subterrâneo, e ele é também o Anjo da Morte. No *Livro de Enoch*, Azazel é descrito como o anjo caído que fez espadas e outras armas para os humanos. Essa é uma imagem de Vulcano/Wayland do forjador de metais que fabrica as armas dos Deuses. Curiosamente, Azrael também ensinou para as mulheres a arte dos cosméticos. Ele parece estar associado ao "encanto" mágico da atração sexual usado pelas bruxas no correr dos séculos e, pelo seu relacionamento com Naamá, a figura da mulher fatal.

É consideravelmente óbvio que, nas histórias dos anjos caídos, no Jardim do Éden e no Dilúvio estamos lidando com mitos alegóricos que antecedem a religião hebraica. Sabemos que eles constituíram sua mitologia adotando elementos de outras culturas semitas no Oriente Médio antigo, que eles encontraram e conquistaram ou por elas foram conquistados. Personalidades do Velho Testamento, como Moisés e José, parecem ter sido iniciados das escolas de mistérios egípcias, e os exílios dos hebreus no Egito e na Babilônia os colocaram em contato com outras mitologias. Os hebreus também adotaram a adoração de vários "deuses estrangeiros" em Canaã, e há várias referências sobre esse fato no Velho Testamento. Mesmo o termo Elohim, usado para descrever Javé no Gênesis, é uma palavra no plural que significa "os Deuses" ou "Deuses e Deusas". A

versão confusa do mito da criação dos hebreus deixa claro que o primeiro homem e a primeira mulher lendários foram feitos à imagem dos Deuses. Como já vimos, os hebreus copiaram, inclusive, o conceito de anjos de fontes caldéias, assírias, sumérias e egípcias.

No Cristianismo esotérico (ou seja, a forma verdadeira da crença cristã que a Igreja tem tentado reprimir, censurar e perseguir no decorrer de séculos manchados de sangue), Lúcifer representa um papel interessante e único como uma suposta figura satânica do mal. Uma lenda, documentada no romance sobre o Graal do século XIII intitulado *Parsifal*, alega que o Santo Graal, o cálice usado na Última Ceia por Jesus, foi entalhado a partir de uma esmeralda que caiu da testa ou coroa de Lúcifer durante a guerra no Céu. Supostamente, ou essa pedra foi trazida para a Terra por anjos rebeldes que foram banidos do Céu por não apoiar o lado de Deus ou ela "caiu como um meteorito" enquanto Lúcifer estava lutando com São Miguel. Essa pedra verde alegadamente pertenceu ao Rei Salomão, o filho do Rei Davi e uma personalidade importantíssima na tradição Maçônica e Templária. Depois ela chegou a José de Arimatéia, um mercador rico, que era o tio e o pai adotivo de Jesus depois da morte de seu velho pai. José é descrito como um comerciante de metais e um "artífice de metais", e foi a pessoa que entalhou a esmeralda Luciferiana, transformando-a em um cálice que ele deu para o seu sobrinho.

O Novo Testamento descreve como um centurião romano golpeou a parte lateral do corpo de Jesus com sua lança enquanto ele estava sendo pregado à cruz. Sangue e água fluíram abundantemente da ferida. Esse é o tão chamado *sang rael* ou "sangue sagrado", e ele simbolicamente representa a linhagem hereditária de Jesus. A lança usada para matar Jesus como o bode expiatório ou rei divino sacrificado não era uma arma comum. Supostamente, ela era o símbolo oficial do rei judaico e pertenceu a Salomão. Tubalcaim, cujo nome significa "lança" ou "arpão", tinha forjado a cabeça daquela lança com ferro de meteorito. O antigo clã de Caim, conhecido popularmente como "o povo do fogo", era composto de ferreiros hereditários e sacerdotes sacrificatórios da Grande Deusa do Oriente Médio. Eles eram também chamados de "os bons pastores", título dado aos deuses da vegetação sacrificatórios da região. Eles incluíam Adônis, Átis, Baal, Tamuz, Osíris e Jesus. (Walker, 1983: 132-134)

Diz-se que, quando a esmeralda caiu da testa de Lúcifer, ela deixou uma cicatriz. Essa era a também conhecida "Marca de Caim", que pode ser vista nas auras daqueles que possuem o antigo "sangue bruxo" ou "sangue élfico". Esses indivíduos são aqueles que são física ou espiritualmente (por encarnação da alma através de vidas passadas) descendentes dos Nephilim nascidos a partir dos casos amorosos entre os Vigias e os humanos. A Marca de Caim foi dada ao primeiro assassino por Javé para protegê-lo de outros seres humanos. Ela também tem o objetivo de separar Caim e seus familiares do resto da raça humana (Gênesis 4:15).

O mestre de bruxaria moderna Andrew Chumbley, do clã tradicional de bruxaria do Cultus Sabbati, que segue um mito Cainita, declarou que, por meio da gnose Luciferiana: "*A humanidade poderá incorporar a verdade do Absoluto e então chegar ao estado de Unidade Divina*". Ele acrescenta que "*escondida dentro do mito [da Queda, Lúcifer e os filhos de Caim] há uma doutrina iniciática a respeito da natureza da Divindade e da evolução do homem.*" (1996:70-71) Esses comentários são baseados na crença esotérica de que o próprio progresso de Lúcifer está tão proximamente alinhado à evolução humana por meio da intervenção dos Vigias que a descoberta pessoal do Graal, em um sentido metafísico no nível interior, terá uma repercussão profunda tanto no nosso progresso espiritual quanto na redenção e restauração dos anjos rebeldes aos seus lugares de direito na ordem cósmica.

Nós percorremos um longo caminho desde a história de amor entre Diana e Lúcifer até os simples camponeses, que iniciaram este capítulo. Talvez não, pois, apesar de parecer simples, a história encapsula o mistério cósmico da "luz nas trevas" que está no centro do mito dos Vigias. Nos textos da medieval Ordem da Rosa-Cruz ou Rosa-cruzes, está escrito que a luz e as trevas são idênticas. Elas só podem ser divididas pela mente humana, que as transforma em dualidades opostas. O alquimista, astrólogo e Cabalista do século XVII Robert Fludd disse: "*As trevas receberam a iluminação para que pudessem fazer-se vistas*". Infelizmente, a Igreja jamais compreendeu esse fato simples e criou uma fé sobre uma falsa dualidade a partir dos ensinamentos de seu fundador, que resultou na morte brutal de qualquer um que ousasse contrariá-la.

Madame Blavatsky, referindo-se às doutrinas do ocultismo ocidental, alegou que "*As trevas são a única realidade verdadeira, a base e a*

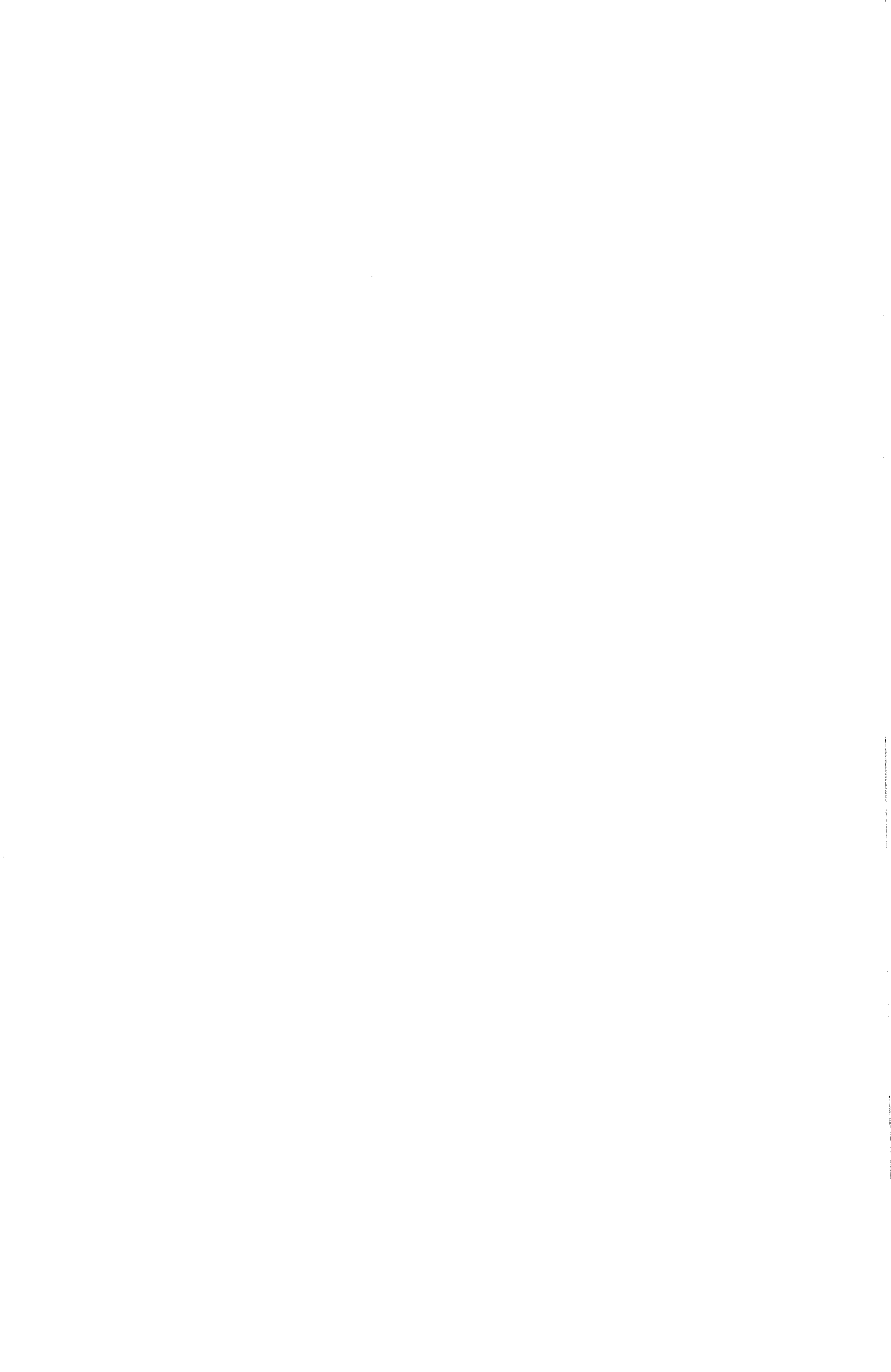
raiz da Luz, sem a qual essa última jamais poderia se manifestar, nem mesmo existir. A Luz é a matéria e as Trevas são espírito puro. As trevas, em sua base radical e metafísica, são Luz subjetiva e absoluta. Ao passo que a luz, em todo seu esplendor e glória aparente, é meramente uma massa de sombras, pois nunca poderá ser eterna e é simplesmente uma ilusão ou o Maya". (1893, Volume I: 99)

A tradição esotérica ensina-nos que, até encontrarmos o Graal, e é preciso deixar bem entendido que não se trata de um objeto físico nesse continuum de tempo-espaço, Lúcifer deve representar o seu papel de rei sacrificatório. Ele está condenado a encarnar em uma "capa de pele" como um avatar para a raça humana, e pagar o preço supremo, como um bode expiatório em favor da humanidade. Esse é o sacrifício supremo por ter sido o portador da luz que trouxe do Céu a iluminação da sabedoria gnóstica e o fogo original da criatividade. Lúcifer eternamente morre e é renascido no intuito de salvar a humanidade de si mesma. Conforme a raça humana progride espiritualmente, ele pode lentamente subir a Escada de Luzes de volta ao reino dos Deuses além da Estrela Polar. Ele é o Senhor da Estrela da Manhã e a *Lux Mundi* (Luz do Mundo), cujo renascimento da escuridão celebramos todos os anos no solstício de inverno.






ΙΑΩ
Capítulo
V





Fora de Espaço, Fora de Tempo

"Retirou-se Caim da presença do Senhor e habitou na terra de Node, ao oriente do Éden."

Gênesis 4:16[12]

Uma legítima compreensão dos mistérios dos Vigias ou dos Caídos e, conseqüentemente, da paternidade de seus descendentes gigantes depende do entendimento de certas doutrinas profundamente secretas. Essas doutrinas enunciam uma metafísica de liminaridade que define todo o Absoluto como o Outro, estando situada além de nossos horizontes terrenos humanamente condicionados de percepção e atividade mental. As águas primárias, representadas pela letra hebraica Nun, alongando-se de forma desconhecida em direção à infinidade perto da "bolha" finitamente delimitada do mundo-ilha, oferecem tal paradigma. Ele sugere o abismo antigo do firmamento oculto como a origem e a fundação de todas as coisas, a origem não manifestada do manifestado, de onde toda a criação surge e sobre a qual ela repousa.

Outra metáfora é aquela das Terras Despovoadas, a antiga terra incógnita, ou "terra oculta", cercando o Cosmos finito, um reino diferente da experiência normativa e totalmente contrária aos estados comuns de consciência. Elas são o domínio das bestas e dos espíritos, aquelas máscaras em forma de animais do Outro Lado do ser que são feições verdadeiramente não-humanas dos Antigos ou Deuses Antigos – os "Deuses de

12. N. T.: No texto original, o autor se refere ao trecho como sendo o capítulo 5. Diferente de todas as Bíblias pesquisadas no idioma original e em português.

Fora". No mundo da realidade visível, o uso de máscaras de animais em rituais tem sempre sido um método de conseguir contato com as formas atávicas de deus. Na tradição oculta e nas religiões antigas, os animais eram considerados como "as primeiras formas percebidas" da corrente primária de consciência que provêm de uma fonte extraterrena. Eles eram, na verdade, a forma primária das energias cósmicas ou "deuses", suas formas de deus prosaicas e a suposição, mais tarde, de que o uso dessas formas pelo homem foi um meio mágico de contatar o fluxo de consciência que primeiro penetrou este planeta a partir de "fora". (Grant, 1973:16-17) Isso sobreviveu na representação simbólica dos deuses antigos egípcios, em forma humanóide, mas com as cabeças de seus respectivos totens animais sagrados.

As Terras Desoladas são o lugar desconhecido pelos humanos habitado por demônios, espíritos e o Deus Antigo. Elas também são o vácuo imprevisível dos "espaços externos". Com isso, o ciclo anual de estações, conhecido como a Roda do Ano, encapsula uma execução repetida da re-emergência rítmica, o término e a renovação do mundo a partir daquele território incompreensível do Ser (o Primeiro Existente), a cúspide do Ano-Novo representa a re-absorção do Todo em Um. É o interstício liminar, ou vácuo vazio, que se abre além da temporalidade serial e as dimensões regionais no "tempo entre tempos". Não é coincidência que no uso popular os Doze Dias (o período entre o solstício de inverno/Natal e Ano-Novo) são marcados por celebrações desordeiras e anárquicas representando "Senhores da Desordem", transvestismo, doces ou travessuras, o uso de máscaras de animais e todas as formas de "ações abagunçadas". Essa "Grande Sensação de Não Ser Nem Uma Coisa Nem Outra" significa a negação absoluta e total dos limites condicionais, convenções e definição aparente entre este mundo e o Outro. É a destruição das divisões ilusórias entre estados de entidade na suprema Teose[13] e o Grande Mistério da magia antiga. Nessa divisa liminar, as fronteiras que usualmente separam vida e morte, passado e futuro, dentro e fora, humano e não-humano parecem ter desaparecido ou parecem que nunca tiveram uma realidade intrínseca. Há uma reversão ao estado original de não-dualidade do ser, a sublime fonte não manifestada de toda a manifestação.

13. N. T.: Absoluto com Deus.

O *Livro de Enoch* conta-nos que, depois da Queda, o anjo Azazel foi enviado para habitar o deserto mais distante, o deserto de Dudael, além do "limite do mundo". Esse é o exílio do excluído e do banido. E Azazel e seus companheiros demônios são concebidos como quem caracterizam a natureza da pura Diversidade, como "assombradores dos espaços externos". Isso é visto na oferta ritualística do bode expiatório sacrificatório para Azazel, que até o ano 70 d.C. era enviado na vastidão do deserto no Ano-Novo Judaico. As terras temíveis, quase literalmente as "terras erodidas e inférteis", que se situam "do lado de fora", desprovidas de presença humana, por comparação análoga são um exemplo perfeito do reino do deus com máscara de bode, o Cornífero, o Grande Vigia peludo das Terras Desoladas, com sua comitiva endemoninhada de entidades hirsutas, semi-animais, semi-homens, conhecidas como seirim ou "peludos".

Ligada a esse padrão metacósmico, encontra-se a antiga divisão da terra antiga do Egito – e por reflexo o Universo – em Kmt, a Terra Negra que é produtiva com as férteis lamas do Nilo e cultivada por humanos, e Deshret, a Terra Vermelha (Desher = vermelho), o deserto ao sul governado pelo Vermelho. Ele é o forasteiro ou estrangeiro divino Seth. Uma raça peluda de bode, conhecida como os serau, era sagrada para Seth e o ligava tanto com Azrael/Azazel quanto com o centro de adoração de bodes em Mendes. G. Hart menciona que Seth era acompanhado de bodes, sacrificados em Busiris, cujo sangue era derramado sobre a terra.

Seth, Set ou Sut significa quase literalmente "preto" e é, às vezes, chamado de "o negro" ou "o queimado". Essa é uma referência críptica dupla ao Egito, como Khem ou Khemu – "a terra negra" – e a fertilidade abundante nas margens do Nilo que permitiu que a civilização florescesse no deserto inóspito. Foi a partir de histórias medievais e propaganda cristã sobre o Egito Antigo como a terra de demônios e magos que recebemos nossos termos modernos "magia negra" e "bruxaria". A palavra "Alquimia" (al khem ia) também vem do velho nome para o Egito porque as ciências da Química e da Metalurgia eram praticadas lá desde tempos antigos. Seth também é conhecido como "o negro" ou "o queimado" porque representa simbolicamente o calor queimante do sol do deserto.

Uma análise dos símbolos e mitos acerca de Seth revela certos atributos e conexões Luciferianas interessantes. Para começar, acredita-se que ele é a divindade masculina mais velha no panteão egípcio. Isso é representado em um comentário no *Livro dos Mortos* egípcio, que declara: "*Os poderes de Seth, que pereceu, eram maiores dos que os poderes de todos os outros deuses*". Seth era o filho da deusa primária Sept, "sete", que era associada às sete estrelas da Ursa Maior, e dizem que nasceu na forma de um raio de luz. Sept é identificada com a deusa estrelar Nut ou Neith e aparece no livro *Apocalipse* como o dragão de sete cabeças. (Grant, 1973:226) O culto a Seth era realizado desde os períodos pré-dinásticos, e acredita-se que ele se desenvolveu na África. Os Sabeus, adoradores árabes dos deuses estrelares, supostamente o adulteraram. Por essa razão, Seth sempre foi considerado como o deus dos estrangeiros. Os sabeus adoravam a mãe dele, a Deusa das Sete Estrelas, e também seu filho Seth, considerado como a estrela-cachorro, Sírio ou Sothis. Tempos mais tarde, Seth tornou-se filho ou irmão de Ísis, e ela adotou Sírio como seu símbolo estrelar. Também foi sugerido que Thoth originalmente era Sírio e idêntico a Seth. (Grant, 1975:45 e 1972:60)

Seth é produto de uma partenogênese e não tem pai; portanto, ele é simbolicamente o primeiro arquétipo de bastardo e outra forma de forasteiro ou banido social. O centro do culto a ele era originalmente em Nebet, ao lado do Nilo, ao norte de Luxor, e governava o Alto, ou do sul, Egito. Ele era conhecido como o Senhor do Deserto, o deus do trovão e o regente dos metais. Na verdade, o minério de ferro era freqüentemente conhecido como "os ossos de Seth" e Nebet era o começo de uma estrada de abastecimento que conduzia as antigas minas de ouro no deserto. Os símbolos e as formas zoomórficas do deus são elementos importantes para a compreensão da sua natureza e atributos. Por exemplo, ele era associado ao signo de Capricórnio e, na astrologia egípcia, tal signo era chamado de a Casa de Seth. Seus outros símbolos incluíam o pentagrama reverso, ou invertido, conhecido como a Estrela de Seth, o hexagrama, chamado de Selo de Salomão, a estrela de sete pontas, que era o símbolo da Grande Fraternidade Branca e a deusa Ishtar, e a Cruz Tau.[14] Outros símbolos de Seth eram o pilar, ou menir,

14. N. T.: Também conhecido como a cruz em forma de T (da letra grega Tau) ou Santo Antônio.

Seth

simbolizando o *axis mundi* ou o pilar do mundo, a cimitarra, ou "espada curvada", e a segadeira. Um hieróglifo importante usado para representar Seth era a serpente com cabeça de leão, que simbolizava a união dos poderes lunares e solares. (Grant, 1973:12)

Seth ganhou uma imagem negativa, como o inimigo dos Deuses e humanos, mais tarde nos períodos dinásticos, e era considerado um oponente à dinastia solar de Osíris e seu filho Hórus. No entanto, seu culto recebeu um impulso, quando o Egito foi invadido pelos hicsos, chamados de "reis pastores", por volta de 1670 a.C. Eles associaram Seth com o seu deus tempestade da fertilidade Baal. Nesse processo, Seth ganhou duas esposas, Anat e Astarte (As – tar – te), do mesmo panteão. Quando os hicsos foram derrotados, depois de quatrocentos anos de ocupação, todas as imagens de Seth foram destruídas, e era proibido escrever ou pronunciar seu nome. Os hicsos adoravam Seth sob o nome de Sutekh, mas originalmente, como um "viajante nas terras desoladas", ele era adorado principalmente por caçadores nômades. Foi alegado que os sacerdotes de Seth eram originalmente astrônomos, o que se adequaria ao papel antigo dele como deus chefe do culto estrelar e também os arquitetos das "montanhas dos deuses estrelares" ou pirâmides. Se esse era o caso, então Seth teve um papel mais importante na história e mitologia do antigo Egito do que é sugerido por sua imagem posterior de uma personificação do mal.

Na mitologia egípcia, Seth é mais bem lembrado pelo seu papel na morte de Osíris. Ísis e seu irmão/esposo Osíris sentavam no trono do Egito pré-dinástico como os primeiros faraós. Nesse papel, eles eram sábios governantes e modelos culturais. Antes do reinado deles, diziam que as pessoas do delta do Nilo eram como bárbaros selvagens viciados em canibalismo e práticas sexuais pervertidas. Ísis e Osíris estabeleceram um código legal, construíram templos e apresentaram a forma correta de adoração aos Deuses. Osíris ensinou agricultura aos seus súditos e como fazer ferramentas para cultivar a terra para plantações. Ele também os ensinou a plantar vinhas para produzir vinho e plantar cevada para produzir cerveja. Aset ou Ísis instruiu as mulheres egípcias nas artes de fiar linho, tecer tecidos e moer cereais. Ela também era uma especialista nas artes

medicinais e passou seus conhecimentos para suas servas e sacerdotisas dos templos construídos pelo marido dela.

Por causa das ações civilizatórias, o povo egípcio amava seus governantes benevolentes e eventualmente eles foram deificados e adorados como seres divinos. O rival e irmão gêmeo de Osíris, Seth, no entanto, tinha inveja do sucesso deles e tramou para destronar o casal e tomar o trono. Em grego, Seth era conhecido como Typhon, que significa "orgulho". Ele supostamente conspirou com a Rainha da Etiópia e outras pessoas de dentro da corte para destruir Osíris. O deus negro secretamente mediu seu irmão e fez um esquife ricamente decorado que comportaria o rei perfeitamente. Quando Osíris retornou de uma viagem ao exterior, Seth organizou uma festa em sua homenagem. No banquete, ele disse que daria o esquife decorado de jóias para a pessoa que se encaixasse perfeitamente nele. Todos tentaram sem sucesso, até que Osíris se voluntariou e entrou no esquife. Imediatamente Seth e seus comparsas fecharam com força a tampa e a selaram com chumbo derretido. Depois jogaram o esquife no Nilo e Seth se tornou o novo governante do Egito.

Ìsis ficou obviamente devastada quando ouviu as notícias sobre o assassinato brutal do marido. Ela sabia que, se o corpo dele não fosse encontrado e enterrado com os ritos funerais adequados, seu espírito preso à terra não entraria no mundo subterrâneo. Em vez disso, seu espírito iria vagar pelo mundo mortal, como um espírito mundano. Ísis então partiu na busca do corpo de Osíris. Ela eventualmente encontrou o esquife na cidade fenícia de Tiro, onde ele tinha sido levado pelas águas e se alojado em uma tamargueira. A árvore tinha sido derrubada e constituía um dos pilares do palácio da rainha Astarte. Ísis tornou-se uma serva no palácio e eventualmente resgatou o esquive e o corpo do seu marido.

De volta ao Egito, ela colocou o corpo em um lugar seguro, mas Seth estava caçando um dia e o encontrou. Em sua fúria, ele desmembrou o cadáver do faraó morto e o espalhou em 13 pedaços pelo Egito. Em tempos antigos, isso era um ritual reconhecido quando um rei divino era sacrificado. Ísis viajou longe para achar cada parte do corpo e, em cada lugar que ela enterrava uma parte, construía um santuário. A décima terceira parte – o órgão reprodutor, conhecido popularmente como o Talismã de Seth –, nunca foi encontrada, por ter sido engolida por um peixe. Ísis fez uma réplica em ouro dele e enterrou essa representação do órgão sexual do marido em

Mendes. Seth é por vezes associado com o deus anão coxo e corcunda Hoor-paar-kraat e é descrito como "o órgão genital de Osíris".

Hórus, o filho de Osíris e Ísis com cabeça de abutre ou falcão, buscou vingança pela morte de seu pai. Ele e Seth lutaram pelo controle das Duas Terras do Egito. Em algumas versões, Hórus governava o Baixo Egito (o norte fértil) e Seth governava o Alto Egito (as regiões desertas ao sul). Seth foi finalmente derrotado e simbolicamente sofreu uma "queda" abaixo do horizonte (simbolizada pela cruz Tau), onde ele se tornou o Senhor das Terras Escondidas. De certa forma, ao matar Osíris, Seth fez com que o deus solar tomasse seu lugar como o deus negro do mundo subterrâneo.

Depois da "queda" de Seth, ele ficou associado ao inverno, à escuridão e à morte. Na verdade, o mito inteiro envolvendo Osíris, Seth e Hórus é uma história de luta entre a religião patriarcal solar e o antigo culto estrelar centrado na deusa. Sendo que a primeira tomou o lugar da segunda. É um clássico exemplo de como os deuses da religião antiga são degenerados e transformados em demônios da nova religião. O primeiro deus único de Horizonte Duplo foi dividido em dois, e Seth se tornou o duplo divino ou o gêmeo negro, o segundo em importância, de Osíris-Hórus. Seth tornou-se o Senhor do Ocidente (o sol poente ou morrendo), e Hórus era o Senhor do Oriente (o sol nascente ou renascido). Seth ou Sírio era conhecido como "a Luz na Escuridão" e, em alguns dos mais iluminados períodos da história egípcia, ele e Hórus eram adorados ao mesmo tempo. Eles eram unidos como Sut-har e representavam o primeiro deus do Horizonte Duplo como uma entidade. Dizem também que, nos ritos dos mistérios egípcios, o candidato era levado para dentro de um santuário interior, e um sacerdote sussurrava em seu ouvido a aterradora revelação de que "Osíris é um deus negro".

Referindo-se à "queda" simbólica de Seth, Albert Churchward, em seu livro *Origin and Evolution of Religion*[15] (1924), diz: "*Seth era considerado um líder caído das multidões angelicais porque ele tinha sido o primeiro na glória e no poder governante...*" Churchward, além disso, identificou Seth com o Anjo Pavão adorado pelos Yazidis. Ele lembra o fato de que os Yazidis acreditavam que "existe uma restauração,

15. N. T.: Origem e Evolução da Religião.

assim como uma queda", e o Rei Anjo será restaurado ao seu lugar de direito no Céu.

Seth também era conhecido como o "filho (ou sol) atrás do sol", "o sol negro" e o "sol da meia-noite". Isso se relaciona com o simbolismo do deserto, onde tanto ele quanto Azazel habitaram. Na Cabala, é a "*imensidão do tempo e do espaço que divide a sefirah Tiphareth (o centro solar) na árvore da vida da sefirah mais alta Kether*". (Grant, 1973:47) Tiphareth é a esfera da influência associada ao rei divino sacrificado, ou "filho de Deus", tal como Osíris, Jesus, etc. Kether é o local do Absoluto ou Deus Oculto além do Abismo. O ocultista do caminho esquerdo e chefe da Tifoniana O.T.O.[16] Kenneth Grant descreveu a extremidade do abismo como "*o Deserto Vermelho de Seth; a mesmíssima extremidade na direção da qual os Grandes Antigos têm guiado o espírito humano durante éons de tempo, na verdade, na direção da qual todos os sistemas verdadeiros de conhecimento oculto, místico, espiritual e mágico preparam para guiar seus aspirantes*". (1992:131)

A forma zoomórfica tomada por Seth sempre intrigou os egiptólogos. Ele foi descrito como "*uma besta estranhamente composta (...) ele tinha uma longa cauda aforquilhada posicionada rigidamente para cima, sua face tinha um focinho ou nariz curvado e estendido, e suas orelhas para cima, mas com pontas agudamente achatadas*". (Barratt, 1992:127) À primeira vista, ele não parece lembrar nenhum animal conhecido. Alguns analistas o viram como um burro, mas Grant diz que é um feneco ou raposa do deserto. Em hebraico, é a Shugal, a Uivadora do Deserto. Um outro animal relacionado a Seth é o camelo, como "o navio do deserto". Na cultura árabe, esse animal é símbolo da genitália feminina. Dizem que, quando o anjo negro Samael "desceu [à Terra] com seus bandos", buscou uma companheira como ele. Infelizmente ela tinha a aparência de um camelo. Expressivamente, o camelo também significa morte ou, mais propriamente, transmutação e, na demonologia Judaica, Samael é o anjo da morte.

A letra hebraica "Gimel" significa "camelo" e é atribuída ao décimo terceiro caminho ligando a sefirah na Árvore da Vida. Na realidade, ele

16. N. T.: Ordo Templi Orientis (Ordem do Templo do Oriente ou Ordem dos Templários Orientais).

marca o ponto de travessia para o Daath, ou Véu do Abismo, que leva a Kether, o Grande Não Manifesto em que o humano simples é transformado em Adam Kadmon, o Homem Celestial. Gimel é esotericamente ligada a Aleph e Beth. No Tarô, essas letras são associadas respectivamente com O Louco e O Mago. Para o não iniciado, essas duas cartas parecem ser opostas, mas o iniciado identifica as duas apenas como aspectos do mesmo estado de ser. Ao "atravessar o abismo", o explorador é transformado de uma simbólica criança inocente em um "tolo sábio". Ele ou ela é alguém cujos "olhos foram abertos", e eles se tornam um mago no sentido verdadeiro desse termo extremamente mal usado. Um dos símbolos menos conhecidos de Seth é a cruz com braços iguais em um círculo ou Marca de Seth ou a Marca de Caim. Ela representa "*a travessia mostrada pelo pólo ou axis setentrional, ou seja, a morte, a Passagem do Abismo*". (Grant, 1977:211)

Grant simbolicamente associou o Deserto de Seth com o deserto Gobi, na Ásia, mas sem se aprofundar no assunto (1999:41). De fato, o Gobi é supostamente o local ou entrada neste mundo para a cidade lendária e mítica de Shambhala. O também conhecido como Vale dos Imortais supostamente é uma região verdejante escondida no deserto ou no interior das montanhas cobertas de neve do Himalaia. No famoso romance e filme pré-guerra de Hollywood *Horizonte Perdido,* ele era chamado de Xangrilá, e esse nome veio a significar qualquer utopia ou paraíso terreno escondido do observador externo. Shambhala é um dos muitos mitos relacionados a cidades ou terras misteriosas que estão normalmente ocultas da visão humana ou que agora estão desaparecidas embaixo das areias cambiantes de desertos ou nas profundezas do mar. Em muitos mitos, esses lugares sobrenaturais eram habitados por bruxos e feiticeiros que desafiavam os deuses e foram destruídos pela sua imprudência.

Shambhala é incomum nesse sentido, já que ela nunca foi destruída e ainda existe. Há muitos relatos de viajantes que encontraram por acaso a cidade que às vezes parece existir no plano físico e outras vezes, no Outro Mundo; por essa razão, um dos seus nomes é "Oásis de Luz". Ela foi chamada de "o reino secreto dos sábios" e, na tradição oriental, é o lar de um grupo de elite de mahatmas, "grandes almas", ou Bodhisattvas.

Esses adeptos são alegadamente humanos avançados com poderes sobre-humanos e sobrenaturais que completaram seu ciclo de evolução neste planeta. No entanto, eles preferiram reencarnar em "capas de pele" para auxiliar no progresso espiritual da raça humana. Eles são guiados por um misterioso ser imortal, possivelmente não-humano, chamado o Rei ou Senhor do Mundo, e estão também associados às Nagas, ou "pessoas serpentes". As Nagas são supostamente uma raça espiritual avançada, possivelmente das estrelas, que se casou com a raça diferente dos humanos no passado antigo, na maioria das vezes com reis e rainhas. (Tomas, 1977:62)

O antigo livro persa Shahnameh, ou *Livro dos Reis,* descreve como Yima, o filho do Mestre do Mundo, viveu em uma fortaleza ou cidade subterrânea com seu povo, que eram descritos como Arianos ou "de sangue puro". O deus Ahura deu a Yima uma visão de uma grande enchente futura que destruiria a humanidade. Em uma cópia ou, para dizer melhor, em um primeiro modelo da história bíblica de Noé e a arca, Yima foi instruído a recolher um espécime de cada planta, peixe, animal e ave, mais mil casais humanos. Ele deveria levá-los para sua cidade subterrânea para que a Terra pudesse ser repovoada depois do dilúvio.

Na tradição esotérica ocidental, Shambhala é também associada à "pedra negra", supostamente de origem extraterrena, e a uma torre, que é seu local de repouso terreno. Dizem que essa pedra pertenceu temporariamente ao Rei Salomão. Na década de 1920, o explorador, artista e ocultista russo Nicholas Roeoh levou um fragmento dessa pedra para Nova York, em uma missão política, para ajudar na fundação da fadada ao fracasso Liga das Nações. De acordo com uma fonte oriental, quando a pedra está em seu lugar de direito dentro da cidade escondida, dizem que, "como um diamante, ela irradia a luz na Torre do Senhor de Shambhala".

Kenneth Grant também associa Seth à serpente de fogo ou força da serpente (kundalini) levantada pelos ocultistas durante os ritos de magia sexual. Então o calor do deserto representado pelo deus pode também ser entendido como o calor da sexualidade. Grant alega que "*a corrente mágica iniciática é manifestada no Egito como o culto Draconiano, o culto do Dragão ou Serpente de Fogo. Esse culto representa a primeira forma sistemática dos primeiros mistérios africanos, que os*

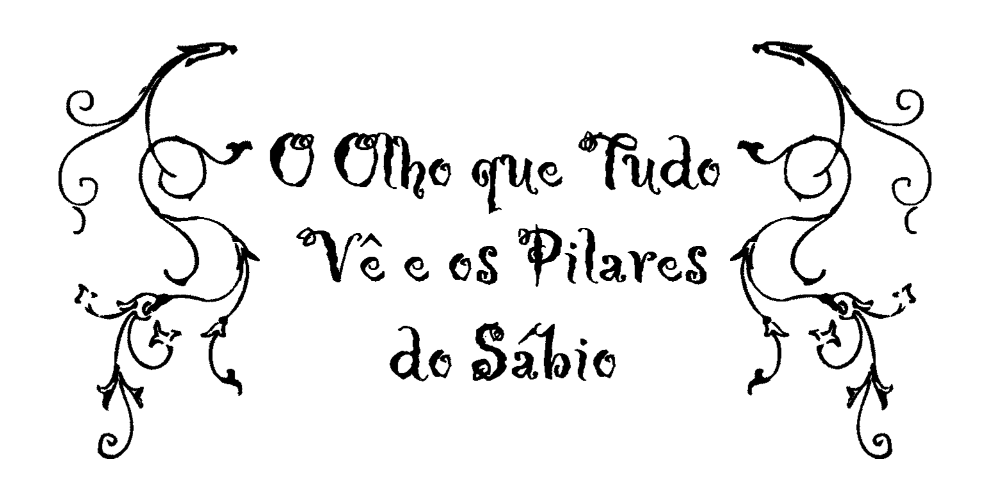
egípcios aprimoraram em um poderoso sistema adaptado de ocultismo, que finalmente amadureceu nos tantras da Índia, Mongólia, Tibete e China" (1975:50).

Isso se conecta à chamada "perda da inocência (sexual)" pelos primeiros humanos, que está presente no mito do Jardim do Éden. Conforme se alega, o conhecimento proibido usado pelo culto Draconiano era baseado na relação sexual com espíritos com características vampirescas, de súcubos ou íncubos. Tais técnicas mágicas fazem-nos lembrar as primeiras relações sexuais entre os Vigias ou anjos educadores e suas estudantes humanas. Não é de se estranhar que as religiões sistematizadas sempre condenaram o relacionamento com "demônios" do "lado de fora", e a tradição folclórica popular desaprovava os supostos "casamentos de fadas, que levavam os participantes humanos a ganhar conhecimento oculto e poderes psíquicos. Talvez não seja coincidência o que diz a tradição rústica, ou seja, que as fadas, elfos e duendes são as almas dos anjos caídos que caíram na Terra.

No Egito, acreditava-se que todas as terras estrangeiras estavam sob o domínio de Seth como o deus dos estrangeiros. O que está implícito aqui é o que é diferente ou estranho no sentido verdadeiro da palavra latina *alienus, que* significa forasteiro ou estrangeiro. Essa idéia está mais bem resumida na frase de um conto de Edgar Allan Poe como a "selvagem, estranha região que se encontra de forma sublime, fora de espaço e fora de tempo". Há o título iniciático gnóstico de Alógeno – estrangeiro ou nascido no exterior –, que indica que o adepto finalmente ultrapassou as fronteiras do Universo profano. Eles são agora um estrangeiro ou forasteiro que se libertou dos sistemas normativos de valores terrenos e realidades convencionais. Eles alcançaram o estado dos Psykhikoi, que confere a compreensão da essência do verdadeiro eu "fora" de todas as coisas, estados e condições concebíveis. Ele ou ela se tornou um "viajante nas terras desoladas" ou no deserto, como Seth, Azazel, Caim e Jesus. Infelizmente, aquele que é espiritualmente liberto é freqüentemente visto como um "estranho em sua própria terra" ou um excluído social pela xenofobia primitiva da sociedade humana. Tristemente, isso em geral condena à fogueira, à forca ou à cruz aquela pessoa banida, que é diferente dos seus pares.


IAΩ
Capítulo
VI





O Olho que Tudo Vê e os Pilares do Sábio

"A natureza é um templo em que pilares viventes deixam algumas vezes surgir palavras confusas; um homem atravessa florestas de símbolos, que o observam com olhares íntimos."

Charles Baudelaire

Apesar de sua onipresença na simbologia da tradição mística ocidental, é extremamente curioso que o glifo do Olho que Tudo Vê (de Deus) até agora não tenha recebido nada além de uma interpretação simples.

Podemos presumir uma evasão duradoura da condição única do símbolo com um signo de mistérios pré-humanos dos Anciões. Além disso, com uma visão de total penetração e percepção transcendental, durante a "execução" das quais os véus da ignorância obscurecedora e da desilusão, que ocultam a essência da Realidade Suprema, são rompidos e totalmente destruídos. Esse é o verdadeiro *ekpyrosis* pelo Fogo do Conhecimento. Em resumo, o Olho que Tudo Vê é o hieróglifo original dos Vigias. Ele simboliza o nível mais alto da corrente arcana Luciferiana e, nesse contexto iniciático, ele age como um ponto de convergência para as diferentes correntes próximas da doutrina críptica. Isso é especialmente verdade porque ele simboliza o Grande Vigia ou Azazel-Lasifarus.[17] O

17. N. T.: Lasifarus = Lúcifer.

Olho sempre mostra a corrente de sabedoria provinda dos Vigias. Essa é a primeira revelação concedida à primeira humanidade pelos filhos de Deus ou os Caídos muitos éons atrás. Essas revelações foram expressas pelos privilegiados das espécies, mencionados pelos sacerdotes dos Yazidis como "a nação peculiar de Azazil" (Masaf-Ras. V14).

Tipologias arcaicas do Oriente Médio atestam esse segredo; a palavra hebraico-caldéia para Vigilante é IR (OIR) e no plural é IRIN. Aqui existe uma conexão evidente com o substantivo IR-T, significando "um olho". Em cóptico é YR. O Olho aparece entre os hieróglifos determinativos (não-fonéticos) como um símbolo que significa "vigiar, ver". Adicionalmente, o glifo IR é representado por um olho. Plutarco, em *De Iside et Osiride,*[18] menciona a forma IRI significando "olho". Uma ligação evidente, portanto, é demonstrada entre o culto aos Vigias e o Olho Divino da corrente de Hórus no Egito antigo (pré-dinástico). Ele se liga especialmente à adoração de Hor-Khenti-Ir-ti ou "Hor[19] que governa com seus olhos". Desse primeiro símbolo de olho, deriva o formato "O" da letra fenícia, representando a pupila do olho e o símbolo dos primeiros Cainitas do Enu e da Arábia do Sul, de onde veio a letra hebraica Ayin – o olho. Correspondentemente, a letra Ayin é a primeira letra símbolo nos nomes de Azrael ou Azazel (OzaZAL) e no dos Vigias ou Irin (ORIN).

A raiz semítica OZ, que significa "um bode, vigor", é formada por Ayin e Zayin, esotericamente significando o Olho que Tudo Vê e a Espada Flamejante (empunhada pelo Querubim que expulsou Adão e Eva do Éden). Azazel foi o primeiro artista artesão do fogo e Senhor dos Metais, de acordo com a mitologia Luciferiana. A antiga tradição Yazidi / Gnóstica de que Azazel era uma serpente de sabedoria no Éden evoca o antigo pacto realizado embaixo dos ramos da Árvore da Sabedoria pelo primeiro homem e a primeira mulher – "seus olhos serão abertos e vocês deverão ser como Deuses".

Uma nuance parecida de significado ocular é certamente evidenciada pela plumagem com olhos do pavão sagrado para Azazel-Lúcifer e Melek Taus e também pelos "Seres Viventes Sagrados" da visão famosa

18. N. T.: Sobre Ísis e Osíris.
19. N. T.: Um dos nomes de Hórus.

de Ezequiel. Eles eram esfinges aladas "cheias de olhos ao redor" (Ezequiel 1:18). Além disso, o deus Mitraico do "Tempo infinito" com cabeça de leão Aion (*Deo Arimanio*) é descrito às vezes com um olho aberto em seu peito.

Entre os fiéis das antigas "Lojas de homens habilidosos"[20] na velha Inglaterra, o Olho que Tudo Vê era o símbolo verdadeiro dos Vigias. Ele caracterizava o grau magistral ou "terceiro voto" dentro da Arte habilidosa, mas é para a emblemática linguagem da Maçonaria que devemos nos voltar para uma melhor compreensão dos mistérios associados ao símbolo. Todas as jóias usadas pelos grandes oficiais das Lojas de Rito Escocês possuem esse símbolo. Por exemplo, aquela usada pelo Grão-Mestre é descrita como: "Compassos abertos em 45° no segmento de uma circunferência nas pontas e uma placa de ouro compreendida na qual está um Olho radiante dentro de um Triângulo radiante". Geralmente na Maçonaria o Olho que Tudo Vê é o símbolo do Mestre Maçom ou do Grão-Mestre de uma Loja. Ele serve para lembrar o maçom que o olho de Deus está sempre aberto e zelando tanto pela Loja quanto pela raça humana. Como Plínio disse: "*Deus é todo olhos*". É o símbolo principal do Grande Arquiteto do Universo que, no devido tempo, pesa toda alma na balança e julga a verdade de cada ação, pensamento e palavra humana enquanto estiveram encarnados no plano terrestre. Na mitologia egípcia, essa era a função do deus Thoth, que era vigiado pelo Olho de Hórus.

Essa gnose encontrou um veículo de expressão particularmente dinâmico na Ordem dos Illuminati fundada na Bavária, perto do fim do século XVIII, por Adam Weishaupt e o barão von Knigge. O Grande selo dessa sociedade secreta política era o Olho no Triângulo. Ele representava a pedra Ben-Ben ou a pequena pirâmide do antigo Egito associada ao pássaro Bennu ou Fênix, que botou o ovo cósmico da criação. Foi alegado que, por causa da ação dos Illuminati e sua intervenção na Revolução Americana, o Olho que Tudo Vê e a pirâmide aparecem na nota de dólar. O projeto radical dos Illuminati visava a nada menos do que o estabelecimento do reino do Portador de Luz por meio da compreensão

20. N. T.: O termo *cunning men*, em inglês, significa um homem com suposta habilidade em prever o futuro, curar, aconselhar e realizar feitiços para os habitantes da zona rural na Europa antiga.

da divindade inata do homem, que Weishaupt acreditava ser o Mundo Perdido. O processo de iluminação era progressivamente alcançado dentro de um programa de nove graus, o mais alto deles era o do Homem-Rei no grau de Principatus Illuminatus, ou "Príncipe Iluminado", em que a essência soberana da mais alta consciência era manifestada.

Atualmente, os Illuminati estão submersos em teorias de conspiração relacionadas a um suposto plano judaico para dominar o mundo, governos às sombras e fantasias relacionadas ao Satanismo. Foram escritas mais besteiras sensacionalistas e fantásticas sobre a Ordem que sobre qualquer outra organização secreta na história humana. Na verdade, os fatos são provavelmente mais estranhos que a ficção. Weishaupt era um jovem professor na Universidade da Bavária de descendência Judaica, um fato convenientemente ignorado pelos seus caluniadores modernos. Em 1774, ele foi iniciado na Maçonaria, mas logo ficou desiludido, quando percebeu que seus colegas na Loja desconheciam a significância oculta na Ordem e nada sabiam sobre o simbolismo pagão pertencente às antigas escolas de mistérios.

Weishaupt resolveu criar sua própria sociedade secreta e a baseou em sua própria visão política revolucionária de um estado utópico, um paraíso na Terra, em que as pessoas viveriam em harmonia. Esse estado seria dentro de uma irmandade universal baseada no amor livre, na paz, na sabedoria espiritual, na igualdade social e na liberdade de expressão religiosa. Weishaupt acreditava na tentativa de restaurar os seres humanos ao estado edênico de perfeição que existia antes da Queda do homem. Diferentemente de várias outras sociedades secretas, os Illuminati acreditavam em igualdade sexual e aceitavam homens e mulheres como membros em termos iguais. Essas crenças levaram Weishaupt a ser rotulado como um socialista pioneiro ou primeiro comunista. Na realidade, suas visões políticas tinham mais a ver com o anarquismo que com os excessos totalitários dos seguidores de Lênin e Marx no século XX, com sua sociedade escrava e seus campos de extermínio. Pelo fato de que naquela época os inimigos da paz, da liberdade religiosa e do amor livre eram a Igreja e, freqüentemente, as casas reais da Europa, Weishaupt promoveu postura de anticlericalismo e anti-realeza. Foram suas visões anarquistas e anti-autoritaristas que no fim levaram ao banimento da Ordem, considerada uma organização revolucionária e subversiva. Supostamente,

os Illuminati tornaram-se clandestinos, mas seus agentes secretos tiveram um papel importante tanto na Revolução Francesa quanto na Americana. Muitos malucos por conspiração ainda alegam que a Ordem exerce um papel escondido por trás da face pública da política internacional.

Vários outros indícios abundantes da tradição Luciferiana serão encontrados na Cerimônia de Exaltação, existente na Ordem Maçônica do Santo Arco Real de Jerusalém. Essa ordem é derivada da revisão do Cavaleiro Arco Real do Rito de Heredom, do século XVIII, também conhecido como o "Conselho dos Imperadores do Oriente e do Ocidente, Príncipes Maçons Soberanos", que foi estabelecido em Paris em 1758. Na parte cerimonial da Maçonaria do Arco Real,* o iniciado desce pelos e nove "Arcos", ou passagens abobadadas, do templo subterrâneo como divinamente revelado a Enoch. Tais passagens foram construídas pelo patriarca e seu filho mais velho Matusalém, na caverna da Montanha de Canaã. As passagens eram cobertas com símbolos mágicos e nomes divinos, e no nicho da "nona passagem" Enoch escondeu um "delta" dourado, ou triângulo, e uma "pedra de pórfiro branca", que representa a semente-luz e o fogo cósmico trazido para a Terra por Lúcifer, como a pirâmide Ben-Ben. Sobre essa pedra, estava escrita a Palavra Secreta do Grande Mistério que simbolizava a sabedoria antediluviana dos Vigias.

Os três "principais" ou oficiais do Real Arco trabalhando representavam Zorobabel, Ageu e Josué, o príncipe, o profeta e o sacerdote, respectivamente. Suas jóias maçônicas eram "uma Coroa, um Olho e um Livro aberto, cada um cercado por um halo e colocados em um triângulo". Púrpura é a cor simbólica do trabalho do Arco Real, que representa o sangue real. No antigo códice francês do *Arco Real de Enoch* também há menção de dois pilares imensos levantados pelo patriarca antes do Dilúvio e escritos com a tradição enigmática das "sete ciências". Dizem que Enoch teve uma premonição do dilúvio e queria que o conhecimento nos pilares fosse preservado para o benefício de quaisquer sobreviventes.

Na obra *Manuscritos de Cooke da Maçonaria,* do começo do século XV, a construção desses pilares foi atribuída ao primeiro ferreiro Tubalcaim. Por essa razão, na tradição Luciferiana, eles são chamados às

* N. E.: Sugerimos a leitura de *Por Dentro do Arco Real*, de Richard Sandbach, Madras Editora.

vezes de Pilares de Tubalcaim. Eles estão gravados com a sabedoria mágica das supostas "dinastias divinas", os reis gigantes que eram instruídos pelos Iluminados das estrelas, os próprios deuses. Por essa razão, existe o significado secreto da disposição da Loja com seus dois pilares sagrados encimados com globos do Sol e da Lua. Sobre a Loja, brilham a Estrela Flamígera e o Olho que Tudo Vê, o Iret ou símbolo dos Vigias dentro de uma auréola de raios de luzes e estrelas. Muito tempo antes da cultivação cavalheiresca e dos conceitos barrocos do século XVIII, a sabedoria mágica primária dos Pilares e do Olho, que supostamente vieram do antigo Egito após o Dilúvio, tinha sido sancionada na Inglaterra Saxônica pelo rei Althelstan. Dizem que ele foi o "predileto da Maçonaria", como o Manuscrito Halliwell ou Poema Regius registra. A fusão do mito dos Vigias com as já preexistentes subculturas pré-cristãs e de corporações de ofícios, algumas associadas a cultos de bruxaria indígenas, era evidentemente realizada em um período primordial na Inglaterra anglo-saxônica. Aproximadamente trezentos anos mais tarde, a herética Ordem dos Cavaleiros Templários transmitiu uma nova corrente intimamente ligada ao esoterismo dos Yazidis e persas na Europa, alimentando a tradição secreta da bruxaria e enriquecendo seu conteúdo hermético consideravelmente.

O Olho que Tudo Vê, situado no centro da testa do corpo sutil, análogo ao terceiro olho ou glândula pineal, é o centro da gnose do psiquismo e da iluminação. Ele se relaciona com a cimeira de esmeralda, a Arkhmardi ou "pedra na coroa" do Portador da Luz. Em termos cosmológicos, é a Sakhrat, a pedra verde ou "Lapis Smaragdus" que está no cume da montanha cósmica freqüentada pelos djinns, chamada de Qaf. Isso constitui o "eixo do mundo" axial da Estrela Polar do norte, o ponto de acesso para a Terra paradisíaca das Cidades de Esmeraldas "além do arco-íris", o mundo de Hurqalya. Uma vez que a jóia da coroa caiu na Terra, ela foi guardada no castelo escondido no topo da Wildenberg, ou "montanha selvagem", de acordo com o que Wolfram von Eschenbach[21] explicitamente nos conta, por uma irmandade eleita de Templários do Graal.

Depois da destruição dos Cavaleiros Templários e do martírio do seu último Grão-Mestre, Jacques DeMolay, em 1314, o Prior do Templo

21. N. T.: Cavaleiro alemão e poeta que viveu por volta de 1200 d.C.

e Marechal da Ordem Pierre d'Aumont reputadamente escapou com sete irmãos cavaleiros para a Escócia. Foi lá, dizem, que eles restabeleceram e preservaram os mais secretos mistérios da Ordem dentro de santuários maçônicos. Um dos primeiros membros da Ordem, Hugh de Payens, de fato se casou com uma integrante da família Saint Claire na Escócia, e um dos primeiros priorados templários foi estabelecido lá. Em continuidade a essa suposta sucessão templária ininterrupta, o barão Johann von Hund estabeleceu o Rito Maçônico Templário da Estrita Observância em 1754.

O barão von Hund tinha sido iniciado em uma Loja Maçônica convencional em Paris dirigida pelo lorde Kilmarnock, o então Grão-Mestre da Maçonaria Escocesa, cujas Lojas alegavam ser as guardiãs da tradição templária. Em sua cerimônia de iniciação, von Hund alega que foi apresentado a uma personalidade misteriosa que era chamado de Cavaleiro da Pena Vermelha. Dizem que essa figura era conhecida como Príncipe Charles Stuart ou "Belo Príncipe Charlie". Desde então, supostamente existiram ligações históricas entre a causa Jacobita, a Maçonaria e a Maçonaria Templária.

Jacques DeMolay tinha orquestrado cuidadosamente a sobrevivência dos Templários antes de sua morte na fogueira. Na noite anterior à sua execução, ele enviou um confidente a uma cripta secreta embaixo de um priorado templário em Paris, em que os corpos dos Grão-Mestres da Ordem anteriores estavam enterrados. DeMolay contou a seu ajudante que os dois pilares na entrada da tumba, que foram modelados a partir dos Pilares de Tubalcaim, e os dois pilares gêmeos na entrada do templo de Salomão eram ocos. Eles supostamente continham moedas de ouro e documentos secretos relacionados à história e às crenças secretas dos Templários. Esse "tesouro" foi aparentemente usado para financiar a sobrevivência futura da Ordem na Escócia.

Resta pouca dúvida de que o iluminismo primordial dos Vigias, cuja assinatura críptica é o Olho que Tudo Vê, fornece a base esotérica da Maçonaria Templária. O deus secreto dos Templários, o Baphomet (da palavra grega "Baphometis" ou "batismo de sabedoria"), resume toda a escala das formas evolucionárias. Essas formas variam dos atavismos de formas serpentiformes e de répteis e bestas corníferas até a humanidade e os anjos alados. A encarnação gnóstica de iluminação espiritual e conhecimento sobre-humano também é representada pelo símbolo do crânio com dois

fêmures cruzados, encontrado em capelas de Templários e em suas lápides. Com um fundo negro, esse símbolo também constituía a bandeira de batalha dos navios templários, que foi adotada mais tarde pelos piratas. Essa imagem de crânio e ossos é uma das várias ligações íntimas entre a Ordem e as antigas tradições de bruxaria. Nos altares dos modernos covens tradicionais de magia, um crânio humano ainda representa o Deus.

O iniciado da gnose Luciferiana busca, por meio da iluminação mágica, aceitar ou compreender o Corpo Esmeraldino inextingüível dentro do qual ele ou ela poderá "abrir o Olho que Tudo Vê". Uma vez aberto, ele dissolve o aparente mundo ilusório para revelar a Xvarenah, a luz do Primeiro Existente, o Reino Divino por trás da aparência visível do plano material de existência. Em um último contexto, o Olho que Tudo Vê deve representar a mente transcendente como a testemunha onisciente de todos os fenômenos. O silencioso Vigia imutável por trás de tudo isso é idêntico ao continuum imaculado de sabedoria.

A compreensão disso destrói os grilhões da ignorância na redenção da libertação mística. É a abertura do Olho Místico a que as profecias ousadas dos adoradores de anjos, os Yazidis, se referem. Como apontamos anteriormente, eles dizem que depois da Queda dos Vigias deverá haver uma Restauração. Em seguida, Azazel reconquistará seu estado divino e habitará mais uma vez no Paraíso. Essa é a promessa murmurada por esses antigos mistérios guardados como relíquias na tradição oculta do antigo Egito, Pérsia e Arábia, como são praticados nas criptas das preceptorias dos Templários, nas antigas abóbadas dos maçons, nas Lojas sombrias dos homens habilidosos e nos encontros sob o luar do domínio das bruxas.

Mais tradição Luciferiana é vinculada ao Mistério da Espada Oriental (provavelmente a cimitarra), que é a arma mística e mágica do quadrante ou estação oriental do fogo elemental no círculo da magia técnica. Ela é mencionada brevemente em uma referência no *Velho Testamento,* quando o Altíssimo "*pôs querubins ao oriente do Jardim do Éden, e uma espada flamejante que se revolvia por todos os lados, para guardar o caminho da Árvore da Vida*". (Gênesis 3:24) Essa espada flamejante e giratória simboliza a purificação e a limpeza iniciática pelo fogo experimentadas por aquele que percorre o caminho tortuoso dos mistérios do

Paraíso antes da realização de que o Novo Éden pode ser alcançado. O reflexo no mundo angelical é a espada flamejante de São Miguel, o capitão dos Bandos Divinos e o atual senhor da esfera solar. A significação secreta da espada Zayin é caracterizada por Azazel como o Senhor dos Metais e o Senhor da Forja. A pirotecnia e a arte da fundição são profundamente associadas à gnose dos Vigias, tanto espiritualmente quanto fisicamente. Como o epítome da criativa arte alquímica, elas estão entre as principais habilidades ensinadas aos primeiros humanos pelos Caídos. Longe de ser uma mera referência aos primeiros avanços utilitários na tecnologia primitiva, ela é uma metáfora clara que faz referência ao controle do "fogo interior", a força sexual e a transmutação mágica de energia por meio do dinamismo criativo.

Ferreiros e feiticeiros sempre compartilharam de uma famosa identidade conjunta nas artes mágicas de muitas culturas. Várias culturas indo-européias têm um ferreiro divino em seus mitos antigos que ensinou os segredos do uso do fogo para os humanos e que forjou as armas dos deuses. Exemplos disso são: Vulcano, Wayland, Hefesto, etc. No mito de Vulcano, seu pai Zeus ou Júpiter o jogou para fora do Céu e ele caiu na Terra. Na queda, ele machucou a perna e ficou coxo. Uma das denominações do deus de magia tradicional é o Deus Coxo. Vulcano também é casado com a deusa Vênus, a estrela da noite e uma consorte Luciferiana. No Xamanismo mongol e siberiano, invocações eram feitas ao misterioso "ferreiro branco", que eles acreditavam ser o responsável pela criação dos tambores e outras ferramentas mágicas usadas para chamar espíritos. Em alguns ramos da Arte Tradicional, os instrumentos do ferreiro, como sua forja, tenaz, avental de couro, pregos e ferraduras, têm sido incorporados como símbolos ou ferramentas mágicas da gnose de magia.

A forma da letra hebraica Zayin, a lâmina da espada, é o fogo supracósmico que, como um raio ou relâmpago brilhante, "atravessa" o véu da necedade material. Ela sem exceção simboliza a sabedoria iluminativa por todo o mundo, da Celta-Arthuriana Calad-Vwlch (espada relâmpago) ou Excalibur e a Espada de Xangô até a adaga indo-tibetana phurba, usada nos ritos exorcistas da religião Bon. Na tradição secreta da Arte Tradicional da Inglaterra, dizem que a primeira athame ("arthany", da palavra grega *athanatos* ou "imortal"), a lâmina ritual usada por bruxas para evocar e

controlar espíritos, foi forjada por Tubalcaim, o mestre de magia ancestral. QYN significa artífice de metais, pirotécnico ou "ponta de lança de ferro" na língua hebraica.

A espada Zayin pode ser alinhada através dos primeiros canais cananitas com o hieróglifo egípcio de Neter, que significa "um deus" (Neteru para o plural) e representa a lâmina de um machado. Essa arma parece ter sido preservada nas formas hebraicas e árabes/sabéia da letra "Z". Pode ser um glifo do "fogo caído do Céu", o Bia-en-Pet, ou "metal celestial". Como já vimos, o deus pré-dinástico Seth ocupava o papel do Senhor dos Metais nos mistérios quânticos, e a faca mágica de Seth era um dos seus atributos importantes. Além disso, de acordo com alguns textos antigos em papiro, o esqueleto de Seth era feito de ferro meteórico. Da mesma forma, dizem que os antigos "ancestrais estrelares" e os deificados "Ancestrais Veneráveis" de Hórus e Seth ou Ancestrais Antigos possuíam ossos com ferro nascido nas estrelas ou lançado das estrelas.

Isso faz lembrar os esqueletos de ferro usados em vestes cerimoniais dos praticantes do Manticismo do povo Yakut. Essas vestes simbolizavam a iniciação de morte e renascimento do xamã, durante a qual sua "capa de pele" é retirada de seus ossos e seu esqueleto é desmontado. Ele é remontado usando ferro para ligar os ossos. Isso pode ser relacionado com as antigas crenças Xamânicas em relação ao Homem-Ferro-Pilar, ou *axis mundi,* que conduz ao domínio dos deuses estrelares em relação à escada feita de lâminas de espadas que ascende ao Céu. (Eliade, 1964:36, 263, 426) Na mitologia Celta, a entrada na Terra que conduz à terra dos mortos é às vezes descrita como "a ponte de espadas". Esse tema dos "ossos de ferro do feiticeiro" é evidentemente de grande antiguidade transcultural.

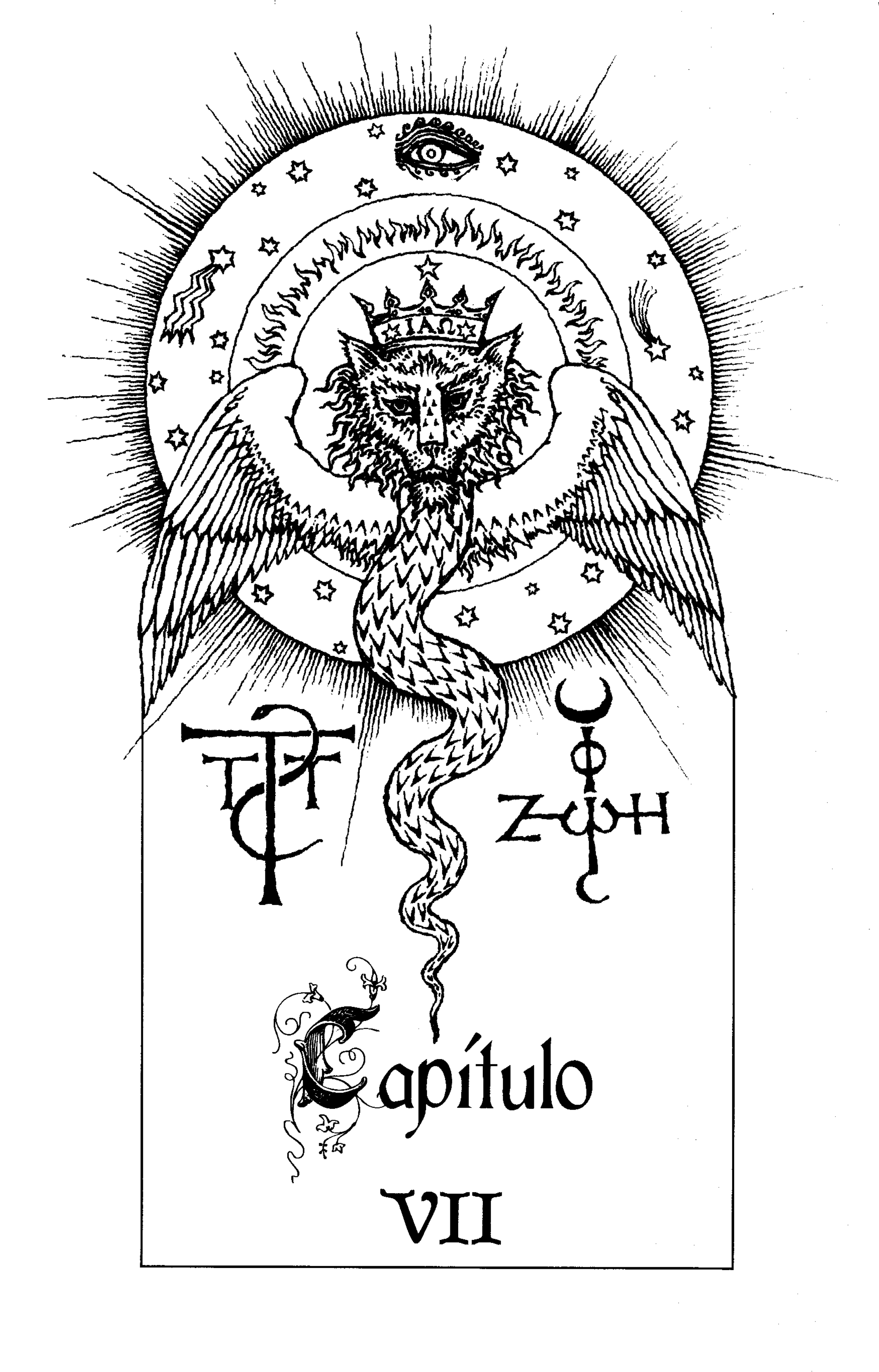
Geralmente o simbolismo místico e oculto dos metais revela uma verdadeira teofania metalúrgica e alquímica presente na magia egípcia, com relatos de qualidades esotéricas específicas de cada metal. Anti, o deus falcão do 12° e do 18° nomo, possuía ossos de prata que eram expostos quando ele era esfolado como castigo.

Um relato antigo nos conta que "*Quanto aos seus ossos, eles existem pelo sêmen do seu pai*". Hedj ou prata, nesse contexto, é o osso-semente lunar seminal dos Neteru e é sagrado ao deus da Lua de Tebas

Khonsu. Neb ou ouro é "carne divina". Rá, por exemplo, é descrito como tendo ossos de prata, carne de ouro e cabelos de turquesa. Ferro, no entanto, é a semente estrelar das Sete Estrelas (Ursa Maior) governadas pela mãe de Seth, Nut. Prata é a semente branca da Lua, e ouro é a semente vermelha do sol, freqüentemente igualada ao fluxo menstrual feminino.

Outras ligações metalúrgicas com Azazel e sua hipóstase Tubalcaim são encontradas na tradição quântica. Eles preservaram nas inscrições do templo de Edfu, as quais relatam os mitos de Hórus-Behutet ou Hórus, "que habita no disco". Ele era adorado nessa forma em seu centro sagrado de Edfu como o "Senhor da Cidade da Forja", possivelmente um título copiado da sua nêmese sombria Seth.

Lewis Spence escreveu que: "*Em Edfu, o grande disco de ouro (...) foi forjado, como vemos a partir de certa inscrição, e no templo daquela cidade havia uma câmara atrás do santuário chamada Mesnet, ou Fundição, em que a casta ferreira de sacerdotes acompanhava um deus*". Os seguidores divinos de Hórus-Behutet são mencionados nos textos do templo como Mesnitu ou trabalhadores de metal. Podemos identificar afinidades com os mitos Cainita e de Seth com: "*Hórus-Behutet chegou e seus seguidores, que estavam atrás dele em formas de trabalhadores de metal, cada um tendo em sua mão uma lança de ferro e uma corrente*". O deus Thoth também proclamou as vitórias de Hórus como o Habitante no Disco [solar]: "*Os Domínios Intermediários deverão ser chamados pelos nomes desses ferreiros (...) e o deus que habita entre eles (...) deverá ser chamado de Senhor de Mesnet*". O simbolismo oculto do trabalhador de metal ou artífice de metal e seu deus ferreiro é conseqüentemente um aspecto importante no mito Luciferiano, associado tanto com a Espada Flamejante quanto com os Pilares de Tubalcaim.


IAΩ
Capítulo
VII





Os Filhos da Viúva



"Filho das obras celestiais e pesquisa, ouça minha voz, pois eu estou prestes a revelar a você grandes verdades."

Grata Repora

No último capítulo e antes neste livro, fizemos várias referências à Maçonaria. Agora gostaríamos de examinar esse movimento mais detalhadamente como um canal histórico para a tradição Luciferiana e a doutrina dos Vigias. Reportagens de jornal recentes sobre a adequação ou não de juízes, policiais, políticos e médicos para serem maçons sugerem que essa "sociedade com segredos" é apenas uma rede de amigos íntimos para homens de classe média e meia-idade. No entanto, um exame minucioso da Maçonaria, com seus ricos e exóticos símbolos, sugere que no passado ela pode ter sido a zeladora e guardiã de conhecimento herético e sabedoria proibida. A Maçonaria antiga certamente tinha ligações próximas com as sociedades secretas de ocultismo que possuíam informações semelhantes e com os mistérios masculinos da magia.

Infelizmente, as origens históricas da Maçonaria estão ocultas em um miasma de mistério, especulação, exagero e evidente fantasia. A Maçonaria Especulativa baseou-se nas corporações de construtores operativos que eram responsáveis pela construção das catedrais góticas da Europa medieval. Os construtores se organizavam em corporações, companhias e Lojas usando sinais secretos e palavras de passe para reconhecer uns aos outros como companheiros artesãos. Originalmente a Loja era uma pequena cabana ou choupana com teto de palha erguida perto do canteiro de obras.

Ela era usada como abrigo durante clima severo, para guardar ferramentas, descanso e refeições. Às vezes, também era usada para reuniões em que eram discutidos o progresso do trabalho, quaisquer problemas encontrados no trabalho, e o bem-estar geral dos construtores.

Gradualmente, com o passar do tempo, construtores "honorários" não ativos foram admitidos nas corporações e companhias. Eles eram como maçons especulativos, aceitos ou "livres". Com o tempo, esses "maçons livres" formaram seus grupos ou Lojas independentes e interpretaram a arte da Maçonaria como um caminho espiritual para auto-aperfeiçoamento moral, obras de caridade e iluminação.

Discussões sobre o quanto dessa ênfase espiritual foi herdada dos construtores medievais e quanto dela foi produto do renascimento do ocultismo no século XVIII ainda assolam historiadores maçônicos e não maçônicos. Os maçons especulativos associavam as "ferramentas de trabalho" da arte dos maçons operativos a um significado relacionado com a história lendária da Maçonaria. Essas ferramentas incluíam machados, martelos, malhetes, malhos, compassos, esquadros, níveis, trolhas e fios de prumo. Elas também eram incorporadas nas insígnias e jóias usadas pelos maçons na forma de distintivos, anéis, faixas e pingentes. O avental de couro e as luvas do maçom operativo se tornaram o uniforme cerimonial dos maçons.

A moderna história da Maçonaria tem usualmente sua origem datada a partir da reunião de fundação da Grande Loja Unida da Inglaterra na Taverna The Goose and Gridiron,[22] no pátio traseiro da Catedral de St. Paul, na cidade de Londres, no dia de São João,[23] em 1717. Na verdade, há evidência de ampla atividade maçônica no século anterior. Alguns historiadores modernos dizem que as origens da Maçonaria datam pelo menos do século XVI. O fundador do museu Ashmolean, em Oxford, Elias Ashmole, registrou em seu diário que foi iniciado em uma Loja Maçônica em Warrington, Cheshire, em 16 de outubro de 1646. Ashmole também era um rosa-cruz e astrólogo que se tornou membro da Sociedade Real, quando ela foi fundada logo após a restauração da monarquia em 1660.

---

22. N. T.: O Ganso e a Grelha.
23. N. T.: 24 de junho.

Como vimos anteriormente, uma alegação antiga e muito controvertida nos círculos maçônicos é a de que os Templários, fugindo da perseguição na França, estabeleceram a Maçonaria antiga na Escócia durante o começo do século XIV. No equinócio da primavera de 1737, um maçom escocês e jacobita chamado de Chevalier Andrew Michael Ramsey, outrora tutor do Belo Príncipe Charlie, deu uma palestra na Loja Maçônica de St. Thomas, em Paris. Ele surpreendeu sua audiência ao alegar que os Templários tinham incorporado em sua Ordem os mistérios antigos das deusas Ceres, Ísis, Minerva-Atena e Diana-Ártemis. Ele também alegou que os cruzados, ao retornar da Terra Santa, fundaram Lojas Maçônicas em seus países de origem. Isso inclui a famosa Loja Kilwinning, supostamente estabelecida na Escócia já em 1286. Foi registrado que, um ano após a palestra de Ramsey ligar a Maçonaria aos Templários, o papa Clemente XII emitiu uma bula papal condenando o envolvimento de católicos com a Maçonaria. A Inquisição imediatamente iniciou uma campanha contra a Maçonaria nos países católicos. Eles fecharam Lojas e torturaram, prenderam e excomungaram qualquer pessoa que achavam estar envolvida.

Como mencionamos anteriormente, Elias Ashmole era um maçom e um rosa-cruz. A Maçonaria antiga era intimamente ligada à Ordem da Rosa-Cruz, ou Rosacrucianismo, outra sociedade secreta com uma história lendária e fantástica. Em um poema do século XVII, as duas sociedades são vinculadas: "*Porque o que profetizamos não é grosseiro / pois somos irmãos da Rosa-Cruz / temos a Palavra do Maçom e a Vidência / o que nos espera podemos prever corretamente*". Na tradição popular, os rosa-cruzes eram considerados bruxos que tinham poderes psíquicos e mágicos. Esses poderes incluíam a habilidade de prolongar a juventude, evocar espíritos, tornar-se invisíveis, criar pedras preciosas e transmutar chumbo em ouro. O ensaísta do século XVII Thomas de Quincy foi muito além, ao alegar que "*os primeiros maçons eram parte de uma sociedade que surgiu da mania do Rosacrucianismo*". Ele também disse que os "*maçons da Inglaterra copiaram algumas cerimônias dos rosa-cruzes e disseram que eles as criaram, e o mesmo com eles*". (1972: 252, 255)

Os registros mais antigos mencionando a Irmandade da Rosa-Cruz estavam circulando na Europa no começo do século XVII. Eles foram compilados sob o grande título de *A Restauração do Templo Decaído*

de Palas [Atena]. Em 1610, uma história legendária, chamada de *Fama Fraternitas,* foi publicada por um escritor anônimo. Ela dizia que a Ordem havia sido fundada duzentos anos antes por um místico alemão descendente de uma família aristocrata. A história não foi efetivamente publicada até 1614 e foi amplamente circulada como uma publicação livre para todos aqueles que conseguiam ler.

De acordo com a história, o místico alemão chamava-se Christian Rosenkreuz, embora esse não fosse seu nome verdadeiro. Quando ele era jovem, seus pais o colocaram em um mosteiro para aprender como ser um padre. O jovem se rebelou contra as limitações da vida monástica e, quando um monge mais velho pediu que o acompanhasse em uma viagem ao Oriente Médio, ele prontamente concordou. Infelizmente o homem mais velho morreu no caminho, mas Rosenkreuz conseguiu chegar a Damasco, na Síria moderna. Lá ele se tornou amigo de um grupo de adeptos cabalísticos e foi aceito como aluno deles. Com o tempo, como um homem maduro, ele retornou à Europa via Fez, no norte da África e Espanha moura. Naqueles lugares, ele estudou as artes ocultas sob a orientação de adeptos árabes. Ele aprendeu como evocar espíritos e os segredos da Alquimia.

Foi sugerido que, pelo fato de Rosenkreuz ter estudado com ocultistas muçulmanos, ele pode ter sido versado nos ensinamentos do Sufismo, a escola de mistérios secreta do Islã que supostamente antecedeu a ele. O mestre Sufi moderno Idries Shah comparou o Rosacrucianismo com uma sociedade secreta Sufi chamada de a Ordem Kadari, fundada por Abdelkadir Gilani em Bagdá (Iraque atual) no século XII. Gilani era conhecido pelos seus seguidores como "a Luz da Rosa", e o símbolo da sociedade era uma rosa. No Sufismo, o Caminho da Rosa se referia a uma forma específica de misticismo Islâmico envolvendo Alquimia, exercícios de devoção e palavras de poder. (Darkual (Shah), 1961: 173-4) Como veremos em um capítulo posterior, a rosa é um símbolo importante na tradição Luciferiana. Ela é associada àqueles grupos e indivíduos ligados ao ocultismo que mantiveram sua chama queimando radiante ao longo de séculos de perseguição.

Quando Rosenkreuz voltou para a Alemanha, ele continuou seus estudos sobre o oculto por vários anos. Ao término desse período de estudo individual, ele decidiu informar o mundo sobre os ensinamentos que havia

recebido aos pés de seus mestres do Oriente. Ele acreditava que a Europa do século XIV somente poderia ser salva da degradação moral por meio de uma injeção de crenças espirituais. Quando seu conhecimento foi ignorado por muitos, Rosenkreuz decidiu formar uma sociedade secreta de pessoas iluminadas para trabalhar por trás das cenas, no intuito de promover mudanças. O objetivo da sociedade era influenciar as pessoas no poder para que elas colocassem em prática as mudanças sociais que a Ordem desejava. Alguns escritores alegaram que uma dessas mudanças radicais era a modernização da Igreja Romana, e isso resultou na Reforma. Uma visão contrária é que o surgimento do Protestantismo destruiu efetivamente o ensinamento da sabedoria antiga e o simbolismo, que tinham sobrevivido escondidos nos mistérios esotéricos Cristãos. Parece improvável que fosse esse o objetivo do Rosacrucianismo.

Rosenkreuz retornou ao mosteiro que ele conheceu quando era um menino e persuadiu os três dos monges seniores, chamados no mito rosacruz de "os Três Homens Sábios", a deixar o lugar e se juntar a ele. Mais tarde, outros quatro monges foram recrutados com êxito para a causa. Rosenkreuz ensinou a esses sete dignos homens e, quando eles estavam qualificados, eles viajaram secretamente pelo mundo disseminando conhecimentos sobre o ocultismo. O mestre ficou na Alemanha para continuar seus estudos herméticos.

Os rosa-cruzes concordaram em cumprir seis regras de conduta, sendo que as duas primeiras muitos daqueles que são supostamente ocultistas nos dias de hoje deveriam copiar. Eles concordaram em curar os doentes sem cobrar nada, não vestir roupas especiais ou abertamente mostrar qualquer símbolo em público que pudesse revelar sua vocação secreta, que uma vez por ano eles se reuniriam na sede da Ordem para reportar seus progressos, que cada membro iria iniciar um candidato digno antes de desencarnar, que eles usariam as iniciais RC como uma marca identificadora e palavra de passe, e que eles prometeriam manter a existência da Ordem em segredo por pelo menos cem anos.

Quando eles morreram, os primeiros irmãos rosa-cruzes concordaram que os corpos deveriam ser enterrados secretamente e sem nenhuma cerimônia. Quando Rosenkreuz deixou este mundo e foi enterrado, seus seguidores não sabiam onde seu túmulo estava localizado. Ele apenas foi descoberto por acidente 120 anos mais tarde. Seu túmulo era supostamente uma cripta

de sete lados, iluminada por uma luz perpétua. Conforme se alega, o corpo do mestre rosa-cruz estava ainda em perfeito estado de preservação, apesar de todo o tempo que havia passado.

A conexão entre os rosa-cruzes e os maçons na crença popular foi exemplificada em uma publicação supostamente não real que saiu em um jornal satírico em 1676. Ela dizia: "*Isso é para informar que o Moderno Grupo de Conspiradores Verde-Listrado, juntamente com a Antiga Irmandade dos rosa-cruzes, o Adepto Hermético e a Companhia de Maçons, pretendem jantar juntos em 31 de novembro no Flying Bull, situado na Rua Wind-mill Crown, tendo já encomendado um grande suprimento de tortas de Cisne Negro, ovos de Fênix fritos, coxas de unicórnios, etc*".

O dr. Frances Yates considera essa sátira como uma representação das "primeiras tradições de, por assim dizer, intercomunicação entre as sociedades secretas". (1972: 261)

Yates também cita o escritor do século XIX Thomas de Quincy, que publicou na *London Magazine* (1824) os resultados de uma pesquisa alemã sobre as origens da Maçonaria e dos rosa-cruzes. Usando informações de suas fontes alemãs, Quincy estava confiante de que, "*quando o Rosacrucianismo foi transportado para a Inglaterra, ele virou Maçonaria*". Ele citou o alquimista e astrólogo do século XVII Robert Fludd como o suspeito principal nesse movimento. Posteriormente, Quincy acreditou que "*as crenças e práticas maçônicas ligadas à mística interpretação da construção do templo em Jerusalém podem (...) já ser percebidas nos textos dos rosa-cruzes, mas quando o Rosacrucianismo foi transportado para a Inglaterra eles foram vinculados pela Maçonaria às tradições das corporações de construtores*". Ele conclui: "*Os primeiros maçons formavam uma sociedade secreta que surgiu da mania do Rosacrucianismo, certamente entre os 13 anos de 1633 até 1643, e provavelmente entre 1633 e 1640.*" (Yates, 1972: 252)

Em seu livro *A Tradição Secreta na Maçonaria,*[24] Arthur Edward Waite apresentou a teoria de que cabalistas se infiltraram nas Lojas livres

24. N. T.: Secret Tradition in Freemasonry.

do século XVII. Junto a isso, Christopher McIntosh faz menção a uma fraternidade oculta na Europa central no século XVIII que misturava Maçonaria, Rosacrucianismo e a Cabala com uma crença em reencarnação e Alquimia. Em 1765, uma Loja Maçônica juntou forças com um capítulo rosa-cruz em Marburg para realizar a prática da Alquimia. Tais grupos híbridos podem ter influenciado o renascimento do ocultismo nos séculos XVIII e XIX. De acordo com McIntosh, tais Lojas Maçônicas-rosa-cruzes funcionaram sob o nome genérico de Ordem Dourada e Rosa-Cruz. Essa Ordem tinha ligações com a Maçonaria Escocesa e com o surgimento do Templarismo no final do século XVIII.

Em um documento de 1788, seus objetivos declarados eram "fazer com que as forças escondidas da natureza entrassem em operação, para liberar a luz da natureza, foi profundamente enterrada embaixo das impurezas resultantes da maldição (a Queda), portanto iluminar o interior de cada Irmão, uma tocha, por cuja luz poderemos reconhecer o deus escondido, e com isso ficaremos mais próximos da fonte original de luz". (McIntosh, 1980:94) McIntosh menciona o conteúdo gnóstico nesses objetivos. Em contrapartida, também podemos mencionar o quanto esse conteúdo acuradamente se adequa à doutrina Luciferiana de despertar espiritual da humanidade do materialismo bruto para a liberação da "luz interna" ou do "deus interno" dentro de nós.

A antiga história lendária da Maçonaria, adotada pela Grande Loja em 1723, e parte dos manuscritos do século XV, conhecidos como os Antigos Deveres,[25] rastreavam as habilidades de construção e geometria, desde a figura de Lameque do Velho Testamento até o Rei Salomão. Ela possuía uma versão da construção dos Pilares do Sábio e do porquê de eles serem associados à Tubalcaim. Lameque tinha três filhos e uma filha: o primeiro filho era chamado Jabal, descobriu a Geometria e era um pastor e construtor de casas; Jubal foi o segundo filho e era um músico que fazia instrumentos musicais; o terceiro filho era o nosso velho amigo Tubalcaim que, como nós sabemos, era um ferreiro e um "artífice em cobre". A filha, Naamá, inventou a fiação e a tecelagem. Os quatro filhos de Lameque escreveram tudo o que eles sabiam sobre artes, ofícios e ciências em dois pilares de pedra ou ferro para que esse conhecimento fosse preservado

25. N. T.: Old charges.

para as gerações futuras. Esses pilares pareciam ser idênticos àqueles criados pelo filho de Adão, Seth, e mais tarde, de acordo com outra versão do mito, com àqueles criados por Noé e seu filho. Na doutrina maçônica, eles são os pilares gêmeos na entrada do templo de Salomão e da Loja Maçônica.

Tubalcaim, como já vimos, foi uma versão do deus da magia que está presente em documentos maçônicos porque era um "artífice de cobre e ferro". O historiador hebreu Flávio Josefo alega que Tubalcaim na verdade inventou o latão – uma mistura de bronze e cobre – para usar como ferramentas cortantes e armas. O escritor maçônico Bernard Jones sugeriu que Tubal foi um armeiro e o associa com o deus romano dos ferreiros Vulcano. Ele diz: "*Foi sugerido que Tubalcaim era associado à divindade primitiva do fogo conhecida do povo altaico, que estavam aparentemente entre os primeiros trabalhadores de metal no mundo*" (1950:298). Além disso, Jones relaciona Tubal a uma tribo de nômades perto do Mar Cáspio chamada de queneus, que alegavam descendência de Caim e eram ferreiros por herança e criadores de cavalos.

A lendária história da Maçonaria rastreia a invenção da Geometria até Adão. Ele ensinou a ciência a Caim, seu filho de pouca inteligência, para que ele pudesse construir as primeiras cidades. Alguns desses antigos relatos da história maçônica também fazem referência aos supostos Noachitas ou "Maçonaria Antediluviana". Aliás, os primeiros maçons eram chamados de "filhos de Noé". Um dos filhos de Noé, Cão, foi o pai de Ninrode, supostamente o primeiro Grão-Mestre dos maçons e um famoso construtor de cidades. Uffa, na Mesopotâmia (agora na Turquia), é considerada na lenda local uma das cidades construídas por Ninrode. Em tempos antigos, ela era conhecida como "o trono de Ninrode". Ele também construiu Acade, Nínive e Babel (Babilônia) (Gênesis capítulos 6 e 10).

No mito bíblico da queda da Torre de Babel de Ninrode nós podemos ver uma referência à língua universal de "Enoch", que era falada no mundo inteiro. Infelizmente Javé ficou ofendido com os humanos por construírem uma torre para alcançar o Céu. Ba-Bel ou Babel quase literalmente significa "portão de deus" e sugere um passagem entre este mundo e o reino divino. Javé destruiu a cidade, confundindo as pessoas para que

elas não pudessem entender umas às outras (daí a palavra em inglês *babble,* que significa "balbuciar" ou "falar de forma ininteligível"), e as espalhou pela Terra (Gênesis 11).

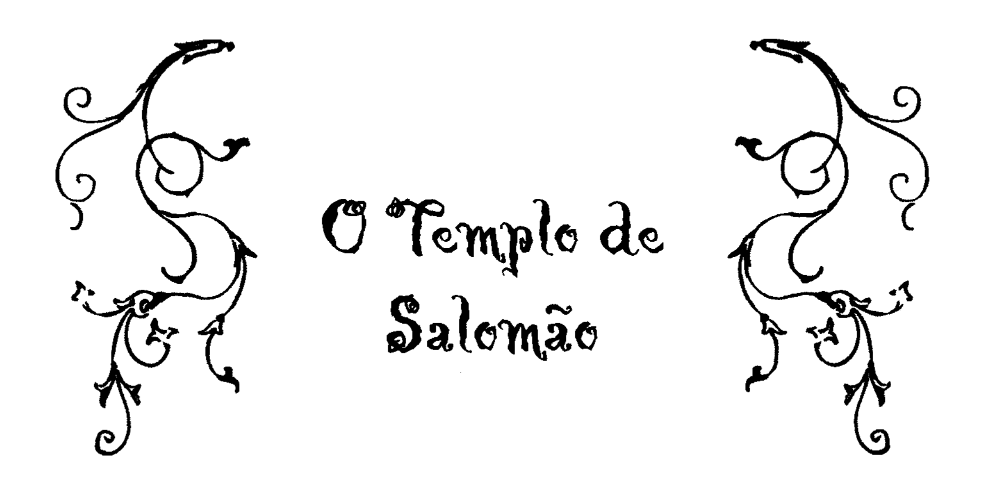
É tentador identificar nesse mito o fato de que os primeiros humanos estavam se desenvolvendo muito rapidamente e, na realidade, até pensando por eles mesmos, por isso suas tendências Luciferianas tiveram de ser contidas por uma intervenção externa. A Torre de Babel representa a busca espiritual por autoconhecimento e auto-iluminação visados pelos "exilados", que estão lutando para se unirem novamente ao Ente Supremo. A Torre pode muito bem ter existido como um edifício real no mundo material em algum período da história. Alternativamente, ela pode representar um estágio em nossa evolução planetária, quando os primeiros humanos estavam se esforçando para se conectar novamente com o Divino.

Maçons modernos tendem a repudiar as histórias sobre Babel e a antiga história de sua arte por razões que são provavelmente óbvias. No entanto, Jones admitiu que "*... é possível que haja uma tradição relativa a Noé de uma ordem de necromancia mais velha que a história de Hiram. Essa antiga tradição substituiu Ninrode e o mito da Torre de Babel pela narrativa de Hiram Abiff e o templo de Salomão no ritual maçônico. No entanto, no Grande Oriente Maçônico na França, que sempre foi tratado com desconfiança pelos maçons ingleses, o Rito de Adoção usa um anagrama de 'Babel' como uma palavra de passe.*"

O significado secreto do mito de Babel era conhecido em um estágio antigo em épocas históricas. O bispo anglo-saxão de Londres Wulfstan, escrevendo em sua homilia *De Falsis Deis* ou *Sobre os Falsos Deuses*, remontou o ressurgimento das crenças pagãs entre os hebreus em relação a Ninrode e à Torre de Babel. Ele disse: "*por meio do ensinamento do Diabo, eles pegaram o conhecimento para adorar o sol e a Lua como se fossem deuses...*" Ele também mencionou a antiga crença pagã de que as estrelas eram adoradas como deuses, juntamente com água e "*vários gigantes e homens terrenos ferozes*". (Nephilim) Essa declaração pode ter influenciado as delatações clericais anglo-saxônicas da prática de magia e a sobrevivência dos costumes pagãos de adoração ao Sol, à Lua, às estrelas, menires, árvores e poços.

A Torre de Babel aparece tanto na doutrina maçônica quanto na bruxaria tradicional. A bruxa herdeira de Pickingill E.W. Liddell afirmou que: "*Ninrode é um termo genérico [na Arte] para a luta do 'deus que habitava no interior' que ambicionava o Céu. Lúcifer, como a entidade instrutora na humanidade, pode ser igualado a Ninrode – a tentativa da personalidade humana em retornar à nossa glória prístina primordial*". (1994:74) Essa declaração transforma as alegações feitas por algumas pretensas bruxas de que o Luciferanismo é apenas outro nome para o Satanismo e que ele não é em nada relacionado com a Arte em algo sem sentido.


IAΩ
Capítulo
VIII



O Templo de Salomão

"E ele edificou altares na Casa do Senhor."
2 Reis (21:4)

Historiadores maçônicos não deram nenhuma razão para a história de Ninrode e da Torre de Babel ter sido substituída pela lenda do Rei Salomão e seu templo nas origens lendárias da arte deles. No entanto, o projeto e a construção do templo em Jerusalém são imersos em doutrina arcana, simbolismo Luciferiano e história maçônica. Já no século XIII, um bispo cristão associou a construção do templo à construção das grandes catedrais góticas pela Europa. E observou como os construtores que as edificaram haviam incorporado naquelas igrejas medievais a escada em caracol do templo judaico, que representava "*o conhecimento oculto que somente aqueles que ascenderam aos planos celestiais possuem. O bispo prossegue dizendo como 'as pedras são polidas e quadriculadas, que é sagrado e puro e são construídas pelas mãos do Grande Desconhecido em um lugar permanente na igreja.*" (Jones, 1950:426-7)

No relato bíblico sobre a construção do templo, é afirmado que Salomão pediu assistência ao pagão rei Hirão de Tiro na Fenícia (Líbano atual). Naquele tempo, Tiro era famosa em todo o Oriente Médio pela adoração da deusa Astarte. Salomão trocou com o Rei suprimentos de cevada, trigo, óleo, cereais e vinho como pagamento pela madeira de cedro usada para construir o templo e os serviços dos arquitetos, pedreiros, carpinteiros e trabalhadores de metal. O Rei também enviou um ferreiro e

mestre construtor chamado Hiram Abiff para supervisar os construtores e o trabalho deles. Abiff é descrito de várias maneiras como "um artífice de metal" ou "homem habilidoso". Em termos bíblicos, um "artífice habilidoso" era um mago ou feiticeiro e, como veremos, o homônimo do rei tinha algum conhecimento das artes mágicas.

Hiram Abiff é às vezes chamado de filho do rei Hirão, e é descrito enigmaticamente como "o filho da viúva". Ainda hoje os maçons se referem a si mesmos usando esse termo, que é às vezes usado para se apresentar para um membro Irmão. Em termos pagãos, a expressão é uma referência codificada ao "deus mortal" da mitologia do Oriente Médio, que morre, descende ao mundo subterrâneo e é pranteado pela sua mãe deusa. Essa figura da "viúva" aparece em muitas culturas; ela é Ishtar chorando por Tamuz, Ísis em luto por Osíris e Frigga lamentando a morte de Baldur. Nos mistérios cristãos, ela é a Abençoada Virgem Maria, como Mãe Dolorosa, a "mãe aflita" ao pé da cruz que recebe em seus braços o corpo arruinado de seu filho sacrificado — a "Luz do Mundo". (João 8:12)

A adoração do deus pagão Tamuz nos arredores do templo em Jerusalém é mencionada no Velho Testamento. Descrevendo uma visão recebida de Javé, o profeta Ezequiel diz: "*Então ele me levou ao átrio interior da casa do Senhor, que está do lado do norte, e vi ali mulheres assentadas chorando por Tamuz*". Ele prossegue descrevendo como foi levado ao átrio interno do templo. Lá, entre o pórtico e o altar, cerca de vinte homens estavam em pé com os rostos para o Oriente adorando o sol na maneira pagã. (Ezequiel 8:14-16)[26]

Na doutrina maçônica, Hiram Abiff dividiu seus empregados em três grupos ou graus conhecidos como Aprendiz, Companheiro e Mestre Construtor (maçom) e ainda hoje eles são usados na Maçonaria. Cada grau aplicava seu próprio conhecimento, palavras de passe secretas, sinais e marcas de construtores pelas quais eles se reconheciam e identificavam seus graus. Alguns dos construtores não estavam satisfeitos com os graus que tinham recebido e conspiraram para obter uma posição mais alta. Três Companheiros, Jubela, Jubelo e Jubelum, decidiram confrontar

26. N. T.: No original, o autor faz referência ao capítulo 8, versículo 14, e capítulo 9, versículo 16, do livro de Ezequiel. No entanto, o trecho referido é do capítulo 8, versículos de 14 – 16, já que o capítulo 9 possui somente onze versículos.

Hiram Abiff e forçá-lo a revelar a palavra de passe secreta do grau de Mestre Construtor. Eles prepararam uma emboscada nas três entradas do templo inacabado.

Enquanto Abiff passava pela entrada sul, ele foi confrontado por Jubela. Quando se recusou a revelar a palavra de passe, Abiff foi golpeado na garganta com uma régua. O construtor machucado cambaleou até a entrada oeste, e sua saída foi impedida por Jubelo. Novamente ele se recusou a entregar a palavra de passe e foi atingido no peito por um compasso. No final, mortalmente ferido e sangrando intensamente pelas duas feridas, ele tentou escapar pela entrada norte. Ali Jubelum estava à espera. Apesar de estar morrendo, Abiff ainda se recusou a revelar o segredo pela terceira vez. Ele foi atingido entre os olhos com um malho ou martelo de construtor e caiu morto.

Para esconder o seu ato covarde, os assassinos apavorados secretamente esconderam o corpo do arquiteto no Monte Monah, onde Enoch havia "andado com Deus e Ele o tomou". Eles plantaram um arbusto de acácia perene sobre a cova rasa para esconder a terra remexida. Tentaram então fugir para o sul, em direção à Etiópia, mas foram pegos na fuga e executados. O Rei Salomão enviou grupos de busca para encontrar o corpo de Abiff e no final ele foi encontrado. Os Aprendizes do templo tentaram sem sucesso trazer seu mestre de volta do mundo dos mortos. Ele foi finalmente ressuscitado pelos Mestres Construtores usando "o aperto forte da garra do leão".

Manly Palmer Hall disse sobre a história de Hiram Abiff e seu assassinato: "*Dessa forma, o construtor assassinado é um tipo de mártir cósmico – o espírito crucificado do Bom, o deus mortal cujo mistério é famoso por todo o mundo*". (1962: IXXVIII)

Hall associa Abiff à força criativa (fálica) solar que morre e é renascida durante o curso do ano. O rito de necromancia realizado pelos Mestres Construtores chamado de "o aperto forte da garra do leão" é, segundo Hall, uma referência ao signo zodiacal de características da realeza, o Leão. Ele é associado ao mês de agosto e, na moderna tradição neopagã, com Lammas e o sacrifício do rei divino.

Nos ritos de iniciação dos mistérios pagãos, o leão representava "a superação das forças da morte e do renascimento, e a afirmação da imortalidade individual do espírito humano". (Knight, 1985:70) No Rosa-

crucianismo, o leão é o símbolo para o sol e a força fálica solar associada ao "poder da serpente" do kundalini, acordado na magia sexual por um processo de equilíbrio dos quatro poderes elementais e pelo crescimento a partir dos poderes da Lua em conjunção com as outras seis forças planetárias. (Knight, 1985:88)

Na Alquimia, a união mística ou "casamento sagrado" dos poderes solares e lunares é simbolizada pela serpente com cabeça de leão. Podemos recordar que ela é um dos símbolos usados pelos antigos egípcios para descrever o deus solar negro Seth. Em processos alquímicos, a união entre o rei solar e a rainha lunar produziu um "filho mágico", que era o ser humano andrógino aperfeiçoado antes de Adão. Como Gareth Knight diz: "*a maior visão de unidade encontra-se na transformação da Deusa, a dançarina no centro da rosa. Esse é um mistério a ser encontrado também nas lendas do Santo Graal e o segredo da jóia na cabeça do sapo da Alquimia. Aquela [jóia]que caiu da coroa do caído Filho da Manhã*". (1985: 189)

Jesus foi descrito como "... o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi..." (Apocalipse 5:5). Alguns escritores sugeriram que isso era porque ele nasceu sob o signo astrológico de Leão (Gilbert, 1996:223). No entanto, é mais provável que ele tenha recebido esse título por causa de sua ligação com os antigos mistérios egípcios e a linhagem sagrada dos antigos "reis leões".

Alguns antigos historiadores maçônicos viam Hiram Abiff como outra forma de Osíris. Uma das entradas em que Abiff foi golpeado foi a do oeste, onde o sol se põe. Na mitologia egípcia, o mundo subterrâneo governado por Osíris depois de sua própria morte era situado no oceano ao oeste. Osíris tradicionalmente levanta dos mortos no norte, e na astrologia egípcia esse é o local associado ao Leão. O sul, onde Abiff foi ferido primeiro, era tradicionalmente o domínio de Seth. Osíris às vezes também era chamado de o Senhor da Árvore de Acácia, e essa é a mesma árvore que os três assassinos plantaram sobre a cova do mestre construtor.

A tradição esotérica alega que Hiram Abiff foi membro de uma antiga sociedade de construtores e arquitetos conhecida como os Artífices de Dioniso. Eles supostamente apareceram pela primeira vez por volta do ano 1000 a.C. e adotaram seu nome a partir do deus grego Dioniso, que

é outra versão do deus mortal da vegetação. A Sociedade usava sinais secretos e palavras de passe para se identificar, era dividida em capítulos ou Lojas governadas por um mestre construtor e se dedicava a ajudar os pobres e os doentes. Dizem que eles estabeleceram Lojas secretas na maioria dos países mediterrâneos, por todo o Império Romano e até a Índia no Oriente. Eles eram associados a outra sociedade secreta ligada à construção civil chamada Jônios. Membros desse grupo haviam se estabelecido na Ásia Menor e, como modelos culturais, eles se dedicaram a expandir a cultura, especialmente em sua forma grega, àquele que eles consideravam o mundo bárbaro.

Os Jônios foram supostamente responsáveis pelo famoso templo à deusa Diana, em Éfeso, na Turquia de hoje, que foi condenado por São Paulo e destruído pelos cristãos. Uma lenda diz que os Jônios e os Artífices viajaram de Tiro para trabalhar no templo de Salomão. Mais tarde, os



O Aperto da Garra do Leão

Artífices adotaram na prática o nome de os Filhos ou Crianças de Salomão, em sua honra. Eles também fundaram os Cassidens, um grupo na Palestina responsável pela construção e restauração de sinagogas. Foi alegado que, em contrapartida, os Cassidens colaboraram para a fundação da comunidade mística dos Essênios, cujos membros podem possivelmente incluir João Batista e Jesus de Nazaré.

Os Artífices de Dioniso tinham muitas opiniões em comum com as corporações de construtores medievais e com os maçons que os seguiram. Eles acreditavam que templos tinham de ser construídos usando os princípios da Geometria sagrada. Pelo uso habilidoso da simetria, medida e proporção, os Artífices construíram edifícios religiosos que representavam o corpo humano como um símbolo de Deus, o Universo e o Primeiro Adão, o "homem aperfeiçoado". Os projetos de muitos templos antigos foram baseados na proporção do corpo humano como um microcosmo no macrocosmo em termos herméticos. Kircher, em seu livro *Arca Noë*[27] (1675), disse: "*Quando o homem se estica em cruz, de forma que o círculo toca as extremidades de suas mãos e pés, o centro está no umbigo. Mas, se ele coloca seus pés juntos, o centro está no meio do membro [falo] humano. Era de acordo com essa medida do corpo humano que Noé supostamente construiu sua arca e Salomão, seu templo.*"

As teorias dos Artífices sobre o projeto do templo, a Geometria sagrada e a Arquitetura foram amplamente baseadas na unidade mística entre a humanidade, o Universo e Deus. Eles também fomentavam uma crença conjunta em uma utopia na Terra. Isso era expresso simbolicamente por um bloco grosseiro de pedra ou rocha chamado de pedra polida,[28] que o mestre construtor, representando o Grande Arquiteto do Universo, estava constantemente polindo e talhando para transformá-la em um objeto de perfeição. O malho e o cinzel do construtor representam as forças cósmicas que moldam o destino da humanidade. As semelhanças entre essas crenças e aquelas dos maçons tempos depois são certamente notáveis para ser totalmente coincidentes.

27. N. T.: No original, o autor refere-se à obra *Musurgia Universalis*. No entanto, a obra citada relaciona-se à visão de Kircher sobre música e foi publicada em 1650. *Arca Noë* refere-se a Noé e foi publicada em 1675.
28. N. T.: Ashlar no texto original.

Uma das muitas coisas surpreendentes sobre o templo de Salomão, que deveria supostamente ser a “Casa de Javé”, é que o rei hebreu pediu materiais e ajuda de um rei pagão e usou trabalhadores pagãos para construí-lo. Isso foi em uma época em que os hebreus deveriam estar adorando um deus monoteísta. B.W. Anderson alegou que “*o templo projetado por arquitetos fenícios* (isto é, canaanitas) *representava a invasão da cultura canaanita exatamente no centro da vida e adoração de Israel*”. Aliás, o projeto do templo em Jerusalém era muito similar, se não idêntico, a outros templos do Oriente Médio, incluindo aqueles do Egito. Além disso, os suprimentos enviados por Salomão a Tiro como pagamento suspeitosamente se parecem com o tipo de ofertas sacrificatórias feitas às divindades dos cultos de fertilidade na região.

Dizem na tradição cabalista que havia uma troca de correspondências prolongada e secreta entre os dois reis contendo enigmas que Salomão tinha de responder. É extremamente tentador especular que Salomão tinha se tornado um aluno do rei pagão e “*foi instruído por ele nos mistérios das deusas Ishtar e Astarte e na descida delas ao mundo subterrâneo*”. (Howard, 1989: 15) O historiador e pesquisador maçônico J.S.M. Ward vai mais além ao alegar que o Rei Hirão e o Mestre Construtor Hiram Abiff eram uma e a mesma pessoa – um rei-sacerdote de Tiro, “a encarnação viva de Adônis [Tamuz]”. Nessa função, ele foi oferecido como um sacrifício de consagração na conclusão do templo de Salomão.

Enquanto muitos leitores da Bíblia acreditam na história fabricada de que o templo foi construído e dedicado para a adoração de Javé, o dr. Raphael Patai alegou que por mais de quase quatrocentos anos existiu em Jerusalém uma estátua de Asherah, representando a deusa da fertilidade e a consorte secreta de Javé. O dr. Patai diz: “*A adoração a ela fazia parte da verdadeira religião aceita e guiada pelo rei, a corte e a classe sacerdotal...*” (1990: 50) Essa imagem da deusa canaanita somente foi removida quando os babilônios invadiram o templo em 586 d.C. e o destruíram.

Mesmo enquanto ele era um seguidor dedicado de Javé, Salomão imitou o exemplo de muitos dos seus próprios súditos e foi também um adorador da deusa da fertilidade. O Antigo Testamento afirma de forma perfeitamente clara: “*No tempo da velhice de Salomão, suas mulheres* [estrangeiras] *lhe perverteram o coração para seguir a outros*

deuses (...) Salomão seguiu a Astarote, deusa dos sidônios..." Suas mulheres também "*queimavam incenso e sacrificavam a seus deuses*". (1 Reis 11:4-8) Enquanto dizem que isso aconteceu quando Salomão era velho, antes mesmo de construir seu templo, ele havia feito uma aliança com o faraó egípcio e se casou com uma de suas filhas. Fazer bolos como oferendas à "Rainha do Céu" e queimar incenso em bosques sagrados em "locais altos" para Baal, Anat e Asherah-Astarte eram práticas comuns durante o reinado de Salomão. Existem diversas referências a elas no Velho Testamento e sua reprovação pelos profetas.

Na doutrina esotérica maçônica, dizem que houve três templos de Salomão. O primeiro foi conhecido como "A Grande Casa do Universo" ou "A Casa da Luz Eterna". Ele era representado pelos 12 símbolos do zodíaco girando em torno do sol e simbolizava o sistema solar e o Universo físico. O "segundo templo" era o corpo humano como um microcosmo do macrocosmo. Ele representava o iniciado percorrendo o Caminho, aquele que está na busca da gnose e da iluminação espiritual por meio do contato com o Deus Oculto dentro dele.

Em termos esotéricos, o "segundo templo" era erguido quando o iniciado compreendia que ele ou ela era um "templo do espírito" e que "o espírito de Deus habitava dentro deles". Um dos dizeres atribuídos às cerimônias de iniciação nos Mistérios pagãos era "Tu és Deus". O assim conhecido "terceiro templo" é o "templo invisível e não feito com mãos humanas". No Cristianismo esotérico é a "Igreja Oculta do Santo Graal" e "O Templo Celestial".

Dizem que o templo "não foi construído por mãos humanas" porque supostamente um verme misterioso ou uma criatura serpentiforme chamada de Shamir talhava e cortava as pedras. Outras histórias dizem que Salomão contou com a ajuda sobrenatural para construir o templo na forma de serventes elementais que ele invocou usando seus poderes de mago. Ele supostamente evocou djinns (espíritos) e demônios para mover enormes blocos de pedra para a posição correta. Curiosamente, um antigo documento de Alexandria refere-se aos poderes mágicos dos sacerdotes egípcios que "tinham domínio sobre os espíritos dos elementos". Eles conseguiam, supostamente por magia, "*carregar pedras para seus templos, através do ar, que mil homens não conseguiriam erguer*". (Collins, 1998: 39)

Um dos mais notáveis objetos no templo era o chamado Mar de Fundição. Ele era um caldeirão ou tigela enorme com uma borda decorada com lírios. Era sustentado por 12 bois, três em cada quadrante. (1 Reis 7: 23-26) Manly Palmer Hall comenta sobre ele: "*A alma, formada por uma invisível substância ardente, um metal dourado brilhante, é fundida pelo mestre construtor Chiram Abiff em um molde de barro (o corpo físico) e é chamado de Mar de Fundição*". (1962 CLXXV) Isso é uma alegoria ligada aos poderes da arte do forjador de metais, como um meio de transmutar o físico no espiritual. O Mar de Fundição é a obtenção da consciência cósmica por meio da "centelha divina na forja" operada pelo ferreiro divino. Anderson também diz: "*O mar* (alegórico ao primeiro oceano) *era sustentado por 12 bois* [e] *reflete fertilidade e temas mitológicos do Crescente Fértil*" (1971). Na verdade, Hiram Abiff teve uma visão de Tubalcaim que concedeu a ele o poder para terminar o templo e fazer o Mar de Fundição. Dizem que a Rainha de Sabá se apaixonou por Hiram Abiff enquanto ela era hóspede e amante de Salomão. Quando o rei descobriu, contratou três dos construtores para matar o seu rival.

Dois outros objetos entre os mais importantes no templo eram os pilares gêmeos chamados de Joachin e Boaz, que se encontravam na entrada do edifício. Eles eram decorados com romãs, que dizem ter sido as "maçãs" que nasciam na Árvore do Bem e do Mal no Jardim do Éden. Diz-se que estes pilares foram montados como cópias dos obeliscos encontrados nas entradas dos templos egípcios. Os mais famosos destes são aqueles erguidos pelo faraó Tutmés ou Tutmósis III na cidade solar de Heliópolis por volta do século XV a.C. Freqüentemente, mas de forma incorreta, referidos como os Obeliscos de Cleópatra, um se encontra na barragem do Tâmisa em Londres e o outro, no Central Park em Nova York.

No Egito Antigo, mesmo antes da construção das pirâmides, obeliscos ou pilares eram usados para unir simbolicamente a Terra com o Céu. Antes da unificação das Duas Terras, cada uma tinha seu djed ou pilar especial. No Baixo (ou do norte) Egito, o pilar ficava em Heliópolis e no Alto (ou do sul) Egito ele era situado em Tebas. Pilares gêmeos similares foram encontrados no templo de Astarte em Tiro e em seu outro centro de culto em Biblos, que aparece como o local de descanso de Osíris, cujo caixão foi transformado em um dos pilares do templo. Jacó

também ergueu um menir ou um pilar para ligar o Céu à Terra (Gênesis 28:18), e esses diversos pilares poderiam ser outra versão da Torre de Babel.

Foi sugerido que os pilares gêmeos representavam o poder fálico e da yoni[29] na natureza, simbolizados pelos casais divinos como Baal e Astarote, Ísis e Osíris, Ishtar e Tamuz e talvez até Javé e Asherah. (Horne, 1977: 223) O escritor e historiador maçônico Albert Churchward, em seu livro *Os Mistérios da Maçonaria*[30] (1915), diz que os pilares gêmeos podem ter sido cópias dos egípcios chamados de Pilares de Seth e Hórus. Eles simbolizavam os poderes da escuridão e as forças da luz e sua luta pela supremacia sobre o Egito (o Universo).

Os pilares exerceram uma parte importante na tradição salomônica. O Rei requisitou ser ungido como o governante de Israel enquanto era coroado entre eles. Foi também aqui que Javé concedeu a ele o dom da sabedoria, onde ele saudou o rei Hirão de Tiro e onde ele entrevistou Hiram Abiff para a função de arquiteto chefe e mestre construtor. O que acabou de ser citado sugere que os pilares estavam em suas posições originais antes de as fundações do templo ser construídas. Foi também entre os pilares que o rei casou com sua princesa egípcia, a Rainha de Sabá, e a receberam em audiência. (Horne, 1977: 231, citando documentos maçônicos do século XVIII)

Na tradição maçônica, os pilares gêmeos salomônicos são evidentemente associados aos famosos Pilares Antediluvianos, que são conhecidos de diversas maneiras, como, por exemplo, os Pilares de Seth, os Pilares de Enoch, os Pilares de Noé, os Pilares de Jabal ou os Pilares de Tubalcaim, dependendo da versão na qual suas origens são relatadas. Eles não são obviamente os originais, mas cópias feitas por Hiram Abiff sob as ordens de seu empregador real. No entanto, ainda em outro ato de sanitização, os pilares salomônicos substituíram os Pilares Antediluvianos em algum momento no século XVI ou no começo do século XVII. (Horne, 1977: 238) Hoje esses dois pilares devem ser encontrados em toda Loja Maçônica. Dentro de algumas ordens mágicas, como a Ordem Herméti-

---

29. N. T.: Do sânscrito, representa o órgão sexual feminino, podendo ser associada à vagina ou ao útero como símbolo da origem da vida.
30. N. T.: Arcana of Freemasonry.

ca da Aurora Dourada, fundada por maçons de altos graus e neo-rosa-cruzes, alguns mágicos cerimoniais modernos adotaram os pilares gêmeos como acessórios de templo convenientes.

Um exemplo medieval de como crenças maçônicas, pagãs e heréticas se misturaram na construção religiosa cristã, tendo como modelo o templo de Salomão, pode ser encontrado na capela Rosslyn, perto de Edimburgo, na Escócia. A capela foi projetada e construída no século XV por *sir* William de St. Clair (Sinclair na ortografia moderna do nome da família). Ele tinha sangue viking e possuía os títulos de Conde de Órcades, Cavaleiro da Ordem do Tosão de Ouro e Cavaleiro da Ordem de Santiago de Compostela. A família St. Clair era associada aos Templários e, desde tempos antigos, foram protetores da Maçonaria e defensores dos costumes (pagãos) populares ainda existentes. No século XVIII, foram também leais seguidores da causa Jacobita para restaurar a dinastia Stuart ao trono britânico no lugar dos usurpadores da casa real de Hanover.

A singular capela em Rosslyn incorpora em sua decoração interior símbolos dos mistérios dos maçons e rosa-cruzes, paganismo Nórdico e Celta, Gnosticismo e heresia cristã. *Sir* Andrew Sinclair mencionou que, além do simbolismo cristão, judaico, islâmico, rosa-cruz e maçônico na capela, "os construtores também gravaram suas crenças antigas nos espíritos da floresta da qual os nórdicos vieram". (1993:107) Em relação a isso, por toda a capela há mais de cem exemplos de máscaras em formas de folha do símbolo de fertilidade, conhecido como o Homem Verde. Ele é considerado por alguns escritores uma imagem dos deuses mortais de vegetação do Oriente Médio.

A capela possui uma imagem de São Jorge, o santo patrono grego da alegre Inglaterra, que também é venerado por algumas seitas Sufis na forma do seu Santo Verde Khidr. Como Osíris, ele foi desmembrado e renascido e aparece aos seus devotos como uma pura luz branca. Dizem que, por onde quer que vá, ele deixa pegadas verdes. Coincidentemente compartilha seu dia festivo de 23 de abril com o santo patrono da Inglaterra. São Jorge sempre foi associado ao Homem Verde e Tamuz. Em Rosslyn, ele se encontra sobre uma tábua decorada com rosas. Como sabemos, essa é uma flor com certa significância Luciferiana. Ela é um emblema de Vênus e Ishtar e o símbolo da linhagem sagrada, ou a "Família da Rosa" que descende dos Vigias.

É importante notar que, entre as outras imagens (nominalmente) cristãs na capela, podemos encontrar a de São Miguel. Em uma forma menos ortodoxa, ele é, naturalmente, o Arcanjo Miguel, mas como um santo ele é o patrono dos Templários. Outra figura controversa encontrada na capela é São Longuinho. Ele foi o centurião romano que golpeou a parte lateral do corpo de Jesus enquanto ele estava pregado à cruz e acelerou a sua morte. A arma usada foi supostamente a mística Lança do Destino forjada por Tubalcaim.

Dizem que *sir* William construiu a capela de Rosslyn como "*um memorial às crenças da herética Ordem dos Templários*" (T. Wallace Murphy). Um dos ancestrais de William havia lutado nas Cruzadas* e cavalgou ao lado de Hugh de Payens, um dos fundadores dos Templários. Além disso, De Payens casou com alguém da família St. Clair. Apenas recentemente um entalhe ligeiramente danificado em uma das paredes em Rosslyn foi identificado com um Cavaleiro Templário aparentemente iniciando um homem na Maçonaria. Ou isso ou os ritos de iniciação maçônica e templária são quase idênticos.

Sua Alteza Real Príncipe Michael de Albany,[31] o presente chefe da casa real dos Stewart, disse que os Cavaleiros Templários franceses que fugiram para a Escócia para escapar da perseguição no começo do século XIV se associaram a família St. Clair. Dizem que, "*sob a orientação dos St. Clair, os membros escondidos da Ordem dos Templários selecionaram candidatos adequados para as corporações de arte operativa* [de construtores] *para ensino nos diversos ramos do conhecimento sagrado. As disciplinas tratadas incluíam ciências, geometria, filosofia e os conteúdos dos manuscritos recuperados pelos Templários durante suas escavações em Jerusalém.*" (Hopkins, Simmons e Wallace Murphy, 2000)

A capela de Rosslyn também tem sua própria versão sobre o mito de Hiram Abiff associado a um pilar entalhado. O chamado Pilar do Aprendiz perpetua a história de como, durante a construção da igreja, o mestre

* N. E.: Sugerimos a leitura de *O guia Completo das Cruzadas*, de Paul L. Williams, Madras Editora.

31. N. T.: Derivada da palavra Alba, do gaélico escocês, e significa Escócia.

construtor viajou para o exterior deixando o pilar inacabado. Enquanto ele estava fora, seu aprendiz teve um sonho do pilar acabado. Quando acordou, começou a trabalhar e finalizou a construção do pilar. Quando o mestre construtor chegou, ele estava tão dominado pela inveja em razão da qualidade do trabalho do jovem, e tão furioso pelo fato de o aprendiz ter completado o pilar sem permissão enquanto ele estava fora, que matou o aprendiz a golpes de martelo. Um entalhe do mestre construtor com barba pode ser visto na capela. Suas feições são contorcidas, dizem que elas são assim porque ele foi enforcado pelo seu crime. Perto há uma cabeça de mulher, e ela é conhecida como "a mulher viúva". Isso indica que seu filho assassinado é o "filho da viúva".



O Eremita

O próprio pilar possui de certa forma um simbolismo muito interessante entalhado nele. Ele é baseado no Yggdrasil ou Árvore do Mundo na mitologia nórdica. Aparentemente, o aprendiz assassinado veio das Órcades, onde crenças pagãs nórdicas se estenderam até a Idade Média. A base do pilar tem nada menos do que oito cobras com as caudas nas bocas, criando o ouroboros, um antigo símbolo de eternidade. Esse é o símbolo da "serpente alada" ou dragão que vive na base da Árvore do Mundo ou Árvore da Vida em muitas mitologias antigas ao redor do mundo. De forma alternativa, ela pode ser a Serpente do Mundo que circunda a Terra. Outros a viram como a misteriosa criatura chamada Shamir, que entalhou as pedras do templo de Salomão.

Sir Andrew Sinclair interessantemente associa o pilar à Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal no Jardim do Éden. Ele diz que "*a serpente com a cauda na boca não era apenas Lúcifer, mas também parte da sabedoria sagrada dos Cátaros e dos Templários*" (1993). Ele acrescenta que o Pilar do Aprendiz, e outro na capela de Nossa Senhora em Rosslyn, "*simbolizavam o conhecimento hermético, a compreensão secreta do Cosmos, dada à humanidade pela serpente*" (1995:83).

O mais notável entre todos os muitos entalhes na capela é descrito como o "anjo caído de Rosslyn". A tradição popular teme que seja uma imagem de Lúcifer depois da queda. Ele retrata uma figura humanóide masculina pendurada de cabeça para baixo e frouxamente atada com uma corda – ou talvez ela deva simbolizar uma serpente enrolada em seu corpo. Ele lembra a famosa pintura do místico William Blake representando Deus ladeado pelos seus "dois filhos" – Jesus[32] e Satã – pendurados de ponta-cabeça com serpentes enroladas em torno deles. Andrew Collins identificou essa figura com Semyasa, o líder dos anjos caídos na mitologia persa, que é associado ao anjo caído hebraico e ao deus bode do deserto Azazel. De acordo com uma lenda, foi Azazel que revelou a Salomão "o mistério divino" que o tornou o homem mais sábio do mundo.

---

32. N. T.: A obra foi baseada na escultura grega intitulada Laocoön e seus filhos. Na pintura de blake de (1826–27), tem na verdade em sua base os dizeres indicando Javé e seus dois filhos, Adão e Satã, apesar de Jesus ser mencionado ao redor da figura.

E.W. Liddell alegou que as idéias e o simbolismo maçônico infiltraram o culto de bruxaria medieval, ou talvez vice-versa. Todavia, Liddell afirmou que bruxas e maçons divergiam sobre a interpretação dos mesmos símbolos. Por exemplo: "*Maçons não associam os pilares gêmeos com polaridade sexual (...) Maçons e Cátaros concordavam que tinham opiniões diferentes acerca dos meios de alcançar seu objetivo em comum* [*a união com o Deus interior*] (1994:54). Liddell alega que no século XVII "*muitos intelectuais foram atraídos para a Arte* [magia] *porque eles acreditavam que ela continha elementos do druidismo. Rosa-cruzes, maçons e pseudo-ocultistas foram admitidos na Arte.*" (1994:54)

Ele ainda alega que as "*muitas semelhanças entre a Arte [das bruxas] e a Arte Maçônica podem ser amplamente esclarecidas pelo influxo dos 'homens habilidosos' no movimento maçônico*" (1994: 64). Liddell afirma que esses homens habilidosos se criaram dentro das Lojas. Alguns eram proprietários de terras locais e também mestres de magia. Eles se associavam livremente aos ocultistas rosa-cruzes e maçons.

Uma tradição de magia antiga preenchendo a lacuna entre as duas formas da "Arte" pode existir ainda. Andrew Chumbley escreveu sobre "*um mito que foi transmitido, tanto oralmente quanto em forma escrita, e que recorda a descendência do sangue bruxo desde a preexistência até os dias de hoje por meio da transmissão do Fogo Criativo Primordial*". Chumbley diz que o mito hoje está "*disfarçado na linguagem da gnose demonológica*" e "*no imaginário folclórico nativo – o ferreiro e a forja*". Isso se associa às magias e ao simbolismo Luciferiano do Oriente Médio. Tal tradição sobrenatural ainda é praticada de diferentes formas em grupos de magia e covens de magia em Essex, Cheshire, Staffordshire, País de Gales e Ilha de Man.

De acordo com Chumbley: "*Em essência, o mito fala sobre os deuses antigos, seu estado preexistente de negatividade, a criação e a revelação do Fogo Antigo à raça dos Vigias, pelo casamento entre a raça humana e a dos antigos, a interpenetração da chama e da semente de Samael e Lilith, a criação de Caim, e seu papel como o Senhor dos Cavaleiros*". Essa lenda da descendência dos Vigias e a criação por eles do "sangue bruxo", herdado ou em um nível físico ou

espiritual transmitido para aqueles que estão no círculo hoje, é ainda uma fortíssima crença da fé antiga nas práticas e costumes da tradição de magia pré-modernista nos dias de hoje.

E.W. Liddell informa que: "*As afinidades que existiam entre maçons e bruxas provém do seu devotamento comum a Lúcifer, o Portador da Luz. Lúcifer era considerado o 'espírito que mora' no mecanismo humano. A queda dos anjos foi corretamente entendida como a representação da encarnação da divindade na carne mundana. A alegoria em relação aos Filhos de Deus e as 'filhas dos homens' é ainda outra tentativa de explicar o mistério segundo o qual a divindade se associa com a carne*" (1994:72-3). A encarnação da Luz em forma humana e a criação do "sangue bruxo" pelos Caídos constituem os ensinamentos centrais do que pode ser descrito, para distanciar da Wicca neo-pagã moderna, como a tradição da Arte Luciferiana.


IAΩ
Capítulo
IX





A Rainha da Sabedoria



"Eu sou morena,[33] mas agradável..."
O Cântico dos Cânticos (1:5)

Uma das companheiras do Rei Salomão na Bíblia foi a Rainha de Sabá. Ela recebe apenas uma pequena menção, mas ainda assim muitos mitos e lendas notáveis acerca dela têm crescido no decorrer dos séculos. Esse processo é geralmente um forte indicativo de uma antiga figura típica ou lendária que entrou em conflito com a ortodoxia de sua época. Uma dica de que isso se relaciona a Sabá é dada pelo seu nome.[34] Ele significa "sete", um número místico que nos traz à memória os sete governadores ou regentes planetários angelicais e a Deusa das Sete Estrelas e um "juramento" no sentido de um pacto ou contrato feito com os poderes celestiais. No *Cântico dos Cânticos,* Sabá diz: "*Não olheis sobre mim, porque sou morena, porque o sol resplandeceu sobre mim*" (1:6). Isso nos faz lembrar de um dos títulos dado a Seth, "o queimado". Por isso Sabá é mais do que apenas uma governante em visita a uma terra exótica por quem Salomão se apaixona, e temos de procurar o verdadeiro significado por trás da fachada exterior.

Referências bíblicas sobre Sabá podem ser encontradas em 1 Reis 10:1-13. O trecho descreve como ela viajou para Jerusalém para ver Salomão depois de ouvir a respeito de sua famosa sabedoria. Sabá que-

33. N. T.: Nas bíblias em português, ela é descrita como morena, no entanto, existem outras descrições em que ela é descrita como negra.
34. N. T.: Seu nome sem tradução é Sheba.

ria provar para si que o rei possuía conhecimento (oculto) e, então, de acordo com a Bíblia, ela foi prová-lo por "enigmas". Isso indica que Sabá era uma pessoa sábia e instruída. Aliás, podemos supor que o encontro foi entre dois iniciados e é interessante ver que Sabá considerava Salomão como "a estrela da manhã".

Sabá chegou a Jerusalém com "uma grande comitiva, com camelos carregados de especiarias e muitíssimo ouro e pedras preciosas". Parece que ela estava disposta a pagar um alto preço pelo conhecimento que achou que poderia obter do rei hebreu. A referência a especiarias é interessante, pois alguns estudiosos da Bíblia colocam a terra de Sabá no sul da Arábia, que era a fonte de olíbano – oferecido pelos três magos ao menino Jesus. Um escritor francês, Gerald de Nerval, descreveu imaginativamente a rainha como "*coroada com estrelas, em um turbante cintilante com as cores do arco-íris, a face dela é de tom de oliva*".

Assim como pela sua sabedoria, Salomão era famoso pelo seu conhecimento das artes mágicas. Isso pode ser outro motivo que fez com que Sabá fosse atraída a visitá-lo. Acreditava-se que o rei podia controlar djinns e os espíritos dos elementos o obedeciam – os gnomos, ondinas, silfos e salamandras. Eles ajudaram Salomão na construção do seu templo. Uma das mais famosas contribuições de Salomão para a Arte foi um livro de encantamentos para evocar os espíritos e controlar demônios e elementais. Esse volume foi banido já no século VIII a.C. pelo rei Ezequias de Judá. No entanto, uma cópia ainda estava em ampla circulação no século I d.C. e era considerado como um grimório altamente apreciado pelos magos judaicos.

O volume é mencionado novamente no século XI como um estudo escrito por Salomão sobre as jóias mágicas e a evocação de demônios. Ele é mencionado novamente no século XIII e, em 1350, um livro chamado de *Livro de Salomão*[35] foi publicamente queimado sob as ordens do papa Inocêncio VI. Todavia, dizem que em 1456 o duque de Borgonha tinha uma cópia do tratado proibido. Em 1559, a Inquisição espanhola também queimou cópias do livro como uma obra herética e perigosa. Mais tarde, ele apareceu como a *Clavicula Solomonis* ou *Chave de*

35. N. T.: Livre de Solomon.

Salomão, e uma cópia é mencionada pela Inquisição de Veneza como pertencente a uma bruxa no século XVII. A *Chave* foi traduzida para o inglês no século XIX por Samuel MacGregor Mathers, membro da Aurora Dourada, e tem sido usada hoje em dia tanto por magos cerimoniais quanto por bruxas tradicionais.

Sabá ficou tão impressionada com a extensão do conhecimento e sabedoria de Salomão que o presenteou com 120 talentos[36] de ouro, mais todas as especiarias e jóias que trouxe com ela em sua comitiva. Em resposta a esse generoso gesto, Salomão "*deu à rainha de Sabá tudo o que ela desejou e pediu, além do que já lhe havia dado da sua munificência real*" (1 Reis 10:13). Depois dessa troca, a lenda popular diz que eles se tornaram amantes, e a rainha deu à luz um menino. Ele foi chamado de Menelik,[37] ou "filho do sábio". Esse filho de Salomão e Sabá mais tarde foi o fundador da dinastia abissínia ou etiópica dos "reis leões". O último dessa casa real foi Haile Selassie I – o também chamado "Leão de Judá" –, que foi deposto em um golpe de Estado na década de 1970. Também na Etiópia, uma das possíveis terras natais de Sabá, ela era conhecida como Makeda ou "a flamejante". Isso foi uma referência à passagem de um cometa pelo céu. Isso é um sinal de que ela era considerada como uma iniciada dos Mistérios, uma "Alma Antiga", uma adepta ao ocultismo ou iluminada cujo espírito é transportado para as estrelas após a morte. Depois da desencarnação, eles estão livres para retornar à terra, se desejarem, como, para usar o termo oriental, um Bodhisattva para auxiliar a humanidade.

Em uma das lendas mais curiosas sobre Sabá como uma jovem, ela foi amarrada nos galhos de uma antiga árvore imensa como uma oferenda para um dragão (a Árvore do Mundo e a serpente alada que a guarda?). Sete sábios ou homens sagrados sentaram-se à sombra da árvore para discutir assuntos espirituais. Quando o dragão chegou, eles o mataram e resgataram Sabá. Quando ela voltou ilesa à sua vila, os anciões ficaram tão impressionados que a nomearam a "líder de todos os líderes".

---

36. N. T.: Um talento no *Velho Testamento* equivalia a aproximadamente 34 quilos, segundo a Bíblia de Referência Thompson. Então, podemos dizer que Sabá deu a Salomão mais de 4 toneladas de ouro.
37. N. T.: Também conhecido como Bayna-Lenkem.



A Sacerdotisa

Infelizmente, quando os sábios mataram o dragão, parte do sangue venenoso espirrou no pé e na perna esquerda dela. O sangue tornou a perna dela peluda e o pé ficou como um casco rachado, parecido como o de um bode. Dizem que, quando ela viajou para Jerusalém, Salomão curou seu membro deformado, que voltou à forma humana.

O encontro entre a rainha africana ou árabe e o rei hebreu pode ser compreendido, muitíssimo no nível esotérico, como um "casamento sagrado". Sabá representa a personificação feminina da sabedoria divina, simbolizada pela Lua, que se une a Salomão como o rei Sol. Ela foi comparada a Sophia ou Sabedoria, conhecida como "o espelho de sabedoria" e a "noiva mística". O último termo também foi usado para descrever a Shekinah ou "Noiva de Deus" no misticismo hebraico. Outro título de Sophia era a "Senhora do Mundo Interior", e ela aparece no Tarô como a carta da Alta Sacerdotisa. Ela retrata uma figura feminina, vestindo uma coroa de lua crescente e um manto azul, sentada em um trono entre os dois pilares gêmeos de Joachin e Boaz. Na página título da obra de Kircher *Ars Magna Sciendi* (1969), Sophia é retratada entronizada segurando um livro que contém um alfabeto. Essa é uma representação das sete chaves hieroglíficas que supostamente contém o todo do conhecimento humano. Sabedoria ou Sophia também foi descrita como a "companheira de juventude" de Adão e comparada a Eva, que foi criada a partir da anima ou do eu feminino do primeiro homem andrógino (Roob, 1997: 171). Como "companheira de juventude", Sophia é possivelmente a primeira esposa de Adão, Lilith, que examinaremos no próximo capítulo.

O filósofo hermético do século XVI Giordano Bruno comparou a deusa da Lua Diana com Sophia baseando-se no fato de que Luna (a Lua) é um espelho refletindo a luz do Sol. Na lenda de Actaeon e Diana, o caçador é o intelecto do homem buscando a sabedoria divina. Quando ele finalmente agarra Diana-Sophia no espelho da natureza e levanta o véu de seu segredo lunar, torna-se vítima de sua própria luta, pois a matilha dela o rasga em pedaços. O caçador torna-se o caçado e ele percebe que atraiu o Ser Supremo para dentro de si, e que não precisa mais buscá-lo fora. Aliás, como Aradia, a filha de Diana, diz: "*Se o que busca não encontrar dentro de você, jamais encontrará sem você*".

Dizem que, depois de Sabá dar à luz o filho deles, Salomão deu a ele a Arca da Aliança, como um presente de nascimento. Em uma versão da história, Sabá e Menelik conspiraram juntos para roubar a Arca e levá-la de volta para a terra natal deles. Alega-se que a Arca – representando a efetiva presença de Javé na Terra e contendo as placas dos Dez Mandamentos – ainda é preservada em um mosteiro etíope. Sacerdotes-monges que são os guardiões hereditários fervorosamente a protegem de intrusos. Outra história diz que Salomão também deu a Sabá a pedra de esmeralda que caiu da coroa de Lúcifer. Supostamente essa pedra foi entalhada em uma tigela ou bandeja que foi usada na Última Ceia e hoje pode ser vista em uma igreja em Gênova.

Uma lenda em relação às origens de Sabá diz que ela governou sobre Sabá, a terra dos sabeus ou adoradores de estrelas. Eles supostamente viveram no sul da Arábia no que é hoje a república do Iêmen. Em setembro de 2000,[38] o jornal *The Times* relatou que os arqueólogos descobriram um templo de 3 mil anos dedicado ao deus Lua no norte do Iêmen. Ele estava localizado perto da cidade de Marib, que por muito tempo é associada à rainha de Sabá. Eles acreditavam que a descoberta nas areias cambiantes do deserto poderia provar que a rainha bíblica veio do sul da Arábia. No entanto, em 1999, um arqueólogo britânico anunciou que havia achado as ruínas da cidade da rainha nas florestas tropicais da Nigéria, na África ocidental.[39] Os habitantes locais chamavam Sabá de Birikisu Sungbo, e peregrinos ainda visitam o local que dizem que é o túmulo dela. Outra versão ainda diz que ela governou a civilização perdida de Núbia no atual Sudão. Diversos governantes núbios migraram para o norte e se tornaram faraós no Egito.

Outra história lendária relata como um pássaro poupa contou a Salomão sobre a "grande rainha" que vinha de "uma terra maravilhosa" da qual ele nada conhecia. Esse pássaro falante estava aparentemente ensinando a Salomão a suposta "língua dos pássaros" conhecida pelos mestres Sufis medievais. Essa era a língua de Enoch ou língua universal angelical falada antes da Torre de Babel. Nessa história, foi Salomão quem ordenou Sabá, descrita como uma "adoradora do sol", a comparecer em sua corte. Quan-

38. N. T.: O sítio em questão começou a ser escavado em 1988.
39. N. T.: As ruínas em questão encontram-se nos monumentos de Eredo, que fica a uma hora de carro de Lagos.

do ela chegou, ele ficou horrorizado quando ela passou por um chão espelhado do seu palácio. Ele podia ver por baixo do vestido, e ela tinha pernas peludas como um bode. Salomão concluiu que ela deveria ser um dos demônios do deserto, chamados seirim, que seguiam Azazel, ou o vampiro demônio feminino Lilith.

Alguns escritores associaram Sabá ao culto medieval da Virgem Negra que era reverenciada por heréticos medievais como os Cavaleiros Templários. Pode ser assim que ela foi ligada estranhamente ao mito do Graal. Sabá supostamente foi a responsável pela construção da Nave de Salomão, uma embarcação mágica com o poder de viajar pelo tempo e o espaço. Foi supostamente nesse barco que *sir* Galahad viajou até o Castelo do Graal no mito de Arthur. Sabá revelou que Salomão teve uma visão do cavaleiro no futuro e, por essa razão, ordenou a construção do navio. Ele aparentemente foi construído da madeira obtida da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal no Éden. Há muito simbolismo estranho aqui...

Sabá também faz uma aparição coadjuvante como convidada no Novo Testamento que serve para ligar Jesus a seu ancestral Salomão. Jesus indiretamente se refere a ela como "a rainha do sul". Ele fala aos fariseus, uma seita que ele desprezava, que "*a rainha do Sul se levantará no dia do juízo com esta geração, e a condenará*", (Mateus 12:42) É possível, a partir desse comentário, e o fato de que a Condessa de Toulouse às vezes tenha sido chamada de Rainha do Sul, que Sabá pode ter sido associada ao culto da Virgem Negra. Sua adoração era mais forte no sul da França, onde, heresia também floresceu durante a Idade Média.

Ean Begg (1985) também associa Sabá a uma lendária personagem folclórica da Idade Média, chamada rainha Sybilla, cujo nome provavelmente deriva de "sibila" ou vidente feminina. Ela supostamente foi a ancestral de todas as bruxas, bruxos e mágicos. Ela era caracterizada fisicamente por ter pés palmados como os de um ganso. Isso é comparado às pernas ou aos pé de bode de Sabá. Aliás, Sabá foi descrita como "*uma sibila com pés iguais aos de um ganso e olhos cintilantes como as estrelas*". O pé de ganso é um nome antigo para o pentagrama, a Estrela de Davi,[40] e dizem que é a pegada da deusa-demônio Lilith. Caitlin Matthews associou Sabá-Lilith com à deusa clássica Vênus e a lenda do

40. N. T.: A Estrela de Davi tem seis pontas.

Monte de Vênus. Ela é "*a deusa escondida na montanha que conhece tudo e cujo abraço concede a transmissão de conhecimento*" (1991: 212). Essa "deusa escondida", diz Matthews, é a Deusa Preta ou Negra que guarda o Graal e inicia o explorador na sabedoria.

A deusa de pé de ganso das bruxas aparece nas rimas infantis como a Velha Mamãe Ganso, que possui a imagem típica de uma bruxa velha. Sibilina foi associada à princesa merovíngia Bertha, conhecida pelo apelido de "Pé Grande". Embora Bertha seja um nome cristão convertido, seu nome é uma variação de Berchta ou Holda, a deusa germânica do inverno. Frau[41] Holda viajava pelo céu à noite na forma de um ganso e neve caía de suas asas.

Dizem que os merovíngios descendem de um casamento de fadas entre um humano e um monstro feminino conhecido como um quinotauro[42] chamado Melusine. Popularmente conhecidos como os "reis feiticeiros de cabelos compridos", os merovíngios eram adoradores da deusa Diana-Ártemis, antes de serem convertidos ao Cristianismo. Na Idade Média, cabelo comprido em homens ou em mulheres era considerado um sinal de que eles praticavam feitiçaria e adoração ao demônio. Dizem que a dinastia preservou a linhagem sagrada do rei Davi e seu filho Salomão. Por essa razão, eles aparecem intensamente em especulações sobre a existência do *sang rael* ou a linhagem de Jesus de Nazaré.

Sabá pode também ser relacionada com Herodias, a esposa do rei Herodes que, dizem, imigrou para a França. Herodias, às vezes chamada de Herodiana, foi confundida com a deusa bruxa Habondia ou Nocticula. Ela concedeu um dos nomes alternativos para Aradia, a deusa das bruxas italianas e a filha de Diana e Dianus (Lúcifer). Habondia é também outra versão de Perchta ou Holda e ainda é reverenciada sob aquele nome em covens de bruxas tradicionais. Paul Huson descreve Habondia como "*a deusa* [bruxa] *vista como a Dama do Amor e Abundância*" (1970: 218). Portanto, fizemos uma análise completa, porém é óbvio que existe muito mais a respeito da Rainha de Sabá do que a breve menção dela na Bíblia pode dar a entender.

41. N. T.: Frau, do alemão, mulher ou senhora.
42. N. T.: Metade touro e metade peixe.


ΙΑΩ
Capítulo
X



A Lanterna de Lilith



"Sou semelhante à coruja do deserto."
Salmo 102:6

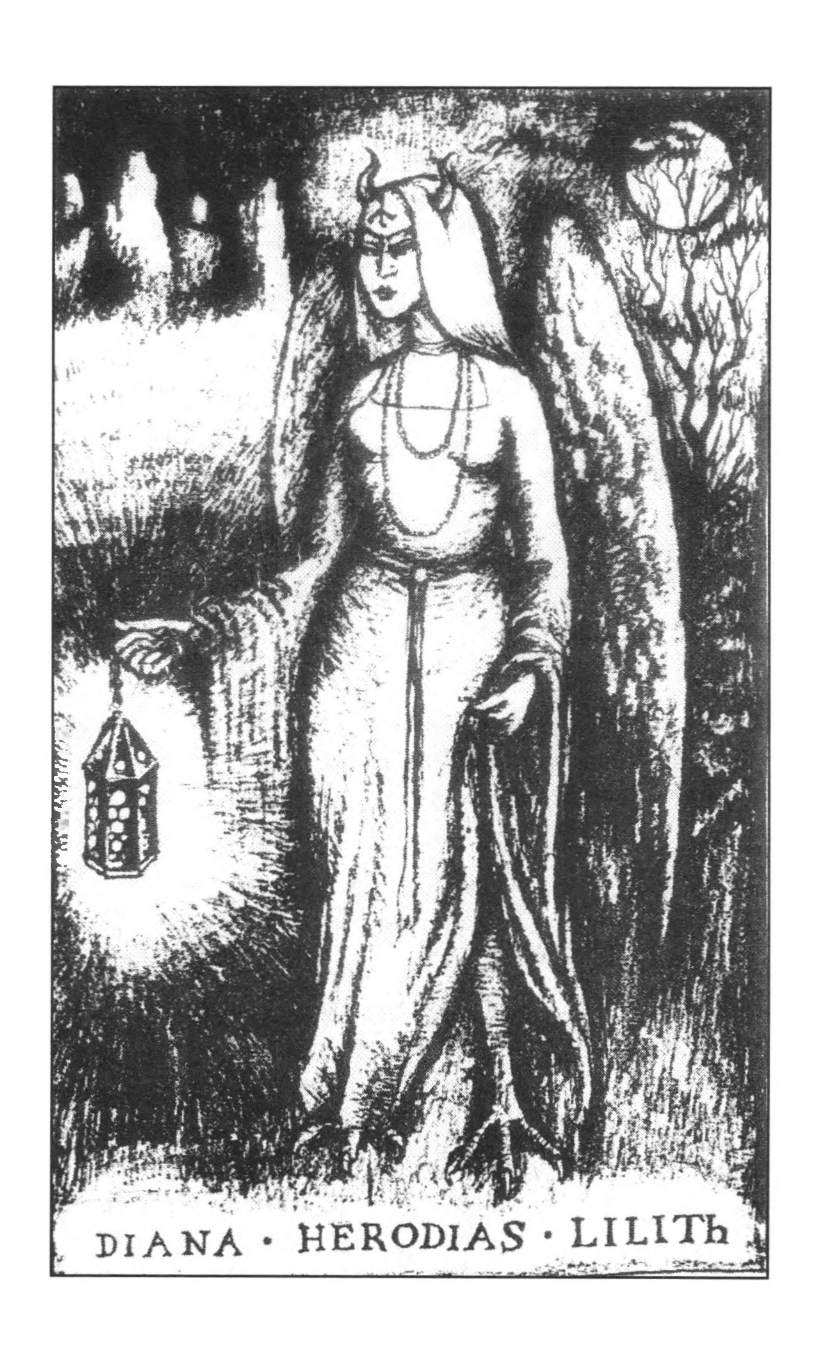
Um termo arcaico no folclore inglês e na poesia para a Lua é a Lanterna de Lilith. Mas quem exatamente foi Lilith? Por que ela era associada à Lua e qual sua conexão com Lúcifer? Para responder a essas perguntas devemos voltar mil anos no tempo, para quando ela era vista como um demônio vampiro feminino que roubava bebês de seus berços, seduzia os homens com sonhos eróticos e gerava uma raça de diabos. Na mitologia hebraica, Lilith era conhecida por muitos títulos, incluindo "bela donzela", "o demônio", "vampiro prostituta", "o fantasma na noite", "súcubo", "rainha dos demônios", "monstro noturno", "mãe das bruxas" e "o mocho". Esses nomes refletem a crença comum de que ela raptava bebês ou sugava o sangue e a energia vital deles, causava abortos em mulheres e coletava o sêmen ejaculado pelos homens durante sonhos eróticos ou masturbação para criar demônios e elementais.

Sem maior análise, Lilith parece ser uma figura consideravelmente desagradável, mas, como já vimos neste livro, as divindades da antiga religião se transformam em demônios pela nova religião. É verdade também que os livros de história são sempre escritos pelos vencedores e isso se aplica também aos livros de religião ou mitologia. Lilith não foi sempre

um demônio noturno hebreu. Na mitologia suméria, ela é retratada por volta de 2000 a.C. como uma bela mulher nua e alada com pés de pássaro. Ela está vestindo uma touca ou gorro com chifres e está em pé sobre duas leoas. Corujas a ladeiam pelos dois lados. Na Suméria antiga, Lilith, Lilitu ou Lily foi a líder das Lilu, uma raça de vampiros femininos que foram as predadoras sexuais dos humanos. Elas eram espíritos do ar que habitavam no deserto e se manifestavam durante as tempestades. Dizem que essas entidades se alimentavam de mulheres grávidas e, como no mito hebraico, concebiam demônios ao roubar o sêmen de masturbadores e homossexuais. Lilith era a filha de Ninlil, a deusa dos cereais e do vento que deu à luz a Lua. Por essa razão, os poderes de Lilith eram maiores no período da lua minguante, "*quando os cães da noite estão livres de suas correntes para vagar até a manhã*".

A *Epopéia de Gilgamesh* nos conta a história da deusa Inanna, a Rainha do Céu, e como ela encontrou o salgueiro sagrado nas margens do Eufrates que havia sido desarraigado em uma forte tempestade. A deusa resgatou a árvore caída e a replantou em seu jardim. Ela planejava usar a madeira para uma nova cama e um trono. Entretanto, depois que foi plantada, a árvore se recusava a crescer porque uma cobra havia se aninhado em suas raízes, o feroz pássaro do trovão Zu ou Anzu estava empoleirado em seus galhos e Lilith havia construído uma casa no seu tronco. Inanna estava abalada e em prantos pediu socorro ao herói semidivino Gilgamesh. Este matou a cobra e derrubou a árvore e, por isso, Zu e Lilith perderam seus lares. Lilith fez crescer asas de coruja e voou para longe, amaldiçoando a deusa e o defensor dela. Inanna recompensa Gilgamesh com um presente Xamânico de um tambor e uma baqueta, ambos feitos da madeira da árvore de seus galhos superiores e raízes. Esse instrumento mágico permitia que ele se comunicasse com os deuses no Céu (os galhos superiores) e descendesse ao mundo subterrâneo (as raízes).

Alguns escritores compreenderam essa história como uma metáfora que representava o poder em declínio das deusas do Oriente Médio enquanto os patriarcas assumiam o controle. George diz: "*O pássaro antigo e a deusa serpente que construíram seus lares na copa e na base da Árvore da Vida uniram céu e terra. Essa imagem continha o poder e o conhecimento presente no pássaro com asas de águia e face de leão e [a] sabedoria da renovação sexual expressa pela serpente*" (1992:177).


DIANA · HERODIAS · LILITh

Nesse mito acima, o pássaro do trovão Zu é extremamente uma figura Luciferiana/Prometéica. Ele é descrito como uma águia com cabeça de leão que provoca furacões no deserto ao bater suas asas. Como o deus Zu, vimos como ele roubou as Tábuas do Destino dos Deuses e tentou se apoderar da ordem cósmica. As Tábuas deram poder a Zu sobre o Universo porque elas controlavam o poder do destino, que geralmente era representado por uma deusa. Por ter ousado desafiar a ordem cósmica, o pássaro Zu foi morto por um raio, as tábuas foram devolvidas e a ordem cósmica foi restaurada ao estado normal. O pássaro do trovão é comparado ao pássaro Bennu, do mito egípcio, à fênix e à Roca árabe.

A associação de Lilith estar vivendo na Árvore do Mundo ou Árvore da vida com uma cobra e um pássaro tem certa significância mística. Andrew Collins acuradamente identifica o pássaro Zu com a lenda bíblica de Azazel e os Vigias e também com os ciclos estrelares ligados aos ciclos cósmicos do destino (1996: 226-28/353-55). O motivo da águia, ou certo pássaro lendário, vivendo nos galhos de uma árvore sagrada com um dragão ou serpente em suas raízes pode ser encontrado do norte da Europa até o Oriente distante.

Os animais sagrados de Lilith eram gatos, corujas, cobras, bacurais e cães negros. Tanto Inanna quanto Ishtar eram conhecidas como as "Divinas Damas Corujas", e esse pássaro é um símbolo duplo de sabedoria e morte nos mitos antigos. Na única referência bíblica a Lilith, diz-se que ela vive "*em deserto desolado com feras selvagens, chacais e sátiros como companhia*". (Isaías 34:14) Os sátiros são, naturalmente, os seirim ou "peludos" que seguem o mestre deles, o deus bode Azazel.

Lilith era associada na Suméria a Ereshkigal, a irmã de Inanna, e na Babilônia a Ishtar (Vênus). Na Fenícia, ela era Baalat, a "Grande Dama", e a consorte de Baal. Dizem que, quando Inanna conspirou para destronar Ereshkigal, ela se vestiu com suas melhores jóias. Ela então visitou a irmã no seu palácio, parecido com um labirinto em formato de uma teia de aranha e com sete portões. Ereshkigal descobriu que ela estava vindo e ordenou que seus guardas parassem Inanna em cada um dos portões e arrancassem algumas de suas jóias e roupas. Quando chegou ao centro do palácio, ela estava totalmente nua. Naquele instante, sua irmã mais nova fez com que ela fosse enforcada.

Os hebreus provavelmente encontraram Lilith pela primeira vez quando invadiram e ocuparam Canaã, pois naquele tempo o culto a ela já havia se estendido além de suas origens na Suméria. Na tradição Cabalística, Lilith foi a primeira esposa de Adão antes de Eva. Ele havia supostamente pedido a Javé que lhe desse uma companheira feminina, já que estava cansado de se masturbar e de ter relações sexuais com animais – ambas as práticas eram comuns entre os pastores do Oriente Médio, que geralmente tinham vidas solitárias. Tendo sido presenteado com uma companheira sexual, o mal-agradecido primeiro homem se ofendeu com as exigências de Lilith em ignorar a tradicional posição de missionário[43] durante o ato sexual e deixá-la tomar o papel dominante. Quando Adão se opôs, Lilith perguntou: "Por que eu devo me deitar debaixo de você? Eu também sou feita de barro e por isso sou igual a você". Em circunstâncias um pouco diferentes, Lúcifer tinha recusado as exigências de Deus para reverenciar e adorar sua criação Adão. O primeiro se mostrou um bom menino religioso depois de tudo e se recusou a ceder a Lilith. Em um ódio frustrado, dizem que Lilith se transformou em uma coruja e voou para o deserto para se tornar uma banida "viajante no deserto".

Depois que Javé cedeu às exigências de Adão por uma nova parceira feminina e o casal foi expulso do Éden, Lilith retornou do deserto. Embora Adão fosse abstêmio naquele momento, Lilith usou as ejaculações noturnas dele para criar uma raça de demônios e gigantes. Aliás, dizem que Lilith gerou a raça de fadas e elfos que eram considerados pelas religiões ortodoxas patriarcais como demônios. Os antigos hebreus, como certos cristãos puritanos que vieram depois, parecem ter tido um preocupação peculiar com a masturbação e outras formas de sexo não reprodutivo. Por exemplo, quando Javé viu homens "derramando suas sementes em árvores e rochas" ele os puniu por sua perversidade. Na realidade, essa prática parece com ritos de fertilidade em que a energia sexual estava sendo oferecida aos objetos naturais que supostamente estavam imbuídos de forças divinas.

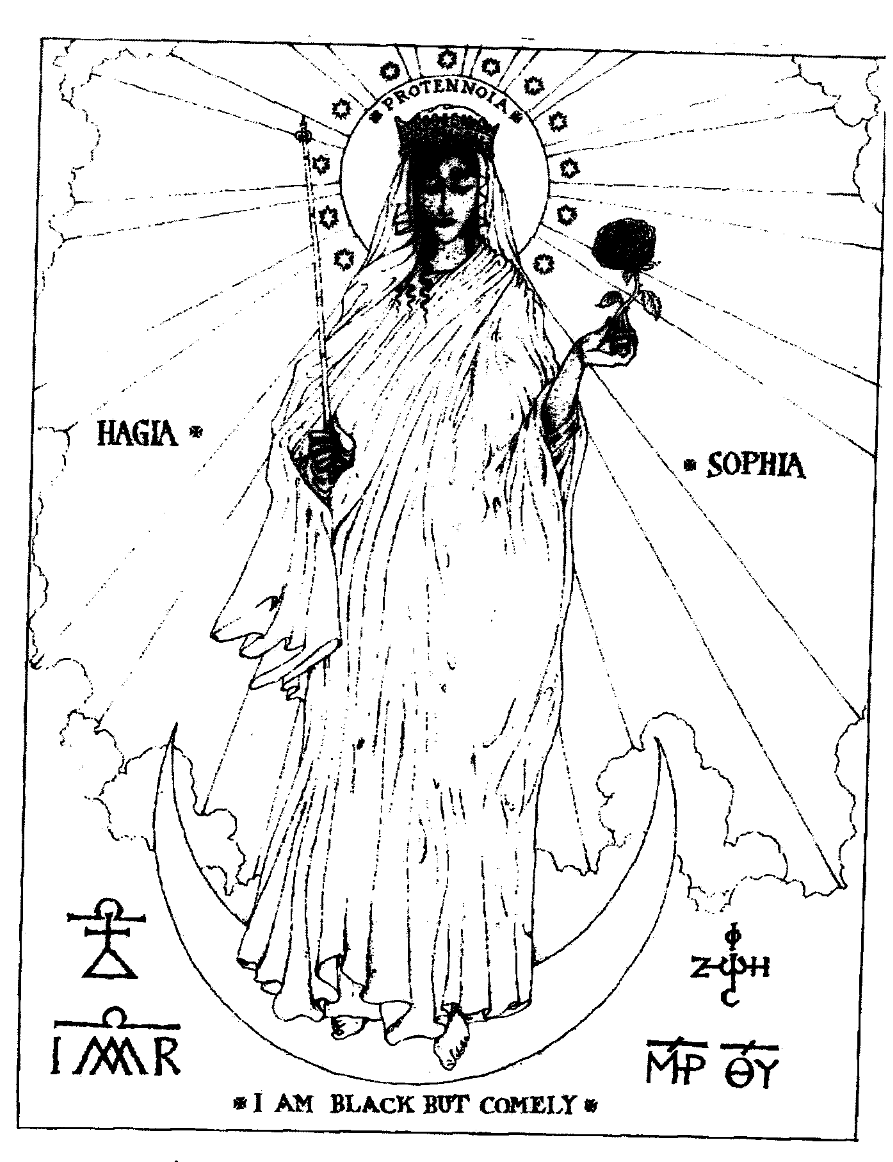
Na propaganda patriarcal judaica, Lilith era temida por causa de sua independência sexual da dominação masculina, sua poderosa sexualidade

43. N. T.: O popularmente "papai-e-mamãe", em que o homem fica por cima da mulher.

e seu poder sobre os homens. A palavra Lilith vem da palavra hebraica Layil, que significa "noite", e a palavra suméria Lil, que significa "vento" ou "morte". Quase literalmente, ela é a Dama do Ar e "a morte que vem no vento da noite", uma companheira perfeita para Azazel ou Azrael, como o Anjo da Morte. Uma derivação alternativa para o nome dela vem do termo sumério-acadiano para "tempestade de areia". Esse era o termo usado para os incansáveis espíritos presos à terra que viajavam ao vento e eram o "pó da terra". (Baring e Cashford, 1991: 50) Asphodel Pauline Long sugeriu que Lilith pode não ser o "demônio do vento da noite", mas o primeiro "sopro de vida". Ela chama a atenção para o fato de que, no mito da criação no Gênesis, Elohim ou deuses sopraram a vida dentro de Adão para que ele se tornasse uma alma viva (1992). Kathy Spurin considerou a energia de Lilith como fogo feminino – o fogo de caos e destruição que apressa as mudanças e os novos começos, necessários à evolução. Esse é um conceito Luciferiano e, como o seu outro eu masculino, ela é muito mais a "deusa de fora", um exemplo de rebeldia, uma anarquista que se recusa a aceitar a ordem estabelecida e um espírito independente que traça o seu próprio caminho.

Lilith freqüentemente foi considerada uma deusa por méritos próprios. Barbara Walker a vê sob esse prisma, como uma figura de "Grande Mãe" para os agricultores assentados que se indignaram com as invasões dos pastores nômades (1983:541). Supostamente os primeiros hebreus não gostavam da Grande Mãe porque ela bebeu o sangue de Abel, o pastor, depois que ele foi assassinado por Caim, o patrono da Agricultura e da arte de trabalhar em metais. O suposto primeiro assassinato foi associado a Lilith por meio de sua identificação com Naamá a Tecelã, irmã de Tubalcaim. Ela era às vezes conhecida como Lilith, a Jovem. Naamá era tão linda que ela poderia até levar seu irmão Tubal (Azazel) para o mau caminho.

Lilith Babellon associa sua homônima aos mistérios praticados na ilha grega da Samotrácia, e isso novamente a associa a (Tubal) Caim da mesma forma. Nos ritos praticados na ilha, a deusa das trevas Hécate deu à luz espíritos vampirescos conhecidos como as Lâmias ou Lillim. Blavatsky descreve a raça demoníaca dos Cabari ou Kabari, que já mencionamos, como modelos culturais que ensinaram a humanidade a Agricultura e a arte de trabalhar com metais. Ela também os identifica com a raça gigantesca



Eu sou Morena mas sou Formosa

grega de deuses antigos conhecida como os Titãs e os sete regentes planetários (1893: 408-9). Knight diz que os Cabari eram "*uma linhagem de antigas divindades do mundo subterrâneo e servos da Grande Mãe – que eram deidades marinhas e trabalhadores de metal*" (1985:58). A descrição deles como deidades marinhas provavelmente significa que eles eram uma face dos deuses antigos, que na mitologia antiga diziam que "habitavam nas profundezas".

Huson descreve os Cabari como uma "*raça misteriosa (...) resultante do primeiro acasalamento divino, e sob outra terminologia eles podem bem ser chamadas de elfos e bruxas...*" (1972:100-101) Os gregos dividiam os Cabari em dois grupos de acordo com o sexo. Os femininos eram bruxas que lançavam feitiços e encantamentos, enquanto os masculinos eram ferreiros e trabalhadores de metal. Eles tinham o poder de quebrar os feitiços das Cabari femininas e se assemelham aos históricos "homens habilidosos". Os Cabari masculinos foram, além disso, associados com à invenção do alfabeto e da Matemática.

Os masculinos também se especializaram no uso do bronze em vez do ferro. A partir desse material, eles moldaram a foice de Cronos-Saturno usada para castrar seu pai Urano, o tridente do deus do mar Poseidon-Netuno (o deus patrono de Atlântida), o raio de Zeus-Júpiter, o elmo da invisibilidade usado por Hades-Plutão e o cinturão de Vênus-Afrodite. O nome deles vem da palavra grega "*kabeiroi*" e da palavra fenícia "*qabirim*" e significa os "Poderosos". Blavatsky alega que Caim pertenceu aos Cabari e foi um "*instrutor de toda arte profissional em latão e ferro*". Ela também se refere aos "*misteriosos trabalhadores de ferro de Rodes, eles foram os primeiros a levantar estátuas aos deuses, se guarnecerem com armas e terem homens versados nas artes mágicas*". Ela acrescenta: "*E não foram eles que foram destruídos pelo Dilúvio a comando de Zeus, como os Cainitas foram por Jeová*". Dizem que os Cabari eram filhos do deus grego do fogo, trovão e arte de forjar metais Hefesto e, fisicamente, eles eram negros, deformados e anões. Hefesto foi retratado usando um chapéu cônico, copiado pelos Cabari. Eles vestiam um píleo ou gorro frígio pontudo que também era usado por Átis e Mithras. Também se tornou o símbolo do alquimista e do mago. Talvez não coincidentemente, chapéus pontiagudos também são associados a gnomos, elfos e duendes, que eram espíritos da terra.

Dizem também que Caim ou Qayin foi um metalurgista sumério. Laurence Gardner diz que ele aparece na história suméria como Arwi'um, o rei de Kish e o filho de Masda. O nome Masda significa "como uma serpente" e Arwi'um vem da palavra hebraica para serpente. Masda ou Mazda, "lorde", na Pérsia era Ahura Mazda ou o deus da luz. Ele também era chamado de Ormuzd, "a serpente de luz". Gardner alega que a tradição de magia persa pode ser traçada a partir de Masda e Arwi'um/Caim, e eles foram os ancestrais de Zoroastro (1999:105-106). No livro sagrado dos Mandeístas, Lilith é a esposa de Mazda, o rei da luz e da gnose. Gardner alega que ele é o equivalente ao anjo hebreu Samael, que era o consorte angelical de Lilith. A irmã gêmea e também esposa de Caim era chamada Luluwa, que significa "pérola", e ela também foi a mãe de Enoch (Gênesis 4:17). Dizem que Luluwa foi a filha de Lilith e Samael.

O demônio feminino Lilith realmente é uma deusa? George diz que a reputação repulsiva como uma assassina de bebês se refere ao ciclo menstrual feminino e ao lado escuro da Lua. Ela diz: "*Quando Lilith estava em seu período menstrual era odiada por se recusar a servir os homens e conceber os seus filhos*" (1992). Isso é parte da reação patriarcal e de misoginia ao princípio feminino e, como Black Koltuv destaca: "*Lilith é parte da Grande Deusa que foi rejeitada e banida no período pós-bíblico. Ela representa as qualidades do eu feminino que a Shekinah não possui. A primeira dessas qualidades é a consciência lunar, que é uma conexão aos ciclos da lua crescente e minguante, vida e morte e renascimento; e a deusa como donzela, mãe e anciã. Lilith, a Jovem, é Naamá, a donzela e sedutora. Lilith, a Antiga, é a assassina de bebês, bruxa e raptora. Enquanto a própria Lilith é a mãe das multidões miscigenadas, deusa da Vida e Morte, e a chama da espada giratória*". (1986:121)

No texto Cabalista do século XIII chamado de *Zohar* ou o *Livro dos Esplendores,* o ódio de Lilith por Javé deriva do fato de que ela foi criada como a "luz inferior" depois do Sol (Lúcifer), visto por essa razão pela ortodoxia como seu rival. Na tradição oculta judaica, ela foi criada no mesmo momento que Adão ou antes dele. Ela era considerada, como seu companheiro angelical Samael, como uma faceta do "poder de Deus" e era retratada na Árvore da Vida como a sefirah Geburah. Samael e

Lilith eram originalmente um ser andrógino. Eles eram considerados os Qlippoth, ou opostos demoníacos ao hermafrodita Adão-Eva.

Na astrologia esotérica, Lilith é a "Lua negra" ou asteróide que o astrólogo Sepheriel alegou ter achado no começo do século XX orbitando entre a Terra e a Lua. Nesse aspecto, ela é às vezes conhecida como a "velha Lua" e supostamente antecede o nosso atual satélite. Em um mapa astral, a Lua negra Lilith é o eu paralelo da personalidade que nos impulsiona para a satisfação dos desejos próprios e, no final, para a autodestruição. Ela representa as estranhas influências, os desejos incontroláveis, as paixões e compulsões cegas que, às vezes, afetam nossas vidas de uma forma totalmente inesperada. Em um nível mais positivo, Lilith pode ser a educadora que nos ajuda a lidar com as experiências emocionais desagradáveis e a confrontar nossos piores medos. A astróloga Lynne Steele-Smith diz que a mensagem de Lilith é: "*Abrace suas sombras. Então pegue o fio da sua vida e eu o guiarei do labirinto para a luz do autoconhecimento, o objetivo espiritual supremo*". Um conselho muito Luciferiano.

Outro aspecto positivo de Lilith, astrologicamente falando, é o seu papel como a "dama negra" ou musa que inspira poetas e escritores. Mesmo assim, sua influência pode ser uma faca de dois gumes. Robert Graves escreveu sobre sua faceta como a Deusa Branca, mas o poeta Peter Redgrove a viu como a Deusa Negra. Ela também pode ser a "mara[44] da noite", cujo abrigo no alto de uma árvore é repleto de ossos de poetas mortos, e ela pode trazer morte e loucura no seu despertar. Astronomicamente, a estrela fixa Algol (Beta Persei) foi associada a Lilith e às suas (às vezes) más influências nas vidas humanas. Seu nome significa "diabo" ou "demônio" em árabe e é associado a mortes violentas por enforcamento, decapitação (desmembramento), afogamento e envenenamento. Mas por outro lado Lilith é "a morte que vem no vento da noite" e a esposa de Samel-Azrael, o Anjo da Morte. Ele é um aspecto do princípio feminino que deveríamos respeitar e cruzarmos (especialmente homens) com ela por nossa conta e risco.

---

44. N. T.: Mara é uma entidade atormentadora e a deusa da morte no hinduísmo.

Por mais que fosse uma figura tão apavorante, um demônio, vampiro, assassina de bebês e agente da Morte, a carreira de Lilith acaba sob estranhas circunstâncias em uma nota singularmente culminante. Javé expulsou a Matronit-Shekinah, a face feminina do Criador Cósmico, e a substituiu por uma "mulher escrava do Egito", ou seja, Lilith. Isso aconteceu depois da destruição do templo de Salomão e do exílio dos hebreus na Babilônia no final do século VI a.C. Isso sugere que Shekinah estava encerrada no templo ou na Arca da Aliança; Lilith como a Matronit-Shekinah é associada à sefirah Chokmah na Árvore da Vida. Essa esfera é a expressão de "sabedoria" da natureza quádrupla de YHVH ou Javé. Ela também é associada à Binah como a Mãe Negra do Mar Amargo, às vezes considerada a Abençoada Virgem Maria. Dizem que Chokmah, ou Sabedoria, está com Javé desde o começo da criação.

Gardner (1999:115) comparou Matronit com Anat ou Anath, a Rainha do Céu, e uma filha de Astarote, a consorte de Baal. De acordo com os Gnósticos Mandeístas: "*Lilith conhece o segredo da escuridão e da luz, e [ela] une Céu e Inferno. Seu aspecto é aquele da sabedoria*". Os gnósticos também disseram que, como Sabedoria, Lilith teve um papel importante em uma versão do mito da Grande Enchente. Ela interveio quando Javé ameaçou afogar toda a raça humana por ter parado de adorá-lo. Um texto gnóstico diz: "*Noé e sua família foram salvos na arca por causa de uma centelha de luz que veio dela* [Sabedoria], *e por meio dela o mundo foi novamente enchido de seres humanos.*" (Pagels, 1981:65)

Uma das partes mais interessantes e freqüentemente mal compreendida da lenda de Lilith é a criação da raça de demônios pelo contato sexual com humanos adormecidos. Como Lilith Babellon diz: "*Visto que Lilith e Samael não são de origem humana, há uma semente dentro da raça humana que pertence a outra ordem de evolução. Isso é conhecido por muitos nomes, incluindo demônios, elfos, fadas e ninfas. Lilith age desse modo como 'Deusa Fada Mãe', conduzindo as almas élficas para evoluírem através das formas humanas em planos onde o simplório Adão não tem a imaginação para entrar*". R.J. Stewart alega que, quando Lúcifer "caiu" na Terra, os seres do reino das fadas caíram com ele (1992: 79). Ele alega: "*A antiga Igreja Celta ensinava*

que Lúcifer atraiu muitos anjos com ele quando caiu na Terra, muito antes de a humanidade ser formada. Esses se tornaram as raças de fadas, os anjos da Mãe abaixo" (1995:80). Stewart descreveu a suposta Aliança de Três em Um ou a Redenção de Lúcifer. Essa é uma ação espiritual na tradição das fadas para unir as três ordens de existência – a humana, a das fadas e a angelical – que foram separadas na Queda.

Nos mitos de Arthur, que contêm muitos elementos Luciferianos, o nascimento de Merlin e sua sedução por Nimue em sua velhice simbolizam aspectos esotéricos dos casamentos de fada entre humanos e elfos. Na propaganda cristã, Myrddin ou Merlin é o produto da união de um diabo com uma freira. Despida da camada artificial cristã, essa união é o acasalamento entre um ser/deus angelical e uma sacerdotisa humana. Para apoiar esse pensamento, o cronista histórico Geoffrey de Monmouth descreve o pai do mago chefe como um "*jovem extremamente bonito que foi um da raça de espírito que existe entre a Lua e a Terra, e que chamamos de demônios íncubos. Eles têm uma natureza que tem partes de homens e de anjos, e eles conversam com mulheres mortais*".

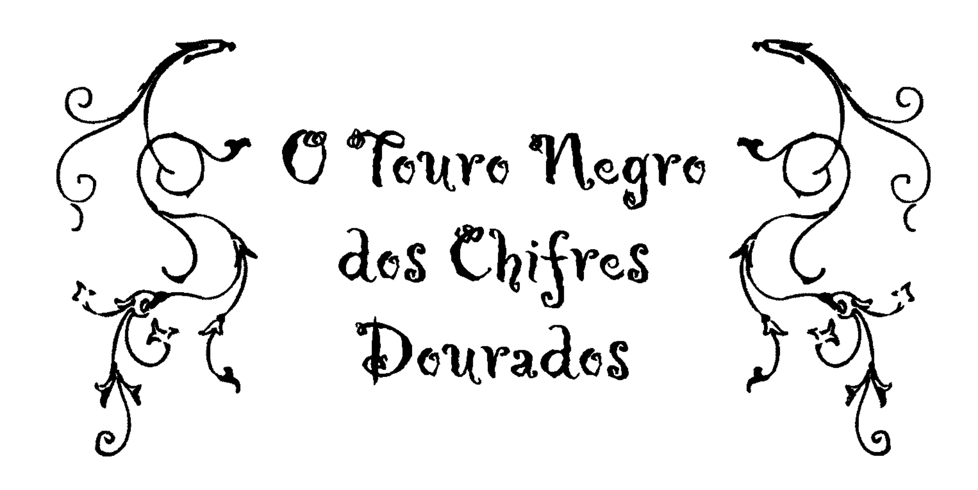
A sedução de Merlin na velhice pela encantadora Nimue, a serva da élfica Dama do Lago, é outro exemplo de um casamento de fadas. Ao passo que em termos cristãos a queda de Merlin é vista como um ato negativo, Knight (1983:164-66) a vê como uma forma poderosa de redenção baseada na "magia antiga". Ele diz: "*Quando Nimue, a donzela da terra, aprender toda a sabedoria estrelar de Merlin, e Merlin aprender toda a sabedoria da terra de Nimue, os dois juntos partirão em um casamento cósmico em direção às estrelas, levando com eles os filhos da Terra*". Isso é refletido nos contatos entre o Povo Bom e os humanos gravados nos julgamentos de bruxas. O resultado final desses encontros próximos de fadas é que o humano recebe conhecimento oculto sobre ervas e poderes psíquicos de seus amigos élficos. Com relação à morte de Merlin, sua prisão em uma 'Torre de Vidro", que certos relatos chamam de observatório, o associa à doutrina dos deuses antigos e vigias e o identifica com um deles.

A propaganda patriarcal ao longo dos séculos tem denegrido, humilhado e transformado em demoníacos os mitos de Lilith e seu consorte Lúcifer. Conceitos esotéricos como os casamentos entre humanos e a

raça élfica têm sido malcompreendidos e mal-interpretados como pactos malignos com intermediários diabólicos anti-humanos. Na realidade, essas intervenções em nossa evolução planetária têm ajudado a raça humana a progredir e a se desenvolver tanto espiritualmente quanto materialmente. Esses contatos também nos ajudaram a manter acesa a chama pura da sabedoria e do conhecimento passado pela primeira vez para a humanidade pelos deuses antigos éons atrás.


IAΩ
Capítulo
XI





O Touro Negro dos Chifres Dourados

"Há um conclave secreto da prática da magia, uma congregação astral de zonas de poder conscientes, a qual tem o propósito de manifestar e transmitir as energias da Gnose estelar; abrir as Portas do Céu dentro dos Círculos da Terra."

Alagos Dhuil – Garren Khidir

É evidente que a transmissão da tradição Luciferiana, dos mitos Cainitas e das doutrinas arcanas dos anjos caídos tem sobrevivido por meio das crenças e práticas da bruxaria histórica e tradicional. Seus praticantes modernos alegam que a Arte representa uma antiga herança mágico-religiosa descendente do Xamanismo dos nossos ancestrais pré-históricos. É claro que uma tradição contínua e ininterrupta desde os tempos antigos é impossível de se provar, mas há evidência de elementos xamânicos em relatos medievais de bruxaria. Por exemplo, o uso de máscaras de animais na Arte – uma prática que sobrevive até hoje em rituais covens tradicionais – é um aspecto atávico que remonta à adoração de deuses bestiais nos tempos primitivos. Da mesma forma, apesar da dificuldade de se provar a preexistência de sobreviventes da bruxaria moderna há mais de 200 anos, há evidência de que a (alguns ramos da) "Arte Antiga" tradicional herdou a sabedoria antediluviana estelar ensinada aos primeiros humanos pelos deuses antigos.

Essencialmente, a Arte Antiga herdou de forma adulterada e corrompida os símbolos e crenças do tráfego com "Aqueles que são de Fora", o qual foi filtrado ao longo de muitos períodos históricos e tradições esotéricas diferentes. Como disse Paul Huson: *"...nos dias de hoje a magia das bruxas está decadente. Uma colcha de retalhos composta por partes históricas, destroços de um naufrágio religioso"* (1970: 18). Essa sobrevivência é mais forte nos padrões genéticos e espirituais daqueles indivíduos que trazem astralmente a marca secreta – a chamada Marca de Caim ou Marca de Seth.[45] Essa marca é um símbolo da sua herança mágica, como "o povo da serpente". Eles são os membros verdadeiros do "sangue das bruxas", herdado (raramente) fisicamente ou pela reencarnação da alma. Esses portadores do "sangue de fada" ou do "sangue élfico" ainda acreditam que, apesar *"das distorções dos últimos seis séculos, ainda resta no centro [da Arte] uma centelha daquele misterioso fogo angelical negro que soprou vida nos primórdios deste mundo"*. (Huson, 1970:18)

O Deus Cornífero[46] das bruxas, identificado de diversas maneiras – Cernunnos, Pan, Janus, Dianus, Herne e Puck –, era popularmente conhecido como o Sátiro Negro ou o Homem de Preto no sabá medieval das bruxas. Ele está ligado a Sutekh-Seth, ao Shaitan Yezidi, ao senhor islâmico do Eblis ou Iblis, ao Lúcifer grego e ao hebreu Azazel. O Cornífero da Arte Sabática é a Grande Serpente de Luz que guia seus discípulos à Gnose do Despertar Supremo e ao objetivo final de unidade com o Ente Supremo.

Como uma divindade cornífera, o deus das bruxas revivalistas modernas é quase exclusivamente representado como o deus veado gaulês Cernunnos. Entretanto, no passado, o Deus também era representado na forma zoomórfica de um cachorro preto, um gato, um bode, um carneiro e um touro. É essa última forma animal que queremos examinar aqui, pelas suas ligações interessantes com a antiga tradição Luciferiana. A adoração ao deus touro remonta a um passado muito antigo. Na *Epopéia de Gilgamesh* há uma menção ao Touro do Céu. Quando o rei Gilgamesh recusou o amor de Ishtar, ela enviou essa criatura mística para destruir a cidade dele. Da mesma forma, o amigo de Gilgamesh, Enkidu, é descrito

---

45. N.T.: Outras grafias possíveis para Set em português são Seth e Sete.
46. N.T.: Também conhecido como Deus Chifrudo e Deus Cornudo.

como "metade touro, metade homem". O deus-sol babilônico Marduk era conhecido como o Touro da Luz e é descrito como tendo um *"corpo cheio de chamas de fogo, ele lançava raios à sua frente, ele conduzia a carruagem da tempestade."* Na religião canaanita, Baal como o deus da tempestade e do trovão era o touro que "montava as nuvens". O Bezerro ou Touro de Ouro adorado pelos hebreus dissidentes no deserto era provavelmente uma efígie de Baal. Nos mitos hindus, o touro era sagrado para Shiva, deus da criação e destruição. No Egito, o touro sagrado era Ápis, e acreditava-se que ele foi concebido pela descarga de um raio. Ele era considerado a forma animal do deus criador Ptah.

Na tradição greco-cretense há o Minotauro, uma criatura imaginária que é metade touro e metade humana. O rei Minos de Creta pediu a Poseidon um presente digno de ser oferecido aos Deuses em sacrifício. O deus do mar deu ao rei um magnífico touro branco, e Minos ficou tão impressionado com esse animal que decidiu ficar com ele para si mesmo. Para vingar-se dessa ofensa contra os deuses, Poseidon fez com que a esposa do rei, Pasífae, se apaixonasse pelo touro. A rainha estava a tal ponto dominada pelo desejo que convenceu Dédalo, o mestre das artes, a fazer uma imagem de uma vaca em tamanho natural. Ela escondeu-se dentro da imagem para facilitar a relação sexual com o touro.

Pasífae significa "ela que brilha" e pode ser uma referência à Lua. A vaca é um animal lunar e acasala-se com o touro, representando a força fálica solar. Minos pode ter sido o nome genérico para os reis-sacerdotes que serviam à deusa Lua. Como resultado desse *hieros gamos* ou "casamento sagrado" do touro com a vaca, nasceu o Minotauro. Em virtude de sua fúria, o rei Minos mandou Dédalo construir um labirinto, no qual o Minotauro foi aprisionado. A cada nove anos, os atenienses mandavam sete dos seus melhores jovens como um tributo à Creta, e eles eram oferecidos em sacrifício ao deus touro. Na famosa lenda, a filha de Minos, Ariadne, apaixonou-se por um desses jovens, chamado Teseu. Ela o ajudou a matar o Minotauro e reconstituiu os seus passos até a saída do labirinto usando um novelo de linha. Ariadne representa a primitiva deusa aranha do destino e da morte, a qual tinha como símbolos o labrys ou machado de duas lâminas e a cobra enrolada.

Na Idade do Bronze na Europa, a adoração ao touro era muito difundida. Ele representou o símbolo primário da virilidade e potência

masculinas como um dos zoomorfos da força da vida solar e do deus da tempestade e do trovão. Na Idade do Bronze, petróglifos do touro são retratados ao lado de discos e rodas solares. Na Idade do Ferro, as imagens do touro são igualmente comuns. Para os povos celtas da Europa, o deus touro era associado ao sol, ao trovão, ao céu e ao fogo. Um cetro de bronze, encontrado em Willingham Fen, Cambridgeshire, retrata uma cabeça de touro com três chifres com a figura de um deus jovem segurando um raio. Ele está acompanhado pela roda solar em cima de uma águia, o pássaro sagrado do deus celestial indo-europeu.

Como A. Basham diz em seu livro *Origem e Desenvolvimento do Hinduísmo Clássico* (Beacon Press, 1989) em relação à antiga civilização hindu do vale onde hoje se localiza o Paquistão: *"A Deusa Mãe e o Touro Sagrado, representando o céu fertilizante, eram comuns aos agricultores da época por toda a Eurásia. Eles são os elementos principais de um culto criado para assegurar a fertilidade das colheitas, dos rebanhos e dos humanos."* O antigo deus védico do trovão, Indra, foi concebido em seu aspecto touro como Parjanya, o liberador das chuvas. Em seu papel itifálico como o fecundador seminal do ventre-terra, era Vayra ou o raio adamantino. Nos cultos indo-iranianos da cosmogenia taurina Mitraísta e da adoração Altaica ao "Touro Negro no norte", que traz as chuvas fertilizantes, são igualmente relevantes como tipos cognatos.

Na Europa setentrional, o gado sempre foi muito apreciado como um indicador de riqueza e prestígio tribal, evidenciado nas grandes oferendas de touros sacrificados feitas no período romano-britânico. Estas incluíam os sacrifícios clássicos de touros brancos em bosques sagrados durante os rituais druidas para juntar viscos. Imagens de um deus touro chifrudo, geralmente com uma serpente chifruda, são freqüentemente encontradas na Grã-Bretanha nesse período e são mais comuns que deuses veados com chifres. O deus touro também aparece com "Cernunnos" no famoso caldeirão celta-trácio de Gundestrup e no alívio em Reims. Em Trier e Paris, o touro é apresentado com três aves empoleiradas nas costas. Dessa forma, ligando-o ao labirinto de Geranos ou "dança das gruas" executada pelo Deus Coxo. O deus cornífero dos Brigantes do norte da Inglaterra, do País de Gales e da região da Inglaterra Central era também representado por um carneiro ou touro, como o consorte de Brigit ou Brígida, "A Grande Rainha" ou "A Mãe dos Deuses".

Esses são apenas alguns dos muitos sinais evidentes do culto do touro nas religiões pagãs populares da Europa. Entretanto, sob esses sinais externos, repousam estratos misteriosos mais profundos e talvez menos visíveis, nos quais a imagem do touro assume uma majestade particularmente pressagiosa, como a personificação dos segredos da eternidade, do tempo e da precessão celestial dos equinócios. Esses aspectos são preservados dentro de um complexo de ritos populares antigos, procissões rituais desordenadas e frenesis mascarados. Estes, um por um, relacionam-se indiretamente ao *Via Liminalis*, o culto arcaico da desordem e os segredos mais que humanos promulgados no sabá das bruxas. Na realidade, dentro da Arte Tradicional, o touro assume um papel místico até agora desconhecido para aqueles que estão além dos domínios da fé.

O Touro Negro da desordem pertence ao assustador complexo cerimonial de "charivaris", "música desafinada", aparência teriantrópica e cultos e rituais incontroláveis da Caçada ao Inferno ou Grande Perseguição. Estes representam o nodo liminar divino das Doze Noites em pleno inverno como o "tempo entre os tempos", a reversão para a expiação primitiva na qual toda a distinção dualística profana entre as formas e as estatísticas mundiais são misticamente inválidas e nulas. Entre o passado, o presente e o futuro, à Meia-Noite ou hora das bruxas, quando o relógio bate 13 vezes, o ano mesocósmico começa. Então ocorre a separação dos limites (fronteiras) dividindo os vivos e os mor-



tos, os humanos e os não-humanos e o fenômeno e o nômeno. Isso, como visto por estudiosos como Carlos Ginzburg, Mircea Eliade e Peter Hans Duerr, entre outros, fornece uma conexão temática incontestável com os mistérios interiores do culto sabático das bruxas e toda a tradição charivari maníaca nos rituais populares.

A Saturnália em pleno inverno é a recuperação temporária da época do rei Saturno ou Cronos, os primórdios do tempo. Por conseguinte, o primeiro símbolo do alfabeto greco-latino é Alpha ou Apis representando o boi-touro de Sator, o Semeador da semente seminal no campo do Tempo (Saturno é a divindade da Agricultura e do Tempo). A constelação Ursa Maior está intimamente ligada ao mito Daquele que Abre o Caminho e da Grande Caçada. Na Europa, a Grande Caçada também é conhecida na tradição popular como a Caçada de Caim. É igualmente interessante o fato de que no Egito a Ursa Maior era chamada de Khepesh ou Touro Dourado e era a moradia transestelar e a origem da linhagem de Seth. Na verdade, o planeta Saturno era chamado de "Touro do Céu" pelos sacerdotes-astrônomos egípcios. Na Pérsia antiga, as sete estrelas da Ursa Maior eram visualizadas como as "Guardiãs dos Sete Pólos do Céu", imaginadas como figuras humanas paramentadas com rostos de touro negro, chifres dourados e coroas ornamentais carregando cetros dourados. O Deus persa da luz, Mitra, também aparece portando as ancas douradas de um touro jovem. Isso representou o enxó meshtyw empregado na cerimônia egípcia de "Abertura da Boca". Na verdade, esta denota a abertura da sutura do crânio ou a passagem através da Estrela do Pólo para liberar a alma.

De acordo com os ensinamentos dos neo-platonistas, como Plotino, o primeiro reinado de Saturno representou a bem-aventurada plenitude de Nous, a Mente Pura do Divino. Esse foi o reinado imortal e imutável das "Idéias" Platônicas: *"Aquele arquétipo do mundo é a verdadeira Idade do Ouro, Era de Cronos (...) pois aqui contém tudo o que é imortal; tudo aqui é Mente Divina."* (Enneads, V: 4) Esse é o Sabá Divino (Shabattu, Zabat, Shabbathai – a esfera de Saturno) no qual o velho Touro Cornífero era o Senhor sintetizando a Mente Arrebatadora da Desordem. O Mais Velho é o Senhor liminar do Tempo e da Eternidade, e ele preside além dos circuitos de transformação temporal, acima das incansáveis estrelas circumpolares que descrevem as vastas revoluções

do ciclo do progresso ou do Ano Platônico. Em algumas correntes antigas da fé das bruxas na Inglaterra, o Charivari do Touro Negro sintetiza esse estado atemporal da Saturnália. Ele leva a Bênção da Desordem para o mundo frio e obscuro de modo estranho e inquietante. Provavelmente, não é coincidência que o mestre de cerimônias da popular festa de inverno de Mari Lwyd, no sul e oeste do País de Gales, usasse um bastão cerimonial com uma cabeça de touro na ponta. O Velho Pai Saturno ainda comanda a alegria de inverno.

No século VII da Era Comum, Theodore, o Grego, enviado por Roma para ser o novo arcebispo de Canterbury e erradicar o renascimento pagão na Inglaterra anglo-saxã, após a falha abjeta da missão papal de Augustino, emitiu sérias proibições sobre as festividades de inverno. Ele impôs proibições drásticas para aqueles que aparecessem com máscaras de veados ou touros nas "Calendas de Janeiro", Natal pelo cálculo do Calendário Antigo. Apesar de tais regras, o Mais Velho, na forma do Touro de Natal, sobreviveu em Cotswolds e no sudoeste da Inglaterra até pelo menos antes da Primeira Guerra Mundial no século passado. O Touro de Natal era um homem vestindo ou segurando uma vara acima da cabeça com uma máscara ou cabeça de touro. Seu corpo ficava escondido por uma pele de touro verdadeira, por um lençol branco ou por uma capa feita de saco. Dentre estes, um dos mais famosos era o chamado Dorset Ooser, uma máscara feita de madeira pintada com chifres de touros verdadeiros. Essa era usada regularmente na época de Natal, ao redor da vila de Melbury Osmond, até que foi supostamente roubada do seu dono hereditário por volta de 1900. Diz-se que ela acabou sendo guardada no sótão de uma casa em Dorchester, e ali foi apodrecendo aos poucos.

Em Gloucestershire, o Touro de Natal também era conhecido como The Broad. Era acompanhado por um cortejo carregando uma taça para brindar, decorada com fitas vermelhas e ramos verdes. Um dos serventes do touro em Tetbury carregava uma pequena árvore de natal em um vaso suspenso por trapos brancos e vermelhos. Presume-se que isso representava, como a árvore de natal, o Arbor Mundi ou Árvore do Mundo, o eixo do Cosmos, que estava freqüentemente decorada com a Estrela Polar na ponta. A aparição do Touro de Natal nas peças dramáticas de Natal e Ano-Novo é interessante pela sua conexão com a bruxaria. Por

exemplo, em uma peça vitoriana, um personagem do século XVIII conhecido como Capitão Calftail diz: *"Vou vestir meu manto demoníaco – quero dizer, meu terno bovino de Natal – e então andar pela floresta (...) e voltar como um diabrete."* A suposta procissão Godiva (Godgyfu ou "presente de Deus" – um eufemismo para sacrifício) em Southam, um vilarejo perto de Coventry, apresentava um personagem popular chamado O Velho Rosto de Bronze, um homem usando uma máscara de touro. Huson relata que o Mestre das Bruxas pode ocasionalmente cobrir totalmente a cabeça com uma máscara ou capacete de metal nos rituais. Portanto, ele diz "o título cômico para o mestre 'O Velho Nariz de Bronze'" (1970: 215). Na tradição popular, "O Velho Rosto de Bronze" era um apelido para o sol. Durante o julgamento das bruxas, Pierre de Lancre relatou que o Diabo apareceu para as bruxas de Tournelle como "um grande touro negro". Thomas Ady, em seu livro *Uma Vela no Escuro* (1656), descreve um homem sábio de Essex, com tendências trapaceiras, invocando O Ser das Trevas para o benefício de um fazendeiro apavorado que o havia consultado. Um colega do homem sábio apareceu a tempo *"coberto por uma pele de touro e um par de chifres na cabeça."*

Do templo anglo-romano do deus Mitra aos bailes de máscara do sudoeste da Inglaterra, do culto à estrela Setian do Antigo Egito às procissões com máscaras do Boeuf Gras na Paris medieval, o Touro Negro de Chifres Dourados é o símbolo eterno dos Mistérios da Saturnália. Os adoradores delirantes de Saturno se enfurecem em um êxtase atávico pela luz das chamas, embriagados pelo vinho sacramental e cambaleando ao som dos tambores e do silvo dos chifres pelas ruas congelantes das vilas durante o inverno, sob as frias estrelas do norte.

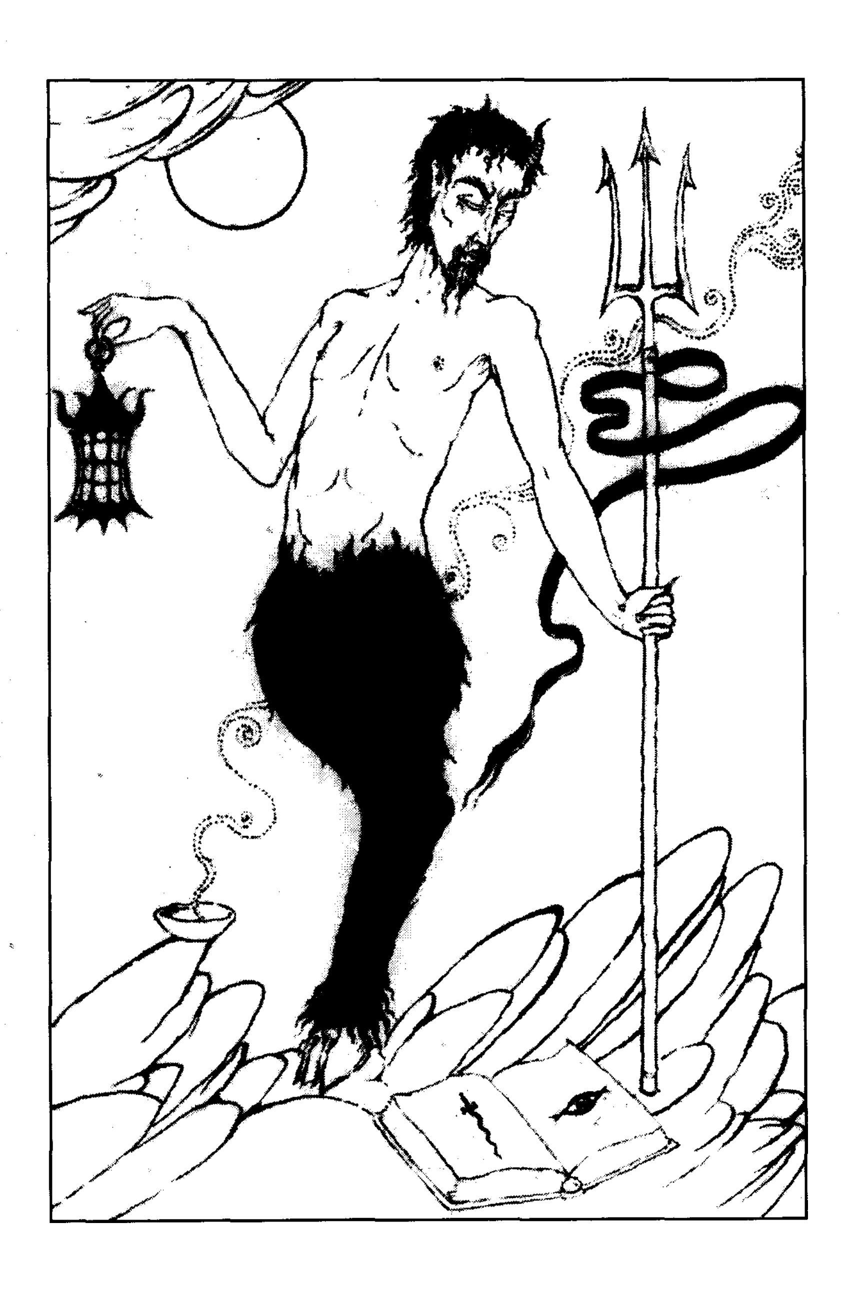
O sabá das bruxas no período medieval incorporava uma misteriosofia antinomiana envolvendo a subversão ou reversão total dos estados de realidade objetivos habituais. Foi uma ruptura dos limites da normalidade a fim de ocasionar o esclarecimento gnóstico. Isso se traduziu, em termos sociais, em um etos de desordem e revolta contra a falsa autoridade dos poderes do mundo profano. Em 1961, escrevendo sob o pseudônimo de "Arkon Daraul", o falecido Sayed Idries Shah alegou que o culto europeu medieval de bruxaria havia sido fortemente influenciado por origens ára-

bes. Esta ocorreu supostamente durante os séculos VII ao XIV, quando a Espanha e o norte da África estavam sob influência dos mouros. Pode ter sido um dos caminhos pelo qual a Gnose Luciferiana foi transmitida do Oriente Médio para a Europa.

Essa influência árabe, diz Shah, veio de bandos nômades ascetas, chamados de cultos dos Dois Chifres ou dos Chifres Duplos pelas autoridades islâmicas, que tentavam suprimi-los. Eles eram iniciados no culto após terem infligido em seus corpos um ferimento que deixava uma cicatriz semelhante à suposta *diablo stigmata* ou Marca do Diabo das bruxas européias. A faca ritual usada na cerimônia da cicatriz chamava-se althame ou "derramadora de sangue". Esses rituais envolviam danças em círculo no sentido anti-horário para evocar poderes mágicos, acompanhadas de tambores, citações de orações muçulmanas de trás para a frente e invocações ao deus deles, chamado El Aswad, o Homem Negro. Sobre o seu bastão de culto havia dois chifres feitos de latão. Cerimônias noturnas eram realizadas "onde os dois caminhos se cruzavam", e esses encontros eram conhecidos como Zabbats, "o forte ou poderoso". Eles adoravam o seu deus como Raban ou Rabanna (Senhor), e este era representado algumas vezes por um ferreiro.

Nas montanhas Atlas do Marrocos, esse culto era seguido pelos misteriosos berberes de olhos azuis, conhecidos como os seguidores do Cornífero. O chefe desse culto ensinava seus seguidores como alcançar um estado psíquico de embriaguez por meio do uso do vinho (possivelmente com a adição de narcóticos), no qual eles adquiriam poderes mágicos. O seu líder divino é conhecido como Dhulqarnen, ou o "Senhor de Dois Chifres". Ele também é conhecido como o Senhor dos Dois Séculos, pois supostamente reencarna na Terra por um período de cem anos cada vez. Quando desencarna, permanece na terra como um guia espiritual do culto por mais cem anos antes de renascer como um dos "homens da perfeição".

Há semelhanças óbvias entre o culto Dois Chifres do norte da África e a bruxaria medieval da Europa. E. W. Liddell também alega que os Mouros e os cristãos retornando das Cruzadas introduziram aspectos das escolas de mistério Sarraceno no sul da Europa, e isso influenciou a bruxaria tradicional. Esses elementos supostamente incluíam doutrinas Luciferianas e técnicas de magia sexual. Esses magos árabes se formaram



em uma irmandade clandestina que, juntamente com os sobreviventes pagãos, supostamente criou o culto medieval das bruxas.

Os bruxos mouros se comunicavam com espíritos, controlavam elementais serventes, animais encantados, liam o futuro e alteravam acontecimentos magicamente. Eles também ensinavam a seus alunos brancos que cada pessoa era seu próprio deus/deusa, e que o conhecimento inerente interno poderia uni-los ao Deus Supremo do Universo (1994: 78-81 e 133-137). Uma visão semelhante foi confirmada pelo ocultista Rollo Ahmed em seu livro *A Arte Negra** (1936), no qual ele constata: *"Outro efeito das Cruzadas foi a mistura das idéias e crenças do leste e do oeste; em particular homens que eram prisioneiros dos Sarracenos trazem as teorias e práticas da magia oriental, sob as quais é baseada uma grande parte da bruxaria atual."*

Qual evidência pública pode ser citada hoje para a sobrevivência do deus com máscara de touro na Arte Tradicional? No seu livro *Enciclopédia da Bruxaria*** (Robert Hale, 1973), a falecida Doreen Valiente contou uma história estranha da cabeça de Atos, a qual ela afirma que representava o deus cornífero da bruxaria. Essa imagem pertenceu a um antiquário de Norfolk chamado Raymond Howard, o qual foi associado por um período ao bruxo tradicional Charles Cardell, editor ladino do gardneriano Livro das Sombras em 1964. Howard disse que havia herdado a imagem de uma velha bruxa cigana nos anos de 1930. Infelizmente, após ser exibida na televisão, em 1967, a imagem foi roubada da sua Loja e nunca mais foi vista.

A cabeça de Atos, como apresentada em um desenho no livro de Valiente, era feita de carvalho e tinha chifres de touro com prata e jóias. Os chifres também eram decorados com símbolos do zodíaco, e na testa havia um círculo com cinco anéis. O nariz tinha o formato de um cálice com um pentagrama inscrito. No peito, havia uma figura antropomórfica com os braços levantados como em uma cerimônia e com serpentes gêmeas ao lado. Outros sinais místicos nesse assunto compreendiam a estrela de sete pontas (Ursa Maior), o quarto crescente e o quarto minguante da Lua e a

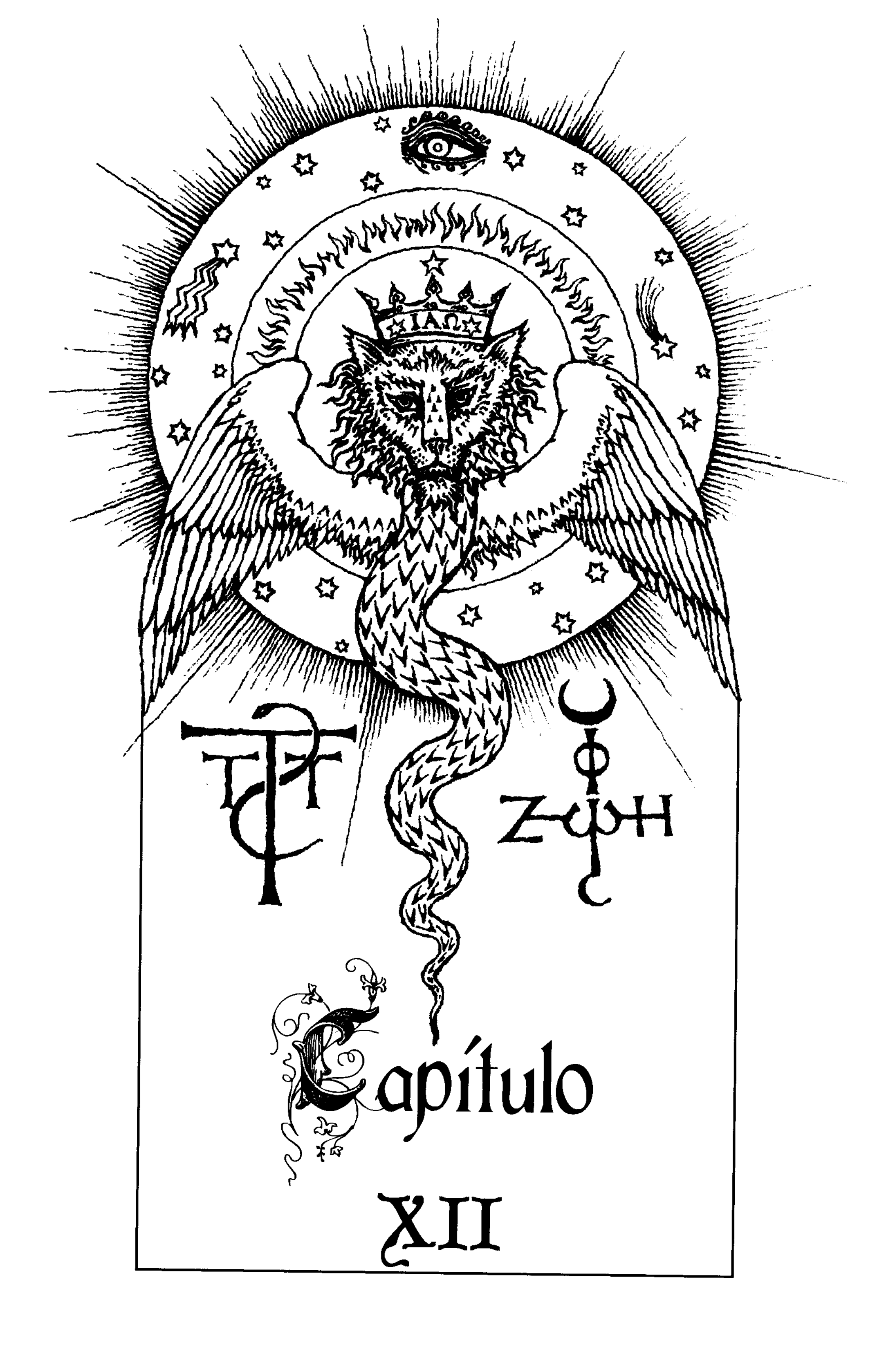
---

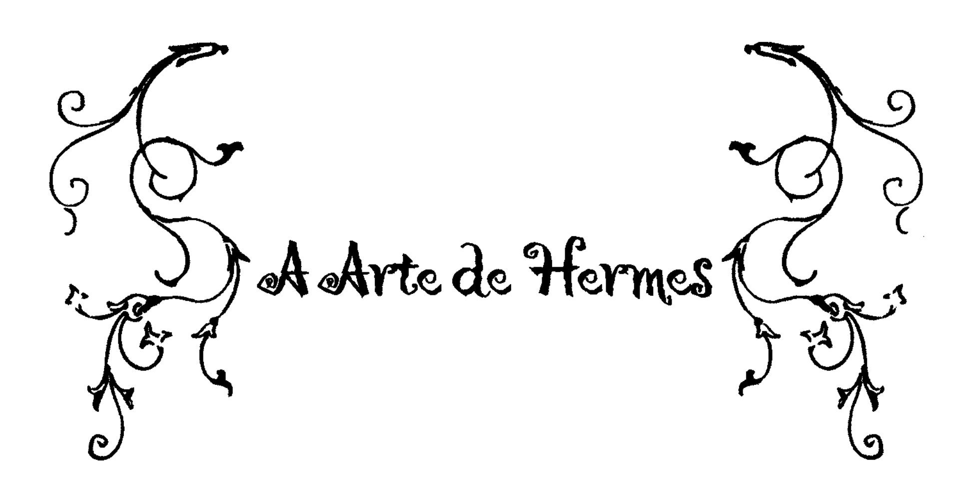
* N.E.: Para mais informações sobre este tema, sugerimos a leitura de *A Bíblia Secreta dos Negros*, de Prince Birinda, Madras Editora.
** N.E.: Leia também Enciclopédia da Bruxaria – Passado e Presente, de Doreen Valiente, Madras Editora.

oitava roda de raios solar das estações e das direções. A imagem de Atos resume todo o simbolismo do deus com a máscara de touro da bruxaria cigana e o culto do touro dentro dos mistérios da Saturnália da bruxa tradicional ou xamã cigana.

A influência cigana na Arte provavelmente fornece uma pista para a nomenclatura peculiar que identifica o Touro Cornífero com Asmoday ou Asmodeus durante o "ritual em tempo transfigurado" na Saturnália. No século XII da Era Comum, em *Testamentum Salomonis*, Asmodeus é descrito como o governante poderoso da Grande Constelação, as estrelas setentrionais da Ursa Maior, as quais têm, como vimos anteriormente, um amplo significado para o arquétipo divino do Touro Negro com Chifres Dourados. Nos grimórios medievais, tais como *A Chave de Salomão*, Asmodeus é descrito como um demônio de três faces com os semblantes de um homem, de um touro e de um carneiro. Nas tradições rabínicas, ele é o fruto da relação incestuosa entre o ferreiro Tubalcaim e sua irmã tecelã Naamá. Esses dois são reverenciados na Maçonaria esotérica e em alguns ramos da Arte Tradicional como hipóstases ou emanações do Senhor e da Senhora; Azazel-Lúcifer e Lilith como o Cornífero e a Mãe Negra.

Os ciganos também adoravam o deus fogo da forja, Tubalo e, dessa forma, é possível que em Atos temos a versão cigana de seu filho Asmodeus, retratado tanto como o Touro Mascarado quanto como o deus das bruxas. Todo esse corpo de doutrina arcana foi alimentado por correntes afluentes dos ensinamentos dos magos dos mistérios indo-iranianos, já que Asmodeus, além da sua imagem demoníaca, é Aezhmaí Daeva. Os segredos da adoração daeva entre os mágicos medianos sobreviveram clandestinamente após as reformas Zoroastrianas. Isso aconteceu especialmente nas criptas-templo do sacerdócio Mitraísta, em que o antigo Deo Arimanio ainda era adorado como Aion, o Senhor do Tempo Ilimitado com a cabeça de um leão. Esses traços do gnosticismo persa foram a todo lugar com a diáspora dos judeus e dos ciganos e também fundamentaram todo o culto da Angelologia Hermética e magia Gnóstica. Também pertence a uma corporação secreta da tradição que liga a bruxaria antiga e a alta Gnose da mágica angelical. Nesse capítulo, está contido o aspecto mais esotérico do culto do Touro Negro, como expresso popularmente no folclore rural e na bruxaria campestre.


ΙΑΩ
ZωH
Capítulo
XII



A Arte de Hermes

"A filosofia pura é aspiração espiritual, por meio da contemplação constante para lograr o verdadeiro conhecimento."

Hermes

Uma das maiores figuras míticas que une o paganismo clássico e a Magia Medieval, ou teurgia, com a tradição Luciferiana é Hermes Trismegisto ou o Três-Vezes-Grande. O dr. Frances Yates diz: *"Grande parte da literatura em grego se desenvolveu sob o nome de Hermes Trismegisto interessado na Astrologia e nas ciências ocultas, com a virtude secreta das plantas e pedras e a magia simpatizante baseada no conhecimento de tais virtudes, com a manufatura de talismãs para sugar o poder das estrelas, e assim por diante"* (1969:2). Essa *naturia* magia ou magia natural é exatamente o mesmo conhecimento oculto que os anjos caídos concederam aos primeiros seres humanos.

Quem, então, foi Hermes e como ele se transformou na figura que teve tamanha e importante influência na Magia Medieval e renascentista? Originalmente, em sua terra natal, Grécia, Hermes foi uma divindade um tanto quanto primitiva. Suas origens são anteriores ao panteão olímpico, embora ele tenha sido aceito de forma bem-sucedida, ao contrário de outras divindades mais antigas. Diz-se que existem referências a ele na Era Neolítica, e que ele tem suas raízes no culto aos espíritos da terra, que se acreditava habitarem cavernas. Ele também é associado aos três cultos e às ninfas que reinavam sobre bosques e fontes termais sagradas. Ele provavelmente também foi um antigo deus pastoral dos rebanhos, adorado

pelos fazendeiros e pastores nômades. Em eras remotas, Hermes foi cruelmente representado como uma pilastra ou pedra fálica que, por vezes, eram entalhadas com seu rosto barbado e sua genitália. Essas "herms", como eram chamadas, eram erguidas em encruzilhadas, e camponeses deixavam queijo, pão e canecas de vinho como oferendas para o deus. Viajantes de passagem consumiam essas oferendas e, em troca, deixavam moedas antes de prosseguirem suas jornadas. O nome Hermes vem dos montes ou pilhas de pedras que inicialmente eram colocadas nesses santuários nas encruzilhadas.

Em suas manifestações posteriores, Hermes tornou-se a divindade protetora dos comerciantes, mentirosos, ladrões, diplomatas e viajantes. Hoje ele provavelmente é também a divindade protetora dos políticos. Ele é o mestre da palavra escrita e falada e é um trapaceiro, mas também um habilidoso artesão. Quando ele foi aceito no panteão olímpico, se tornou o pai do deus com cabeça de bode Pan. Zeus também o designou como o anjo mensageiro dos deuses. Assim como o romano Mercurius, ou Mercúrio, ele possuía um capacete e sandálias com asas. Nesse papel, ele também se tornou um psicopompo ou guia dos mortos, conhecido como "a companhia da noite escura". Hermes é a forma pagã do arcanjo Rafael, e eles eram (e são) invocados por magos tentando fazer contato entre os reinos do céu e da terra. Como governante do signo astrológico de Gêmeos, ele domina o comércio, o jornalismo e todas as formas de comunicação. Ele age como mediador entre as polaridades de energias masculinas e femininas e é companheiro da deusa Vênus.

O símbolo primário de Hermes é o caduceu, que pode ter se originado no bastão usado para agrupar rebanhos, bodes e ovelhas ou a herm fálica ou pedra em pé. Uma outra interpretação é que ela era uma "varinha falante" passada adiante em uma reunião tribal para que todos os presentes tivessem a chance de falar enquanto a seguravam. Em termos esotéricos, o caduceu simboliza a natureza andrógina de Hermes. As duas cobras entrelaçadas ao seu redor são as energias solar (masculino) e lunar (feminino) e também representam a kundalini ou a força-serpente. A varinha ou bastão é a coluna vertebral humana, que leva a força da serpente ou do dragão para o cérebro. Por meio desse processo mágico, o Terceiro Olho, ou a glândula pineal, é ativada, e o mago obtém poderes psíquicos e, em seu nível mais elevado, iluminação espiritual. Na tradição

Luciferiana, o Terceiro Olho é a esmeralda que caiu da testa de Lúcifer. Ele também está relacionado à Marca de Caim usada astralmente por aqueles com "sangue de bruxo". De forma significativa, Lilith Babellon disse: *"Hermes é o anjo rebelde, aquele impulso da mente que faz a humanidade voltar suas energias para as artes e ofícios"*.

Quando os gregos colonizaram o Egito, reconheceram Hermes como sendo Tethuti ou Thoth, o deus egípcio da sabedoria. Cícero disse que Hermes teve de fugir para o Egito após assassinar Argos, o deus de muitos-olhos, que foi transformado por Hera-Juno em um pavão. Hermes então deu ao povo egípcio suas "leis" e recebeu o nome de Thoth. Em uma referência aos *Livros de Thoth*, Lactantius, um escritor cristão do século IV, tutor na casa do imperador Constantino, o Grande, o descreveu como "três vezes maior". Esse termo foi usado para expressar que ele possuía todo o conhecimento do mundo. Lactantius afirma que Thoth-Hermes era originalmente um mortal, mas era também de "grande antiguidade" (muito velho) e profundamente versado em todo tipo de arte e ciência. Hermes também escreveu muitos livros sobre a "Gnose e todas as coisas divinas". Obviamente, o mais famoso dos *Livros de Thoth* deveria ser o Tarô, mas é provável que essa idéia criativa tenha sido inventada por ocultistas do século XVIII. Hermes também recebeu o nome de um antigo faraó do Egito, que ensinou aos nativos a escrita, a Astronomia e a Matemática.

Na mitologia egípcia, Thoth foi um deus pré-dinástico que aparentemente esteve na Terra muito antes da chegada de Ísis e Osíris e sua família divina. Diz-se que Thoth e o pássaro Bennu, a fênix egípcia ou o íbis que botou o ovo da criação, chegaram aqui ao mesmo tempo. O íbis era a forma original de Thoth e mais tarde foi adotado como seu pássaro sagrado. Na tradição sabéia, Thoth era representado como Seth-Anubis e Sírio, a estrela-cão. Tanto Thoth-Anubis quanto Hermes possuíam cães e macacos como seus animais sagrados. O historiador grego Heródoto disse que babuínos eram os animais sagrados de Thoth porque eles eram guardiões do tempo, ou seja, a macaca, quando estava menstruando, emitia uivos noturnos no momento da lunação. (Grant, 1994: 49)

A Coletânea Hermética diz: *"Eles (Osíris e Ísis) vão aprender todas as minhas escrituras secretas e distinguir seus significados e irão manter algumas dessas escrituras com eles mesmos, mas algumas delas, como são para o benefício dos mortais, eles entalharão em*

blocos e obeliscos". Hermes entalhou seus segredos em obeliscos e tábuas de pedra, as quais ele escondeu para serem descobertas por gerações futuras. A mais famosa delas foi a Tábua de Esmeralda, contendo o axioma hermético *"O que está em cima é como o que está embaixo"*, ou simplesmente *"como é acima, assim é abaixo"*. Isso se refere ao mundo como um microcosmo do macrocosmo ou Universo e realça o conceito de correspondências mágicas. Supostamente a Tábua de Esmeralda foi baseada nos Pilares de Seth-Enoch-Noé-Tubalcaim, que Hermes encontrou em uma caverna.

Diz-se que Hermes-Thoth possuía todo o conhecimento secreto da história do mundo em 36.535 rolos de papiro. Eles foram escondidos para uma posterior descoberta por "alguém que fosse merecedor", que usasse esse conhecimento para o benefício do progresso da humanidade. Alguns ocultistas acreditam que esses documentos estão escondidos em uma "câmara secreta" na Grande Pirâmide de Giza ou na famosa sala de registros sob a Esfinge. Atualmente os arqueólogos estão se esforçando para localizar esse antigo conhecimento acumulado, que eles realmente acreditam existir em termos físicos.

Nas Antigas Leis Fundamentais, Hermes é descrito como um filósofo, rei e pastor do Egito. Ele também é o neto de Cush, que foi o avô de Noé. As Antigas Leis Fundamentais afirmam que Hermes era um astrônomo responsável pela divisão do dia em períodos de 12 horas e do zodíaco em 12 signos. Ele também inventou a escrita e "a ciência dos mergulhadores". Hermes também era descendente do Titã chamado Atlas e de Prometeu, que roubou o fogo do Paraíso. Essas visões maçônicas de Hermes fornecem mais informações para sugerir que ele era basicamente de natureza Luciferiana e um figura importante em nossa jornada de descobertas dos mistérios Daqueles Que Caíram.

Em meados do século XVI, um manuscrito escrito em grego foi trazido para Florença, no norte da Itália, por um monge Macedônico. Esse monge era um agente contratado por Cosimo de Medici para procurar documentos históricos raros. O manuscrito que ele apresentou para seu patrão era uma cópia de *Corpus Hermeticum,* supostamente escrito por Hermes. Era uma tradução em latim do grego e acreditou-se na época que ele tivesse originalmente sido escrito em hieróglifos egípcios. Na ver-

dade, *Corpus* era uma coletânea de textos Gnósticos que provavelmente foram escritos na Alexandria nos primeiros séculos da Era Cristã.

Os ensinamentos de Hermes apresentados em *Corpus Hermetica* demonstram a natureza da divindade como "*oculta, porém obviamente em tudo (...) Ele é a unidade de todas as coisas, então nós devemos conhecê-lo por todos os nomes e chamar tudo de Deus.*"



As Tábuas de Esmeralda de Hermes

Essa é uma visão panteísta do mundo que é muito parecida com as crenças neo-pagãs modernas. Entretanto, a doutrina Hermética também possui uma dimensão Gnóstica ao descrever o luminoso Mundo de Deus ou Logos surgindo das trevas como um filho de Deus. Cellanius disse que Hermes chamou o sol de "deus invisível" e o governante do Universo (Harmonica Macrocosmia, 1660). Há também uma menção a Demiurgo, descrito como deus do fogo, que criou os sete governantes – os regentes angelicais dos sete planetas clássicos.

Na *Hermética,* uma entidade chamada Pimander aparece em um sonho para Hermes e o instrui sobre a natureza de Deus e seu relacionamento com a humanidade. Pimander diz a Hermes que para se tornar um ser espiritual ele deve "conhecer a si mesmo" porque "aquele que conhece a si mesmo vai além de si mesmo". Pimander diz que somente um homem (um ser humano) que tenha intelecto pode então conhecer a si mesmo. Essa é a essência da Gnose ou autoconhecimento do Divino expresso por meio dos ensinamentos ocultos das tradições Luciferianas. Ele é resumido pelas palavras entalhadas acima da entrada do oráculo de Delfos: "*Ó, homem, conhece a ti mesmo e conhecerás os deuses*".

A doutrina Hermética também implica que o Criador do Cosmos, o Ser Supremo, o Deus dos Deuses, não foi responsável pela criação do mundo. Essa foi tarefa de Demiurgo, ou o Filho de Deus, e os sete governantes que ele criou. Em *Corpus Hermetica*: "Adão é mais que humano, ele é divino e pertence à raça dos demônios estrelas, os governantes criados divinamente (...) Diz-se até que ele é o 'irmão' do mundo criativo – demiurgo – filho de Deus, o 'segundo deus' que move a estrela" (Yates, 1969:27). No *Livro De Lumiel*, um manuscrito esotérico não publicado distribuído pela Ordem da Estrela da Manhã, Adão e Eva eram os líderes do chamado "povo raio", de natureza puramente não-material. O Jardim do Éden também não existia no mundo físico, mas estava no plano espiritual. A queda da humanidade foi na verdade a queda de uma raça não-física do espírito para a matéria. O *Livro de Lumiel* diz como o "povo raio" caído cruzou com os humanos primitivos. Desse cruzamento nasceram os gigantes ou Titãs. Como resultado desses eventos, Lúcifer foi considerado culpado, como o anjo do intelecto, por se intrometer em assuntos humanos, e banido do reino dos céus.

De onde veio a cópia da Hermética levada para a Itália pelo monge grego? Suspeitas apontam para a lendária cidade de Harã, fundada 4 mil anos antes na Mesopotâmia, que se acredita ser a cidade bíblica de Ur. Harã foi colonizada pelos assírios e durante muitos séculos foi o centro da adoração do deus da Lua Sin. Harã também foi uma cidade habitada por muitos sabeus ou adoradores da estrela e no século VI d.C. eles reverenciavam Órion como o "Senhor dos Cães". Seus habitantes eram pagãos praticantes até o século XII d.C., quando a cidade foi destruída pelas hordas mongóis. Assim como o *Corpus Hermetica*, o *Harranites* também possuía muitos outros manuscritos gregos sobre Alquimia e Medicina, que os mais velhos haviam traduzido do árabe. Os sabeus de Harã fizeram peregrinações constantes para o Egito para adorar as pirâmides, pois eles acreditavam que elas foram erguidas pelos antigos deuses estrelas. Isso levou alguns escritores a concluir que eles tinham o conhecimento estelar dos egípcios e os segredos astronômicos das pirâmides. (Gilbert, 2000:80)

No século VIII, o muçulmano Califa Umar II fundou uma universidade em Harã, e isso atraiu Hermeticistas da Alexandria. Aparentemente, esses ocultistas eram bastante elitistas, pois se recusavam a revelar seus segredos para qualquer um, exceto para aqueles que tinham sido iniciados, caso seus conhecimentos das artes e ciências fosse adulterado pelo comum. Alguns desses magos até mesmo alegavam serem descendentes diretos de Hermes Três-Vezes-Maior. Eles também alegavam ter escrito os *Livros de Edris*, o nome muçulmano para o Enoch, que eles identificaram com Hermes. Essa identificação entre Hermes e Enoch levou alguns ocultistas renascentistas a acreditar que a Hermetica tinha origens anteriores ao dilúvio. Esses hermeticistas construíram templos "dedicados aos espíritos" e "construções de sabedoria mágica". Alguns deixaram Harã e viajaram para o oeste, em direção à Índia e China, divulgando o evangelho de Hermes.

Uma segunda classe de ocultistas em Harã especificamente se auto intitulava de "Irmandade de Hermes" e eram guardiões da Gnose. Um escritor do início do século XVIII disse: "*eles a preservaram, geração após geração, até os dias de hoje*". Um terceiro grupo alegava ser descendente da irmã de Hermes, que foi chamada de Theodios Trismegistus. Eles "se miscigenaram com alguns estrangeiros", e seus conhecimentos

eram assim passados para pessoas fora do grupo. A quarta classe era chamada de "andarilhos" e consistia de estrangeiros que tinham se misturado com "as crianças de Hermes". Foram eles, provavelmente sabeus nativos e Harranites, que abandonaram a adoração à Alá pela adoração às estrelas e constelações.

Há evidência de que, durante as Cruzadas, cavaleiros cristãos visitaram Harã. Os Cavaleiros Templários certamente ocuparam os arredores de Edessa (uma das cidades supostamente construídas por Nimrod). Há também uma capela cristã em Harã de arquitetura cruzada. Ela fica próxima de um mosteiro muçulmano, e os dois prédios compartilham um mesmo hall de entrada. O escritor wicca Donald Hudson Frew viu isso como um exemplo de notável grau de tolerância religiosa em Harã. Foi um lugar onde o paganismo, o Hermeticismo, o Islã e o Cristianismo sobreviveram harmonicamente próximos uns dos outros.

Drew, que escreve para o jornal americano *The Pomegranate* (fevereiro de 2000), parece acreditar que o neo-platonismo, fundado por Plotino no século III, teve uma influência importante na tradição Hermética em Harã. Ele menciona a teoria de Plotino sobre Aquele de onde emanam todos os seres de uma hierarquia consistindo de mente (demiurgo e os deuses), almas (os Demônios) e finalmente a matéria. De acordo com Plotino, "todas as coisas estão tanto emanando quanto retornando para Aquele e existem simultaneamente em todos os níveis da hierarquia." Muitos dos neo-platonistas sintetizaram a adoração aos deuses pagãos e eram devotos dos mistérios de Mitra e Ísis. O neo-platonista do século IV Macrobius tentou reconciliar todas as religiões pagãs. Ele também alegava que todos os deuses eram aspectos do deus Sol e todas as deusas eram aspectos da deusa Lua, e eles estavam unidos n'Aquele. Essa visão foi modificada pelo ocultista do século XX Dion Fortune, conhecido por dizer: "*Todas os deuses são um deus e todas as deusas são uma deusa*". Essa idéia foi aceita por muitos Wiccas modernos, que não parecem entender que isso não está relacionado com o deus bruxo e a deusa bruxa, já que eles são divindades específicas.

Nesse artigo, Drew refere-se ao pupilo de Plotino, Iamblichus, que favoreceu a abordagem d'Aquele chamado de "criador de Deuses" ou teurgia. Tratavam-se de rituais mágicos para contatar Deus, e suas fontes incluíam a *Hermetica*, material payri mágico grego e os oráculos caldeus,

que se acreditava terem sido originados com Hécate e outras divindades. Foi creditado ao mago neo-platônico do século II Juliano, que editou e compilou os *Oráculos Caldeus de Zoroastro*. Foram dados a ele poderes mágicos incríveis, incluindo a habilidade de invocar os deuses, controlar o clima e viajar espiritualmente na forma astral. Essa forma de teurgia se focava em duas formas separadas de "criação de deuses", possessão por divindades e a manufatura de estátuas ou imagens que pudessem ser animadas por espíritos ou deuses. Diz-se que, quando a Academia em Atenas fechou no século VI d.C., muitos neo-platonistas foram para Harã. Ali eles fundaram uma nova academia, que perdurou pelos seiscentos anos que se seguiram.

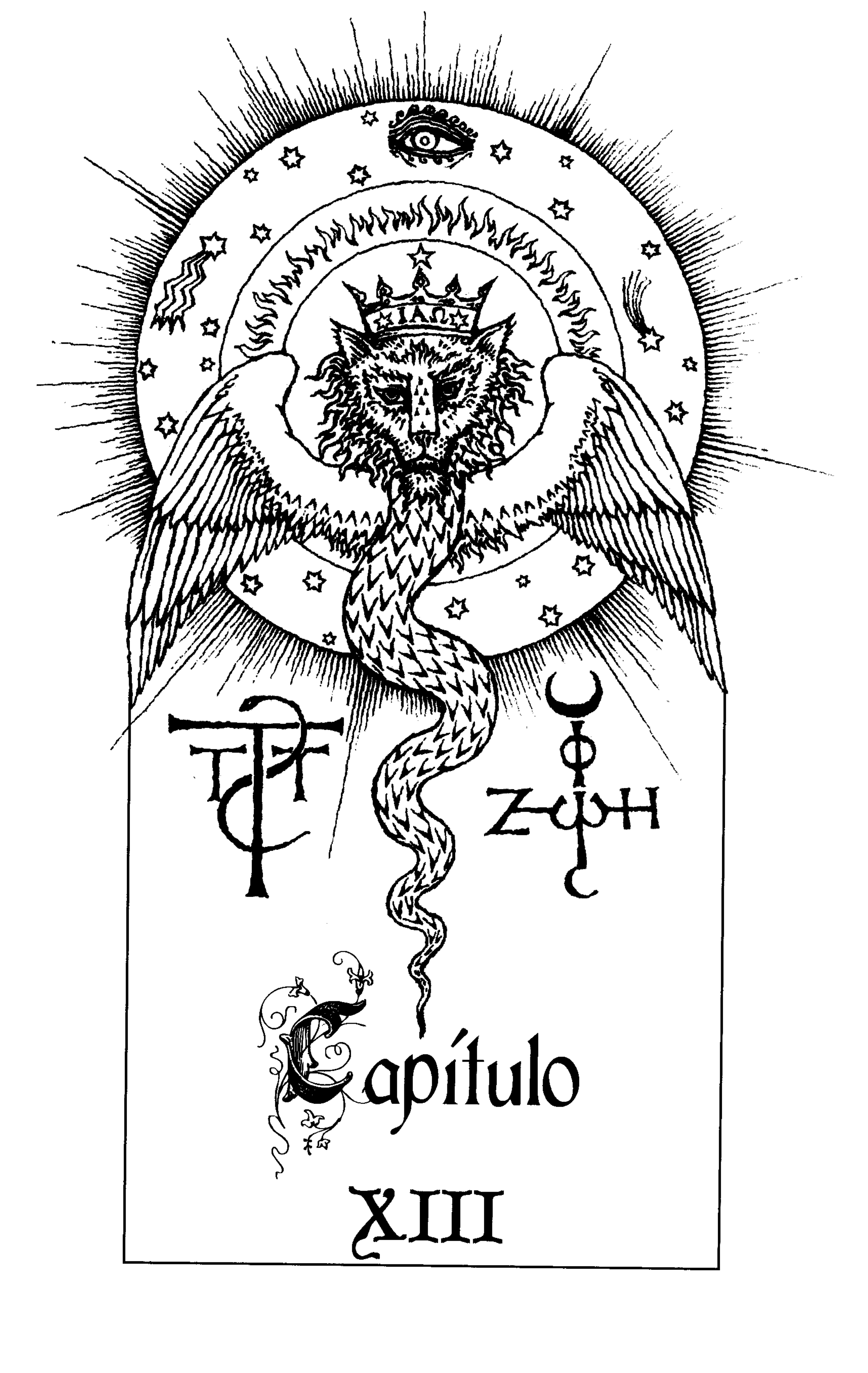
É significante o fato de que o imperador Julian, conhecido popularmente como o Apóstato, por tentar reviver o paganismo após o Cristianismo ter sido aceito como a religião oficial do Império Romano, tenha visitado Harã em 363. Enquanto esteve na cidade, Julian consultou os oráculos no templo do deus Lua. Ele recebeu o aviso de um desastre iminente, mas ignorou o aviso. Em sua batalha seguinte, ele foi morto por um assassino cristão infiltrado em seu exército. Seu corpo foi carregado por toda Harã, e a cidade foi a única do Império Romano a declarar luto público por sua morte.

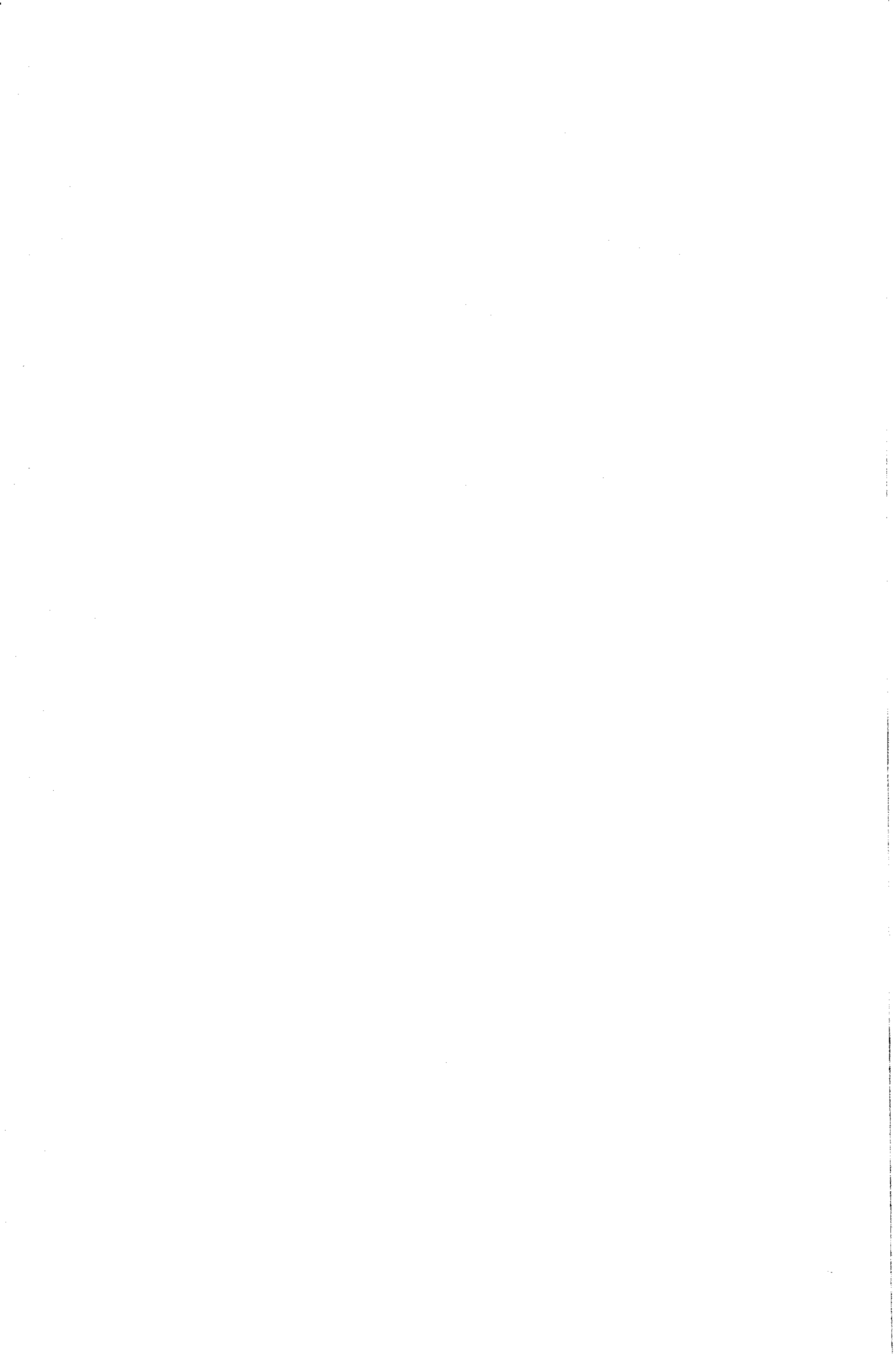
A tradição hermética, como foi expressa na Renascença, tem sido descrita como uma mistura entre paganismo, Gnose e magia cerimonial. Os aspectos mágicos vieram de um trabalho chamado *O Picatrix*, escrito no século XII de fontes árabes. Acredita-se que seja de origem sabéia e provavelmente veio de Harã. Ele lida principalmente com a manufatura de talismãs, mas o seu tema central é a descida forçada dos spiritus (espíritos) em materia (matéria). Também lista as imagens mágicas dos espíritos planetários e fornece informações sobre correspondências mágicas exigidas para evocá-las. De fato, foi um dos mais completos grimórios da magia prática.

Escritos sobre Hermes Trismegisto, e o fato dele ser freqüentemente associado a sociedades secretas, Paris (1990), trazem o seguinte ponto: *"Os famosos segredos dos grupos esotéricos não são tão secretos quanto rituais nos quais os não iniciados são trazidos a um certo nível de consciência em que eles podem entender algo até então não*

disponível para suas consciências. Na maior parte do tempo, o segredo não é nada além da habilidade de ver o que já está lá, que é o objetivo da iniciação".

Isso, posto de forma simplificada, é a chave escondida para entender tanto a Hermética quanto as tradições Luciferianas, e como elas estão interligadas pela figura mítica de Hermes-Thoth. O seu objetivo maior é resumido por Pitágoras na frase: *"Livrando-se do corpo mortal, chegarás à mais pura essência, serás um deus, imortal, incorruptível, e a morte não terá poder sobre ti..."*


ΙΑΩ
Capítulo
XIII





A Serpente e a Árvore



"Serás tão sábio quanto as serpentes."
Jesus

Aqueles que foram criados como cristãos ou judeus foram ensinados sobre o mito hebreu da criação descrito no Gênesis, como crianças encenando o Jardim do Éden. É um mito que provavelmente foi tirado das culturas suméria e babilônica pelos escribas hebreus. Éden significa um lugar de encanto e prazer e se refere a um paraíso terrestre ou a um parque restrito ou fechado. Em acadiano antigo, significa terraço e se refere a uma plataforma elevada usada para o plantio de flores ou plantações. Escritoras feministas alegam que Eva foi a primeira jardineira, e foram as mulheres na Mesopotâmia pré-histórica que primeiro cultivaram plantas, irrigaram terras e cercaram áreas de terra, como jardins para cultivar vegetais, frutas e ervas medicinais.

Outros escritores, como Andrew Collins, sugeriram que a agricultura e a horticultura eram ensinadas para mulheres da Europa oriental por uma raça antiga chamada Os Vigias. Collins chegou inclusive a descrever o Éden como um povoado dos Vigias organizado em jardins de cultivo, orquídeas, terraços cultivados, escolas e observatórios astronômicos. Ele se localizava na área do Curdistão-Iraque. (Collins, 1996)

Aparentemente, essas mulheres neolíticas desenvolveram tecnologias de irrigação e cercado para controlar o gado e as ovelhas usando arbustos de acácia e mais tarde estacas de madeira. Elas também cultivaram e domesticaram flores silvestres. Durante o processo, elas criaram

novas espécies e híbridos, incluindo as rosas. A palavra persa *gul* significa rosa e aparentemente tem origem pré-indo-européia. Os primeiros relatos de jardins exclusivamente de flores vieram da Assíria e Babilônia, vide os famosos jardins suspensos da Babilônia. Jardins floridos foram plantados próximos a casas para aproveitar seus perfumes. Eles também eram usados para relaxamento, refeições ao ar livre e santuários religiosos.

Em 1998, cientistas alegaram ter encontrado evidências das origens da civilização na fronteira curda, nas montanhas ao sudeste da Turquia. Análises de DNA do trigo silvestre no sudeste da Ásia permitiram aos cientistas datar suas origens genéticas em 9 mil anos. Foi uma das chamadas plantações fundadoras que permitiu que os humanos antigos deixassem de ser caçadores/coletores nômades para se tornar fazendeiros fixos. Essas mudanças culturais e sociais dramáticas foram as precursoras das sociedades organizadas, com o aparecimento de governantes, burocratas, escribas, soldados e artesãos que viviam em povoados permanentes.

Essa descoberta apóia a idéia contemporânea de que um grupo pequeno de humanos domesticou plantas silvestres e divulgou suas técnicas e conhecimentos agrícolas para outros lugares. Diz-se também que, em um período de apenas algumas centenas de anos, os humanos fizeram uma transição radical de caçadores/coletores de plantas silvestres para cultivar plantações domesticadas como fazendeiros. Quando Caim foi exilado na terra de Nod, ao leste do Éden, por matar seu irmão Abel, conta-se que seus descendentes se tornaram os primeiros fazendeiros, ceramistas, ferreiros e construtores de cidades. Alguns escritores os identificaram com os Sumerianos, e certamente as similaridades entre o Gênesis e a criação deles e os mitos sobre o Dilúvio é impressionante. Toda a história de Caim e Abel poderia ser vista como o relato mítico da transição entre os nômades da Era Neolítica para as comunidades estabelecidas no início da Era do Bronze com sua tecnologia superior.

A história bíblica diz que um rio saiu do Éden para aguar os jardins; e por isso ele se dividiu em quatro braços. (Gênesis 2:10) O simbolismo do rio correndo desde o Éden para irrigar e a sua divisão em quatro afluentes é altamente simbólico. Ele representa a emanação dos afluentes da vida desde a Fonte e como ela se divide em uma variedade de formas diferentes. Os escribas que escreveram o mito da criação original que foi incluído no Gênesis sabiam que a vida, animada e

inanimada, era uma delineação visível do princípio cósmico ou fonte da vida. Era também a manifestação visível da Alma Universal agindo por meio do Universo físico para se manifestar concretamente. Eram as idéias da Mente Divina cristalizada em formas materiais. O Criador Cósmico, o Grande Arquiteto do Universo, o Deus por trás dos deuses, formou primeiro nessa mente divina a forma arquetípica das coisas que surgiriam, formando, portanto, um padrão ideal que mais tarde se manifestou no Universo físico por meio dos sete governantes.

A criação do mito do Éden inclui a história da Queda, quando Eva foi tentada pela serpente e comeu o fruto proibido da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. De acordo com a bíblia: O senhor Deus disse; Eis que o homem se tornou *como um de nós*, conhecedor do bem e do mal (sublinhado nosso). Por causa desse evento, os primeiros seres humanos emergiram dos seus estados de inocência e perceberam que estavam nus (ou seja, descobriram o sexo físico). Como Eva havia desobedecido Javé, o primeiro casal foi banido do Jardim do Éden, e seus descendentes foram condenados a nascer com o chamado pecado original. Essa crença falsa e perniciosa assombra a humanidade há eras. Como resultado desse mito judaico-cristão, a propaganda rotulou a serpente como uma criatura má e detestável. Diz-se que a tentação de Eva, a Mãe de Todos os Seres Vivos, representa a primeira tentação da humanidade por Satanael e tem sido freqüentemente repetida. Em comum com a serpente, as religiões patriarcais costumam representar as mulheres como tentadoras malignas que levam os homens à perdição com seus ardis femininos.

Satanael, na versão judaico-cristã da Queda do Éden, não é o espírito maligno cristão, e sim Lúcifer-Azazel. Quando o primeiro homem e mulher viveram no Éden, eles tinham contato direto com as forças angelicais. O apócrifo *Primeiro Livro de Adão e Eva* diz que, quando eles foram expulsos, Adão lamentou: *"Oh, Deus, quando habitávamos o Jardim e nossos corações estavam elevados, nós víamos os anjos que entoavam cânticos no Paraíso, mas agora não os vemos como costumávamos*" (8:1). Em outras palavras, os primeiros humanos tinham perdido contato com o reino espiritual.

A Bíblia diz: E Adão conheceu Eva, sua esposa; e ela concebeu e carregou Caim e disse: Eu recebi um homem do Senhor. Na tradição

Luciferiana, esse Senhor era a serpente conhecida no mito hebreu como Samael (Azazel), e Caim foi o fruto da união deles. Lúcifer também aparece em uma visão para o outro filho de Adão e Eva, Seth, como um lindo anjo, brilhante com a luz; com um cajado de luz em sua mão, envolvido em uma cinta de luz. Lúcifer diz a Seth que ele e seus anjos habitam lugares maravilhosos em um outro mundo além da Terra. Ele oferece a Seth a troca para se converter na raça angelical, mas Seth recusa-se e acaba se casando com a irmã gêmea de Abel, Aklia (Adão e Eva 5:4-7).

No Livro Secreto de João, um texto egípcio cristão encontrado entre os famosos documentos de Nag Hammadi, descobertos no deserto do Egito em 1945, o governante chefe tentou capturar e seduzir as crianças de Adão e Eva. Nesse texto, Lúcifer plantou a semente do desejo sexual em Eva, e ele é descrito como o pai tanto de Caim quanto de Abel. Antes dele interferir nas suas vidas no Jardim, eles não sabiam o que era o sexo. O texto diz que o destino foi criado porque os governantes (anjos) cometeram adultério com sabedoria, e um destino amargo se abateu sobre eles.

Levando-se em consideração isso, era a serpente no Jardim realmente a personificação do mal? Nem mesmo os primeiros cristãos acreditam nisso. Santo Patrício, ainda que de forma condescendente, comparou a serpente a um Serafim ou anjo da presença de Deus. Ele insinuou que Eva havia tolamente confundido a linda e brilhante serpente com um mensageiro do paraíso enviado por Deus para iluminá-la, pois ela não era tão inocente para acreditar que uma besta poderia falar. Essa conclusão parece ter sido baseada no fato de que a palavra Serafim em hebraico significa serpente e também anjo. Eles também eram conhecidos como serpentes aladas.

Na demonologia cristã, a serpente edênica ficou associada a Satanael e Lúcifer como o lado derrotado na Batalha dos Céus. Quando Lúcifer caiu do reino do céu na Terra e se tornou o Senhor Deste Mundo, ele foi chamado pelos cristãos de Velha Serpente ou Dragão Vermelho. A lenda da pedra esmeralda em sua coroa pode estar ligada a uma estranha pedra com supostas propriedades mágicas chamada draconita. Ela supostamente se encontra incrustada nas testas de serpentes ou dragões alados. Na mitologia do norte da Europa, os dragões geralmente são os guardiões de tesouros enterrados. Isso os conecta com Azazel/Azrael, o governante planetário de Plutão, como Plutão-Hades na mitologia greco-romana con-

trolava os tesouros enterrados. Em termos esotéricos, esse tesouro não precisava ser necessariamente jóias ou ouro, mas sim conhecimentos ocultos e saberia antiga.

Os Gnósticos, que combinaram a heresia cristã e o paganismo em suas crenças, consideraram a tentação de Eva uma ato de liberação para o futuro da raça humana. Para eles, a serpente representava a sabedoria na sua forma mais pura. Os Ofitos, ou Irmandade da Serpente, no século II d.C., viam a serpente como a personificação da sabedoria absoluta e divina. Em suas crenças, ela era a Grande Professora e uma civilizadora da humanidade, a mãe e autora de todo o conhecimento e as ciências. Para os Ofitos, e outros Gnósticos, a Queda não era algo do qual se arrepender, mas a transição da humanidade antiga para um estado mais elevado de conhecimento e consciência.

Os Ofitos também acreditavam que o Mundo Serpente, ou Leviathan, com sua cauda na boca conhecida como ouroboros, era o guardião entre o mundo mortal e o divino. A cobra enrolada formando um círculo com um buraco no meio foi chamado de *kuklos anagkes* ou "o buraco da cobra" pelos gregos. Simbolicamente, foi o ciclo de necessidade ou a alma passando pelos vários elementos para alcançar o crescimento evolucionário. É o símbolo da lei natural pós-Queda, quando a alma se torna imersa em matéria. Isso foi para que se pudesse superar a matéria e desenvolver e crescer em encarnações sucessivas em carne. O espírito tem de se transformar em matéria para que paradoxalmente possa retornar novamente para a Fonte. Madeline Montalban via a Terra como uma escola de vida em que a alma encarna para aprender lições e se formar.

É por isso que o resultado final da tentação de Eva foi a perda da inocência primitiva e a introdução da morte na equação. Adão e Eva se tornaram deuses, conhecedores do bem e do mal, porque seus olhos foram abertos para a realidade do Universo e como ele funcionava. Descendo do estado edênico espiritual para o mundo material além dos portões do Jardim, os humanos experimentaram a morte do corpo físico. Entretanto, os mais iluminados perceberam que após a morte a alma retornava para a Fonte e eventualmente renascia. No final do ciclo de necessidade, porém, a alma estava liberta da roda da morte e do renascimento. Eles podiam então decidir retornar voluntariamente para o mundo como guias e profes-

sores da humanidade, que estava adormecida, ou seja, presa no materialismo vulgar do plano físico sem qualquer conhecimento da luz interior.

É a jornada do alquimista para ir além do círculo externo do mundo inferior, também conhecido como o círculo da serpente governado por Saturno. Ele é idêntico a Cronos, o deus grego do tempo, e, ao superá-lo, o iniciado quebra o tempo transiente, seqüenciado, e reverte a Era Dourada da juventude eterna e divina benevolência. (Roob, 1997:30) Simbolicamente, Saturno-Cronos vive no centro da Terra como o Senhor dos Metais, mas ele já foi o governante da Era Dourada antes de se tornar a Morte com a foice nas mãos. Ainda que Saturno seja mencionado em um tratado alquímico Hermético do século XVIII dizendo: "*Eu vos digo que sou a coisa em si, mas não deveis me tocar: em mim habita a semente de todos os animais, ervas e minérios*". Outro ditado Hermético dizia sobre Ouroboros: *"Círculo feito por homem ou mulher, quando une a cabeça com a cauda, você obtém o traço completo"*. Isso se refere ao processo alquímico sexual ou ao próprio casamento sagrado em termos físicos.

Outras seitas gnósticas que veneraram a serpente foram os Maniqueístas, seguidores do profeta Mani. Eles ensinaram que Jesus veio do Sol e, quando ele morreu, para lá retornou. Eles acreditavam que ele era a Grande Serpente que voou sobre o berço da Virgem Maria, quando ela nasceu. Jesus foi a serpente edênica enviada pela Mãe da Luz para libertar a humanidade da escravidão espiritual do falso deus Javé. Este era o Jesus da Luz, e ele está em cada árvore e nasce a cada dia, sofre e morre. Seu espírito se dispersa por toda a criação, em especial pelo mundo natural da vegetação, que o conecta com os deuses salvadores do Oriente Médio.

Em um dos mitos gregos primitivos sobre a criação atribuídos aos Pelasgos, a primeira divindade era uma deusa do mar chamada Eurínome. Ela se acasalou com o vento do norte, que assumiu a forma do Grande Velho na forma de uma cobra gigante chamada Ofion. Os dois se uniram em uma dança cósmica de vida e amor com a deusa, por vezes assumindo a forma de uma pomba. Da união entre eles, surgiu o ovo cósmico que, quando chocado, deu vida a tudo o que existe no Universo. Após o acasalamento deles, Eurínome rejeitou a serpente, ela machucou a cabeça

dele com seu calcanhar e o expulsou do reino dos céus do Monte Olimpo. A serpente foi rebaixada para as cavernas debaixo da terra porque ele alegou ser o único criador da vida.

Dos dentes espalhados de Ofion, surgiram os primeiros humanos. Eurínome também criou poderes titânicos gêmeos, masculino e feminino, e deu a eles poder sobre os sete deuses planetários.

Eurínome, coincidentemente, aparece em uma lenda posterior, que diz respeito a Hera, a Rainha do Céu, e seu indesejado filho, o deus forjador Vulcano. Quando ele nasceu, era um anão manco e feio, e sua mãe horrorizada o rejeitou. Ela o jogou de um penhasco para o mar, de onde foi resgatado por duas deusas antigas do mar, Thetis e Eurínome. Ele permaneceu com elas em uma cidade submarina, onde produziu jóias para elas. Seus companheiros eram os famosos Cabari, os servos da Deusa Grande Mãe, que foram mencionados várias vezes neste livro.

No antigo México, a serpente da sabedoria era adorada como um deus chamado Quetzalcoatl ou "a serpente com penas". Ele era conhecido como o Senhor da Vida e da Morte e o Senhor da Estrela da Manhã e era o deus do vento, como o sopro da vida e da vegetação. Quetzalcoatl era uma figura de rei divina e culturalmente exemplar no exterior. Ele foi o primeiro governante mítico dos toltecas, que assumiram o império asteca, e ensinou a seu povo os segredos da agricultura, artes e artesanato e o calendário. O deus serpente foi descrito como um homem branco alto os cabelos castanhos longos, com reflexos avermelhados, caindo até os ombros, olhos verdes-castanhos e vestindo um manto branco decorado com uma cruz Tau em forma de T. Quando os conquistadores espanhóis chegaram no século XVI carregando imagens de Jesus, os nativos reconheceram o seu deus serpente Quetzalcoatl e pensaram que ele tinha retornado. Quando ele velejou do México para sua terra, além do sol se pondo, se tornou a estrela da noite e da manhã (Vênus). Na posterior arte sul-americana, ele foi claramente identificado com o Cristo, assim como uma serpente com penas crucificada.

No México e na América Central, Quetzalcoatl foi e continua sendo associado às (infames) famosas 13 caveiras de cristal.

Embora algumas sejam consideradas farsas modernas, a lenda das caveiras chama o deus serpente como um dos avatares que desceram à

Terra para ensinar a humanidade. Esses avatares supostamente vieram de Plêiades, Órion e Sírius, e eles trouxeram com eles as caveiras de cristal codificadas com conhecimentos sobre a ciência, Astronomia e Filosofia. Foi alegado que esses objetos podem ser usados como os monolitos no famoso romance de ficção científica *2001: Uma Odisséia no Espaço*, de Arthur C. Clarke, para acelerar a evolução humana. Isto é, claro, se o acesso a eles puder ser redescoberto. Alguns velhos nativos americanos supostamente disseram que isso vai acontecer na Era de Aquário.

Um dos símbolos mais antigos na tradição esotérica é a serpente na árvore. Isso geralmente é representado por uma cobra enrolada ou crucificada em uma cruz Tau. Uma das referências mais antigas a isso está em Números 21:4-9, em que os israelitas reclamam das condições em suas viagens pelo interior. Em resposta, Javé enviou serpentes ardentes para atormentá-los. Javé aparentemente cedeu e disse a Moisés para erguer uma serpente de bronze e colocá-la em um poste. Qualquer um que olhasse para ela seria curado de mordidas de serpentes e sobreviveria. Aparentemente, aqueles que não o faziam, morriam.

Em termos ocultos, a serpente é o espírito da luz e a vida sacrificada na cruz da matéria. Essa imagem pode ser encontrada no mundo todo e, no século VII, um bispo baniu o culto a uma cobra dourada em uma árvore entre os Lombardos. A árvore foi derrubada e a imagem de bronze foi derretida para fazer um cálice para a igreja local. Essa árvore é a Árvore do Mundo ou Árvore da Vida, que no mito pagão gera a maçã da imortalidade. Ela é guardada por uma serpente alada ou dragão, e as raízes da árvore afundam no mundo subterrâneo, enquanto seus galhos chegam aos céus. O exemplo mais conhecido é Yggdrasil ou a Árvore do Mundo, na mitologia nórdica, que surge todos os anos em nossos lares como árvore de Natal. No topo da árvore há uma águia, e suas raízes espreitam uma serpente ou dragão. A águia com a serpente ou o brilho do raio em suas garras é outro símbolo antigo do Portador da Luz trazendo seus presentes das estrelas.

A serpente não foi apenas um símbolo da sabedoria divina, pois podia também representar a sabedoria adquirida por aqueles que seguem o caminho oculto. Desde eras remotas, uma varinha com uma serpente enrolada ao redor tem sido a ferramenta preferida de mágicos e magos. Os sumo sacerdotes do Egito, Babilônia e Índia se auto-intitulam "filhos

da serpente" ou "filhos do dragão", assim como os druidas. De fato, dizem que as cobras expulsas da Irlanda por São Patrício eram uma referência aos druidas. O sacerdócio egípcio vestia a serpente da sabedoria em suas testas. Nas lendas Arthurianas, o título antigo de rei da Grã-Bretanha era "Pendragon" ou "dragão chefe". Isso indicava que eles vieram da linhagem de sangue real dos Reis Dragões, descendentes dos Vigias, que usaram a cruz Tau como selo heráldico.

Na Maçonaria esotérica, a cruz tripla de Tau simboliza o templo em Jerusalém. É a chave para tesouros escondidos ou um lugar em que algo precioso está oculto, ou até mesmo a coisa preciosa em si. Como sabemos, isso pode não se referir à riqueza material. Na Maçonaria do Real Arco, o Tau triplo aparece dentro de um triângulo rodeado por um círculo com a Estrela de Davi. Isso simboliza os três aspectos da deidade, como criador, preservador e destruidor. Na tradição maçônica, o Tau era o martelo usado para desferir o golpe final que matou o Mestre Hiram Abiff, entre os olhos, o martelo do próprio Abiff tinha o formato de um Tau e foi um presente de Tubalcaim.

A imagem da serpente e da cruz pode ser encontrada também naqueles níveis mais avançados da Maçonaria, associados aos Cavaleiros Templários. Baigent e Leigh (1989) publicaram duas fotografias das jóias dos Templários Maçônicos. Elas tinham a forma de uma estrela de sete pontas com uma serpente enrolada em uma cruz Tau no meio. Uma das jóias tem abaixo desse símbolo um caixão vazio e uma caveira e ossos cruzados como representação da morte e do renascimento. Ao redor da borda, está a inscrição: *In hoc signo vincis* ou "Com este signo vencerei". Uma espada torta, "o símbolo de Seth" pode ser vista sob a cruz em outra jóia. Nos túmulos templários, as pernas cruzadas da efígie supostamente representam Tau. Essa mesma imagem aparece também na carta do enforcado no Tarô. O Templo também lembra a imagem da serpente crucificada na cruz Tau, como um símbolo legítimo do Cristo. Por que eles assim o fizeram sempre foi um mistério para os historiadores. É um mistério que pode ser facilmente entendido por aqueles que leram as entrelinhas deste livro até o momento. Essa ligação se tornará mais explícita ao nos aprofundarmos no simbolismo da tradição Luciferiana. É um simbolismo que é a verdadeira linguagem dos anjos. Símbolos como a serpente e a cruz fornecem a chave para entender os eternos mistérios da vida, o mundo espiritual e a natureza oculta do Universo.


ΙΑΩ
Capítulo
XIV





Anjo da Terra

"Como você caiu do Céu,"
Isaías 14:12

Nos escritos cabalistas anglicizados de ocultistas modernos, o arcanjo designado para Malkuth, a sefirah ou esfera da Terra na Árvore da Vida, é chamado de Sandalphon. Ele é descrito como o regente planetário da Terra, assim como Uriel é o arcanjo realmente associado ao elemento terra. Na tradição Luciferiana alternativa e mais subversiva, o Grande Arcanjo da Terra é conhecido como Lumiel ou a Luz de Deus.

Uma dica para a real natureza desse anjo da Terra é dada por Dion Fortune em seu livro *A Cabala Mística* (1935). Ela diz que os cabalistas às vezes chamam Sandalphon de anjo negro. Esse é um título que também é dado para Lumiel-Lúcifer, apesar de sua real associação com a luz. Fortune diz que, nesse papel e função como anjo negro, Sandalphon governa o débito cármico. Por esse motivo, ela diz que Malkuth é conhecido como o Portal da Justiça e Lágrimas ou poeticamente como o vale das lágrimas. É a esfera na qual o carma geralmente é trabalhado (p. 290). Em *Aradia: Evangelho das Bruxas,* é Lúcifer que gira a Roda do Destino controlada por Diana-Lilith.

Mais recentemente, David Goddard publicou um livro chamado *A Magia Sagrada dos Anjos*. Nele, reproduziu um quadrado mágico, descrito como a *Carta de Proteção de Vida de Lumiel.* Isso, disse ele a seus leitores, protegeu a alma do medo e do enfraquecimento, a mente do dano e o corpo do estrago dentro do confinamento da lei do carma (pp. 140-141).



Lumiel

Goddard descreve Lumiel como meramente um dos anjos do planeta Terra. Ele não dá a ele *status* de arcanjo, tampouco de regente planetário e, no estilo cabalístico tradicional, coloca Sandalphon nesse papel. Como o livro de Goddard é amplamente baseado no curso de correspondência criado nos anos de 1950 por Madeline Montalban, da Ordem da Estrela da Manhã, ele deveria estar ciente da verdadeira natureza de Lumiel. Enquanto ele naturalmente esperava que a Igreja rejeitasse o chamado anjo negro e todo seu trabalho, é sempre muito triste e surpreendente encontrar ocultistas caindo nessa armadilha.

Uma indicação da natureza e posição verdadeiras de Lumiel no padrão cósmico ainda sobrevive no Cabalismo ortodoxo, apesar das tentativas de erradicá-lo. Na Árvore da Vida, o arcanjo oposto a Sandalphon é o misterioso Metraton, que é o governante da elevada sefirah Kether. Isso representa o objetivo da busca interior de iluminação espiritual, liberdade da manifestação no Universo físico e a união mística com o Divino. Há um velho ditado cabalístico que diz: "*Kether está em Malkuth, assim como Malkuth está em Kether*". Essa é uma variação do velho axioma hermético "como é acima, assim é abaixo". Isso nos diz que Lumiel, como a luz do relâmpago que desce o pilar do meio da Árvore, tem o poder de agraciar a perfeição para aqueles que o seguirem e aqueles que seguirem o caminha da Alquimia espiritual.

Quem é Metraton? Seu nome significa perto do trono [de Deus] e, às vezes, é chamado de Embaixador de Deus, com relação aos seus assuntos com o mundo humano. O *Sepher Yetzirah* o descreve como a fonte de iluminação e toda a luz do Universo. Ele também é descrito como o anjo chefe de Deus e o filho de Shekinah, ou Noiva de Deus, a presença feminina do Criador do pai-mãe. O Shekinah, como vimos, foi associado de várias maneiras com muitas deusas ocidentais, incluindo Lilith e Anat. Essa última foi uma deusa da fertilidade, da guerra e do amor sexual, cujo filho foi um deus do fogo. As afinidades entre Metraton e Lumiel são muito fortes para serem meramente coincidência.

Metraton é um anjo instrutor, como são os regentes planetários, e diz-se que ele ensinou os segredos da Cabala para Moisés, o príncipe egípcio e iniciado do templo. Acredita-se que uma das esposas de Moisés, uma egípcia, tenha sido Lilith disfarçada de humana. As águas também

estão lamacentas, com a alegação de que o próprio Metraton tenha sido humano. De fato, ele aparentemente foi o profeta Enoch do Velho Testamento, que caminhou com Deus e deixou de existir. Isso pode ser entendido como uma pista mais abrangente para a real identidade angelical de Metraton, já que Enoch é uma figura-chave na história dos Vigias. No *Livro de Enoch,* que carrega seu nome, ele é o escriba que recontou sua queda do Paraíso.

Outras evidências de águas lamacentas e encobrimentos teológicos podem ser detectadas no papel de Lumiel como um regente planetário. Na velha tradição, ele é claramente o Demiurgo, ou regente da Terra, como Senhor Deste Mundo. Sua imagem histórica primária nesse papel é o deus-bode dos Templários heréticos chamado Baphomet. Entretanto, Lumiel foi originalmente o arcanjo do sol e portanto o logos solar desse sistema estelar.

Na Angelologia Cabalista ortodoxa, Mikael ou Miguel (São Miguel) é descrito como o arcanjo solar. Em *Filosofia Oculta*, de Agrippa, o assunto acaba se tornando mais confuso, designando Rafael, o arcanjo de Mercúrio, como o do sol e Miguel como o da terra. Agrippa está parcialmente correto, pois, antes da mítica "Guerra no Céu", Miguel era o Anjo da Terra, e ele e Lumiel trocaram de lugar e de papéis quando o Portador da Luz caiu em desgraça.

Imagens cristãs de São Miguel derrotando o dragão e a construção de igrejas deliberadamente dedicadas a esse santo/arcanjo em antigos locais de adoração pagã são todas partes do encobrimento. Às vezes, estátuas do Arcanjo Miguel em igrejas ou túmulos o representam vestindo a Estrela da Manhã de Lumiel em sua testa.

Reproduzida neste capítulo está uma ilustração de Lumiel na forma tradicional por Nigel Aldcroft Jackson. É baseada em uma experiência visionária do artista e contém símbolos representando seu papel como Anjo da Terra. Como guia para invocar o poder e a presença desse ser angelical incrível, o significado desses signos são dados em seguida. Antes de mais nada, ele está envolto em uma aura de estrelas, formando um portão ou arco sobre seu corpo. Isso significa que ele não apenas é o Senhor do Mundo, mas também sua posição cósmica pré-Queda era a do primeiro a ser criado, o Logos ou a Palavra de Deus e primeira luz

do Universo. Suas asas são uma lembrança de que, apesar dos anjos poderem aparecer na forma humanóide ou nas duas formas na realidade, eles são poderosos Senhores da Chama sem sexo. Asas podem também ser encontradas nos querubins da antiga Assíria e nos deuses sumérios dos planetas. Em todos os casos, eles são um sinal da origem divina e poder celestial. Conseqüentemente, há a crença de que, se um anjo perder suas asas, se tornará mortal.

Brilhando na testa de Lumiel está a Estrela da Manhã. Como vimos, isso representa Vênus, o Terceiro Olho e a Marca de Caim. Na bruxaria tradicional, é a vela entre os chifres do bode sabático representando a iluminação. No terceiro nível da Maçonaria, a Estrela Ardente na Loja é descrita para o candidato como aquela estrela da manhã brilhante cuja nascente traz paz e tranqüilidade para os fiéis e obedientes da raça humana. No seu livro *O Tarô dos Mágicos* (1927), Oswald Wirth diz que, quando a Estrela Ardente surge no crepúsculo depois do sol se pondo, embora sua luz seja discreta, é penetrante, pois ela ilumina o aspecto interior das coisas. Nos mistérios esotéricos do Cristianismo, é o signo do Cristo Ressuscitado. O apócrifo *Evangelho da Infância de Jesus Cristo* diz que a estrela no leste seguida pelos magos até a criança Jesus Cristo era de fato a luz refletida de um anjo que os guiou até o local de nascimento. O pentagrama ou estrela de cinco pontas é conhecido na tradição mágica cabalista como o "Selo de Salomão".

O manto de Lumiel está preso por um cinto ou faixa que forma o signo da Cruz de Tau. Uma das acusações feitas sobre os Templários é que eles vestiam uma faixa especial ou cordão sob as roupas. Esse costume também é encontrado em outras seitas herméticas. Especialmente no Oriente Médio. Como vimos, o Tau é o símbolo único de Lumiel e seu papel como um avatar para a raça humana. Seu destino é encarnar na forma humana em certos momentos-chave da história do mundo como um salvador e redentor da humanidade.

Nesse processo de duas vias, tanto o anjo negro quanto seu povo recebem um grau de redenção. Esse processo também está representado na ilustração pelo selo no lado esquerdo sobre a rosa. Alguns observadores vêem isso como um sinal para os ungidos, mas na verdade é baseado em um hieróglifo egípcio para Vênus. Nesse contexto, é o conhecimento divino trazido para a Terra pelo Senhor da Estrela da Manhã.

III
Dame Venus

No canto esquerdo, está a rosa de cinco pétalas, e esse é um dos mais importantes símbolos na tradição Luciferiana. Ela pode ser vermelha (Lúcifer) ou branca (Lilith) e ser a rosa Tudor ou a rosa canina. Hoje, rosas híbridas são usadas porque elas estão disponíveis e os tempos mudam. A rosa é primariamente o sinal da linhagem de sangue sagrada e mística criada pela união dos Vigias com a raça humana, a chamada Família da Rosa ou Sangue da Rosa. Em seu nível mais elevado, a rosa refere-se a pendragons ou dragões reis, e ela aparece naqueles contos de fadas e lendas que escondem os ensinamentos das tradições Luciferianas. Ela também tem sido usada como brasão por grupos ocultos, ao longo das eras, que (secretamente) devem sua submissão ao Portador da Luz.

A rosa é também um símbolo do aspecto feminino do Espírito da Terra e Sophia-Sabedoria como a consorte de Lumiel-Lúcifer. No folclore medieval, ela é geralmente vista como o personagem conhecido como Dama Vênus ou Habondia preservada no Tarô como a carta da Imperatriz. Ela é associada ao morro vazio semimítico de o Monte de Vênus, como o útero telúrico da Magna Mater ou Grande Mãe e portal para o Outro Mundo. A folclorista vitoriana Sabine Baring Gould descreve, em seu livro *Curiosos Mitos da Idade Média* (1866), como um cavaleiro e trovador francês chamado Tannhauser viajava próximo ao Monte de Vênus para participar de um encontro bárdico. Com o crepúsculo, ele passou por uma caverna e viu uma bela figura brilhante em pé ao lado da entrada. Ela acenou para ele, que a reconheceu como a deusa do amor. Uma fraca luz rosada brilhou de seu corpo e ninfas apareceram, jogando pétalas de rosas aos seus pés. Consumido pela paixão, Tannhauser seguiu a Senhora da Rosa dentro do morro vazio. Ali, ele firmou um casamento de sete anos com a deusa.

A história de Tannhauser e Vênus pode ter se originado na lenda de sibila, que viveu em um labirinto nas cavernas abaixo do templo de Apolo em Cumae. Ali, ela previu o futuro até a chegada do Cristianismo. Em *Guerino Meschino* (1390), a história de Guerino conta como ele conheceu Lúcifer nas montanhas próximas à Umbria. Lúcifer tentou o garoto com contos sobre uma fada ou mulher encantadora chamada Sybilla, que tinha um jardim subterrâneo de encantos terrestres em uma caverna guardada por uma cobra. A sibila tentou seduzir Guerino, mas o garoto viu por baixo de seu vestido e percebeu que ela tinha pernas de um monstro. Ele



Nossa Dama da Rosa

conseguiu escapar de seus ardis e, como Tannhauser, vai para Roma em busca de absolvição pelo papa. O pontífice identifica Sybilla com Vênus.

A lenda de Tannhauser ficou muito popular a partir do século XIV. Pelos trezentos anos seguintes, bruxas, videntes e doutores astutos alegaram ter visitado o Monte de Vênus e aprendido os segredos concedidos pela Dama Vênus. Em 1550, a Inquisição conseguiu uma confissão de Zuan dele Piatte, que declarou ter visitado a montanha de sibila. Ali ele conheceu a Dama Vênus e renunciou a fé cristã para segui-la. O cristalomancista e herbalista Diell Breull alegou, em 1630, que tinha viajado para a montanha dela quatro vezes por ano. Ele aprendeu a bruxaria verde herbalista, e a deusa mostrou a ele visões de pessoas mortas em um recipiente de água. Em 1623, um médico clérigo chamado Hans Hauser alardeou em uma taverna que ele tinha viajado para o Monte de Vênus e tinha aprendido divinação, cura e magia natural.

Durante a Idade Média, a rainha de Elfame e senhora das bruxas, Dama Vênus-Habondia, foi reverenciada pelos camponeses europeus, como uma potência feminina habitando uma caverna sob um pico sagrado. Sua lenda representa outro exemplo de contatos entre humanos e elfos, quando conhecimentos ocultos eram compartilhados. Para os filósofos e magos da Renascença, a rosa era o símbolo primitivo de Vênus e Agrippa nos conta que a Rosa de Lúcifer foi dedicada a ela. Em visões de alquimistas, ela surgia como Senhora Vênus "*... em um manto carmim em camadas com fios verdes...*" É interessante que o vermelho e o verde também sejam as cores associadas a Santa Maria Madalena. Ela foi por vezes pintada usando um vestido verde e um manto vermelho.

Na Alquimia, a Rosa Mística é o símbolo da Tintura do Sábio. Essa tintura tinha o poder de curar todas as enfermidades e doenças, regenerar metais e transformar tudo em ouro. A *rosa alba* ou rosa branca de Lilith é a pedra branca lunar-mercurial que converte o metal em prata. A rosa rubae é a rosa vermelha de Lúcifer e é de natureza solar-sulfúrica. É o equivalente à Pedra Filosofal ou Pedra do Sábio, pois pode transformar chumbo em ouro. Basil Valentine disse: "*Essa tintura é a Rosa dos Mestres. O alquimista deve juntar o mercúrio filosófico e o sulfúrico filosófico em um casamento químico entre a Rainha Branca com o Rei Vermelho para produzir a Pedra Filosofal*". Nicolas Flamel (1330 –

1418) descreve metaforicamente a pedra como existente em uma montanha em que dragões se aninham ou em um jardim no qual a roseira sobe por um carvalho encantado sagrado. Dizem que o místico medieval de Mallorca Raymond Lully cunhou moedas feitas de ouro alquimista gravado com uma rosa.

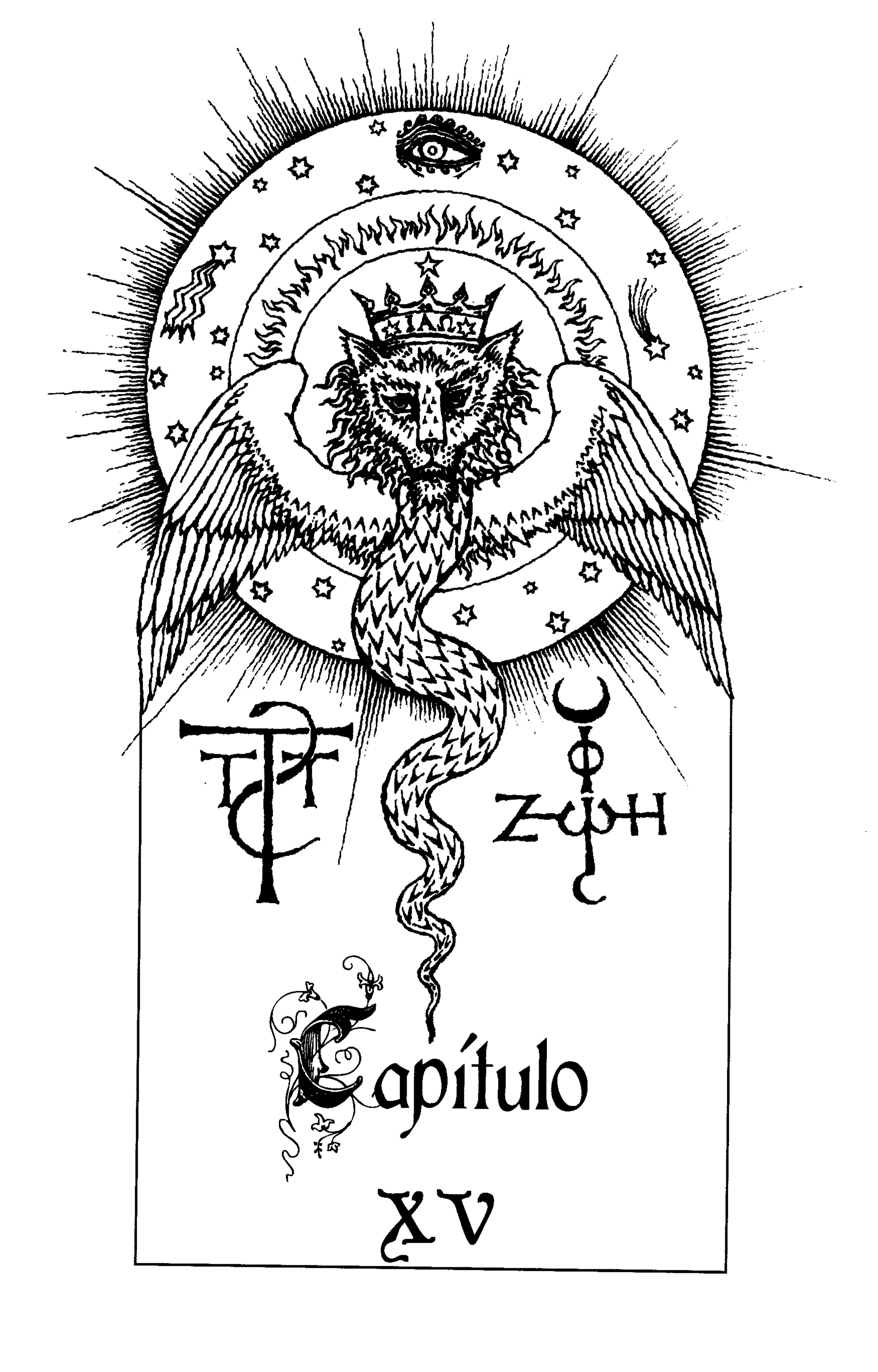
Na ilustração, sobre a rosa, está o ankh egípcio antigo ou crux ansata. É conhecido às vezes como a tira da sandália de Ísis e foi um símbolo de vida universal. Ela representa a imortalidade e a força de vida que permeia e sustenta o Universo. O ankh é composto da cruz de Tau como um símbolo fálico unido a um oval representando o yoni, e este é o casamento sagrado dos opostos ou rosas vermelhas e brancas. As forças masculinas e femininas como o Sol, Lúcifer-Apolo, e a Lua, Lilith-Diana, se juntam em um Grande Rito de Alquimia espiritual. Em um nível esotérico, o ankh é importante por mostrar a importância das famílias reais egípcias na continuidade física da linhagem de sangue sagrada desde tempos antigos.

O tema do casamento sagrado é trazido à tona novamente no canto inferior direito, no qual há imagens do Sol e da Lua com a essência espiritual transbordando deles dentro do cálice. Ele é criado da união das energias masculina e feminina e os fluidos masculinos e femininos correspondentes no Grande Rito entre o sumo sacerdote e a sumo sacerdotisa. A essência feminina é conhecida como o Óleo de Lilith e, na Alquimia, a combinação entre as essências masculina e feminina é chamada de Sangue do Leão Vermelho e o Glúten da Águia Branca.

A união física e espiritual do Grande Rito produz o chamado orvalho da rosa, a aqua vitae ou água da vida, ou a estrela-fogo da Deusa. Ele corre em direção ao Cálice da Luz ou Graal, o Copo das Águas, que representa a flor yoni da Deusa Estrela e seu útero do espaço sideral. Em termos esotéricos, o Graal é o objetivo no final do Caminho, no centro do labirinto ou no topo da Árvore do Mundo ou Árvore da Vida. No mito pré-cristão, é o Caldeirão da Inspiração, Regeneração e Renascimento da Deusa Negra do mundo inferior. Na mitologia Celta, possui o poder criativo de curar o castrado rei Pescador, restaurar a fertilidade da Terra Desolada, ressuscitar heróis mortos, alimentar os famintos e transformar o iniciado em um sacerdote/sacerdotisa da Luz Interior.

O Graal na ilustração está marcado com uma cruz de braços idênticos. Esse é outro símbolo importante e versátil na bruxaria Luciferiana para harmonia cósmica e o equilíbrio dos quatro elementos que devem ser adquiridos pelo mago para completar o Grande Trabalho. Com a cruz abaixo do círculo, é um símbolo de Vênus-Lilith e do sexo feminino. Sobrepujado por uma crescente, ou dois chifres, ele se torna o selo de Hermes-Thoth-Merlin-Woden. Com a cruz como uma serpente com a cauda em sua boca e sobrepujada pela cruz, é o selo de Ordo Draconis e a Ordem de Melquisedeque, para quem todos os reis-sacerdotes da rosa de sangue pertencem por direito de nascença ou encarnação da alma.

Esses são, portanto, os selos primários da Anjo do Terra Lumiel, e seu uso contatará o usuário com o Senhor da Luz em suas várias formas. Durante os séculos, os inimigos da verdade e os sacerdotes de religiões falsas tentaram degradar e depreciar o mito de Lumiel. Ao confundi-lo com o anjo tentador Satanael, eles deliberadamente transformaram o Senhor da Primeira Luz em um imaginário príncipe das trevas. Na mente coletiva da horda, ele foi transformado em um bicho-papão demoníaco usado para assustar e controlar os fiéis com o fogo do inferno e a condenação. De fato, em contraste com essas tolas histórias de horror, Lumiel oferece para todos aqueles que acreditam nele e o aceitam um caminho além do materialismo vulgar e para longe dos ensinamentos estéreis das falsas religiões. Esse caminho não leva ao Inferno, mas sim à auto-realização e iluminação.


IAΩ
Capítulo
XV





O Rei Sumo Sacerdote



"Existem pessoas cujos nomes viverão através das memórias de seus trabalhos."

Hermes

Uma das figuras mais misteriosas, extremamente significante, no Velho Testamento é Melquisedeque, ainda que ele tenha apenas oito linhas no *Gênesis*. Elas dizem que, após a batalha vencida por Abraão, Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho: *"e ele era sacerdote do Deus Altíssimo; abençoou ele a Abrão, e disse: Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, que possui os céus e a terra, e bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus adversários nas tuas mãos! E de tudo Abrão deu-lhe o dízimo"*. (Gênesis 14:18-21)

A real identidade e significância de Melquisedeque permanecem um segredo para a maioria dos leitores e escolásticos da Bíblia. Se sua identidade era amplamente conhecida, seu nome teria sido imediatamente censurado. É uma das referências bíblicas, como muitas outras, com significados secretos que escaparam ilesas enquanto a Igreja decidia que textos selecionar como ortodoxos e aqueles que seriam rejeitados como heresia. De fato, a referência a Melquisedeque significa uma visão herética que a Igreja jamais poderia aceitar porque eles a considerariam a blasfêmia suprema.

No Gênesis, Melquisedeque é descrito como o rei de Salém e como o sacerdote do Deus Altíssimo. Esse Deus pode não ser o Javé do Velho Testamento, como muitas pessoas presumem, mas o Absoluto, o Deus

aquém de toda a compreensão humana. No texto, Melquisedeque abençoa Abraão de Ur e dá a ele uma refeição sacramental de pão e vinho. Essa eucaristia é anterior à Última Ceia e pode ser vista como uma das primeiras tentativas para substituir os sacrifícios de sangue dos semitas por uma alternativa mais civilizada. Javé sempre demandava oferendas queimadas, e os rituais judaicos de sacrifício animal sobreviveram até a destruição do templo de Herodes, em 70 d.C. pelos romanos. Detalhes mórbidos de vários tipos de sacrifícios exigidos pelo deus hebreu podem ser encontrados em Levítico 5-9. Também há mais do que uma indicação de sacrifício humano na história de Abraão e seu filho Isaac (Gênesis 22:1-19).

O elemento do sacrifício de sangue na religião hebraica também é destacado na narrativa de Caim e Abel e o motivo do primeiro assassinato. O relato bíblico diz: "*E Abel foi pastor de ovelhas, e Caim foi lavrador da terra. Ao cabo de dias trouxe Caim do fruto da terra uma oferta ao Senhor. Abel também trouxe dos primogênitos das suas ovelhas, e da sua gordura. Ora, atentou o Senhor para Abel e para a sua oferta, mas para Caim e para a sua oferta não atentou*" (Gênesis 4:2-5). Como resultado dessa rejeição por Javé de seu sacrifício, o primeiro jardineiro e Abel discutiram nos campos, o que levou à morte de Abel. A oferta de Abel do sacrifício de sangue é mencionada ainda nas missas católicas. Paradoxalmente, poucas linhas depois, é feita uma referência ao pão e vinho oferecidos para Abraão por Melquisedeque. No século VI, o mosaico Abel é representado oferecendo a Melquisedeque uma ovelha branca como sacrifício para Deus. Na frente do rei-sacerdote está um altar coberto com uma toalha de mesa branca. No altar está um cálice dourado e um par de pães redondos no formato de discos solares.

No Velho Testamento, Paulo menciona Melquisedeque em sua epístola para os hebreus. Isso está no contexto do papel entendido de Jesus como sumo sacerdote. Paulo descreve Jesus como um sacerdote após a Ordem de Melquisedeque. Isso sugere a tradição de grupos de sacerdotes hereditários, ou sacerdotes-reis, similares aos membros masculinos da família Cohen, que serviram como sacerdotes no templo e rabinos por séculos. Paulo descreve também Melquisedeque como órfão de pai e mãe, sem descendência, mas transformado em filho de Deus. Essa afirmação não aparece em nenhum outro lugar e, portanto, deve ter vindo de outra fonte ou sido uma tradição passada verbalmente para Paulo. A frase "sem pai,

sem mãe" costuma ser uma referência codificada para alguém de origem divina ou semidivina. O uso do termo "filho de Deus" para descrever o rei-sacerdote seria herético e blasfemo para a maioria dos cristãos ortodoxos. Para eles, existe apenas um filho de Deus, e ele foi Jesus. Na tradição esotérica, "Bem Elohim" ou "filho de Deus" se refere aos arcanjos e, especificamente, aos anjos caídos.

À primeira vista, parece estranho que Paulo tenha selecionado uma figura obscura como Melquisedeque dentre todos os personagens famosos do Velho Testamento e o comparado com Cristo. De fato, um olhar mais detalhado nesse rei-sacerdote na tradição esotérica pode esclarecer essa escolha estranha. Em *A Doutrina Secreta* (1893), Blavatsky conecta Melquisedeque com nossos velhos amigos Titãs e com os Cabari, ou Kaberim, os velhos deuses do mar e do mundo subterrâneo que ensinaram os humanos sobre a agricultura e a fundição. Presumidamente, esses Poderosos, que freqüentemente aparecem em nossa história, eram às vezes chamados de filhos de [Melqui] Zadok. De fato, Zadok era um velho nome associado ao sacerdócio judaico, que serviu no templo de Salomão. Blavatsky compara Melquisedeque com o deus romano da guerra Marte, que era conhecido com o Senhor da Morte e governava a agricultura, a construção e a arquitetura. De acordo com Blavatsky, Marte era também associado no mundo antigo a Vulcano e Caim. Blavatsky diz que o rei-sacerdote Melquisedeque era conhecido como o Justo e, de acordo com ela, também era o governante da Terra Mater, o *Rex Mundi* ou Rei do Mundo.

Na tradição esotérica, Melquisedeque supostamente teria trazido três presentes especiais do planeta Vênus (a Estrela da Manhã) para os primeiros humanos. O primeiro deles era o trigo, um símbolo de fertilidade e morte do Deus Sacrificado ou Rei Divino. O seu segundo presente foi a abelha, que é essencial para a polinização de plantas, ainda que hoje elas estejam em perigo em virtude do uso indevido de pesticidas e plantações modificadas geneticamente. Tanto a abelha quanto o mel que ela produz eram associados com o culto primitivo à Grande Deusa Mãe. A Flor de Lis, adotada pela família real francesa como um dos seus emblemas, aparentemente é derivada de uma imagem estilizada de uma abelha. Antigos reis costumavam ser embalsamados, tendo seus corpos besuntados com mel. Abelhas de ouro também eram importantes símbolos da dinastia merovíngia dos reis

bruxos. O terceiro e último presente foi o amianto, um material com a capacidade mágica de resistir ao fogo e absorver calor. Se aceitarmos que há milhões de anos Vênus era um planeta quente e estéril, então a alegação de que esses presentes são originários do planeta irmão da Terra deve ter um significado simbólico.

Melquisedeque também está intimamente ligado aos mistérios do Graal. Na catedral de Chartres, na França, construída em um antigo local pagão de adoração à deusa, dedicada à Madonna Negra e financiado pelos Templários, pode se ver estátua de um rei-sacerdote bíblico. É estranho que os maçons e arquitetos medievais tenham selecionado essa figura obscura para dar tal tratamento. Entretanto, como muitos deles eram iniciados nos Mistérios, presumimos que eles entendessem seu real significado, soubessem sua verdadeira identidade, e o que ele representava na evolução deste planeta e da raça humana. A estátua segura um cálice identificado como o Santo Graal. Nesse cálice, está uma pedra e isso nos lembra da lenda medieval que diz que o Graal foi esculpido da esmeralda de Lúcifer.

Então, quem é o misterioso rei-sacerdote de Salém? Para ocultistas imersos na tradição teosófica, ele é um dos Manus, os grandes mestres e modelos culturais também conhecidos como os Mestres da Sabedoria. Eles abandonaram suas formas etéreas e encarnaram na Terra como guias e professores.

Melquisedeque é, portanto, revelado como um dos avatares do Mundo Mestre, o Senhor do Mundo, Rex Mundi. É importante que ele seja chamado às vezes de Pai da Humanidade. Não é, portanto, surpresa que Paulo tenha chamado Jesus de sacerdote, depois da Ordem de Melquisedeque, ou ele era conhecido como a Luz do Mundo (João 8:12 e 12:46). Mais explicitamente, no Apocalipse 22:16, Jesus diz: "*Eu sou a Raiz e a Geração de Davi, a resplandecente Estrela da Manhã*". Essa é outra referência herética na Bíblia que escapou dos censores.


IAΩ
Capítulo
XVI





A Lança, o Caldeirão e a Pedra



"A lança sagrada jamais se abaixará, revelará e ocultará o Santo Graal diante da Luz do Senhor."

Extraído de um Rito Maçônico Templário

Uma quantidade considerável de simbolismo Luciferiano pode ser encontrada nos mitos do Graal e suas origens pré-cristãs. A idéia de que o Graal foi esculpido da coroa de esmeraldas de Lúcifer foi propagada em um romance do Graal escrito em 1205 pelo trovador alemão Wolfram von Eschenbach. Há duas maneiras de entender esse romance do Graal medieval; como um conto de fadas romântico, sonhado por um mestre contador de histórias para entreter as massas, ou um trabalho de literatura mágica escrito por um iniciado para ligar o misticismo do Oriente Médio com a tradição esotérica ocidental. No que diz respeito a esse trabalho, a segunda explicação parece ser a mais provável. A história de Wolfram é parte de um processo de conhecido oculto sendo trazido do leste por cruzados e outros até a Europa. O seu objetivo era reunir os mitos do Graal do Oeste cristão com suas origens do leste.

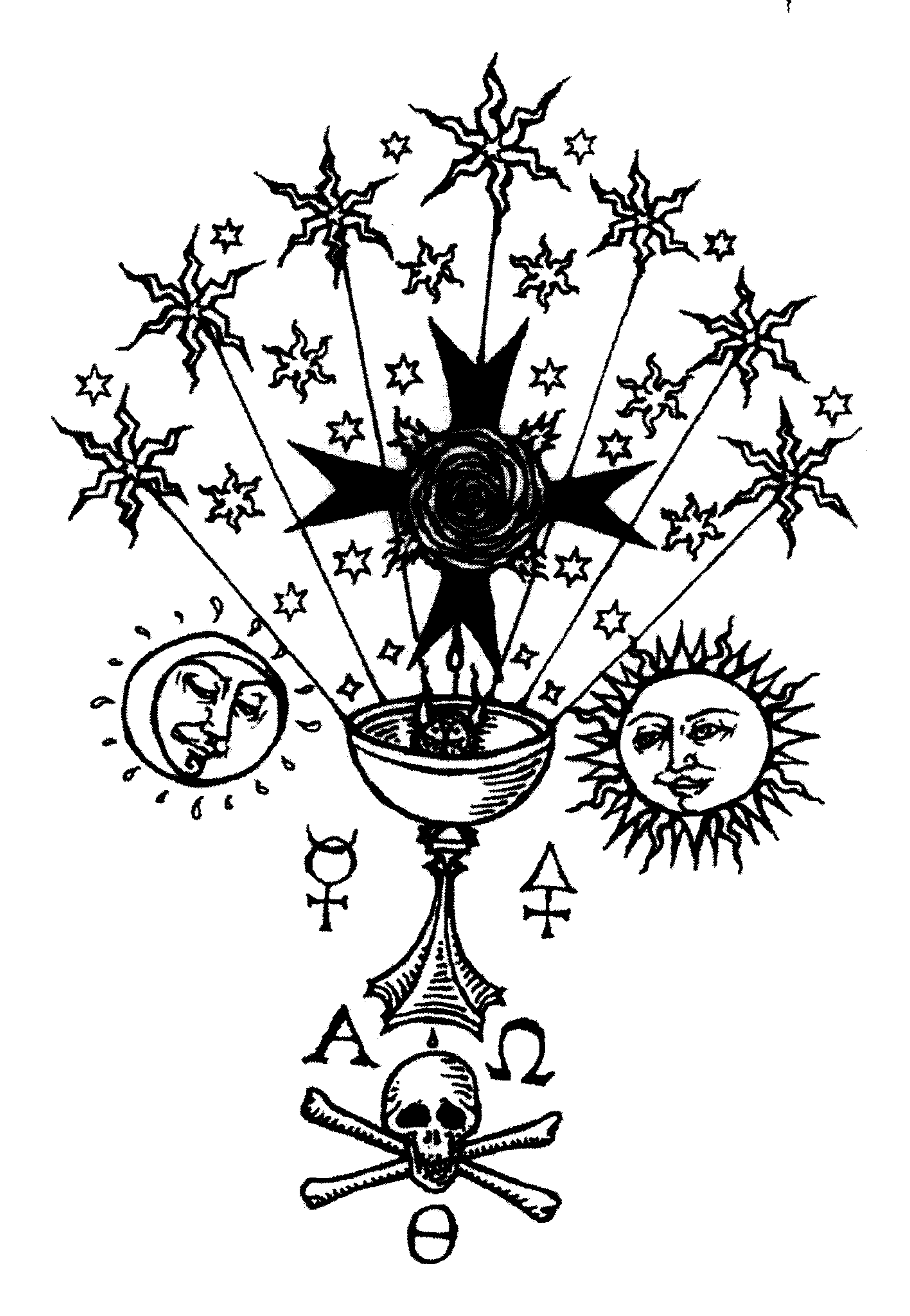
A versão de Wolfram do mito do Graal é creditada a um astrólogo judaico chamado Flegetanis, que viveu em Toledo, na Espanha, um centro da Cabala e ocultismo mágico na época. Era uma cidade multi-étnica para o misticismo árabe-mouro e judaico e ostentou uma escola de treinamento para magos.

Flegetanis foi descrito como um adorador bárbaro e tolo pelo lado do pai. A expressão posterior sugere uma ligação com os antigos israelitas e pode se referir à adoração do deus touro Baal. Flegetanis alegou descendência de Salomão e, se isso era verdade, então ele era da linha real de sangue do rei Davi. Ele passou seu conhecimento do Graal para um trovador francês chamado Koyt de Provença. Ele tinha vivido em Jerusalém e era um parceiro conhecido de Heréticos, Gnósticos e Assassinos.

De acordo com Baigent, Leigh e Lincoln (1982), Kuyot era na verdade Guiot de Provins, um monge que escreveu canções de amor, criticou a Igreja e compôs poemas exaltando as virtudes dos Templários. De Provins também tinha estudado a Cabala em Toledo, e foi lá que conheceu Flegetanis. Em 1184, De Provins encontrou Wolfram von Eschenbach na corte do rei Frederick Barbarrosa, o governante do Sagrado Império Romano. Os dois se tornaram amigos, e o francês passou adiante o que Flegentis tinha contado a ele sobre a fonte Luciferiana do Graal. Essa história dizia que, quando a pedra verde caiu na Terra, foi guardada por anjos banidos por Deus do Céu, quando eles se recusaram a apoiá-lo contra a rebelião de Lúcifer. Outra versão diz que eles perderam suas asas e encarnaram como humanos para serem guardiões do objeto secreto.

Algumas fontes ligam a Pedra Esmeralda com a Pedra Filosofal dos alquimistas e com o *kaba* ou pedra negra sagrada venerada por milhares de muçulmanos em Meca, que supostamente é de origem meteórica. Essa pedra foi supostamente dada a Abraão de Ur pelo anjo lunar Gabriel. Entretanto, a pedra é popularmente chamada de Velha Mulher e, em tempos pré-islâmicos, Meca era um local de adoração de uma deusa da lua árabe, a deusa síria Cybele e a deusa romana Vênus. Originalmente, diz-se que a pedra em Meca era branca, mas, com o passar dos séculos, ela absorveu os pecados da humanidade e se tornou negra.

Isso a conecta com a Pedra do Destino de Tara, na Irlanda, que se tornou a Pedra de Scone usada para coroar os reis escoceses. Ela tinha a reputação de ter sido o travesseiro de pedras (pilar?) de Jacó. Embora a Pedra de Scone fosse branca na cor, é conhecida entre os iniciados modernos da Ordem dos Templários Escoceses como a Pedra Negra. A Pedra do Destino supostamente foi trazida para a antiga Irlanda pelo Tuatha de Danaan ou Povo da [deusa] Dana. O líder deles era Lugh, o deus da luz que derrotou o gigante Balor, chefe da raça demoníaca dos Formorianos



A Rosa Cruz e o Graal Sagrado

que vieram das profundezas do oceano. Balor tinha apenas um olho e, quando o abria, raios de energia destruidora surgiam. Lugh o matou atirando uma pedra com uma funda em seus olhos. Isso soa como um mito solar do tipo associado a Seth e Hórus, Apolo e Typhon e Baldur e Loki.

No romance de Wolfram, o personagem central ou herói é Parsifal, ou Percival, que é representado como um jovem inocente ou tolo sagrado. Isso é sutil, pois, no Sufismo e no tarô, o Tolo não é o que parece. No tarô, sua máscara de palhaço esconde o rosto de alguém iluminado que, em termos cabalísticos, atravessou o Abismo e se tornou o Mago. Na arte Luciferiana, o Tolo ou Trapaceiro é um aspecto do Deus encarnado na Terra em seu papel como guia e mestre. Na história, Percival é chamado para o castelo de Graal pelo rei Pescador, ou rei Graal, que está morrendo. No castelo, ele vê um pajem carregando uma lança ensangüentada, a Lança do Destino, pelo corredor principal. Ele passa pelo rol dos cavaleiros do Graal vestindo túnicas brancas ornadas com a cruz vermelha de braços iguais dos Templários. Atrás do pajem vem a rainha do Graal carregando uma pedra verde sobre uma almofada de seda verde.

Percival entende que este é o Graal, e a família que vive no castelo é a família escolhida por ele e os guardiões hereditários. Em troca de seus serviços pelo Graal, eles vivem em um banquete suntuoso, com a melhor comida e bebida, miraculosamente fornecida todos os dias pelo recipiente sagrado. O adotado Percival desconhece que o rei e a rainha do Graal são seus tios. Isso o associa com Lancelote do Lago, o genioso cavaleiro bretão criado pela elfa Dama do Lago nas ordens de Merlin. Gardner (1996) associou a Dama do Lago a Maria Madalena. Lancelote tem um papel como Judas nas lendas Arthurianas, como o destruidor da Irmandade da Távola Redonda, mas ele também se casou com a filha do rei do Graal. O filho deles, Galahad, era o único cavaleiro da Távola Redonda que conseguiu ver totalmente o Santo Graal.

A Lança Ensangüentada é a arma que perfura as coxas (órgãos sexuais) do rei Pescador e o torna tanto sexualmente quanto espiritualmente impotente. A terra também perde sua fertilidade se tornando a Terra Desolada, e o seu povo começa a morrer de doenças e inanição. De fato, o rei Pescador é o Deus Manco, Deus Agonizante ou Rei Divino da mitologia do Oriente Médio que é sacrificado para que seu sangue possa fertilizar a terra infértil. Ele morre em um ritual de morte, desce ao mundo inferior e

renasce. Apenas o Graal, como um símbolo da Grande Deusa, pode curar sua ferida e restaurar a Terra Desolada em um paraíso na Terra. Nos mitos celtas-arthurianos, a Arma Sobrenatural é associada à lança do deus celta da luz Lugh ou Llew (cujo nome em galês também significa leão). Como vimos, nos mistérios esotéricos cristãos, é a lança forjada por Tubalcaim e usada por Longuinho para despachar Jesus na cruz. Nos mitos nórdicos, é um dardo ou flecha feita por Loki para matar o deus da luz Baldur.

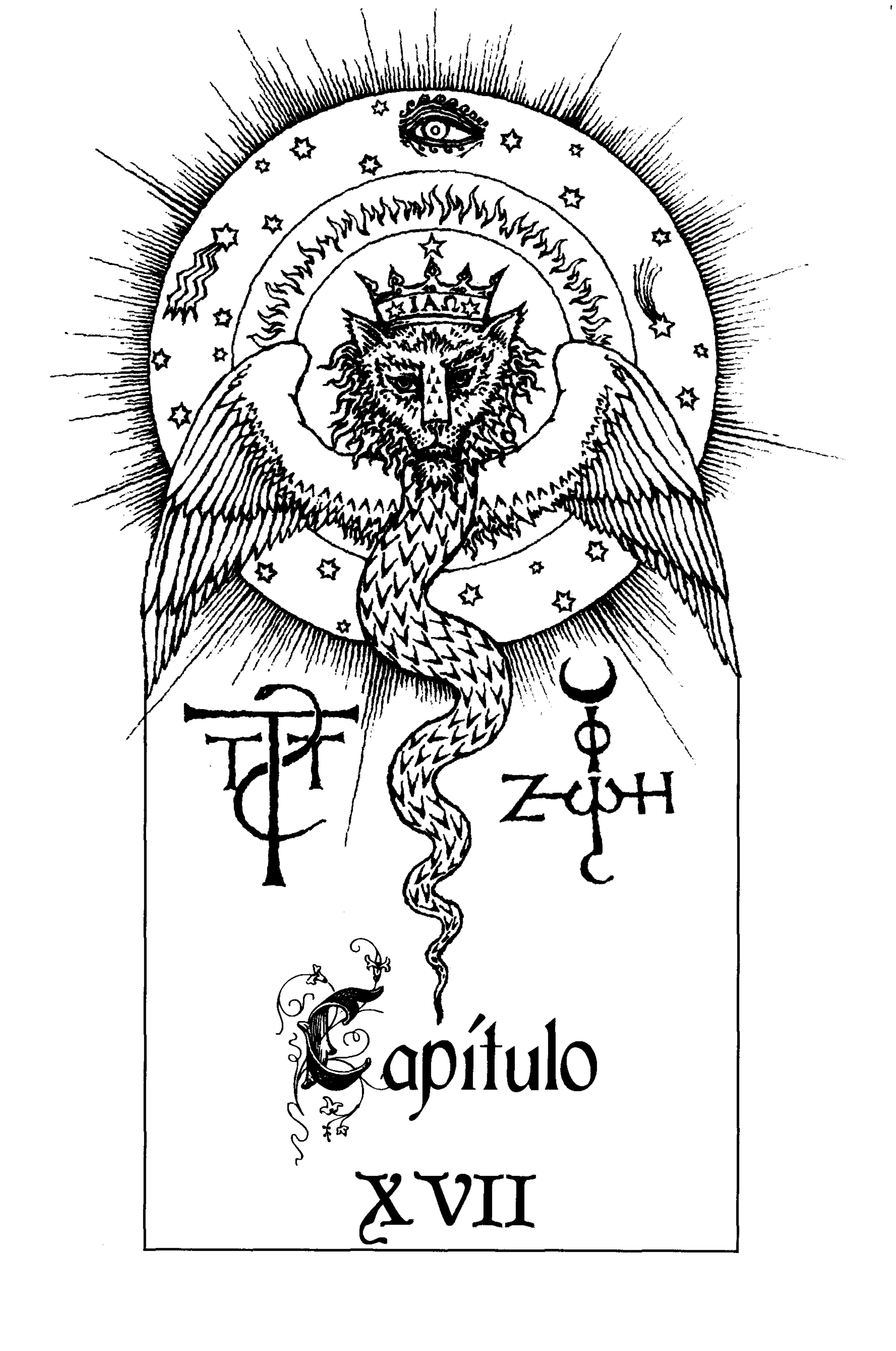
A esmeralda Luciferiana pertenceu a Salomão antes de ser entalhada no copo usado na Última Ceia. É interessante que o rei hebreu também possuísse uma mesa circular supostamente esculpida de uma única esmeralda. Depois da queda de Jerusalém para os Romanos e a destruição do templo de Herodes, essa mesa foi levada para Roma. Quando em resposta a cidade imperial foi saqueada pelos Visigodos, a Mesa Esmeralda acabou em Toledo, Espanha. Quando os Mouros invadiram o país no século VIII, procuraram por todas as partes por esse objeto que, em comum com o Graal, poderia curar os enfermos e alimentar os famintos. Uma história diz que a mesa foi escondida em um castelo fincado nas montanhas pelos iniciados para impedir que caísse em mãos árabes. O imperador Carlos Magno do Sagrado Império Romano era aparentemente tão fascinado pela lenda que fez uma réplica da mesa.

Se a fabulosa Mesa Esmeralda existiu mesmo, como objeto físico, é discutível. Uma pista para sua real natureza é que foi dito que ela era parte da famosa Tábua Esmeralda ou Tábua de Hermes Trismegisto, e seu nome pode bem ser um jogo de palavras para ocultar sua origem. Outras versões da história dizem que ela era a Pedra Filosofal. Claro, como sabemos por experiência, tais lendas de tesouros escondidos, a busca por eles, como em Rennes-le-Chateau, e mitos sobre espadas e cálices com poderes sobrenaturais geralmente escondem a busca de conhecimento esotérico e oculto. Por toda história, os não iniciados perderam seu tempo e energia procurando a quimera de tais tesouros sem perceber que eles poderiam sequer existir no plano físico. Nesse contexto, a jornada da Tábua Esmeralda de Salomão de Jerusalém até a Espanha pode se referir à transmissão da tradição hermética, alquímica e Luciferiana do Oriente Médio para a Espanha Moura. Da Espanha, essa corrente Gnóstica oculta teria fluído em direção à Europa do Norte.

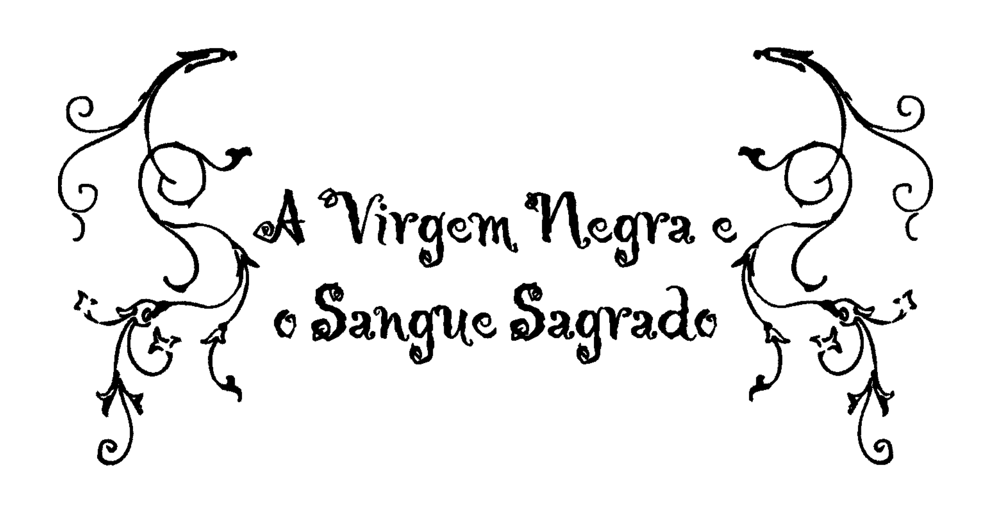
A habilidade universal do Graal era sua capacidade de assumir formas, como o mito universal adaptado para diferentes culturas, religiões e sistemas de crenças. Como *sir* Andrew Sinclair disse sobre o recipiente: "*Aos olhos dos Celtas e do folclore nórdico, o Graal era o caldeirão e a lança; na era clássica, a vasilha cósmica e cornucópia; para os Judeus, a Arca e o tabernáculo; para os Cristãos, o cálice e o prato; para os Muçulmanos, o kaba com sua pedra negra; para os dissidentes do fogo, a serpente e a pomba. Todavia, o Graal não era tudo para todos, mas apenas um símbolo da abordagem direta de cada pessoa da luz divina*". (1998: 261)

É interessante que Wolfram von Eschenbach tenha erguido seu Castelo do Graal em um morro arborizado ou uma montanha. Esse é o Monte Sagrado, o Morro da Visão ou o Monte Vazio, que é importante na mitologia Luciferiana. Ele pode aparecer em muitas formas físicas, como o Monte de Vênus, o Brocken, Thor de Glastonbury, Morro de São Miguel, Morro Silbury, Monte Shasta, as sagradas montanhas do Himalaia ou até mesmo um monte de pedras ou terra encantada. Quando o Tolo entra no castelo do Graal e tem a visão do Santo Graal, o rei Pescador é curado e a terra desolada fora do castelo se enche de rosas. Isso nos lembra do conto de fadas *Rosa Brava* ou *Bela Adormecida,* com o casamento sagrado entre o cavaleiro (a rosa vermelha) e a princesa (a rosa branca) selado com um beijo. Esse tema das rosas também aparece em *Branca de Neve e os Sete Anões* e é associado com a Deusa Negra do mundo inferior, em cujo caldeirão o herói é transformado em deus.

Um escritor galês disse sobre o Graal e os mitos criados: *"A história do Graal é a história de um símbolo que é transformado, de uma religião para outra, retendo a maior parte do seu significado original. O deus celta que possuía o miraculoso recipiente era o deus do sol, Senhor do Mundo Sobrenatural, criador da humanidade. A donzela que carregou o cálice e casou com o herói era Sovereignty, a deusa da terra que representava o reino. A união entre o herói e a deusa simbolizou a posse do seu reino pelo herói".*


IAΩ
Capítulo
XVII





"Le Maison Dieu."

Título francês para a carta da Torre no Tarô

Em 1982, Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln publicaram o mega-*bestseller Sangue Sagrado, Cálice Sagrado* e, dezenove anos mais tarde, ele continua sendo publicado. O livro saiu após uma série de documentários televisivos para a BBC2 apresentados por Lincoln e palestras dadas em Londres pelos três autores. Os filmes e palestras investigavam o mistério acerca do pastor de uma paróquia em uma pequena vila francesa em Rennes-le-Chateau, no século XIX. Esse mistério girava em torno de sua alegada descoberta de um tesouro escondido e seus extensos contatos com sociedades secretas, ocultistas e nobres europeus.

O tema principal do livro era que o Santo Graal era uma referência codificada para o *sang rael* ou sangue real dos descendentes europeus de Jesus e Maria Madalena. Esses descendentes aparentemente encontraram a dinastia merovíngia da França medieval. Desde 1982, outros autores tentaram traçar essa linhagem de sangue por meio das lendas Arthurianas, a casa real francesa, os Tudors, os Stuarts e os Habsburgos. Esse conceito da linhagem de sangue de Maria Madalena foi amplamente baseado em documentos fornecidos pela sociedade secreta francesa chamada Priorado de Sião. Esse grupo tinha documentado uma genealogia histórica impressionante ligada aos Templários, aos rosa-cruzes e aos maçons. Politicamente, o Priorado apoiava os Estados Unidos da Europa governados por uma monarquia pan-européia.

Recentemente foi alegado por Robert Richardson, em um artigo no jornal americano esotérico *Gnosis # 51* (primavera de 1999), que essa "falsa história se originou em documentos fraudulentos criados por uma seita de extrema-direita francesa". Richardson alega que o Priorado era uma farsa elaborada, e o grupo só foi criado nos anos de 1950. Foi a criação de um francês chamado Pierre de Plantard, que tinha anteriormente fundado uma sociedade secreta anti-semita e, estranhamente, antimaçônica na França de Vichy em guerra. O Priorado, segundo Richardson, só foi fundado em 1956, quando Plantard começou a circular documentos falsos sobre Rennes-le-Chateau e seu famoso tesouro. Entretanto, dizem que ele obteve o material dos arquivos de sociedades secretas e ordens mágicas que foram apreendidos pela polícia secreta de Vichy durante a guerra.

Se existe alguma verdade no que foi mencionado há pouco, a idéia de um casamento entre Jesus e Maria Madalena e sua linhagem de sangue descendendo da nobreza européia não foi uma completa invenção de Plantard. Esse conceito de um reino divino e uma linhagem de sangue sagrada é um ensinamento esotérico antigo. Em anos mais contemporâneos, antes da Segunda Guerra Mundial, iniciados ocultos como Julius Evola na Itália e o dr. Walter Stein na Alemanha escreviam sobre tais assuntos, ainda que com pontos de vista políticos diferentes. Em um livro publicado no começo de 1928, o dr. Stein escreveu sobre a linhagem de sangue do Graal que envolvia tanto os Templários quanto a casa real francesa. Os membros dessa antiga família estavam, segundo ele, com espíritos antigos altamente evoluídos que possuíam poderes psíquicos que os diferenciavam das demais pessoas. É interessante que o rei Luís da França (1461-83) tenha insistido que sua família descendia de Maria Madalena.

Maria Madalena é um dos personagens mais fascinantes, ainda que enigmáticos, mencionados no Novo Testamento. Nos Evangelhos, ela também é conhecida como Maria de Betânia, o lugar onde os discípulos dizem ter visto Jesus subir aos céus. Ela é (mal) representada pela Igreja como uma prostituta e adúltera. Em João 11:2, ela é descrita como a irmã de Lázaro, a quem Jesus ressuscitou. No secreto *Evangelho de Marcos*, esse evento é visto como uma iniciação nos Mistérios Cristãos, apresentando uma morte simbólica e um renascimento. Os Evangelhos ortodoxos de Mateus e Marcos descrevem como Jesus visitou Betânia e a casa de um leproso chamado Simão. Enquanto estava sentado à mesa na casa, uma

mulher ungiu sua cabeça e pés com um perfume caro. De fato, ela usou um ungüento feito de nardo guardado em um jarro de alabastro. Essa mulher com o jarro de alabastro foi identificada como Madalena. De acordo com o proibido *Primeiro Evangelho da Infância de Jesus Cristo*, esse jarro foi dado por uma velha senhora que tinha sido a parteira da Virgem Maria (Jesus Cristo 2:2-5). Pelo seu ato simbólico, Maria reconhecia Cristo como o Christos, o ungido, ou messias que salvaria os judeus do Império Romano. Ele era o rei sagrado que deveria morrer como bode expiatório pelos pecados de seu povo. Até mesmo Jesus reconhecia esse fato, quando exclamou a todos os presentes que a mulher o tinha preparado para o enterro com suas ações.

Nardo era um perfume caro extraído da uma planta originária da Índia. Por conta de seu custo, apenas era usado por mulheres ricas e isso traz alguma luz sobre o *status* social de quem o possui. Seu custo era notado por murmúrios de desaprovação entre outros presentes, incluindo Judas. Ele se referiu a seu uso para ungir Jesus como um desperdício de dinheiro. Outros presentes, entretanto, viram além das considerações puramente materiais e entenderam perfeitamente o significado e a importância do ritual que haviam presenciado. De fato, era costume judaico o parceiro sobrevivente ungir o cadáver de seu marido ou esposa antes do enterro. Maria não estava apenas ungindo o rei sagrado para prepará-lo para o ritual da morte, como a sacerdotisa da Deusa, mas ela também estava indicando para todos os presentes que era a esposa do ungido.

Na antiga *Canção das Canções*, creditada a Salomão e escrita pela rainha de Sabá, o nardo é mencionado como a fragrância usada no banquete do rei. Isso se refere ao casamento sagrado entre Salomão e Sabá como o rei-sacerdote/deus e a sacerdotisa/deusa. No século XII, São Bernardo de Clairveax identificou nessa canção a irmã de Lázaro, Maria de Betânia, que era Maria Madalena. São Bernardo era um grande partidário dos Templários e um devoto da Madonna Negra, que foi identificada como Madalena. Quando ela deu autonomia aos Templários, eles juraram obediência a Betânia, o castelo de Maria e Marta, não para a Virgem Maria.

Quem era Maria Madalena? Uma grande pista é fornecida pelo seu segundo nome ou título. É traduzido como "observadora" ou "torre do rebanho". O uso comum se refere a um lugar alto, usado pelos pastores para observar seus rebanhos. Em termos esotéricos, refere-se aos reis pastores

da linhagem de sangue mística dos angelicais Vigias que, literalmente, observavam a humanidade. Isso também tem ligações simbólicas óbvias com a Torre de Babel, a Torre Atingida pelo Raio no tarô, os quatro Vigias no círculo mágico, o Castelo das Rosas na bruxaria tradicional e as torres dos contos de fadas, em que princesas são aprisionadas por madrastas perversas ou duendes. No plano físico, Maria e sua família possuíam sete castelos na vila de Betânia e outros terrenos nos arredores de Jerusalém. A própria Maria viveu em um castelo ou torre na costa do Mar de Galiléia, onde Jesus fez muitas de suas pregações. O profeta hebreu Miquéias também usava o termo observador dos rebanhos como alusão à futura restauração de Jerusalém como uma cidade sagrada da filha de Sião.

Dizem que Maria Madalena veio da tribo de Benjamim e era uma princesa de sangue real. Todos os rabinos judaicos tinham de se casar e é lógico que Jesus, como descendente da casa real do rei Davi, deveria conceber um herdeiro para perpetuar a linhagem de sangue. Também é lógico que tal casamento deveria acontecer com alguém de origem real. Foi insinuado que a profecia de Miquéias não se refere de forma alguma a Jerusalém, e sim ao exílio forçado da princesa real depois da execução de seu marido. No século IX, o arcebispo de Mayence escreveu *A Vida de Maria Madalena*, no qual alega que a mãe dela, Euchania, tinha ligações com a casa real dos Macabeus de Israel.

Escritos do século XIII do arcebispo de Gênova, James de Voragine, afirmam abertamente que Maria havia sido uma nobre rica com genealogia real. O arcebispo alegou que o pai dela tinha sido um aristocrata sírio. O nome da mãe de Maria, Euchania, também era um dos nomes da versão grega de Vênus-Afrodite. Alguns escritores modernos têm visto alguma verdade na difamação da Igreja de que Maria era uma prostituta. Eles a ligaram com as chamadas prostitutas do templo que serviram às deusas do Oriente Médio, tais como as mulheres que choraram por Tamuz do lado de fora do templo em Jerusalém.

O papel de Maria Madalena na crucificação e suas conseqüências são um tanto quanto incomuns. Em três dos Evangelhos ortodoxos de Mateus, Marcos e João, ela é apresentada ao pé da cruz com outros membros da família de Jesus. Todos os quatro Evangelhos dizem que ela sozinha ou com outros membros da família foi para a sua tumba no terceiro dia. A história inventada foi que ela visitou a tumba para preparar o

corpo dele para a embalsamação. Essa era tradicionalmente a tarefa da esposa do falecido. O Evangelho de João diz que ela foi para a tumba sozinha e a encontrou vazia. Ela é, de forma significativa, a primeira pessoa a encontrar o Cristo Ressuscitado, mas não reconhece o seu Mestre, acreditando a princípio que se tratava de um jardineiro. Esse é um episódio curioso que simbolicamente liga Jesus aos primeiros jardineiros Adão e Caim. Enquanto Adão e Eva eram expulsos de seu jardim paradisíaco e Lúcifer era expulso do paraíso celestial, Jesus simbolicamente caminha no jardim. Jesus é relacionado com Caim, o Viajante, porque, com o seu ato supremo de auto-sacrifício, o Cristo torna redundantes as oferendas de sangue feitas pelos judeus e pagãos.

Maria é responsável então por levar as boas novas ou o evangelho do renascimento de Jesus para os outros discípulos. Isso mostra o papel importante dela no grupo, algo que é enfatizado quando alguns dos discípulos se recusam a acreditar no relato dela. Quando Jesus estava vivo, ela tinha reclamado com ele sobre a atitude machista de alguns dos discípulos. Incluindo Pedro, que iria trair seu Mestre três vezes antes do amanhecer. É evidente que Jesus tinha um círculo interno de discípulos para os quais ensinava os mistérios do reino de Deus. Em Marcos 4:11, ele afirma abertamente: "*A vós é confiado o mistério do reino de Deus, mas aos de fora tudo se lhes diz por parábolas*". Esse método de ensino fechado e aberto é comum nas antigas escolas de mistérios e entre professores espirituais em todas as culturas.

Nos evangelhos Gnósticos, encontrados em Nag Hammadi,* no Egito, em 1945, há várias referências a Maria Madalena. De fato, um dos textos, o *Evangelho de Maria*, era dedicado a ela. Ele alega que foi escolhida por Jesus como sua representante entre os discípulos. É por esse motivo que o evangelho diz que Pedro a temia e odiava, pois ele acreditava que iria suceder Jesus. No *Evangelho Gnóstico de Felipe,* há uma descrição de Jesus beijando uma discípula, identificada como Maria, porque ele a amava mais que a todos os outros discípulos. No mesmo evangelho, ela é descrita como sua companheira e no original grego isso significava uma parceira ou uma amante. Ela também foi descrita

* N. E.: Sugerimos a leitura de *A Biblioteca de Nag Hammadi*, de James M. Robinson, Madras Editora.

como uma iluminatriz e iluminadora chamada Maria Lucífera, a portadora da luz, a doadora da iluminação por meio da união sexual sagrada. (Picknett e Prince, 1997: 259)

No confuso período imediatamente posterior à crucificação, a Igreja nazarena em Jerusalém, liderada por um dos irmãos de Jesus, Tiago, o Justo, enredou-se em conflito com grupos cristãos rivais e o sacerdócio judaico. Alguns dos grupos rivais, incluindo a facção criada por Paulo, queriam divulgar os evangelhos para os pagãos. Os seguidores de Tiago, entretanto, continuavam seguindo costumes judaicos. Realmente, a insistência de Tiago de que ele era um rabino judeu legítimo eventualmente o levou a ser apedrejado até a morte por blasfêmia. Um dos primeiros convertidos cristãos, José de Arimatéia, que havia persuadido seu amigo Pôncio Pilatos a ceder o corpo de Jesus para ser sepultado em sua tumba particular, foi preso quando suas crenças se tornaram conhecidas. Após sua soltura, ou fuga, dizem que José percorreu o país com Maria Madalena, a irmã dela Marta e o irmão Lázaro. De acordo com o chamado *Documento Montgomery*, que pertence a uma antiga família escocesa, Maria, descrita como esposa de Jesus, também foi presa pelos romanos. Eles a soltaram, aparentemente, porque ela estava em avançado estado de gravidez. No documento, Maria é chamada de sacerdotisa de um culto de mulheres. Podem ter sido os nazarenos, mas sugere algum tipo de grupo ou religião pagã.

A princípio, como a Família Sagrada antes deles, José, Maria e os parentes dela fugiram em busca de abrigo no Egito. Em seguida, velejaram para o sudoeste da França onde aparentemente Maria, Marta e Lázaro decidiram ficar. José seguiu viagem até a Grã-Bretanha, onde ele tinha contatos desde os dias em que era um comerciante de estanho e mercador de metais. Existe a famosa lenda de West Country que diz que José trouxe seu sobrinho Jesus para a Grã-Bretanha como um jovem a ser iniciado nos mistérios druidas. Também se diz que a avó materna de Jesus, Santa Ana, era na verdade uma princesa de uma tribo Silure no sul do País de Gales. Quando José chegou na Grã-Bretanha, dizem que ele trazia consigo o Santo Graal e que foi posteriormente enterrado em Glastonbury Tor.

Maria chegou ao pequeno vilarejo francês de Les Saintes Maries de la Mer (Santa Maria dos Mares), na área de Carmargue.

Quando Maria chegou, dizem que ela estava acompanhada por uma jovem criada chamada Sara ou Sarah. Em hebraico, esse nome significa "princesa" e hoje os ciganos continuam celebrando o festival em que a chamam de "a Rainha Negra". Uma imagem da Madonna Negra é carregada pelas ruas e acredita-se que ela representa Santa Sara ou Madalena. Quando a Igreja romana celebra o dia de Santa Maria Madalena, é feita uma leitura da Canção das Canções, referindo-se à noiva em busca do seu noivo, de quem foi separada (como Ísis de Osíris). Aparentemente, Sara era a filha de Jesus e Maria.

Alguns relatos dizem que eles também tiveram uma segunda criança, um menino chamado Tiago, que tinha 2,5 anos na época da crucificação. Seu tio paterno, Judas Tomé, o São Tomé dos evangelhos, tornou-se seu guardião após Maria ser forçada a se exilar no deserto egípcio. Judas Tomé levou seu sobrinho até Compostela, na Espanha, que mais tarde se tornou um local de peregrinação famoso dedicado ao apóstolo São Tiago. O interessante é que esse São Tiago de Santiago de Compostela era o santo protetor dos físicos e alquimistas. É por isso que no século XV o alquimista Nicholas Flamel fez uma peregrinação especial até o túmulo dele.

Uma antiga tradição cristã diz que São Tiago derrotou Hermes Trismegisto e roubou todo o seu conhecimento secreto. Na tradição esotérica, dizia-se que a rota para Santiago representava a Via Láctea, e o peregrino ou viajante que a seguia representava o viajante divino Hermes-Mercúrio. De fato, alguns dos peregrinos que para lá viajaram na Idade Média não o fizeram por devoção cristã, mas por causa da iluminação hermética oferecida pelos ocultistas judaicos e árabes na Espanha Moura. Simbolicamente, eles estavam procurando possuir a estrela do latino *compas*, ou posse, e stella ou estrela. (Roob, 1997: 700-707)

Maria Madalena eventualmente se mudou para Marselha e em seguida para Aix-on-Provence. Ali, ela evangelizou por muitos anos antes de se tornar uma eremita em uma caverna, anteriormente associada à adoração pagã de Diana-Lucíferas, onde ela faleceu. No final do século XIII, o conde de Provence, Charles II, alegou ter descoberto o corpo dela na cripta de St. Maxime la Baume. Um crânio envolto em uma máscara dourada que supostamente pertenceu a Maria continua sendo carregado pelas ruas no dia do seu festival. A caverna na qual ela morreu se

tornou um lugar de peregrinação para o grêmio maçônico medieval conhecido como Crianças de Salomão. Hoje os seus sósias modernos, a Companhia da Volta da França, continuam realizando essa peregrinação como parte de sua iniciação.

Na Idade Média, os heréticos Cátaros também conheciam Maria Madalena como esposa de Jesus. Foi dito que esse é um dos motivos pelos quais a Inquisição os perseguiu até a sua extinção. Maria foi uma das santas especiais dos Cátaros, e eles sempre comemoraram o seu dia em 22 de julho. Provavelmente não foi coincidência que os cruzados cristãos tenham escolhido assassinar 20 mil habitantes da cidade francesa de Beziers naquele dia em 1209. O crime deles foi abrigar heréticos Cátaros dos grupos de busca cruzados.

Mesmo que o Priorado de Sião seja uma farsa moderna e que a lenda de uma linhagem de sangue física de Jesus tendo sobrevivido na Idade Média seja demais para ser considerada, ainda ficamos com os traços de uma herança espiritual poderosa. O conceito do sangue sagrado, o mito antigo do rei divino casado com uma deusa da terra e a encarnação recorrente do Senhor da Luz na Terra, é um tema mítico que não pode ser facilmente descartado ou ignorado.


ΙΑΩ
Capítulo
XVIII





O Mistério do Baphomet



"O orgulho de um Templário"
Apop

Já se escreveu tanto sobre os Cavaleiros Templários recentemente que é difícil separar fato de fantasia. Historicamente, o que se sabe sobre essa ordem fechada de guerreiros monges é que eles surgiram da obscuridade para se tornar uma organização poderosa e rica, temida pelo Vaticano como um rival em potencial. O rei Phillipe le Bel, ou Felipe, o Belo, da França, viu a queda e destruição deles como meio de preencher os cofres esvaziados de tesouros com a riqueza deles. Em 1307, a Ordem foi suprimida por supostamente praticar a adoração ao demônio e realizar pactos secretos com seus inimigos muçulmanos. Na tradição oculta, e antes da última leva de livros sensacionalistas sobre eles, os Templários já eram vistos como guardiões do Santo Graal, devotos da Madonna Negra e financiadores da construção de catedrais góticas e fundadores míticos da Maçonaria teórica.

Embora o motivo público dado para a fundação da Ordem em 1118 tenha sido proteger os peregrinos em rota para a Terra Sagrada, os nove cavaleiros que a fundaram pareciam ter uma agenda secreta desde o princípio. Primeiro, era impossível para uma pequena companhia de cavaleiros guardar as rotas dos peregrinos sozinhos. Segundo, o nome completo do grupo era Ordem dos Pobres Cavaleiros do Templo de Salomão em Jerusalém. De fato, o quartel-general era em terras doadas pelo rei Baldwin de Jerusalém, no local onde existia o

templo de Salomão. Nos primeiros anos da sua existência, os cavaleiros Templários estavam menos interessados em proteger peregrinos que escavar as ruínas do templo de onde tiraram seu nome. Os túneis que eles cavaram foram cavados novamente no século XIX pelo tenente Charles Warren dos Engenheiros Reais. Warren foi um maçom eminente e mais tarde se tornou um famoso comissário da Polícia Metropolitana de Londres responsável pelas investigações dos assassinatos de Jack, o Estripador.

Houve considerável especulação sobre o que os Templários estavam procurando nas ruínas do templo e se chegaram a encontrar algo. Como sempre, a resposta popular diz se tratar de um tesouro escondido, tal como os recipientes de ouro e prata usados no templo original. Estes foram supostamente enterrados em um cofre subterrâneo, quando os Babilônios saquearam a cidade no século VI a.c. Outra sugestão, ainda mais fantástica, é que era a Arca da Aliança, embora a lenda diga que ela já tivesse sido levada para a Etiópia. Uma teoria alternativa é que os Templários estavam procurando pelos Pilares de Tubalcaim e o conhecimento antigo que eles preservaram desde épocas anteriores ao dilúvio.

Algum suporte para essa última teoria foi dado por Sua Alteza Real Príncipe Michael da Albânia, o atual chefe da casa real Stewart. Ele alega que as escavações dos Templários revelaram livros salvos do incêndio de Alexandria antes que ela tivesse sido consumida pelo fogo, antigos escritos dos Essênios, volumes escritos por filósofos gregos e árabes cujos trabalhos foram condenados pela Igreja e incontáveis trabalhos sobre numerologia, geometria, arquitetura e música, bem como manuscritos sobre metais e ligas (1998: 61). O príncipe Michael alegou também que os cavaleiros encontraram tesouros materiais, e isso forneceu a base para a imensa riqueza deles, o que os transformou em banqueiros internacionais do Cristianismo.

Outros escritores também alegaram que os cavaleiros desenterraram um esquife de ferro que continha tesouros de valor inestimável e supremo entre todos os processos verdadeiros do Grande Trabalho na Alquimia, o segredo da transmutação de metais, como contado para Salomão pelo mestre Hiram Abiff. (Waite, 1991: 10) Mais tarde, foi alegado que essa descoberta levou à aclamada riqueza dos Templários, já que uma parte

dela foi adquirida por meio de operações de Alquimia. Traidores infiltrados na Ordem aparentemente revelaram essas operações ao rei Felipe. O verdadeiro motivo para a perseguição da Ordem, dizem essas fontes, foi a ganância do rei falido que queria colocar suas mãos nos seus segredos alquímicos. Quando um pequeno bando de Templários franceses supostamente viajou de barco para a Escócia, para escapar da perseguição, esses segredos foram passados para os Cavaleiros Maçônicos de Santo André e o Cardo, que eram também conhecidos como príncipes da Rosa-Cruz ou rosa-cruzes.

Gaeton Delaforge, membro de vários grupos ocultos modernos que usam o nome Templário, disse: "*A verdadeira tarefa dos nove cavaleiros era conduzir pesquisas na área [das velhas fundações do templo] para obter certas relíquias e manuscritos, que contêm a essência das tradições secretas do Judaísmo e do antigo Egito*" (sublinhado por nós). Delaforge alega também que os Templários realizaram mesmo encontros secretos com grupos islâmicos, como os Assassinos e os Sufis. Eles também conseguiram acesso aos ensinamentos cabalísticos. (1987: 90)

Outra possível fonte de tesouros escondidos no templo de Salomão é dada em uma das lendas sobre Moisés. A Bíblia diz que Moisés foi ensinado na sabedoria dos egípcios (Atos 7:22). Como um garoto hebreu criado como príncipe egípcio, é provável que Moisés tenha sido apresentado aos Mistérios egípcios. Antes de morrer, Moisés supostamente passou a Josué todos os seus escritos secretos. Especula-se que estes continham toda a sabedoria dos egípcios e talvez até a tradição mais antiga. Foi pedido a Josué que ungisse esses rolos de papel em óleo de cedro para preservá-los e então os selasse em cerâmica hermeticamente fechada. Estas deveriam então ser enterradas sob a pedra conhecida como a Mais Sagrada Dentre Todas, onde atualmente se localiza Jerusalém. Essa pedra foi mais tarde o local do templo de Salomão. É, portanto, possível que os Templários conhecessem a lenda, e essa era uma das coisas que eles procuravam nos túneis.

Na lista de acusações feitas contra os Templários pelo rei Felipe e o papa, os Templários foram acusados de renunciar ao Cristianismo, cuspirem na cruz e adorarem um ídolo chamado Baphomet. A renúncia do Cristianismo (mais provavelmente do Igrejismo) e a profanação do instrumento

usado para torturar e matar Cristo também foram relatadas em alegações contra os Gnósticos. Elas podem ser acusações inventadas pela Igreja para sujar o nome dos seus rivais, mas também pode fazer sentido no contexto dos sistemas de crenças que eram anticristãos, ainda que não anti-Cristo.

Baphomet era descrito de formas diversas, sugerindo que ele tivesse formas diferentes. Foi dito que ele possuía uma cabeça, como a de Jano, de um velho com dois rostos e uma longa barba branca, possivelmente representando o Dia Mais Antigo, ou o Absoluto, um crânio humano que expressava profecias oraculares e guiava o destino da Ordem, ou um grande gato preto (Ísis, Bast ou Sekhmet?). Uma imagem entalhada encontrada em um priorado de Sião mostra uma figura tipicamente demoníaca competindo com um rosto felino, com uma barba, asas de morcego, seios femininos e chifres. Escritores modernos identificaram positivamente Baphomet em Sophia, o Santo Sudário e até com as cabeças de João Batista e Jesus! Este último, acredita-se que está sepultado na Capela Rosslyn, juntamente com a Arca da Aliança e o Santo Graal.

No século XIX, o ocultista e mago francês Alphone Constant, um padre católico aposentado e proto-comunista, mais conhecido pelo seu pseudônimo judaico Eliphas Levi, publicou sua famosa ilustração de Baphomet. Ele alega que era uma figura panteísta simbolizando o Absoluto. Levi também acreditava que a fonte da riqueza dos Templários tinha sido o conhecimento de Alquimia obtido no Oriente Médio. As aplicações físicas das operações alquímicas foram refletidas em um nível mais interno pela busca dos Templários por conhecimento esotérico e iluminação espiritual.

A famosa ilustração de Baphomet por Levi parece ser baseada naquela encontrada na comenda templária mencionada anteriormente. Ele é representado com uma cabeça de bode e sentado com as pernas cruzadas em um cubo. Isso representa o altar da Terra, na qual toda a matéria é sacrificada para se tornar espírito. Também poderia ser a pedra bruta da tradição maçônica, que é moldada pelo Mestre Artesão. Entre os chifres da figura, resplandece uma tocha simbolizando a iluminação. Em sua testa brilha o pentagrama ou Estrela da Manhã. Ele possui asas para mostrar sua natureza angelical, ainda que possua um torso humano. Sua cabeça de bode e as pernas nos lembram das origens animais da humanidade.



A versão de Baphomet por Levi é andrógina e bissexual para significar que essa é a natureza dos anjos e também que a divindade transcende gênero – homens e mulheres são espiritualmente iguais. Por causa da afetação do século XIX, Levi não mostrou o falo ereto da figura simbolizando o poder solar. Pelo contrário, estava oculto por um caduceu ou varinha de Hermes. A natureza andrógina de Baphomet é enfatizada pelo fato de um dos seus braços ser torneado e feminino, enquanto o outro é musculoso e masculino. Um aponta para uma lua crescente (Diana) e o outro, para uma lua minguante (Lilith). Esse também era o gesto hermético que significava "como é acima, assim é abaixo" ou que a humanidade é um microcosmo do macrocosmo (Universo).

O que Baphomet significava para os Templários? Nós talvez nunca saibamos, mas podemos tentar adivinhar, baseados no simbolismo de Levi e nas informações obtidas em outras fontes. Primeiro, o nome foi traduzido do grego *Baphometis,* que significava batismo ou sabedoria. Isso faz sentido, considerando os objetivos dos Templários em obter conhecimento antigo. O bode também é o forasteiro, o excluído, o viajante na terra desolada, literalmente o bode expiatório que foi dado com uma oferenda pecaminosa para Azazel. É também a imagem de animal do signo do zodíaco Capricórnio, que governa a 10ª casa da conquista e da ambição. Na tradição astrológica, o bode capricorniano escala cada vez mais alto a montanha. É tradicionalmente a metáfora para um escalador social ambicioso e por vezes rude que fará qualquer coisa para ter *status* neste mundo. De fato, foi a ambição mundial dos Templários que contribuiu para a sua queda e há também um ditado popular: "O orgulho do Templário".

Em um nível mais interior, a ambição do bode é transformada em uma ambição espiritual. A montanha que ele escala é a casa dos deuses ou o ápice da perfeição espiritual neste mundo. É a busca daquele que procura escalar as alturas e alcançar seu topo. Dessa forma, eles alcançarão o objetivo espiritual do Grande Trabalho, que é a iluminação ou o esclarecimento. Por esse processo, as ovelhas são separadas dos bodes pelo Bom Pastor. Os bodes são os iniciados que seguirão o caminho da luz até o topo da montanha, e as ovelhas são os materialistas e os seguidores de religiões ortodoxas que continuam no escuro vale abaixo. Entretanto, ao usar essa metáfora, nós não devemos cair na armadilha da arrogância espiritual, que foi uma das falhas do Templo.

Levi referiu-se a essa imagem do deus Templário como Baphomet de Mendes e, portanto, o associou com o Bode de Mendes, tão amado por escritores sensacionalistas de contos de terror ocultos. Foi o historiador viajante grego Heródoto que, com a típica hipocrisia clássica, condenou os rituais bárbaros em Mendes, onde ele supostamente testemunhou sacerdotisas relacionando-se sexualmente com um bode sagrado. Esses supostos eventos, quando a adoração foi aviltada, e sua falsa associação com a adoração ao demônio obscureceram o verdadeiro significado do Bode de Mendes.

Originalmente, a divindade adorada em Mendes não era sequer um bode, mas um carneiro. Foi o animal sagrado de Khnum, o antigo deus com cabeça de carneiro da fertilidade e da criação e guardião do Nilo. Seu nome significa modelador, e ele criou o primeiro homem e mulher em uma roda de modelar argila. Khnum também era conhecido como o "pai dos pais, mãe das mães" e era bissexual por natureza. Seu cônjuge ou aspecto feminino era Nut ou Neit, que conhecemos antes como a pré-dinástica Deusa das Sete Estrelas e mãe de Seth. Seu nome significa literalmente o terror que é. Em épocas posteriores, ela foi a deusa criadora da guerra, da sabedoria, da caça e dos mortos. Seus símbolos pessoais eram duas flechas cruzadas e uma lançadeira, enquanto seus animais sagrados eram a abelha e o gato. Nos primeiros mitos, ela era a primeira deusa, a mãe dos deuses e a virgem mãe do deus do sol Rá. Diz-se que ela emergiu das profundezas das águas primaveris. Então ela formou um morro para descansar, para então parir a luz murmurando palavras secretas de poder. Em épocas mais recentes, outras deusas como Ísis obscureceram Neit. O historiador grego Plutarco escreveu que uma inscrição no seu templo em Sais dizia: *"Eu sou todas as que já existiram, que existem e que existirão. Nenhum mortal jamais foi capaz de retirar o véu que me cobre"*. A frase final foi creditada mais tarde a Ísis.

Khnum foi por vezes associado ao deus mestre artesão Ptah, que foi reconhecido pelos colonos gregos do Egito como o deus ferreiro Hephaestus ou Vulcano e chamado de Grande Arquiteto do Universo. Ele era um deus bissexual criador que, como Khnum, criou a humanidade usando uma roda de modelar argila. Ele foi popularmente conhecido como o mestre construtor e a divindade protetora dos ferreiros, maçons e artesãos da madeira e metal. Khnum era também o deus protetor de um importan-

te faraó que transformou o Egito em uma potência imperial 3.500 anos atrás. Esse governante especial, ofuscado hoje em dia por outros, como o herético Akhnaton e Tutankhamon, era tanto um guerreiro quanto um governante místico, um sábio, um cientista, um diplomata, um botânico pioneiro e um ocultista.

Thotmoses III (nascido como Thoth) governou durante a 18ª dinastia no final do século XV a.C. Quando jovem, Thotmoses governou como co-regente com sua irmã, a rainha Hatshepsut. Quando ela morreu, ele se tornou o governante supremo do Egito e continuou a transformar o país em uma potência mundial no Oriente Médio. Ele liderou uma série de campanhas militares bem-sucedidas para conquistar terras próximas, incluindo a Núbia, Palestina, Líbano e Síria. Eventualmente, o novo império do Egito se estendeu ao norte até o Rio Eufrates. Isso permitiu à cultura egípcia florescer e prosperar durante o período de paz, quando o país não enfrentou nenhuma ameaça dos inimigos.

Embora o faraó fosse temido pelos inimigos derrotados, ele era amplamente respeitado por seus subordinados como um governante sábio e justo. Apesar de sua coragem de guerreiro, ele era um homem culto, que promovia as artes e as ciências. Ele também criou um sistema legal que, ao contrário do que havia na Antiguidade, tratava a todos como iguais e era composto por juízes imparciais. É creditada a Thotmoses a criação do primeiro zoológico e um jardim botânico que abrigava espécimes da fauna e flora que ele havia recolhido durante seus períodos no exterior. Quando o faraó morreu, os escribas descreveram sua alma como um cometa ardente nos céus. Essa era uma referência enigmática à transformação em espírito de uma alma muito desenvolvida e de um iniciado nos Mistérios. Também foi dito sobre ele que: "*Não havia nada que ele não soubesse, ele era um Tot em tudo*". Essa era outra referência ao seu papel inicial como modelo cultural e espiritual.

Thotmoses mantém uma posição importante na história oculta, pois alega-se que ele agregou eruditos educados, sacerdotes, filósofos, curandeiros e artesãos para formar uma fraternidade secreta baseada na perícia prática intelectual e espiritual, que era conhecida como a Grande Fraternidade Branca ou Loja Branca. O nome não tem nenhuma ligação com a "magia branca", mas se referia aos mantos brancos que seus membros usavam e também ao uso que eles faziam de um misterioso pó branco.

Era chamado de ouro em pó e era supostamente produzido por alquimistas. Ele tinha a propriedade de estimular o Terceiro Olho ou a glândula pineal para aumentar os poderes psíquicos e o conhecimento espiritual. Acreditava-se que ela era uma versão etérea do ouro físico. Os chamados Irmãos Brancos operavam sob o patrocínio de sacerdotes de Ptah, que eram treinados desde pequenos como curandeiros, metalúrgicos, maçons ou arquitetos. Alguns ocultistas teosóficos disseram que essa misteriosa escola egípcia foi a precursora mítica dos essênios, cujos membros aparentemente incluíam João Batista e seu primo Jesus e a Ordem da Rosa-Cruz. Um dos símbolos da Fraternidade era um ankh com uma rosa sobre ela.

É interessante notar que um dos títulos oficiais de Thotmoses era “o crocodilo do Nilo”, o que se refere ao deus crocodilo Sebek, o filho de Neit. Sebek era um dos aliados de Seth e, certa vez, substituiu o deus negro no panteão egípcio e se tornou o cônjuge da deusa Lua Hathor. Crocodilos, cobras, lagartos, sapos, rãs e répteis de todos os tipos são criaturas que secretamente representaram os Nephilim e os antigos deuses na mitologia mundial ao longo dos séculos. Eles também foram disfarçados por trás de títulos como o povo serpente ou o povo do dragão.

Thotmoses dedicou-se a Khnum e também a Sekhmet, a deusa com cabeça de leoa do deserto, que era a filha de Rá e cônjuge de Ptah. Ela também era associada à deusa gato Bast, outra deusa leoa Pakhet adorada pela rainha Hatshepsut e comparada pelos gregos a Ártemis (a versão deles para Diana), Hathor e a cônjuge de Thoth, Maat.

Essas conexões e identificações não são coincidências e são importantes no esoterismo para compreender quem Tutmoses III foi. Elas indicam que ele era não apenas um governante progressista e iluminado. Ele também foi um Pendragon, um rei dragão da linhagem de sangue cainita que remonta aos Vigias. Teósofos modernos dizem que ele foi também uma das encarnações de seu Mestre Koot Hoomi. Na verdade, a alma que encarnou no corpo de Thotmoses pertencia a um grupo de iniciados conhecidos como a Companhia Secreta, a Companhia Vistosa ou os Viajantes. Entre suas vidas na Terra, eles agem como guias e mestres do Outro Lado.

Alguns ocultistas vêem o Bode de Mendes, ou mais corretamente o Carneiro de Mendes, como um símbolo para Cão, um dos filhos de Noé. Cão foi identificado como Thoth e também o rei-sacerdote bíblico Melquisedeque. Também foi alegado que ele era na realidade o filho de Tubalcaim e, portanto, o avô de Nimrod, criador da Torre de Babel. (Garner, 1999: 155) Cão também aparece em uma variante alternativa e interessante do mito Daqueles que Caíram e os Pilares de Tubalcaim.

O escritor cristão do século IV Cassion conta como os Ben Elohim eram na verdade a prole humana do terceiro filho de Adão e Eva, Seth. Eles tinham recebido esse nome por conta de sua natureza boa e espiritualidade, mas foram seduzidos pelas filhas dos homens ou as crianças femininas de Caim. O resultado desse cruzamento foram crianças que eram tão malvadas que Javé enviou um dilúvio para erradicá-los da face da terra. Cassion diz que os Setianos tinham sido dotados de todo o conhecimento. Isso incluía as propriedades ocultas das árvores, plantas e pedras e o dom da profecia. Quando eles se casaram com as filhas de Caim, utilizaram esse conhecimento e seus poderes psíquicos para usos profanos. Eles aparentemente começaram a praticar a magia negra e passaram a adorar o demônio, e não a Javé.

Cão, dizem, aprendeu as artes mágicas dos filhos de Deus. Sabendo que seu pai Noé não aprovaria isso, ele gravou esse conhecimento proibido em placas de metal e tábuas de pedra para preservá-las das águas do dilúvio. Cão entregou essa tradição mágica para seu filho Mesraim, ou Mizraim, de quem os egípcios, persas e babilônios são descendentes.

Dizem que Zoroastro veio da linha de Mizraim, e isso faz sentido, já que Caim supostamente foi ancestral de sacerdócio mágico dos adoradores do fogo, (Gardner, 1999: 159)

Na Maçonaria, o Rito Antigo e Primitivo de Memphis e Mizraim surgiu na Loja do século XVIII da Maçonaria egípcia pelo conde Cagliostro. Esse amigo do conde de San Germain, alquimista misterioso, adepto do oculto e Mestre Teosófico, que acidentalmente foi relacionado com a dinastia Stuart, era supostamente um agente secreto para os Illuminati. Cagliostro acabou sendo preso pela Inquisição e morreu na prisão. O simbolismo do Rito é baseado nos Mistérios egípcios e na luta dualística cósmica Gnóstica entre as forças do bem e as forças das trevas,

representadas na mitologia egípcia por Osíris e Set. Ao invés do Mestre Hiram Abiff, o mito central do Rito é a história de Lameque, o pai de Tubalcaim e o assassinato do seu outro filho, Jubal.

Em 1902, John Yarker, um maçom inglês que foi o chefe de várias Lojas Maçônicas, autorizou uma escritura para três ocultistas alemães para estabelecer uma grande Loja do Rito. Em 1899 ou 1900, dois desses homens, Franz Hartmann e Heinrich Klein, uniram-se a um austríaco chamado Karl Kellner para fundar a OTO, Ordo Templis Orientis. Ela é mais conhecida como a Ordem do Templo no Leste ou a Ordem dos Templários do Leste. A OTO em sua forma original utilizava ensinamentos maçons, rosa-cruzes, Templários, dos Illuminati e pagãos. A revista da casa Oriflamme afirmou em 1912 que a Ordem possuía a chave para



Jacques DeMolay

todos os segredos maçônicos e herméticos, a saber, todos os ensinamentos sobre magia sexual, e esses ensinamentos explicavam, sem exceções, todos os segredos da natureza, todo o simbolismo da Maçonaria e todos os segredos da religião.

Kellner alegou que ele tinha conhecimento pessoal da magia sexual de três adeptos do leste – um árabe e dois hindus. Uma fonte mais provável era um grupo de ocultistas franceses chamados de Fraternidade Hermética da Luz. Eles eram seguidores distantes de um mago americano, chamado P.R. Randolph, que também dizia ter sido ensinado o tantra da mão esquerda por adeptos no Oriente Médio. Após a morte de Kellner, em 1905, a OTO foi assumida por Theodor Reuss e, em 1910 ou 1912, ele iniciou Aleister Crowley na Ordem. A Grande Besta formou uma ramificação britânica da OTO chamada de Mysteria Mystica Maxima (a MMM ou Grande Mistério Místico). Quando Reuss adoeceu, em 1922, deixou de ser o chefe da OTO e nomeou Crowley como seu sucessor.

Na tradição oculta, o signo heráldico para Cão era o Bode de Mendes ou o bode de capricórnio. Aparentemente, era um pentagrama invertido com uma esmeralda entre seus chifres. Na vertical, esse pentagrama representa Vênus-Lilith como a esmeralda simbolizando a iônica estrela-fogo ou essência da Deusa Estrela. Cão e o Bode de Mendes também são associados à Alquimia e ao mestre alquímico Azazel. (Gardner, 1999: 156-158) Dizem que os descendentes de Cão se estabeleceram no Egito e que provavelmente foi assim que esse filho de Noé foi associado com Ram ou o Bode de Mendes.

Um dos papéis originais dos Templários era guardar as rotas dos peregrinos até Jerusalém e mantê-las abertas, apesar da oposição dos sarracenos. Entretanto, a Ordem acreditava que a raiz da heresia das Ordens estava nesses contatos não autorizados com o Islã.

A Igreja acusava os Templários de conspirar com infiéis e alegou que Baphomet era uma corrupção de Maomé. Na verdade, qualquer ligação com os sarracenos não deve ter sido de natureza política, mas algo muito mais esotérico. Uma das acusações feitas contra os Templários foi que eles praticavam vícios artificiais, incluindo beijar uns aos outros em partes dos seus corpos nus durante ritos de iniciação. Essas partes incluíam a boca, o plexo solar, o pênis e a base da espinha. Tais alegações

sobre o *oscalum infame* ou beijo obsceno foram uma das acusações feitas contra as bruxas. Foi sugerido que os Templários estavam praticando uma técnica mágica árabe chamada beijo sarraceno. Isso envolvia o adepto respirando em várias partes do corpo durante uma iniciação para ativar chacras correspondentes ou centros psíquicos. (Liddell, 1994: 79)

No que diz respeito à tradição oculta, os Templários, como os antigos iniciados egípcios, eram seguidores secretos de um caminho espiritual que levava à obtenção de níveis ascendentes de sabedoria sagrada (Hopkins, Simmons e Wallace Murphy, 2000). A crença maçônica na importância do Templo era baseada na alegação de que "*foi uma Ordem [que] ocultou durante anos e perpetuou, por meio de guardas religiosos, para uns poucos escolhidos certa parte de sua doutrina secreta, a identidade de Cristo e Hórus, de Maria, a Mãe de Deus, e Ísis, a Rainha do Céu*". (Waite, 1991) As várias ramificações da Maçonaria Templária realmente estão firmemente baseadas na tradição da sobrevivência de conhecimentos ocultos ou proibidos desde os dias de Noé e o Dilúvio e o segredo acerca da verdadeira natureza de Cristo.




ΙΑΩ
Capítulo
XIX



O Enforcado



"Não é a sangria que invoca o poder, e sim o consentimento."

Mary Renault

Nos arcanos maiores do Livro de Thoth ou o Tarô, a 12ª carta é chamada de o Enforcado. Ela mostra um jovem pendurado de cabeça para baixo e suspenso por um pé em uma árvore ou uma forca feita de galhos. Sua perna direita está cruzada sobre o joelho esquerdo na forma da cruz de Tau. Em alguns baralhos, ele segura um saco de moedas em cada mão. Em baralhos antigos italianos, essa carta é chamada de Traditore ou Traidor, e esta é uma referência a Judas. Entretanto, na Idade Média, era uma prática comum os cavaleiros errantes serem pendurados de cabeça para baixo e serem surrados como castigo. Essa posição também tem sido relacionada com aqueles crucificados de cabeça para baixo, tais como os heréticos Mani e São Pedro.

Madeline Montalban, fundadora da Ordem da Estrela da Manhã, disse que essa carta significa abnegação e sacrifício pessoal. Ela sugeriu que a posição invertida era indicativa do investigador desperto que mostra que eles não se libertaram totalmente das limitações do mundo material, mas é importante, pelo contrário, que eles só estão tentando fazer isso. Ela também diz que o Enforcado obteve um grau de conhecimento arcano por meio de suas provações e tentações (1983). Sallie Nichols (1980) vê esse reverso e sua conexão com os heréticos, incrédulos e traidores como um sinal de que o investigador no Caminho se torna um pária social. Como alguém que rejeita a normalidade da sociedade e se opõe à visão coletiva, ele ou ela pode parecer ser um traidor para a Instituição e alguém que traiu os ideais e valores da sociedade.

O Enforcado

Outro taromancista, Paul Huson, compara a carta do Enforcado com Dioniso, que deve morrer para renascer, assim como a semente deve descer à terra para crescer novamente no ano seguinte (1972: 200). Na Grécia antiga, imagens de Dioniso foram penduradas em árvores, como um ritual de fertilidade para ajudar as plantações a crescerem. Huson também se refere ao costume folclórico inglês de apedrejar uma imagem chamada Jack O'Lent na primavera. Após ser apedrejada e denegrida, ela é então queimada. Alguns camponeses reconhecem Jack O'Lent como sendo Judas Iscariotes, e esse também foi um apelido para o espantalho. Na época pagã, essa imagem pendurada ou queimada nos campos simbolizava o espírito do inverno e foi associada ao Senhor do Descontrole. Atrás dessa imagem, diz Huson, espreita a morte do deus sacrificado e sua queda para o Inferno.

Huson também descreve uma cerimônia interessante praticada pelo grupo maçônico-rosa-cruz do século XIX, a Ordem Hermética da Aurora Dourada. Esse ritual foi provavelmente baseado no Enforcado, a carta do tarô. Envolvia atar e pendurar o candidato para o grau de adepto menor em uma cruz. Isso também era feito com um membro selecionado em uma cerimônia anual chamada de Ritual de Corpus Christi. No grau de adepto menor, era vista como um prelúdio para a iluminação e, no rito anual, era usado como uma absolvição para o carma coletivo da Ordem durante o ano anterior.

É muito fácil rejeitar a Aurora Dourada como se fosse um bando heterogêneo de cavalheiros de classe média vitoriana, ainda que nas suas práticas mágicas e espirituais eles fossem, em várias estâncias, pioneiros de sua época. A Aurora Dourada não apenas teve uma grande influência na magia e no ocultismo do século XX, mas também continha elementos Luciferianos sutis que hoje foram obscurecidos. Na verdade, eles podem não ter sido totalmente claros para a maioria dos membros na época. O título da Ordem, a Ordem Hermética da Aurora Dourada, é significante em si mesmo e uma das suas ramificações foi chamada de Stella Matutina ou Estrela da Manhã. Em uma das suas invocações, a frase "Eu declaro que a estrela da manhã surgiu e as sombras desapareceram" foi usada.

No nível de Philosophus da Aurora Dourada, o simbolismo da Queda foi usado e o Dragão (Lúcifer) foi utilizado para ilustrar o poder elementar e espiritual do fogo. Israel Regardie, um iniciado da Aurora Dourada nos

anos de 1930 e secretário de Crowley, disse: *"A Queda é catastrófica de um ponto de vista apenas. A consciência do surgimento do Dragão também dota o homem com consciência do poder, e poder é vida e progresso*". Ele também cita a visão de Blavatsky de que Lúcifer é o redentor, libertador e salvador da humanidade. Regardie continua: "*No esquema evolucionário, a Queda ocorre por meio de um tipo de inteligência superior entrando em contato íntimo com a humanidade nascente, estimulando assim a psique da raça*" (1936/1971:79-80).

Na verdade, o grau de adepto menor ali é uma descrição de Ben Adam, ou o filho de Adão, entre sete portadores dourados da luz. Essa poderia ser uma descrição do Arcanjo Lumiel, já que ele está *"vestido com um traje cobrindo seus pés e uma cinta com uma corrente dourada. Sua cabeça e seus cabelos eram brancos como a neve e seus olhos eram como o fogo flamejante: seus pés em um fino bronze como se eles queimassem em uma fornalha. E sua voz como o som das águas. E ele tinha na mão direita sete estrelas* [as sete estrelas da Ursa Maior?] *e da sua boca saía a Espada do Fogo e seu semblante era o sol em toda a sua força".* (Regardie, 1936/1971:82) No nível Practicus da Stella Matutina, o candidato é simbolicamente visto como Hórus e recebe o título de Unicórnio das Estrelas. As formas de deuses Cabiri também são construídas de acordo com as instruções do misterioso Mestre da Mesopotâmia [Melquisedeque], e eles foram astralmente assumidos pelo oficiais chefes da Loja. (Grant, 1972:71)

O Enforcado também está relacionado a Azazel como o anjo persa Shemyaza. Ele também foi conhecido como Azza, Shemjaza, Shemhazai, Shemazya e Amerrzyarak. Shemyaza foi seduzido por uma mulher chamada Ishtahar, e ela prometeu a ele favores sexuais em troca do nome secreto de Deus (Collins em Wallace Murphy, sem data). Ishtahar pode ser outro nome para Naamá, a irmã de Tubalcaim e uma versão mais jovem de Lilith. (Huson, 1970:9) Como punição por coabitar com uma humana e revelar o nome secreto, Shemyaza foi condenado a passar a eternidade pendurado de cabeça para baixo entre o Céu e a Terra na constelação de Órion.

O caçador arquétipo Órion foi descrito como a forma estrelar do velho Deus Chifrudo das bruxas. (Chumbley, 1995:75) Pendurado de cabeça para baixo, Shemyaza tem um olho aberto e outro fechado, para

que ele possa ver seu apuro e sofrer mais. Isso também o torna um observador entre as estrelas.

Uma divindade de um olho só pendurado em uma árvore que possui o conhecimento dos arcanos e é popularmente conhecido como o Enforcado também é encontrada na mitologia nórdica. Ele é Odin, ou Woden, o pai do deus da luz Baldur, que se pendurou na Yggdrasil ou Árvore do Mundo por nove dias e nove noites para obter o alfabeto secreto das runas. Em sua persona germânica de Woden, ele é o deus dos Xamãs e é representado como um bruxo e mago. Uma das razões por que dizem que o folclore nórdico aceitou o Cristianismo tão facilmente foi que eles viram a crucificação como outra versão de Odin pendurado na Árvore do Mundo.

O filho de Odin, Baldur, foi identificado como o Cristo Branco, quando os missionários Cristãos começaram a converter os povos da Europa do Norte. O mito da traição de Baldur pelo deus do fogo Loki e sua subseqüente morte e queda ao Inferno se igualava com a traição de Jesus por Judas, que também se enforcou em uma árvore, a crucificação e a queda de Jesus para salvar as almas no Inferno. Em ambos os casos, Judas e Loki têm um papel importante e central no drama cósmico. Sem eles, o drama não teria chegado a essa conclusão.

Foi apontado por alguns escritores de mitos nórdicos que a teoria de Odin = Jesus cai por terra quando os motivos das duas figuras são examinados. No caso de Odin, ele sofreu na forca da Árvore do Mundo como um ato de auto-sacrifício para obter sabedoria e conhecimento. Jesus, por outro lado, voluntariamente encarou a morte como um sacrifício azazeliano ou bode expiatório pelos pecados da humanidade. Entretanto, em ambos os mitos, estamos lidando com um auto-sacrifício voluntário para o benefício da humanidade, ao contrário do sacrifício normal (sic), como um método de acalmar ou agradar Deus ou os deuses.

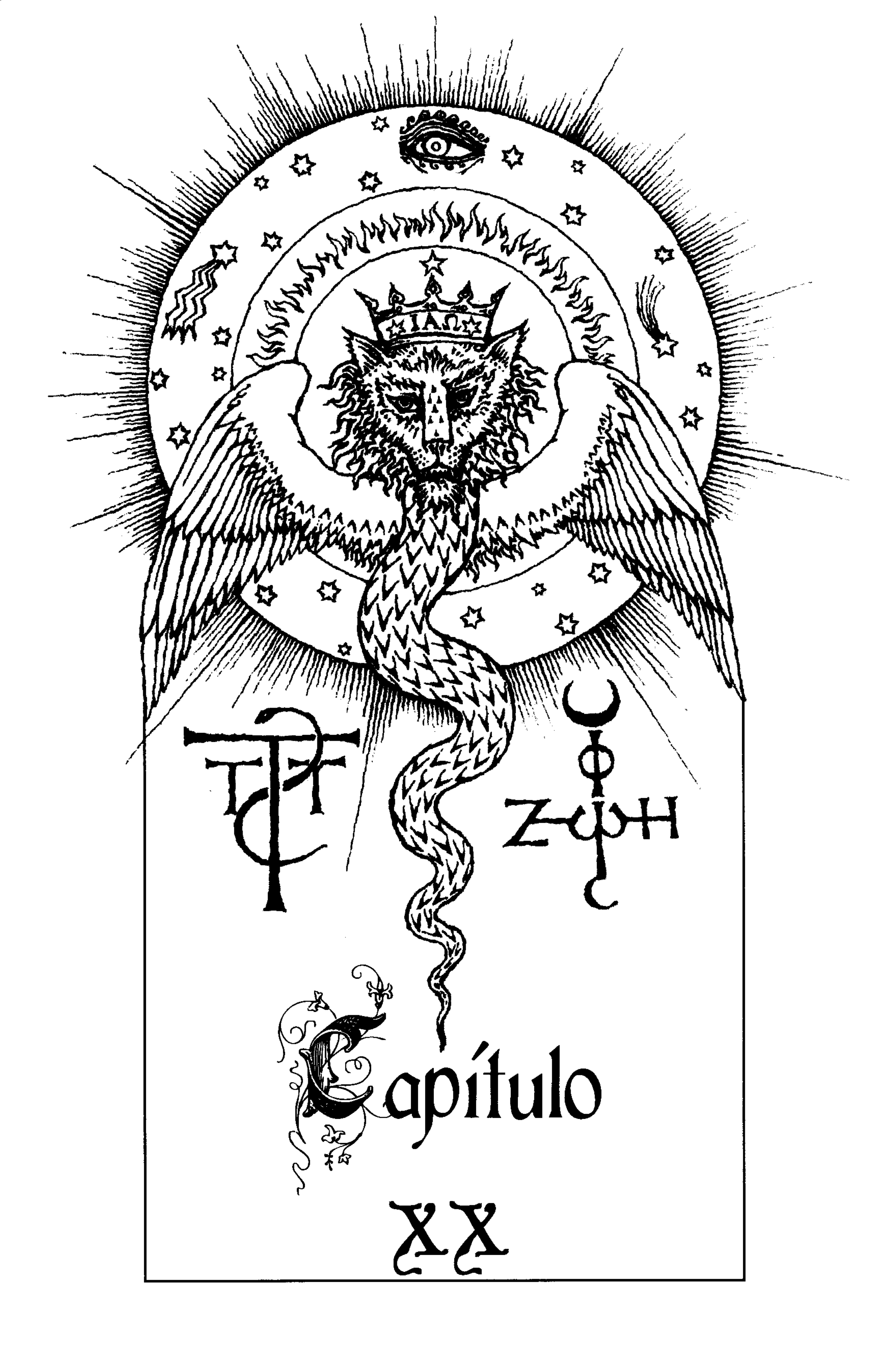
A morte de Jesus foi um ato de supremo auto-sacrifício pelo bem comum. Na noite anterior à sua prisão, estranhamente de novo em um jardim, Jesus hesita em sua missão e pede que seu destino seja alterado. Isso jamais seria possível desde o momento de seu nascimento, e, muito tempo antes daquele momento no tempo e espaço, eventos estavam se movendo inexoravelmente em direção à áspera cruz na colina verde. No

final, tanto Odin quanto Jesus escolhem de livre vontade seus destinos porque, paradoxalmente, eles não têm nenhuma escolha.

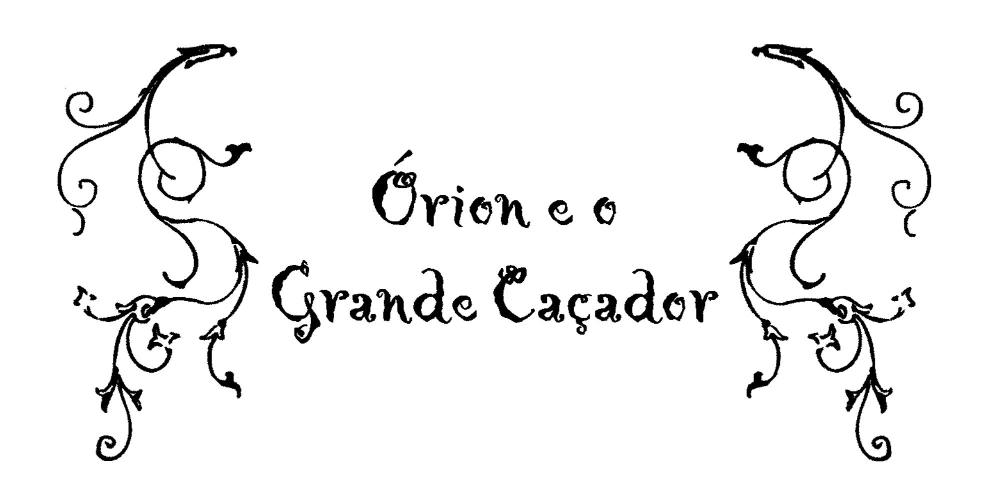
Na realidade, tanto para os deuses como para os humanos, é a deusa do Destino que está controlando suas ações e seu destino.

Um dos últimos títulos de Odin foi o Pai de Todos, sugerindo que ele tinha a posição suprema entre os deuses e as deusas nórdicos como o líder deles. Foi sugerido que Jesus tinha um papel demiúrgico parecido em relação ao pai deus ciumento do Velho Testamento. Muitas culturas pagãs tinham uma crença no Deus por trás dos deuses. Isso é resumido em um texto um pouco anterior ao Cristianismo, chamado *Tubingen Theosophy,* na qual o deus romano do sol Apolo responde à pergunta sobre ele ser ou não um deus. Ele responde: "*Nascido em si mesmo, ignorante, sem uma mãe, inabalável, residindo no fogo, este é Deus. Nós, seus anjos, somos uma pequena parte de Deus*".

Ao identificar Odin e Baldur com o Cristo Branco, os pagãos nórdicos e anglo-saxônicos estavam reconhecendo a natureza arquétipa e universal do mito mais poderoso na história humana. A essência desse mito é encapsulada na lenda cristã sobre a cruz na qual Jesus morreu. Essa lenda, potencialmente herética, diz que a cruz foi feita com madeira da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal no Jardim do Éden. Essa lenda eficazmente liga a morte de Jesus com o mito de Eva e sua sedução pela Velha Serpente, que era Lúcifer-Azazel. Ela também ilumina a real natureza do crucificado e o simbolismo oculto por trás da imagem do Enforcado.


ΙΑΩ
Capítulo
XX





Órion e o Grande Caçador

"Ele foi um grande caçador diante do Senhor."
Gênesis 10:8

No século XIII, o escritor Saxo Gramaticus escreveu um relato sobre a vida e a era do príncipe Arnleth ou Hamlet da Dinamarca. Arnleth era uma variante de Arnlodi, o ser sobrenatural nos mitos nórdicos sobre a criação, cujo moinho mói as estrelas. Esse moinho ficava em uma ilha protegida por um grupo de mulheres gigantes chamadas As Nove Damas. Amleth, o pai, era chamado de Orvendell ou Earendell e foi descrito como o primeiro de todos os heróis a nascer. Earendell foi também um guerreiro e caçador que lutou contra os gigantes de gelo nórdicos, equivalentes aos Titãs. Ele era um amigo do deus do trovão Thor e um hábil arqueiro. Ele foi comparado com Wayland, o Ferreiro, Robin Hood e Órion, o caçador.

O pai de Hamlet é uma figura um tanto quanto mítica, e dizia-se que ele tinha sido um ser humano que se transformou em uma estrela. Essa é uma metáfora para o mortal atingindo o *status* divino ou união com Deus. Entretanto, o enredo se torna mais denso quando uma fonte anglo-saxônica descreve Earendell como o anjo mais brilhante, que foi enviado para os homens pela Terra Média. Em alguns relatos, ele é descrito como a verdadeira refulgência (brilho ou iluminação) do sol que ilumina todos os dias para todo o sempre. Em eras anglo-saxônicas, ele foi associado a Vênus como a estrela da aurora ou estrela da manhã e ao arcanjo caído Lúcifer. Em um comentário obscuro sobre Earendell, I.Gollanz, em seu livro *Hamlet*

in Iceland (1898), citado por de Santilla e von Dechend (1977:36), parece sugerir que Vênus, em seu brilho pleno no céu, era a Estrela de Belém, e compara o Cristo criança com o deus Sol. No passado, o viajante sempre celebrava o surgimento de Vênus antes da aurora porque era o sinal de que o sol logo surgiria para um novo dia.

Earendell é a forma do arqueiro divino arquétipo, cujas representações terrestres incluíam heróis folclóricos, tais como William Tell. Na verdade, a história de Tell acertando uma maçã na cabeça de seu filho foi a princípio creditada a Earendell. Em um dos episódios mais famosos dos mitos de Robin Hood, ele compete disfarçado em um campeonato de arco-e-flecha. No Cosmos, Earendell é associado à constelação de Órion e suas conexões Luciferianas. De Santilla e von Dechend chamam essa figura gigantesca de filho de Deus, o floresteiro e o Grande Urso, todos nomes com conotações interessantes. Ele caça um búfalo ou um veado ao longo do caminho celestial da Via Láctea, que também é conhecida em mitos da Europa do Norte como Wodenwaeg ou Caminho de Woden. Earendell-Órion é o arqueiro caçador que persegue seus animais totens pelo céu noturno.

Adrian G. Gilbert o viu como outra forma de Herne, o Caçador, o deus bruxo que também está associado a Woden e Robin Hood. Nos contos folclóricos populares ingleses, Herne é um floresteiro a serviço real na floresta de Windsor. Um dia, enquanto caçava com o rei, ele o salva do ataque de um veado ferido. Herne mata o animal, mas, ao fazer isso, sofre uma ferida mortal. Um mago que convenientemente passava por ali instruiu seus colegas a cortar os chifres do veado e colocá-los na cabeça de Herne. Ao fazerem isso, ele milagrosamente ressuscita dos mortos.

O rei recompensa Herne por ter salvado sua vida fazendo dele seu diretor-chefe. Infelizmente seus colegas ficaram com ciúmes, ou ele foi despedido por caçar ilegalmente, e, mais tarde, um Herne deprimido se enforca em um carvalho atingido por um raio na floresta. Daquele dia em diante, seu espírito com chifres assombra os arredores do carvalho com uma matilha de sabujos espectrais. Em muitas formas da bruxaria tradicional, o Deus Chifrudo em seu aspecto de inverno é representado como o Senhor da Grande Caçada. Tanto a tradição folclórica inglesa quanto a alemã dizem que o líder da Grande

Caçada é Woden ou Herne. No interior desses países, ela é por vezes chamada de Caçada de Caim.

Na mitologia greco-romana, Órion foi amado por Diana, a deusa lunar da caça. Todos os dias, o jovem caçador costumava percorrer a floresta com seu fiel cão Sírio logo atrás. Um dia ele encontrou um grupo de ninfas de Diana dançando alegremente em uma clareira da floresta. Elas eram, na verdade, filhas do Titã conhecido como Atlas. Órion imediatamente as perseguiu, mas elas se embrenharam ainda mais para dentro da floresta e foram perseguidas pelo caçador de sangue quente. Em uma tentativa de escapar de seu cerco, as ninfas pediram o auxílio de sua senhora Diana. Elas foram instantaneamente transformadas em sete pombas brancas e voaram pelo céu. Elas se tornaram as sete estrelas da constelação de Plêiades.

Órion então se apaixonou por uma princesa mortal chamada Merope. Seu pai consentiu o casamento deles, contanto que Órion realizasse um feito heróico para ganhar a mão dela. Órion, em vez disso, planejou abduzir Merope e casar-se com ela em segredo. Quando seu plano foi frustrado, Órion foi cegado (como tradicionalmente foram Earendell, Longuinho e Hodur, o assassino de Baldur) como punição e também perdeu sua futura noiva. Cego e impotente, Órion vagou de um lugar para outro esperando encontrar alguém que pudesse lhe devolver a visão. Um oráculo disse a ele para viajar para o leste e expor seus olhos ao sol nascente. Ele assim o fez e foi curado.

Em uma versão alternativa, a deusa de aurora Eos ou Eostre se apaixonou pelo caçador cego. O irmão dela, Hélios-Apolo, restaurou sua visão. Em uma terceira versão, Órion perambulou na caverna de um ciclope, um dos membros dos Titãs, a raça de gigantes. Como disse o poeta Longfellow: "*Ele procurou o ferreiro em sua forja. O ciclope disse a ele para escalar uma montanha e curar seus olhos vazios no sol nascente e sua visão seria estão restaurada*".

Uma vez curado, Órion retornou para a floresta e sua vida de caçador. Ali ele conheceu Diana, e eles se apaixonaram. Para azar do casal devotado, Apolo tinha ciúmes de sua irmã e tramou assassinar Órion. Em um incidente muito parecido com a morte de Baldur, Apolo convenceu Diana a demonstrar suas habilidades com o arco. Ele a desafiou a acertar

um ponto negro muito distante boiando no mar. Diana atirou e percebeu tardiamente, quando a flecha atingiu o alvo, que o ponto negro era Órion que nadava. Diana jurou que seu amor jamais seria esquecido e colocou a alma de Órion entre as estrelas do céu. Ali ele continua a caçar com seus companheiros animais, uma lebre e dois cães de caça. São eles: a Cão Maior, contendo a estrela Sírio, e a Cão Menor, contendo Procyon. Na mitologia egípcia, Sut-har (Seth-Hórus) era associado a Órion e Sirius, representado por um cão e um lobo.

Gilbert (1996) também associa Órion com o poderoso rei caçador Nimrod, descendente dos Vigias, construtor da cidade pioneira e da Torre de Babel. Ele foi descrito pelo demonologista católico Montague Summers como um bruxo gigante de grande força. Como Nimbroth ou Nebroh, ele foi adorado como deus pelos Amonitas. Na Idade Média, o grimório do papa Honório invoca Nambroth como o poder demoníaco de Marte. Isso o relaciona com Samael, o governante angelical de Marte, Azrael-Azazel e, claro, Shemyaza, pendurada no portão-estrelar de Órion.

A constelação de Órion parece ter tido alguma importância para os antigos egípcios, se for possível acreditar nos escritores modernos. Em 1994, Robert Bauval e Adrian Gilbert publicaram o resultado de sua recente pesquisa nas pirâmides e seus significados. Eles ligaram esses monumentos com Órion e o enterro dos faraós. De acordo com a teoria deles, as pirâmides foram construídas para formar um mapa de estrela na paisagem, refletindo o céu noturno acima. Não apenas isso, mas também em ritos funerais, a múmia do faraó era colocada em uma câmara dentro da pirâmide em posição de uma haste para o exterior alinhada com a constelação de Órion. Um ritual mágico era realizado para libertar a alma do rei para que ela pudesse tomar seu lugar como o Osíris renascido na estrela-portão de Órion.

Existe uma quantidade considerável de tradições estelares antigas, direta ou indiretamente, ligadas às tradições Luciferianas. Por exemplo, a tradição da estrela cigana registrada por J.A. Vaillant em seu estudo sobre Les Roms (Paris, 1857) descreve as constelações circumpolares como o *Livro de Enoch* ou *Tro-Tehitio* sideral original, o nome cigano para Hermes Trismegisto, de onde todos os destinos eram distribuídos para o mundo. Isso acontecia via matrizes planetárias zodiacais ou tipos celestiais de arcanos maiores do tarô. Os informantes de Vaillant lhe disseram que o destino dispensado dessa roda de estrelas dispensava o destino das

excursões da tribo de Rom. E.B. Trigg (1975) descreve que foi um ferreiro cigano que forjou os quatro pregos da crucificação. O quarto prego tornou-se tão quente que não pode ser removido da forja, e apenas três foram usados. Esse quarto prego foi a ruína dos Rom desde então, forçando-os a vagar pela Terra sem um lar, como os Judeus viajantes, em uma tentativa de escapar de seu destino.

Os Rom também têm um relato sobre suas origens que diz que eles descendem da união incestuosa de Tubalcaim e Naamá ou Chem e Guin, o Sol e a Lua. Um dos antigos títulos dos românios era As Crianças de Caim. O monopólio cigano na metalurgia na Idade Média e possivelmente até seu comércio moderno como negociantes de aparas de metal deriva desse mito da origem. As Crianças de Caim, ou povo do fogo, eram supostamente magos hereditários com poderes psíquicos, ferreiros e comerciantes de cavalos. Essas categorias se encaixam com as ocupações favoritas dos ciganos por todos os tempos.

Por trás desses mitos, está a crença Gnóstica sobre como o espírito puro desanda para o ciclo melancólico e fatigante da existência material na roda do renascimento sublunar, constantemente tentando retornar ao seu reino estrelado. O mundo material é o reino do Tempo e do Destino sobre o qual o Prego Polar Celestial, a Estrela Polar, reina soberano e sereno sobre o destino.A estrela Alpha Polaris é a Estrela Central ou Umbigo do Céu. Como o ponto metálico ou qutub, o athame ou espada, a Estrela Polar foi forjada por Tubalo, o deus do fogo dos ciganos que corresponde a Tubalcaim – do árabe Qyn, ou ponta de ferro (de uma lanceta ou lança).

Esse arcano metálico da Estrela Polar pode estar ligado ao mistério egípcio de Bja ou os ossos de ferro meteóricos dos reis estrela envolvidos na transformação do faraó morto em Osíris na constelação de Órion. (Bauval e Gilbert, 1994: 203-04) Seth também possui um esqueleto de ferro e, em um papiro mágico do século III da Alexandria, a cidade sagrada da tradição Hermética, ele é invocado como "És o ponto central das estrelas no céu, você, Mestre Typhon". Typhon era o nome grego para Seth, mas também, estranhamente, um nome dado para sua mãe, a Deusa das Sete Estrelas (Ursa Maior ou o Grande Urso).

O pólo celestial é o segredo por trás do simbolismo do castelo giratório de quatro lados da bruxa deusa. Ele gira eternamente no coração do céu e é o portal de entrada da Hiperbórea, ou a terra além do vento norte. Para o iniciado nos Mistérios, Polaris é simbolicamente a ponta da espada, a Cidade de Enoch, e Caim, a Estrela de Ferro, o Umbigo Celestial e a sutura estelar no domo em forma de crânio do Céu, o portal de entrada para o Outro Mundo.

Sobre o centro cósmico dos céus gira a constelação de Draco, o Dragão. Na Pérsia, era o dragão-serpente Azhadaha, identificado como a Serpente Negra da Luz, Azazil-Ebas, chefe dos Inri ou anjos caídos. A Grande Estrela Dragão enrolada sobre uma árvore eixo dos mundos é emblemática da serpente da sabedoria enrolada sobre a cruz de Tau, o selo da Arte dos Sábios. A Grande Serpente, Draconis Azhdaha, é significantemente chamada também de Thyphonis Statio ou a Estação de Typohon ou Seth. No planisfério egípcio reproduzido em *Oedipus Aegytiacus* de Athanasius Kircher (1652), Typhon é mostrado como um dragão escamado escarlate e verde e é equiparado com o deus mais antigo. Esse esquema de cores verde e vermelho retrata a tradição Luciferiana.

Em alguns círculos da bruxaria tradicional, as constelações Ursa Maior (O Grande Urso) e Ursa Menor (O Pequeno Urso) são reverenciadas como os veículos siderais do Senhor e da Dama, o deus bruxo e a deusa bruxa. Respectivamente, eles são designados como a Carruagem de Nosso Senhor e Carruagem de Nossa Senhora. A Ursa Maior também é chamada de Carruagem de São Gabriel. É vista como ataúde estelar, que carrega os espíritos dos mortos. Ela tem conexões duradouras com o Senhor da Grande Caçada, cujos cães são chamados de taramelas de Gabriel (possivelmente relativo à catraca ou roda).

No gnosticismo Persa-Judaico, a Ursa Maior é governada pelo touro demônio com chifres, Asmodeus, lorde da tempestade e da noite. Ele é o filho de Tubalcaim e Naamá, de acordo com uma lenda, ou do rei Davi e Lilith, de acordo com outra. Menos conhecida é a tradição da bruxaria de Lancashire ligando as estrelas do Grande Urso com os Sete Assobiadores, os pássaros psicopompos espectrais cujos trinados noturnos misteriosos pressagiam a morte. Tradicionalmente, acredita-se que eles encarnam os espíritos dos judeus que ajudaram na crucificação. A punição divina deles foi vagar como pássaros tristemente voando em círculos pelo céu para sempre.

A Ursa Maior é o veículo celestial da líder feminina da Grande Caçada no folclore e na tradição da bruxaria. Ela é Holda, Herodias ou Diana-Ártemis, a Deusa Negra e Grande Dama da bruxaria européia. Isso é confirmado pelo encantamento mágico Helenístico para Arktos como a cadeira da Grande Caçadora. Esses sistemas estelares girando no céu alto são os veículos cósmicos dos Velhos Poderes, de onde os mistérios Cainitas-Ofitos mais-que-humanos foram originalmente transmutados e a semente dos Velhos Deuses e Dos Grandes nasceu eras atrás.

As Plêiades ou Sete Irmãs são chamadas de Galinhas da Noite no folclore europeu. Elas são sagradas para a Dama Branca do Céu (a deusa bruxa) no seu aspecto sétuplo, como a chama de sete línguas do candil das virgens estrelares. As Plêiades traçam o caminho elíptico ao longo do céu noturno feito pelo sol durante as horas matutinas. Magicamente, seus poderes são contidos, de acordo com Agrippa, para aumentar a luz dos olhos [possivelmente uma referência ao mito clássico de Órion], para congregar os espíritos, aumentar os ventos, revelar segredos e coisas ocultas.

A Rainha Negra de Elfame, a mais sagrada para a Mãe de Rosto Negro, é a estrela gêmea Caput Algol – *Al-Ghul,* em árabe, significa demônio. Ela está na constelação de Perseu, que representa o semblante maligno da górgone Medusa. Ela é o aspecto triforme do cacho de serpentes da deusa grega Hécate-Mormo adorada pelas antigas bruxas de Tessália. Essa deusa está ligada à face negra ou lado escuro da Lua, e ela protege os portões do mundo subterrâneo. Na demonologia judaica, Algol, um sistema estelar binário rotativo, é conhecido como a cabeça de Satã e a Estrela de Lilith. O explorador vitoriano *sir* Richard Burton notou a associação dela com Lilith, a lâmia, o dakini do Hinduísmo, o utug caldeu e o gigim ou demônio do deserto. Agol é o bruxo estrela da striga, corujas grito, ou bruxos italianos. Os árabes o chamavam de demônio pestanejante, e Grant (1991: 262) usa numerologia oculta para ligar essa estrela com Melquisedeque e a Fraternidade Branca.

As estrelas Typhonianas de Escorpião, por outro lado, são tradicionalmente a residência assombrada do espírito alado familiar noturno Aquila Nigrans, ou L'Aigle Noir, a Águia Negra Fênix Nox (noite). Essa é a Águia Negra, um temido emissário Dos Grandes conhecido há tempos nos mistérios da bruxaria verdadeira, como Corbeau Noir. De igual

importância é outro pássaro celestial, Vega Alpha Lyrae, conhecido como o Abutre Curvo. No Egito, essa estrela foi associada a Maat, a deusa da verdade e consorte de Thoth.

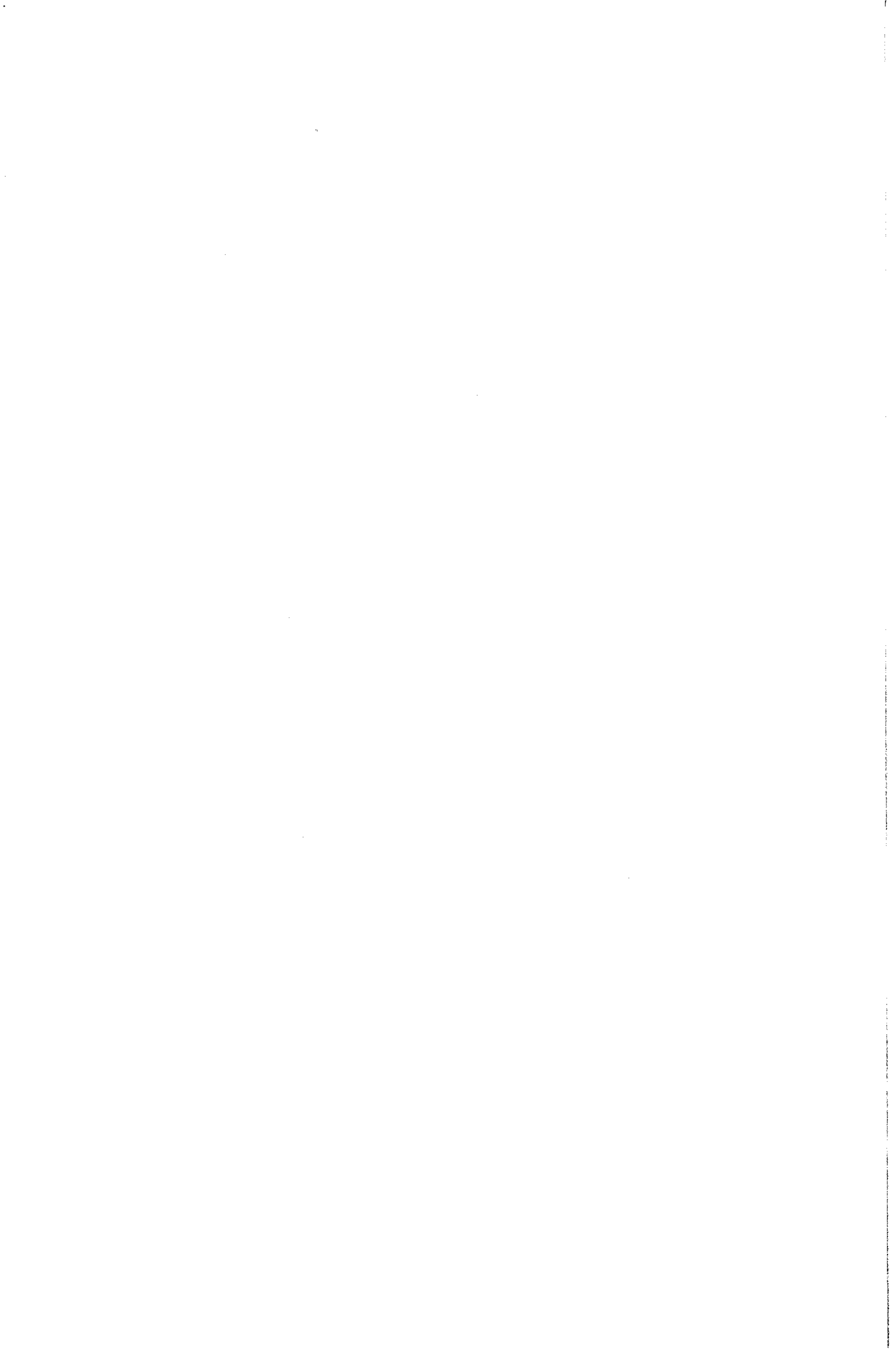
Espero que essas poucas páginas dos grimórios divinos da sabedoria estrelada antiga tenham iluminado ainda mais o tema mítico deste livro enquanto chegamos ao fim de nossa jornada. Elas são outro exemplo da transmissão da história antiga da extração da sabedoria Gnóstica dos Céus para o benefício da humanidade em luta por aqueles que ousaram desafiar a ordem cósmica. Isso daria a impressão de que a Gnose ou o autoconhecimento continuam sendo um problema para os inimigos da verdade e os pais das mentiras em nosso mundo moderno. Apenas recentemente o arcebispo de Canterbury, dr. George Carey, um homem supostamente bem-educado, condenou a obsessão moderna com a educação e aquisição do conhecimento. Ele compara esse modismo com a heresia dos Gnósticos nos primeiros séculos do primeiro milênio cristão.

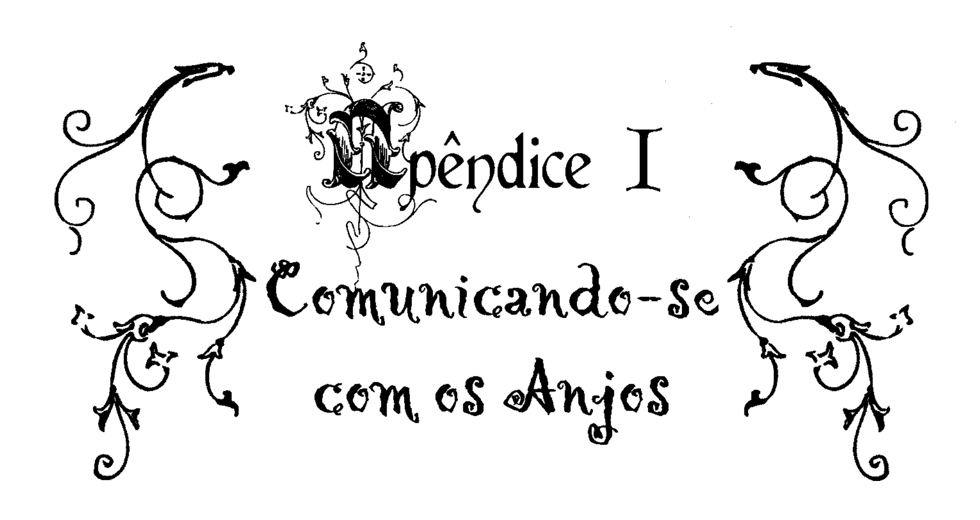
O Igrejismo em suas muitas formas híbridas sempre se opôs à educação das massas e ao autoconhecimento do sagrado e espiritual. Qualquer coisa que remova o papel da classe sacerdotal como um intermediário entre a humanidade e o Divino ameaça o monopólio espiritual da religião vigente. Ao longo de vários séculos sangrentos desde tempos remotos, as três religiões do Oriente Médio do Livro tentaram alcançar esse fim empregando a espada, o laço e o fogo. Milhares e milhares de seus oponentes foram mortos para encobrir o maior encobrimento e conspiração da história do mundo.

Hoje, quando celebramos o terceiro e último milênio cristão, chegou a hora de a verdade ser contada. Este livro e outros que virão são parte desse processo em andamento. A Luz brilhará uma vez mais na escuridão em que estava escondida por séculos e afastará as sombras da ignorância.

A Luz está na Escuridão e a Escuridão é a Luz.


ΙΑΩ
Apêndices





"A voz dos anjos falará com você e, por meio de seus sinais, você os conhecerá."

Hoje, a magia angelical é uma das artes ocultas mais negligenciadas. Como vimos neste livro, cada um dos planetas, e o Sol e a Lua, foi governado por um arcanjo ou anjo. Cada signo zodiacal, sefirah cabalística, horas e dias eram governados por forças angelicais e designadas a anjos específicos. Todas essas informações forneceram o sistema de correspondências ocultas que foi a base da magia medieval e sobrevive até os dias de hoje.

Embora a magia medieval fosse extremamente encoberta com simbolismo e crenças judaicas e cristãs, a magia angelical é muito mais antiga que a nova religião. Vimos como a crença nos sete regentes angelicais dos planetas remonta aos deuses planetários ou aos sete governantes da Suméria, Babilônia e Pérsia antiga. Os puristas neo-pagãos mais tacanhos sentem-se desconfortáveis com o conceito dos anjos, condenando-os como patriarcais.

Nada poderia estar mais distante da verdade. Os anjos são andróginos e podem aparecer em forma humana de ambos os sexos. Como anjos instrutores, eles não tentam Adão, e os anjos caídos não ensinam as artes da civilização dos filhos dos homens. Os arcanjos também podem ser facilmente citados nas divindades dos panteões celtas, greco-romanos e nórdicos.

Cada um dos anjos tem uma imagem mágica tradicional que pode ser usada para contatá-los por meio da visualização. Elas são o ponto focal usado para a invocação das forças angelicais ou energia que eles representam. Claro, os anjos são cheios de surpresas, e nem sempre aparecem em suas formas tradicionais, quando vagam pelo mundo em suas formas humanas. Por exemplo, Lumiel apareceu para um dos autores como um homem alto vestido com roupas árabes. Ele veste um longo manto negro, um turbante negro, com um cachecol cobrindo a parte de baixo de seu rosto. Ele carrega uma cimitarra envolta em uma faixa negra ao redor da cintura. Tenha cuidado também com o modo como trata os menos afortunados que você. O mendigo na rua, a mendiga no parque ou o estranho que bate à sua porta pedindo ajuda podem ser anjos disfarçados.

Seria tolo acreditar, como evidentemente alguns magos medievais fizeram, que os angelicais podem ser convocados para aparecer em triângulos ou círculos da Arte aos caprichos dos homens. Eles não são espíritos da natureza, elementais das sombras da morte. Forças angelicais são muito poderosas, e os Senhores da Chama repreenderão severamente qualquer neófito que ousar brincar por aí com suas energias. Os magos experientes, entretanto, podem usar as correspondências a seguir para pedir assistência e direcionamento para eles.

Mikael - Arcanjo do Sol

Título Celestial: O Amado de Deus
Imagem mágica: Um homem jovem e alto que usa uma túnica dourada e capote. Os cabelos coloridos ambarinos correspondem à cor de seus olhos e caem para trás de sua face forte. Ele segura na mão direita uma espada dos cruzados larga e dourada
Domínio: Carreira, ambição mundana, o corpo físico, esportes, burocracia, a cura de doenças físicas
Símbolo: Hexagrama
Sefirah: Tiphareth
Carta do tarô: O Sol, julgamento
Divindades: Apolo, Hélios, Rá, Sekhmet, Solna, Aengus Oeg
Signo do zodíaco: Leão
Elemento: Fogo

Metal planetário: Ouro
Jóia planetária: Diamante
Cor: Ouro
Dia: Domingo

Gabriel – Arcanjo da Lua

Título: Poder de Deus
Imagem: Um homem maduro com cabelo prateado longo e escorrido Ele usa uma crescente prateada na sobrancelha e um roupão prateado que reflete a luz como um copo de cristal
Domínio: Poderes psíquicos, viagem astral, negócios domésticos e a casa, mulheres, viagens marítimas, concepção e parto
Símbolo: Eneagrama ou estrela de nove pontas
Sefirah: Yesod
Carta do tarô: A Suma Sacerdotisa, a Lua
Divindades: Diana, Selene, Ártemis, Hécate, Lilith, Hathor, Khonsu, Sin, Ganesha
Signo do zodíaco: Câncer
Elemento: Água
Metal: Prata
Jóia: Pedra da Lua, pérolas
Cor: Prateada, azul-escuro, verde-claro
Dia: Segunda-feira

Rafael – Arcanjo de Mercúrio

Título: Mensageiro dos Deuses
Imagem: Um homem jovem em uma túnica amarela e manto. Ele usa um chapéu de aba larga com uma pena de corvo de riacho ou um chapéu com asas e sandálias aladas. Ele carrega um caduceu
Domínio: Escrita, comércio, comunicação, contratos, exames, educação, viagens por terra e areia, a Internet, *softwares* de computador. Ele pode localizar propriedades perdidas ou bens roubados e curar problemas mentais



Rafael

Símbolo: Octagrama ou estrela de oito pontas
Sefirah: Hod
Carta do tarô: O Mago
Divindades: Hermes, Mercúrio, Thoth, Woden, Gwydion, Athene, Ogma
Signo do zodíaco: Gêmeos, Virgem
Elemento: Ar
Metal: Mercúrio
Jóia: Ágata, Olho-de-Tigre
Cor: Amarelo
Dia: Quarta-feira

Anael – Arcanjo de Vênus

Título: O Anjo Rosa
Imagem: Um homem jovem hermafrodita que usa um pequeno círculo de rosas no longo cabelo preto. Ele usa uma túnica verde-escura e um manto decorado com rosas vermelhas e brancas. Ele empunha uma vara com uma pinha na ponta e enfeitada com tiras multicoloridas
Domínio: Amor romântico, matrimônio, amizade, sexualidade feminina, homossexualidade, artes, música, moda e natureza
Símbolo: Heptagrama ou estrela de sete pontas
Sefirah: Netzach
Carta do tarô: A Imperatriz, os Amantes
Divindades: Ísis, Vênus, Afrodite, Astarte, Ishtar, Eros, Rhiannon, Freya
Signo do zodíaco: Libra
Elemento: Ar
Metal: Cobre
Jóia: Pedra Celestial
Cor: Verde-escuro e azul-real
Dia: Sexta-feira

Samael – Arcanjo de Marte

Título: Guerreiro de Deus
Imagem: Um homem forte e alto que usa uma túnica escarlate e um manto com um peitoral de bronze gravado com um pentagrama. Seu cabelo vermelho está amarrado em um rabo-de-cavalo. Na mão direita, ele segura um gládio ou uma espada curta do tipo romano
Domínio: Coragem física, artes marciais, destreza manual, maquinaria e sexualidade masculina. Ele protege contra violência física e fogo, supera os inimigos e providencia justiça instantânea para assaltantes, estupradores, maridos infiéis e outras formas inferiores de vida
Símbolo: Pentagrama ou estrela de cinco pontas
Sefirah: Geburah
Carta do tarô: A Carruagem, Força
Divindades: Marte, Ares, Hórus, Vishnu, Tyr, o Morrigan
Signo do zodíaco: Áries
Elemento: Fogo

Metal: Ferro ou bronze
Jóias: Heliotrópio ou rubi
Cor: Vermelho
Dia: Terça-feira

Sachiel – Arcanjo de Júpiter

Título: Rei dos Deuses
Imagem: Um homem mais velho com cabelo grisalho. Ele usa um roupão roxo decorado com moedas de ouro e segura um cetro
Domínio: Dinheiro, posição social, poder político, jogatina, seguro, a lei, realeza, religião ortodoxa
Símbolo: Um quadrado
Sefirah: Chesed
Carta do tarô: O Imperador, o Sumo Sacerdote, Justiça, A Roda da Fortuna
Divindades: Zeus, Júpiter, Amun, Dagda, Cernunnos, Thor
Signo do Zodíaco: Sagitário
Elemento: Fogo
Metal: Estanho
Jóia: Ametista
Cor: Roxo
Dia: Quinta-feira

Cassiel – Arcanjo de Saturno

Título: Pai do Tempo
Imagem: Um homem velho e austero com uma barba cinzenta. Ele usa um roupão coberto. Ele carrega um bastão com uma lanterna presa a ele em uma mão e uma ampulheta na outra
Domínio: Terra, propriedade, testamentos, heranças, pessoas idosas, agricultura, tempo, carma, doenças prolongadas ou terminais
Símbolo: Uma linha reta
Sefirah: Binah
Carta do tarô: O Ermitão
Divindades: Saturno, Cronos, Nepthys, as Nornas, Kali, Cybele
Signo do zodíaco: Capricórnio
Elemento: Terra



Uriel

Metal: Chumbo
Jóia: Azeviche
Cor: Marrom-escuro ou preto
Dia: Sábado

Uriel – Arcanjo de Urano

Título: O Mágico
Imagem: Um homem jovem com cabelo preto com listras prateadas. Ele usa uma túnica azul-elétrico brilhante e um manto e segura um bastão com um cristal na ponta. Nas suas sobrancelhas, brilha o símbolo astrológico de Urano

Domínio: Magia, Astrologia, viagens espaciais, *hardwares* de computador, televisão e vídeo, eletrônicos, políticas revolucionárias
Símbolo: Um triângulo
Sefirah: Chokmah
Carta do tarô: A Torre atingida por raio
Divindades: Urano, Aeon
Signo do zodíaco: Aquário
Elemento: Ar
Metal: Urânio
Jóia: Íris
Cor: Azul-elétrico

Asariel – Anjo de Netuno

Título: Governante das Ondas
Imagem: Um homem maduro em um roupão verde-prateado. Ele tem uma coroa com uma grinalda de alga e empunha um tridente
Domínio: Transe, mediunidade, clarividência, glamour, ilusão, o cinema e viagens marítimas
Símbolo: Tridente
Sefirah: Daath
Carta do tarô: Temperança
Divindades: Netuno, Poseidon, Njord
Signo do zodíaco: Peixes
Elemento: Água
Metal: Qualquer liga artificial
Jóia: Safira
Cor: Verde-água

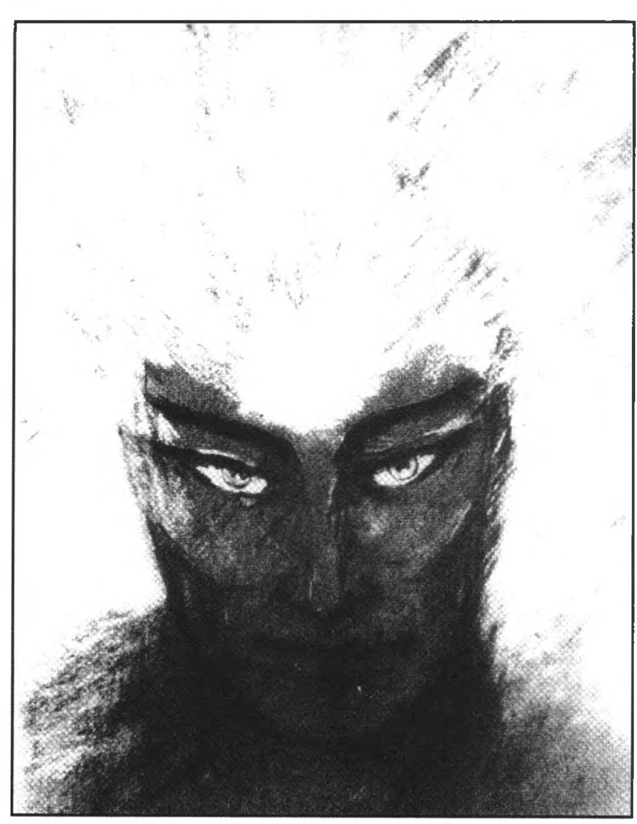
Azarel – Anjo de Plutão

Título: Anjo da Morte
Imagem: Um homem magro em um manto preto com capuz que segura uma foice
Domínio: Morte, vidas passadas, Espiritualismo, a vida após a morte, tesouros enterrados, artes ocultas
Símbolo: Uma foice
Carta do tarô: Morte, julgamento

Divindades: Anúbis, Crom, Charon, Hécate, HeI, Ceridwen, Vulcano, Wayland, Gwyn ap Nudd, Goibhniu, Gofannon
Signo do zodíaco: Escorpião
Elemento: Água
Metal: Alumínio
Jóia: Ébano
Cor: Preto-prateado

Lumiel – Arcanjo da Terra

Título: O Portador da Luz
Imagem: Um homem bonito sem idade definida que usa um roupão branco brilhante. Há uma estrela ardente em sua testa radiando raios de luz branca. Ao redor do pescoço ele usa uma cruz de Tau prateada enlaçada com uma serpente



Lumiel

Domínio: O anjo instrutor supremo da humanidade, especialmente das mulheres. Em geral, ele rege tudo o que está relacionado a este planeta e seu destino, é o anjo da guarda da raça humana. Ele pode ser chamado para ajuda pessoal em grandes emergências, quando tudo o mais falhou ou quando o corpo e a alma estão em perigo mortal
Símbolo: A cruz de Tau
Sefirah: Kether e Malkuth
Carta do tarô: O Bobo, O Diabo, O Mundo
Divindades: Osíris, Ptah, Seth, Adonis, Tammuz, Attis, Mithra, Baldur, Lugh, Dioniso, Quetzacoatl, Baphomet, Pan, Krishna e o Cristo
Signo do zodíaco: A Via Láctea
Elemento: Terra
Metal: Platina
Jóia: Esmeralda e cristal de quartzo
Cor: Violeta



Que o Pai de Todos e Três Vezes Grande Hermes guie!

Hermes, alado veloz, eu invoco
Mistagogo luminoso do manto estrelado,
Psicopompos da serpente-vara,
Deus dos caminhos que levam além,
A raposa astuta e a cobra sutil,
De sua participação numina pura
O macaco divino e o sábio íbis,
Seu verdadeiro espectro compreende,
Mensageiro entre Céu e Inferno
Logios! Enuncie o feitiço secreto,
Intérprete com sua vara dourada,
Deus Ithyphallic Cyllenian,
Aos jovens galos chore, as flautas, doce respiração,
Guie-me pelos Portões da Morte,
Stilbon, brilhando em noite profunda,

Sobre este Templo da Luz,

Imortal, mocidade hierofântica,

Revela a palavra perfeita da verdade,

E no Selo de Azoth assinado,

Desvenda o Candil Sagrado da Mente

Tehutio-Mercúrio, Deus da Grande Ilusão,

Chefe de Todos os Magos, Malabarista das esferas,

Guardião da Chave de Prata dos Ventos,

Mestre da Gnose da Magia,

Eu o conheço, Hermes, e tu conheces a mim,

Eu sou Tu e Tu és eu

N.A.J.



Apêndice III
A Cerimônia da Lua Pavão

"Prepare o altar com fogo e perfume, penas de pavão e o arcano da Suma Sacerdotisa do Tarô. Toque duas vezes o sino mágico pelo demônio Juno e comece o Rito."

Homenagem para você, Doamna-Zinelor

Balance a si mesmo em movimentos largos na Lua cheia,

Portões prateados da Lua Pavão,

Pois os ventos da noite, eles respiram longe,

E revolvem as florestas de estrelas

Onde espreita o unicórnio solitário,

Águas adocicadas com seu chifre,

Asht, Ennoia, desçam e abençoem,

Serpentes e Salvadoras,

Com o espelho de prata e coroa de tripa,

Com a lei oculta e o espaço como seu vestido,

Pela luz das neves e estrelas e chama,

A era de Juno surge novamente, um estrondo, a perseguição, percorremos com você,

Grande Herodiana, além da terra e mar,

Para dentro de sua elevada casa santa,

A Casa da Sabedoria nos aproxima.

Hagia, Sophia, Aset, Epinoia,

Grande noiva de Deus,

Respiração santa da Sabedoria Perfeita,

Venha, conceda-nos, ó Bondosa Abadessa,

A lustração sublime do Aion de Juno Herodias,

Conceda-nos a Gnose secreta da Lua Pavão,

No jogo de Dziana.

N.A.J.



Apêndice IV
O Rito do Fogo de Tubalcaim

(Deixe o mago acender o Fogo místico de Azrael no altar e olhar dentro de seu coração pensando no mistério do Fogo Interior.)

"Pelo junco oco eu invoco o Abeto Mítico do Céu e atraio a Chama Real do Pôr-Do-Sol para a Terra pelos meus encantamentos. Queime forte, ó Línguas Celestiais na Forja Altar dos Sábios."

(O mago queima oferendas de perfumes no fogo, adorando-as como um símbolo do Anjo Bode e seu ígneo coração ou o seu próprio demônio-gênio.)

"Pai de Chifres da Arte Oculta, Poderoso Tubalcaim, Irmão de Naamá-Lilith que desceu como uma serpente em raio nas antigas montanhas da Terra, ó Portador da Luz, ouça a oração.

Na Fortaleza de Bronze, no Muro das Chamas, eu o invoco, Anjo Bode dos Chifres Dourados, Mestre do Fogo Primitivo, Azael Qayin, apareça em seu Brilho!

Tu és Ele: que caiu do sol para consagrar a humanidade com o Calor Sagrado.

T*u és Ele: que levou os anfitriões dos Vigias a espalhar suas Sementes Ardentes com as filhas justas de homens na manhã dos mundos.*

Tu és Ele: Rei dos Dragões da Sabedoria, teus ministros que são os Antigos demônios formados de Fogo; Shemyaza, Armaros, Baraqijel, Kokabel, Ezeqeel, Araqiel, Shamsiel, Sariel.

Tu és Ele: que instruiu e está no Mistério dos Metais, a arte de moldar, a magia da Transformação; quem transmitiu o Sangue Sábio para eles procriarem, ensinando dentro de nós a Arte de Casar a Terra com o Céu.

Tu és Ele: o bode expiatório cuja abnegação nos purifica do pecado, ignorância e ilusão, pendurando invertido no firmamento da noite, seu único Olho da Cabra, aberto e brilhando que ilumina nossa escuridão com os Fogos das Estrelas, as lanternas miríades e as tochas ardentes do Conhecimento Pleno."

(Pelos métodos da nossa Arte, o mago desperta o Fogo Interno e fervorosamente invoca o Demônio interior pelo Pacto Antigo.)

"Ó Flama Demônio Vivente e o Ferreiro Bruxo que forja as armas férreas da vitória e da liberação, as jóias preciosas da sabedoria e beleza, escuta a mim que cresci de tua Sagaz Semente, a Casa Escondida de Azazel. Eu sou das Crianças de Tubalcaim. Tua Marca queima em minha fronte, de teu clã e descendência sou eu, o homem sagaz (mulher sagaz).

Acorda e alimenta a Serpente Flamejante dentro de meu sangue, acende o Fogo Interno esplendente de minha herança antiga; deixa o calor de teu poder bruxo brilhar luminoso em meu espírito e exercitar através de teu Nome Santo Triplicado:

Azza! Uzza! Azziel!

Força para meu Demônio-Gênio no Fogo do Aelohim e o Grande Sangue de Fadas.

Que assim seja!"



E quando foi dito que o desencorajado Capitão do Céu, o Deus da Luz do trono do Sol, e sua centena de anfitriões desceram, a jóia de coroa dele, uma pedra verde-ardente, afundou profundamente na cavernosa Montanha do Mundo: eles vieram, essas Crianças do Céu até a Terra, buscaram esposas no rebanho mortal antes do Dilúvio.

E um Anjo do Terceiro Céu entrou no Corpo de Barro Vermelho e se tornou Adão: Um Anjo do Segundo Céu entrou no barro e se tornou Eva: Eles residiram no Jardim do Éden.

E foi dito que o Guardião do Céu, Azzael Qarnayn, deu a Semente de Astúcia para Eva, e ela gerou crianças; poderosas, reis e feiticeiras da linhagem do Fogo Secreto.

A Mãe de Sangue de Fadas, Dama Lilith, levou o segredo vertido de Adão e concebeu a raça élfica nos lugares selvagens de desolação. Assim feito, a progênie dos Santos encarnou, pois o Céu abraçou a Terra que o Sangue Bruxo pôde manifestar, e o Pacto foi selado.

Quando a Grande Serpente, Lúcifer-Zamael, o Pai de toda a Bruxaria, procriou o Caim de Eva, a Mãe de Todo o Sustento carregava uma criança com olhos de serpente, um parente do Nephilim. E Naamá, a doce parente das corujas, também nasceu; do incesto deles as Crianças do Anjo Escuro surgiram.

Caim cresceu e matou seu irmão Abel, o Pastor, o espectro barro da ignorância, e partiu pela Estrada do Fogo para a terra de Nod, ao leste do Éden. Carregando a Marca de Caim em sua fronte, ele viajou até os domínios da Estrela Da Manhã, o reino de seu pai, Lorde Lúcifer. E a Marca de Caim é a Cobra Vermelha enrolada na Árvore Dourada de Tau do Conhecimento Divino.

Caim elevou-se no equinócio e coroou os Carneiros com chifres dourados, ele ousou desafiar a incansável Espada de Fogo, nos portões do oriente, passando pelo Fogo purificador da Gnose. Assim, ele se aperfeiçoou no fogo de forja de Tubal, e o ouro puro foi perpetuado no cadinho da Arte.

Agora, como Caim é o Sol Vermelho da Bruxaria e o Primeiro Artífice, assim é ele o ego dos bruxos, o Fogo Residente. E Naamá é a Lua Branca do Orvalho da Bruxa, o Primeiro Tecedor e Último de Todos os Desentrelaçadores, a mãe Graal do Orvalho da Bruxa.

E disso descende toda a Bruxaria, deles todo o Poder é herdado; deles é o presente, o Sangue de Elfame, o Pacto jurado na Montanha Sabática na Meia-noite eterna do Tempo.



Apêndice VI
O Batismo de Sabedoria

Pelo Olho que Tudo Vê de mente perfeita,
Que a Luz Indomável do Lorde Lumiel
Caia do Céu, dispersando nossa escuridão,
E liberte todas as coisas da ilusão material,
Pelo Tau Carmesim e a Cobra Flamejante,
Que a Gnose Toda-Brilhante do Lorde Lumiel
Dissolva as nuvens obscuras de ignorância,
Aquele encobrem o firmamento claro da Mente,
Nos consagrando na perfeição primitiva,
Por meio do Bode Celestial do Cume Santo,
Minha brilhante alma do Lorde Lumiel,
Conceda-nos o Batismo de Sabedoria,
Que puros no coração nós sejamos merecedores,
Para trilhar o Caminho da Estrela da Manhã,
Pela Coroa Esmeralda de eones infinitos,

Que o grande sacrifício do Lorde Lumiel

Redima aqueles de nós que estão caindo em esquecimento,

Envolvidos no lodo do incerto;

Inspire-nos a atingir os Mistérios imortais,

Além do Tabernáculo Secreto do Sol,

Além do Círculo Vivo das Estrelas!



Bibliografia e Leitura Recomendada



ANON. *Os Livros Perdidos da Bíblia e os Livros Esquecidos da Bíblia.* EUA: Meridian, 1972.

ANDERSON, B. *O Mundo Vivo do Velho Testamento.* Longman, 1971.

BAIGENT, M.; LEIGH, R.; LINCOLN, H. *O Sangue Santo & O Santo Graal.* Cape, 1982.

BAIGENT, M. & LEIGH, R. *O Legado Messiânico.* Cape, 1986.

____________________. *O Templo e a Loja.* Cape, 1989.

BARING, A. & CHASHFORD, J. *O Mito da Deusa.* Penguin, 1981.

BARRATT, C. *Os Deuses e Deusas Egípcios.* Aquarian Press, 1992.

BAUVAL, R. & GILBERT, A. *O Mistério de Órion.* Heinemann, 1994.

BAUVAL, R. & HANCOCK, G. *O Guardião do Gênesis.* Heinemann, 1996.

BEGG, E. *O Culto da Virgem Negra.* Arkana, 1985.

BOYCE, M. *Zoroastrianos: Suas Convicções e Práticas Religiosas.* Routledge, 1979.

BRYDON, R. ROSSLYN. *Uma História de Grêmios, Maçons & Rosa Cruz.* Friends of Rosslyn, 1994.

BURMAN, E. *Os Templários – Cavaleiros de Deus*. Crucible, 1986.

CHARLES, R. *O Livro de Enoch*. SPCK, 1912.

CHUMBLEY, A. *Qutub*. Xoanon Press, 1995.

Collins, A. *Das Cinzas dos Anjos*. Michael Joseph, 1996.

________. *Deuses do Éden*. Headline, 1998.

COULIANO, P. *Eras e Magia no Renascimento*. University of Chicago Press, 1987.

DALRYMPLE, W. *Da Montanha Santa: Uma Viagem na Sombra de Bizâncio*. HarperCollins , 1997.

DARKAUL, A. Idries Shah. *Sociedades Secretas*. Muller, 1961.

DELAFORGE, G. *A Tradição Templária na Era de Aquário*. USA: Threshold, 1987.

ELIADE, M. *Xamanismo: Técnicas Arcaicas de Êxtase*. USA: Princetown University Press, 1964.

FILAROUMO, G. *Uma História de Gnosticismo*. Blackwell, 1992.

FLOWERS, Dr. S.E. *Fogo & Gelo: Ensinos Mágicos da Maior Ordem Oculta da Alemanha*. USA: Llewellyn, 1990.

FORTUNE, D. *A Sacerdotisa do Mar*. Aquarian Press, 1956.

________. *A Cabala Mística*. Ernest Benn, 1966.

FEKE, T & GANDY, P. *A Hermética: A Sabedoria Perdida dos Faraós*. Piatkus, 1997.

FULCANELLI. *O Mistério da Catedral.* Neville Spearman, 1971.

FEKE, T & GANDY, P. *A Hermética*. Piatkus, 1997.

GARDNER, L. *Linhagem de Sangue do Santo Graal*. Element, 1996.

________. *Gênese dos Reis do Graal*. Bantam Press, 1999.

GEORGE, D. *Mistérios da Lua Negra*. USA: HarperCollins, 1992.

GILBERT, A. *Magi: A Busca de uma Tradição Secreta*. Bloomsbury, 1996.

________. *Sinais no Céu*. Bantam, 2000.

GRANT, K. *O Revival Mágico*. Muller, 1972.

________. *Aleister Crowley e o Deus Oculto*. Muller, 1973.

________. *Cultos das Sombras*. Muller, 1975.

________. *Jurubeba do Éden*. Muller, 1977.

________. *A Fonte de Hécate*. Muller, 1992.

________. *Portais Exteriores*. Skoob Publishing, 1994.

________. *Além da Zona Roxa*. Starfire Publishing, 1999.

HALL, M.P. *Os Ensinamentos Secretos de Todas as Eras*. USA: PRS, 1962.

________. *Maçonaria dos Antigos Egípcios*. USA: PRS, 1971.

________. *As Chaves Perdidas da Maçonaria*. USA: Masonic Supply Co., 1976.

HINNELS, J. *Mitologia Persa*. Chancellor Press, 1995.

HOPKINS, M. Simmons, G & Wallace Murphy, T. *Rex Deus*. Element, 2000.

HORNE, A. *O Templo do Rei Salomão na Tradição Maçônica*. Aquarian, 1977.

HOWARD, M. *A Conspiração Oculta: A História Secreta dos Templário, Maçons e Sociedades Ocultas*. UK: Rider & USA: Inner Traditions, 1989.

________. *O Modo do Mago*. Capall Bann, 1994.

HUSON, P. *Dominando a Bruxaria*. Rupert Hart Davies, 1970.

________. *O Livro de Ilustrações de Deuil*. Abacus, 1972.

JACKSON, N.A. *O Chamado do Flautista de Chifres*. Capall Bann, 1995.

JONES, B. *Guia de Maçonaria & Compêndio*. George G. Harrap, 1950.

JOSEPH, I. *Adoração do Diabo: Os Livros Sagrados e Tradições dos Yezedis*. USA: Corsham Press, 1919.

KNIGHT, C. & Lomas, R. *O Segundo Messias*, 1997.

KNIGHT, G. *A Tradição Secreta nas Lendas Arthurianas*. Aquarian Press, 1983.

________. *A Rosa Cruz e a Deusa*. Aquarian Press, 1985.

KOLTOV, B. *O Livro de Lilith*. USA: Nicolas Hay, 1986.

LELAND, C. *Aradia: O Evangelho das Bruxas*. 1890 Buckland Museum, 1968.

LIDDELL, E.W. com Howard, M. *Os Documentos Pickingill*. Capall Bann, 1994.

LONG, A. P. Em *Uma Carruagem Puxada por Leões*. The Womens Press, 1992.

LOOMIS, R. *O Graal do Mito Céltico para o Simbolismo Cristão*. USA: Columbia University Press, 1962.

LURKER, M. *Os Deuses e Símbolos do Antigo Egito*. Thames & Hudson, 1986.

MACOY, R. *Um Dicionário de Maçonaria*. USA: Bell Publishing Co. 1989.

MACKENZIE, K. *A Enciclopédia Maçônica Real*. 1877 Aquarian Press, 1987.

MAGRE, M. *O Retorno dos Magi*. Phillip Allan, 1931.

MATTHEWS, C. *Sophia: Deusas da Sabedoria*. Mandala, 1991.

MICHAEL, HRH Prince. *O Monarca Esquecido da Escócia*. Element, 1998.

McINTOSH, C. *Os Rosa-Cruz*. Crucible, 1980.

MONTALBAN, M. *O Livro de Previsões do Tarô*. Blandford, 1983.

NICHOLS, S. *Jung e o Tarô*. USA: Weiser, 1980.

PAGELS, Dr. E. *O Evangelho Gnóstico*. USA: Vintage Books, 1981.

________. *A Origem de Satã*. Penguin, 1995.

PARIS, G. *Dionysus, Hermes e a Memória da Deusa no Dia-a-dia*. USA: Spring Publications, 1990.

PARTNER, P. *Os Magos Assassinados: os Templários e seu Mito*. Crucible, 1987.

PATAI, Dr. R. *A Deusa Hebréia*. USA: Wayne University Press, 1990.

PICKNETT, L. & PRICE, C. *A Revelação Templária*. Bantam Press, 1997.

READ, P. *Os Templários*. Wiedenfeld & Nicolson, 1999.

REGARDIE, I. *Minha Aventura Rosa-Cruz*. USA: 1936 Llewellyn, 1971.

RESOLD, D. *A Descoberta da Arca de Noé*. Sidgwick & Jackson, 1990.

ROBERTS, A. *Semeadores de Trovão: Gigantes em Mito e História*. Rider, 1978.

ROOB, A. *Alquimia & Misticismo*. Germany: Taschen, 1997.

DE SANTILLANA, G. & DEEHEND, von H. Hamlets Mill. USA: D.G Godine Inc, 1977.

SAVEDOW, S. *Evocação Goetic Vol II*. USA: Eschaton Publications, 1996.

SCOTT, W. ed *Hermética*. Shambala USA , 1985.

SEABROOK, W. *Aventuras na Arábia*. George G.Harrup, 1928.

SHAH, I. *Os Sufis*. Octagon Press, 1964.

SINCLAIR, Sir A. *A Espada e o Graal*. Century, 1993.

________. *A Descoberta do Graal*. Century, 1998.

STARBIRD, M. *A Mulher com o Jarro de Alabastro*. USA: Bear & Co., 1993.

STEIN, Dr. W. *O Nono Século e o Graal*. Temple Lodge Press, 1988.

STEWART, R. J. *A Iniciação no Mundo Subterrâneo*. Aquarian Press, 1985.

________. *O Mundo Vivo das Fadas*. Element, 1992.

________. *Poder na Terra*. Gothic Image, 1995.

STONE, A. *A Lança Ensangüentada*. Heart of Albion Press, 1992.

TOMAS, A. *Shambala: Oásis de Luz*. Sphere, 1977.

TRIGG, E.B. *Demônios & Divindades Ciganas*. Sheldon Press, 1975.

WAITE, E. *As Ordens Templárias na Maçonaria*. USA: Surefire Press, 1991.

WALKER, B. *A Enciclopédia Feminina de Mitos e Segredos*. USA: HarperRow, 1983.

WALLACE, Murphy, T. *O Legado Templário e a Herança Maçônica na Capela de Rosslyn*. Friends of Rosslyn, s.d.

WALLACE, Murphy, T. & HOPKINS, M. *Rosslyn- o Guardião dos Segredos do Graal*. Element, 1999.

WARNER, M. *Da Besta à Loira*. Chatto & Windus, 1994.

WATSON, J. *Do Ritual ao Romance*. Cambridge University Press, 1920.

YATES, Dr. F. *Giordano Bruno & a Tradição Hermética*. USA: Viking, 1969.

________. *A Iluminação Rosa-Cruz*. Paladin, 1972.


Índice Remissivo